

Ir. Maria Aparecida Marques
Laurindo Dalpian



*Uma Trajetória
de
Fé e Perseverança*

Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã
Província do Imaculado Coração de Maria

Uma Trajetória de Fé e Perseverança

Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã
Província do Imaculado Coração de Maria

Ir. Maria Aparecida Marques
Laurindo Dalpian

Santa Maria, RS
2008

Produção Gráfica
Salette Mafalda Marchi

Arte-final
Fabricio Spanevello Pergher

Revisão
Ir. Rosane Sturm
Nilsa Teresinha Reichert Barin

M357u

Marques, Maria Aparecida
Uma trajetória de fé e perseverança: Irmãs Franciscanas
da Penitência e Caridade Cristã / Maria Aparecida
Marques, Laurindo Dalpian. – Santa Maria: UNIFRA, 2008.
256 p.

1. História. 2. Irmãs Franciscanas. I. Dalpian,
Laurindo. II. Título.

CDU 271.3.022(09)

SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	9
A congregação	11
A missão brasileira	15
A nova província	19
Lideranças da província	25
Mantenedoras da província	31
Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte	31
Comissão de educação	33
Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Oeste.....	33
Obra Social Santa Isabel – OSSI	35
União Franciscana de Cultura e Caridade Cristã (UFCC)	38
Associação Franciscana de Assistência à Saúde (SEFAS)	42
Biografias das ministras provinciais	47
Depoimentos de algumas lideranças	65
Missões da província	70
SANTA MARIA – RS	70
Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo	71
Colégio Franciscano Sant’Anna	73
Educandário São Vicente de Paulo	79
Escola Santa Teresinha	81
Casa de Saúde	82
Escola Santo Antonio	83
Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)	84
Convento São Francisco de Assis	99
Residência Nossa Senhora do Trabalho	104
Casa do Noviciado Nazaré	105
Comunidade Mãe de Deus	106
Comunidade Nossa Senhora Medianeira	108
PELOTAS – RS	109
Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição	109
Escola São Francisco de Assis	112
Santa Casa de Misericórdia	116
Asilo de Mendigos	120
Casa Sagrada Família (Laranjal)	122

Santuário de Adoração	124
Residência Nossa Senhora de Lourdes	126
JAGUARÃO - RS	127
Escola Imaculada Conceição	128
Santa Casa de Misericórdia	131
Asilo de Órfãs Felisbina Leivas	134
RIO GRANDE - RS	136
Santa Casa de Misericórdia	137
Colégio Nossa Senhora da Glória	142
BAGÉ - RS	142
Colégio Franciscano Espírito Santo	143
Santa Casa de Caridade	152
Residência Santa Inês de Assis	156
CRUZ ALTA - RS	158
Colégio Franciscano Santíssima Trindade	159
Hospital Santa Lúcia	164
Escola Madre Madalena	165
Centro de Pastoral	166
CANGUÇU - RS	167
Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida	167
Creche Santa Isabel	172
SANTA ROSA - RS	175
Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima	175
Hospital de Caridade	180
Centro Assistencial Sagrada Família e Residência São João Batista	182
SÃO JOSÉ DO INHACORÁ - RS	184
Escola Madre Madalena	185
Hospital São Francisco de Assis	187
DOURADOS - MS	189
Escola Franciscana Imaculada Conceição (Instituto Educacional)	190
Comunidade Santa Clara	196
ITAPORÃ - MS	198
Instituto Santo Antônio / Hospital Beneficente / Residência São José	198
GUAÍRA - PR	200
Colégio Nossa Senhora do Carmo	204
BRASÍLIA - DF	204
Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima	205
Casa Madre Madalena Brazlândia	210
SÃO PAULO DAS MISSÕES - RS	212
Hospital de Caridade São Paulo	212

Escola de 1º e 2º Graus Santa Clara	215
TRÊS PASSOS - RS	218
Seminário São Pascoal	218
IPORÃ - RS	219
Hospital Nossa Senhora das Mercês e Residência São Francisco	220
PORTO XAVIER - RS	222
Comunidade São Miguel	222
PIRAPÓ - RS	224
Hospital Nossa Senhora do Rosário e Residência Nossa Senhora do Rosário ...	225
ROQUE GONZALES - RS	226
Hospital de Caridade Santo Antônio e Residência Santa Teresinha	226
CAPÃO DO LEÃO - RS	228
Residência Nossa Senhora da Paz	228
MALACACHETA - MG	230
Residência Santa Isabel e Residência Mãe do Redentor	230
POTÉ - MG	232
Comunidade Franciscana	232
OURO VERDE DE MINAS - MG	234
Residência Franciscana	234
NOVO CRUZEIRO - MG	235
Residência São Damião	235
TEÓFILO OTONI - MG	237
Casa de Formação Santa Isabel	237
BELO HORIZONTE - MG	238
Residência Nossa Senhora dos Povos	239
CURRAL DE DENTRO - MG	241
Missão em Cural de Dentro	242
FLORESTA - PE	244
Residência São José Operário	244
PEDRO ALEXANDRE - BA	246
Residência Maria Peregrina	246
AMÉRICA CENTRAL - GUATEMALA	249
Residência Nossa Senhora de Guadalupe	250
Referências bibliográficas	253
Outras obras consultadas	254

APRESENTAÇÃO

Com honra e satisfação, apresento esta produção escrita que registra parte da trajetória histórica da Província do Imaculado Coração de Maria, após seu desmembramento da província-mãe, Província do Sagrado Coração de Jesus. Fundada no ano de 1951, com sede provisória no Colégio Sant'Anna, Santa Maria - RS, iniciou sua história com altruísmo e coragem, sob o lema "Deus proverá" da fundadora da congregação, Madre Madalena Daemen. As 313 irmãs que integraram essa província, quando de sua criação, mulheres corajosas, de profunda fé e confiança em Deus, atentas aos sinais dos tempos, sob a coordenação da 1ª superiora provincial, Ir. Antoninha Werlang, além de lançar a pedra fundamental do Convento São Francisco de Assis, sede da província, fundado em 1954, adiantaram-se persistentes em difundir o carisma da congregação, além dos limites geográficos do estado do Rio Grande do Sul. A memória, aqui registrada, revela uma história construída sob compromissos assumidos, obstáculos superados, persistência incondicional e audácia criadora.

17

O livro *Uma Trajetória de Fé e de Perseverança (Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã - Província do Imaculado Coração de Maria)* permite olhar ao passado e motiva a agradecer e louvar a Deus por sua proteção. Ao mesmo tempo, inspira a acolher o presente e buscar inspiração para o futuro. A história dos feitos realizados pelas irmãs, muitas das quais já partiram para a eternidade e outras que hoje se encontram em fase de declínio em suas vidas, merece seu registro tão bem resgatado por Ir. Maria Aparecida Marques e Prof. Laurindo Dalpian. É justo que o registro desta história seja socializado neste tempo propício, tempo em que somos convocadas a realizar o XIII capítulo provincial, momento que interpela a continuar fazendo história, fiéis ao legado de nossa fundadora. A história aqui narrada, com seus feitos e conquistas, entre oportunidades e obstáculos, é força impulsionadora em face a dificuldades que, por vezes, se contrapõem aos princípios e valores do carisma congregacional.

A publicação desta obra convida todas as irmãs, a exemplo das que nos antecederam, a unirmos nossas mãos, sintonizarmos nossas mentes e corações para agradecer ao Deus Bom e Providente e pedir força e coragem para fazer bem, nos dias atuais, o que nos cabe. Com certeza, os registros desta permitem às próximas gerações não esquecer que os caminhos da vida continuam abertos e requerem novos empreendimentos sob os mesmos ideais.

Ir. Claricia Thomas
Ministra provincial



INTRODUÇÃO

Quando uma pessoa chega aos 50 anos, ela começa a recolher os fragmentos de sua vida e de suas atividades, revisando sua história. Entre erros e acertos, percebe o quanto lhe está custando a vida. Assim acontece com as instituições. As gerações vão e vêm, em ondas sincronizadas, pedindo passagem para o futuro. O registro dos fatos e dos momentos significativos mantém viva a tradição e sugere novos passos para a confirmação da missão.

Os autores apresentam esta obra, na tentativa de resgatar parte da história da Província do Imaculado Coração de Maria, da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Os fatos relatados são organizados por critério geográfico, reunindo as instituições de estados e municípios, e seguem uma ordem cronológica, conforme a data de ingresso das irmãs nas instituições. É bem possível que algum relato seja passível de contestação, dado que, às vezes, as fontes divergem na indicação de datas, de personagens e dos próprios fatos. Recorremos a um número significativo de fontes, listadas ao final deste trabalho. Servimo-nos, outrossim, das contribuições das comunidades que nos enviaram importantes relatos, dados e fotografias. Gostaríamos que as irmãs, que contribuíram com alguma importante informação, também se sentissem co-autoras desta história. Podemos afirmar que o esforço valeu a pena, pois os inúmeros exemplos de fé e perseverança, de trabalho e coragem, demonstrados pelas irmãs no decurso do tempo, são forças e exemplos capazes de impulsionar as pessoas na busca dos ideais franciscanos de paz, fraternidade e solidariedade.

A CONGREGAÇÃO



| 11

Túmulo de M. Madalena - Heythuysen
Escultura em gesso

De tempos em tempos, Deus suscita profetas e profetisas, pessoas com carisma especial, para enriquecer a humanidade com seus dons postos a serviço. Foi assim que, em 1835, de Heythuysen, emergiu Madre Madalena Daemen. Catarina Daemen, no século, nasceu em 19/11/1787, em Ohé en Laak, povoado do Limburgo Central, ao sul da Holanda.

Filha primogênita do agricultor Cornélio Daemen e de Gertrudes Van Bree, Catarina tinha apenas uma irmã, Joana. Era uma família modesta. Catarina herdou de seus pais uma fé inabalável em Deus, expressa numa única frase: “Deus providebit”, traduzida por “Deus proverá” e popularizada por “Deus cuida”. Os dados a respeito da vida de Catarina podem não ter uma exatidão científica, porém são reveladores de uma história dinâmica, assegurada na fé e expressa pelo compromisso eclesial.

12 | Catarina aprendeu a ler e a escrever em casa. Pelo ano de 1802, para uns biógrafos, ou em 1810, segundo outros, deixou a casa paterna em Laak e foi para Maaseik, a fim de procurar trabalho para ajudar nas despesas da casa. Trabalhou primeiro como doméstica em casa de família e depois na casa paroquial. Em Maaseik, hoje pertencente à Bélgica, Catarina conheceu os Frades Menores Capuchinhos, de quem aprendeu as primeiras lições de franciscanismo. Em 12/10/1817, ingressou na Terceira Ordem Secular¹, fundada pelos capuchinhos em 1814, e emitiu os votos religiosos. Juntou-se a outras jovens pertencentes à Terceira Ordem, levando com elas uma vida regrada, dedicando-se à catequese, a trabalhos manuais e a visitas domiciliares aos doentes.

Quando, em 1825, o pároco de Maaseik, Pe. Pedro Van der Zandt, titular da paróquia de Heythuysen, solicitou auxiliares para sua paróquia, somente Catarina respondeu a seu pedido e começou o atendimento a crianças sem escola. Heythuysen era o lugar reservado por Deus para a fundação da congregação. Com o propósito de partilhar o seu modo de vida e sua missão, em 1827 juntaram-se a Catarina outras companheiras: Ana Maria Verkoulen, Gertrudes Kirkels e Maria Catarina Deckers. O jeito simples, a bondade e a dedicação ao trabalho logo chamaram a atenção do povo, das crianças e dos jovens de Heythuysen. Dessa forma, o movimento por elas iniciado foi tomando corpo. Com a ajuda de benfeitores e parte de

¹ A Ordem Terceira Secular é constituída por cristãos seculares que, mesmo vivendo com suas famílias e mantendo suas propriedades, buscam a perfeição cristã e têm a missão de difundir a honestidade de costumes e os sentimentos cristãos de paz e caridade.

suas heranças, adquiriram um casarão abandonado, nas proximidades de Heythuysen, transformaram-no em escola e, depois, em pensionato, como forma alternativa de sustentabilidade.

Para fundar a congregação, Catarina buscou a aprovação da Igreja junto ao bispo de Liège. Após duas tentativas para obter a aprovação, Dom Van Bommel concedeu a Catarina e a sua pequena comunidade a permissão para instalarem o convento e viverem como religiosas. O dia oficial para a fundação da congregação foi fixado para 10/5/1835. A partir desse dia, Catarina e suas companheiras mudaram-se do povoado para o casarão da propriedade rural, chamada Kreppel.

O estatuto da comunidade foi aprovado em novembro de 1835, mas as irmãs receberam o hábito e o nome religioso somente em 11/2/1836. Catarina Daemen passou a chamar-se Madalena e era a ministra² da comunidade; Ana Maria Verkoulen assumiu o nome de Clara; Maria Gertrudes Kirkels, Antônia, e Maria Catarina Deckers, Francisca.

Madre Madalena permaneceu no cargo de ministra até 1840. Ela havia intuído que do Kreppel a congregação deveria expandir-se para outras 17 casas, ainda antes de sua morte, ocorrida em 7/8/1858. A congregação viu a intuição realizar-se no mandato da terceira ministra geral, Madre Bernardina Mensink. A primeira casa foi em Alkmaar, em 1845. Seguiram-se Sijbekarspel e Mook, em 1847; Oldenzaal, em 1847/48; Thorn, em 1851; Maastricht, Kapellen e Freckenhorst, em 1852; Nonnenwerth, Mönchen-Gladback, Trier e Linz, em 1854; Neeroeteren, Karthaus e Süchteln, em 1856; Brunsun, em 1857, e Almelo, em 1858. Naquele momento da congregação, o “território” da Holanda se tornara pequeno e as irmãs da congregação de Madre Madalena já haviam pisado o solo da Alemanha.

² Os autores optaram pelo termo ministra, conforme o uso atual, inclusive para os tempos passados em que a palavra era superiora.

*As Irmãs levavam não só a vida contemplativa de Maria,
conforme diz a Bíblia, mas assumiram também a vida ativa de Marta,
servido diligentemente ao Senhor no trabalho da casa,
no jardim, na escola e fora junto aos pobres e enfermos.
E tudo isso foi feito com coragem e amor que lhes animava os corações.*

(JARDINZINHO de flores de São Francisco, p. 50)

A MISSÃO BRASILEIRA

A missão no Brasil partiu da Alemanha, fruto da revolução social-religiosa, o “Kulturkampf”, em 1872. Respondendo a uma carta circular de Madre Aloísia Lenders, ministra geral, dezenas de voluntárias responderam “sim” ao desafio de deixar a terra natal e partir para o desconhecido. Dentre elas, seis foram escolhidas: Ir. Ana Moeller (ministra), Ir. Teresia Cremer, Ir. Maria Lichtenberg, Ir. Florencia Hemsel, Ir. Alvina Ferbes e Ir. Ludgera Hellwig.

A primeira cidade brasileira a receber as irmãs franciscanas foi São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Aí fundaram o Colégio São José, cujas aulas iniciaram em 5/4/1872³. A missão brasileira constituiu-se oficialmente em 1892, tendo Madre Ludgera Hellwig como primeira ministra. Isso significava que as irmãs no Brasil gozariam de maior autonomia em relação à Alemanha. Nessa época, as irmãs franciscanas já marcavam presença nas localidades de Santa Cruz do Sul, Porto Alegre, Pelotas e Estrela.

|15

Madre Ludgera muito se empenhou junto ao governo brasileiro, que outorgou, em 16/5/1903, o *status* de entidade jurídica à missão das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, sob o nome civil de “Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis”.

Ampliando a área de presença franciscana no Rio Grande do Sul, até 1903, além dos lugares já citados, acrescentam-se as cidades de Jaguarão, Rio Grande e Santa Maria. Conforme relata Ackermans (2000, p. 178), o número de irmãs ativas no Brasil, em 1903, chegava a 200, das quais aproximadamente a metade era procedente da Alemanha. A missão brasileira das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã cresceu rapidamente e com pleno vigor, sendo elevada à categoria de província no ano de 1928, com a denominação de Província do Sagrado Coração de Jesus. A primeira ministra provincial foi Madre Laeta Feuser, que exerceu o cargo até 1941. Nesse ano, houve o capítulo provincial em São Leopoldo, sendo eleita sua sucessora, Madre Selima Rodrigues da Fonseca, brasileira, possuidora de

³ Essa data corresponde ao dia de chegada das irmãs a São Leopoldo. As aulas, segundo Flesch (p. 45), iniciaram nessa mesma data, com 23 alunas de 7 a 13 anos.

uma vasta experiência administrativa e de um coração comprometido com a bondade, a misericórdia e a paz. A província continuava próspera em obras e em número de membros. Ao mesmo tempo em que ia diminuindo o envio de missionárias da Alemanha para o Brasil, crescia o número de jovens brasileiras que ingressavam na congregação. Madre Selima empenhou-se por melhor preparo humano, espiritual e profissional das irmãs brasileiras e, aos poucos, elas foram assumindo a liderança das instituições e atividades profissionais.

16| No ano de 1947, Madre Selima foi reeleita ministra provincial para um período de mais seis anos. A ministra geral, Madre Ignace Holtus, em visitação às comunidades da província, entendeu ser necessária a criação de uma nova província no Brasil. E da idéia passou-se à ação. Uma das primeiras providências do conselho provincial foi preparar as irmãs para a nova realidade, que as atingiria diretamente. Foram convocadas, em função disso, todas as ministras das comunidades para uma reunião em São Leopoldo, o que ocorreu em julho de 1949. Diz Flesch (p. 207) que, na ocasião, foi lida uma carta, datada de 18 de junho, em que a ministra geral comunicava oficialmente a subdivisão da Província do Sagrado Coração de Jesus. Na carta, Madre Ignace Holtus argumentava que somente uma ministra provincial não conseguiria visitar todas as comunidades e cuidar da administração, conforme prescreviam as constituições. Apelava, outrossim, à compreensão de todas as irmãs para que aceitassem a decisão com espírito de fé. A notícia, num primeiro momento, causou surpresa às ministras reunidas. Mas logo se convenceram das vantagens da subdivisão e, voltando para suas respectivas comunidades, repassaram as informações para suas co-irmãs, que se dispuseram a contribuir com sua parcela de sacrifício para que o projeto fosse bem sucedido. A esse respeito diz Rupolo (2006, p. 13) “(...) o processo seguiu os trâmites necessários, não, porém, sem sofrimento, pois implicou decisão de conseqüências práticas e de convivência. Muitas irmãs, devido às distâncias, nunca mais voltaram a se encontrar”. Consta em Semeando (p. 15), a respeito do espírito que animava as irmãs:

A criação de uma segunda Província não significa uma separação ou um afastamento de atividades e de Irmãs. Não, continuamos unidas, irmanadas nos mesmos sentimentos de fraternidade e benquerença. Ficaremos unidas pelos laços da caridade e pelo vínculo de um santo

e sublime ideal. Sem dúvida podemos dizer das nossas Províncias Brasileiras o que há poucos anos se dizia das Américas: "As Províncias unidas, unidas vencerão.

Em 1950, a Província do Sagrado Coração de Jesus contava com 41 comunidades, 848 irmãs, 75 noviças, 28 postulantes e 140 juvenistas (FLESCHE, p. 205). A idéia do desmembramento vinha ganhando força, para o bem das irmãs e para um apostolado mais fecundo. Essa causa vinha sendo preparada, em nível de conselho geral e de lideranças locais, desde 1947. Assim sendo, a província brasileira formulou o pedido ao conselho geral, que o deferiu e encaminhou à Santa Sé em Roma. O deferimento pela Santa Sé deu-se em 4/10/1948. Com sua aprovação, a província de São Leopoldo divulgou a notícia entre as irmãs e agilizou todos os trâmites necessários.

A seguir, a íntegra da carta da ministra geral, sobre a criação da nova província: |17

Generalato, 19 de março de 1951.

Revma. Madre, Queridas Madres e queridas Irmãs da Província Brasileira, Hoje me é possível fazer-lhes a comunicação sobre a fundação da segunda Província Brasileira. É-me um prazer fazê-lo, depois de conhecer seus bonitos campos de atividade na terra da Santa Cruz.

As queridas Madres e Irmãs já tomaram conhecimento da forma da divisão e, através do mapa cuidadosamente executado pela Madre Leoni, têm dela clara representação.

A Província Mãe continua com o nome: Província do Sagrado Coração de Jesus. A Província nova, com sede em Santa Maria, vai ser consagrada ao Imaculado Coração de Maria.

O fato de pertencer a casa à primeira ou à segunda Província, decide que as Irmãs que nela se encontram a 15 de abril próximo, pertençam a essa mesma Província.

Naturalmente, com relação às forças necessárias, poderão as Madres Provinciais, nos primeiros tempos, auxiliar-se mutuamente.

Considere-se o dia 25 de março de 1951 como dia da fundação da nova Província. A divisão da parte administrativa entra em efeito a partir de 1º de abril de 1951.

De conformidade com o nº 163 das Constituições, foram nomeadas pelo Conselho Geral, para os cargos de Superiora Provincial e de Assistentes Provinciais da Província do Imaculado Coração de Maria:

Madre M. Antoninha Werlang	- Superiora Provincial
Madre M. Lourdes Biesdorf	- I Assistente Provincial
Madre M. Elenara Vogel	- II Assistente Provincial
Madre M. Norbertina Sehnem	- III Assistente Provincial
Irmã M. Ivonne Erbes	- IV Assistente Provincial

A querida Madre Selima, na qualidade de minha Delegada, introduzirá, a dois de abril, em Santa Maria, a nova Madre Provincial e seu Conselho.

Queridas Madres e queridas Irmãs, venha a divisão da Província a ser uma bênção para a nossa Congregação, principalmente para as Irmãs do Brasil.

18 | Quer estejamos na Província do Sagrado Coração de Jesus, quer na do Imaculado Coração de Maria, - ficamos unidas como Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, como filhas de Madre Madalena.

Seja-nos cousa secundária que uma Província conte mais casas ou menos casas, mais Irmãs do que a outra. Na aspiração à perfeição – sim, e na aspiração ao verdadeiro espírito franciscano poderá existir, entre as duas Províncias, uma santa rivalidade, nisso poderão empenhar-se em superar uma a outra.

Não separamos, mas apenas dividimos o trabalho, a fim de que nos seja possível fazer ainda mais para a glória de Deus, em benefício dos que nos são confiados e para a nossa própria santificação.

Em cordial estima saúda-as

Sua (ass.) Madre M. Ignace Holtus Superiora Geral

A NOVA PROVÍNCIA



| 19

Em 25/4/1951, dia da festa da Anunciação do Anjo a Maria, efetivou-se a fundação da Província do Imaculado Coração de Maria, por desmembramento da Província do Sagrado Coração de Jesus, de São Leopoldo. A sede escolhida da nova província foi a cidade de Santa Maria, precisamente no Colégio Sant'Anna. Por que Santa Maria? Porque era uma cidade estratégica, situada no centro do Estado, com melhores possibilidades de comunicação, principalmente por via férrea. O Colégio Sant'Anna foi escolhido por apresentar, naquele momento, as melhores condições de espaço físico e de história para abrigar a sede da nova província. A ministra provincial e as assistentes provinciais, conforme consta na carta da ministra geral, foram nomeadas pelo conselho geral. Logo foram tomadas as medidas administrativas do desmembramento de 19 comunidades da Província do Sagrado Coração de Jesus para a nova província, por critério de localização geográfica, ou seja, as casas instaladas nas dioceses de Santa Maria, Pelotas e Uruguaiana.

Segue o elenco das casas e comunidades por município:

Santa Maria

1. Colégio Sant'Anna - instituição própria;
2. Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo - instituição de terceiros;
3. Educandário São Vicente de Paulo - instituição de terceiros;
4. Casa de Saúde da Cooperativa da Viação Férrea - instituição de terceiros.

Cruz Alta

5. Colégio Santíssima Trindade - instituição própria;
6. Hospital Santa Lúcia - instituição de terceiros.

Santa Rosa

7. Colégio Santa Rosa de Lima - instituição própria;
8. Hospital de Caridade - instituição de terceiros.

20|

Bagé

9. Colégio Espírito Santo - instituição própria;
10. Santa Casa de Caridade - instituição de terceiros.

Pelotas

11. Santa Casa de Misericórdia - instituição de terceiros;
12. Asilo de Mendigos - instituição de terceiros;
13. Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição - instituição de terceiros, compreendendo a Escola São Francisco, de responsabilidade da província.

Rio Grande

14. Santa Casa - instituição de terceiros.

Jaguarão

15. Santa Casa de Caridade - instituição de terceiros;
16. Escola Imaculada Conceição - instituição própria;
17. Asilo de Órfãs "Felisbina Leivas" - instituição de terceiros.

Canguçu

18. Colégio Nossa Senhora Aparecida - instituição própria;

São José do Inhacorá

19. Escola Madre Madalena - instituição própria.

As irmãs pertencentes à nova província foram, em princípio, as que já faziam parte das 19 comunidades, com alguns ajustes de transferência. Eram 313 irmãs. O mesmo critério geográfico foi adotado para a transferência de noviças. Foram designadas 13 noviças do primeiro ano de noviciado e 11 do segundo ano para a província de Santa Maria.

A instalação da província deu-se em 2/4/1951, com a posse da primeira ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, e do conselho provincial. Essa data coincidiu com a chegada ao Brasil das primeiras irmãs franciscanas, como missionárias, 79 anos antes. Coincidiu, inclusive, com a festa da Anunciação, transferida por causa da Páscoa, celebrada naquele ano, em 24 de março. As solenidades de instalação e da tomada de posse foram presididas pela ministra provincial de São Leopoldo, Madre Selima Rodrigues da Fonseca, que, na qualidade de delegada da ministra geral, Madre Ignace Holtus, introduziu Madre Antoninha e suas assistentes na nova casa-mãe.

O Colégio Sant' Anna foi adaptado como sede da casa-mãe, onde passaram a funcionar o noviciado e o postulado, até 1955.

Uma das primeiras iniciativas da ministra provincial, no dia imediato à posse, foi reunir o conselho provincial, ocasião em que foram aprovadas as seguintes designações: Madre Elenara Vogel como mestra das noviças, cargo que exerceu de 1951 a 1970; Madre Ivone Erbes como secretária provincial, de 1951 a 1953, quando foi eleita assistente geral; Ir. Beniceta Stefani como mestra de postulantes, de 1951 a 1957; Ir. Hiltraudt Bauer, como economista, de 1951 a 1956, e Madre Eustóquia Klafke, como ministra do Colégio Sant' Anna, em substituição à Madre Elenara Vogel.

As noviças chegaram a Santa Maria em 10/5/1951, acompanhadas pela mestra, Madre Elenara Vogel. Madre Antoninha, o conselho provincial e a comunidade do Colégio Sant' Anna acolheram-nas com grande alegria. Dias antes tinham sido recebidas da mesma forma as 13 primeiras postulantes. Dom Antônio Reis, bispo de Santa Maria, celebrou missa solene, ocasião em que lhes deu as boas-vindas e incentivou a todas, especialmente as noviças e postulantes, a seguirem a trilha da virtude e a sentirem-se como "alma da província". Após a celebração litúrgica, houve um almoço de confraternização com a presença do bispo.

O primeiro encontro das ministras na casa-mãe realizou-se nos dias 8, 9 e 10 de julho. Os dias que antecederam a chegada do grupo foram de intensos preparativos. As Crônicas (Livro 39, p. 3) relatam que difícil foi distinguir quem teve alegria maior: se a comunidade do Colégio Sant'Anna, por acolher as visitantes, ou se estas, por terem a oportunidade de hospedar-se sob o teto da nova casa-mãe. Os dias de convívio foram muito abençoados, dando conforto e ânimo para trabalhar muito pela glória de Deus, pela construção da província e pela salvação das almas.

A província precisava criar sua própria entidade civil. Assim, 17 associadas (irmãs) desligaram-se da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, com sede em São Leopoldo, para fundar a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte⁴, com sede em Santa Maria. Esta foi registrada em 31/7/1951, tendo Amália Werlang (Ir. Antoninha) como sua primeira presidente.

22 | Muito havia por fazer. Sucederam-se cursos para professoras e enfermeiras, estudos, reuniões, tudo em vista do aprimoramento intelectual/profissional e de um serviço sempre mais eficiente e zeloso. A cada ano, as cerimônias de profissão religiosa e entrada para o noviciado davam à província novo ânimo e boas perspectivas de futuro. Não demorou muito e foi sentida a falta de espaço nas dependências do Colégio Sant'Anna.

A direção provincial decidiu, então, adquirir uma área de 59.937 m², contígua à chácara do Colégio Sant'Anna, que já era propriedade da congregação desde 1920. Essa área estava bem próxima ao Santuário Nossa Senhora Medianeira. Pertencia antes à família do Barão de Nonoay, que a vendeu às irmãs da Ordem da Visitação e estas, às irmãs franciscanas. Assim, foram dados os primeiros passos para a construção do convento São Francisco de Assis, cuja história será relatada em capítulo próprio.

Logo depois, em 1953, o bispo de Corumbá - MT, Dom Orlando Chaves, solicitou à Madre Antoninha irmãs para a sua diocese, considerada terra de missão. Movido pelo entusiasmo do começo, o conselho provincial decidiu aceitar a missão no Mato Grosso, para onde foram as primeiras irmãs, em 1955, ano em que foi fundada a Escola Imaculada Conceição na cidade de Dourados. No mesmo ano, em Santa Maria, a

⁴ A sigla SCALIFRA - ZN foi criada por ocasião da Assembléia Geral Extraordinária de 6/9/1988, conforme consta na Ata nº 70, de 6/9/1988.

Associação Pró-Ensino Superior (ASPES), de Santa Maria, solicitou uma parceria entre as irmãs franciscanas e os irmãos maristas para a fundação das Faculdades de Filosofia, Enfermagem, Direito e Ciências Econômicas que, juntamente com a Faculdade de Farmácia, fundada em 30/9/1931, propiciariam a fundação de uma universidade para a região. A resposta foi positiva e, em 1955, foram iniciadas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC) e a Escola Superior de Enfermagem. Outra fundação foi solicitada para Mato Grosso, em 1958, no pequeno povoado de Itaporã, próximo ao município de Dourados. Seguiu-se, em 1960, a fundação do Educandário Nossa Senhora do Carmo em Guaíra - PR, a pedido de Pe. Alderigio Baggio. 1960! Ano da fundação de Brasília! Os religiosos também queriam construir uma escola na capital federal. Muitas congregações foram solicitadas a marcar presença no planalto central. Foi nessa ocasião que a província partiu novamente para o desconhecido e se instalou em Brasília, em fevereiro de 1960, com a fundação da Escola Nossa Senhora de Fátima. Ainda, no mesmo ano, na região das Missões, foi fundada a Escola Santa Clara, em São Paulo das Missões, e, em 1961, no mesmo município, foi fundado o Hospital de Caridade São Paulo. A área da saúde foi enriquecida com a fundação de outro hospital próximo a São Paulo das Missões, na localidade de São José do Inhacorá, em 1960, o qual recebeu o nome de Hospital São Francisco de Assis.

Outras fundações foram efetivadas nesse período de extensão da província. Como instituições próprias: 1) Em 1963, a Obra Social Santa Isabel (OSSI), em Brasília - DF, a qual, posteriormente, abriu uma filial em Brazlândia, cidade satélite de Brasília; 2) Em 1969, a Casa Sagrada Família, no Laranjal, na época pertencente ao município de Pelotas. Além disso, foram constituídas comunidades e assumidos trabalhos nas seguintes instituições de terceiros: 1) Em 1968, uma comunidade no Seminário São Pascoal, no município de Três Passos; 2) Em 1976, Hospital Nossa Senhora das Mercês, em Iporã, no estado de Santa Catarina, com trabalho pastoral; 3) Em 1977, Centro de Pastoral (seminário) em Cruz Alta; 4) Em 1980, foi solicitada uma ajuda de irmãs em três pequenos hospitais próximos à fronteira com a Argentina, no sentido de suprir necessidades no serviço de enfermagem e na pastoral paroquial e de saúde. A direção provincial, solidariamente, designou três irmãs em cada um desses hospitais, a saber: Hospital Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Xavier; Hospital Nossa Senhora do Rosário, em Pirapó, e Hospital de Caridade Santo Antônio, em Roque Gonzalez.

24 | A Província do Imaculado Coração de Maria descortinou novas frentes de missão. A exemplo de Madre Madalena, nada ficou sem uma resposta, mesmo que temporária. Havia urgências nos bairros, havia pedidos da Igreja, havia clamores do povo. Então foram abertas as comunidades Nossa Senhora da Paz, em Capão do Leão, próxima à cidade de Pelotas, em 1985, com a missão de atendimento pastoral; Comunidade Santa Inês de Assis, no Bairro São Judas Tadeu, na cidade de Bagé, em 1987; Comunidade Nossa Senhora do Trabalho, na Vila Salgado Filho, em Santa Maria, em 1988; Comunidade Coração de Jesus, na cidade de Pelotas, com a finalidade de atender ao Santuário de Adoração, em 1988. Outras frentes haviam sido apontadas para as seguidoras de Madre Madalena, mais longe, bem mais longe. O Espírito as enviou para regiões distantes, para os estados de Minas Gerais, Pernambuco e Bahia. Ao primeiro grito, vindo de Malacacheta - MG, já em 1972, seguiram Poté, em 1975, Ouro Verde de Minas, em 1986, e Novo Cruzeiro, em 1991. Pernambuco soube da boa notícia e à cidade de Floresta chegaram as irmãs, em 1991. Começaram a surgir vocações... as Silva, as Pereira, as Oliveira, as Barbosa e as Gomes... Fez-se, então, sentir a necessidade de uma casa de formação. Teófilo Otoni, em Minas Gerais, foi o lugar escolhido, em 1993, e, em 1995, passou-se para Belo Horizonte. Do estado da Bahia, ouviram-se os tambores. A terra seca e sem água clamou ao menos pela Palavra de Deus. Quem iria levá-la? Lá foram as irmãs para o município de Pedro Alexandre, em 1996. Depois, para reforçar os laços de entre-ajuda e de fraternidade, iniciou-se a missão em Santa Brígida. São pequenos núcleos junto ao povo, sementes do Evangelho.

Era necessário ver mais longe! Juntar forças. Em 1996, as duas províncias brasileiras uniram-se num mesmo projeto: o projeto Guatemala. Iniciou-se primeiro San Lorenzo e, depois, San Isidro - Chamac, na Diocese de San Marcos, duas pequenas comunidades da Província do Imaculado Coração de Maria e, em Cabrican e San Martin, outras duas pequenas comunidades da Província do Sagrado Coração de Jesus.

LIDERANÇAS DA PROVÍNCIA



Ministras provinciais até o ano cinqüentenário (2001).
Sentada, Ir. Antoninha Werlang; a partir da esquerda: Ir. Anísia M. Schneider,
Ir. Zair da Rosa, Ir. Joana Stefani, Ir. Rosane Sturm e Ir. Ângela V. da Costa.

1951 – 25 de março.

Foram nomeadas pelo conselho geral:

Ministra provincial – Ir. Antoninha Werlang

Assistentes provinciais – Ir. Lourdes Biesdorf

Ir. Elenara Vogel

Ir. Norbertina Sehnenn

Ir. Ivone Erbes⁵

Secretária provincial – Ir. Ivone Erbes

Ecônoma provincial – Ir. Hiltraud Bauer⁶

⁵ Em 1956 Ir. Ivone Erbes foi eleita assistente do conselho geral, sendo substituída no conselho provincial por Ir. Rosa Leonilda Braun e, na secretaria da província, por Ir. Lourdes Biesdorf.

⁶ Em 1956, Ir. Hiltraud Bauer foi substituída por Ir. Firmina Simon no economato da província.

Mestra de noviças – Ir. Elenara Vogel
Mestra de postulantes – Ir. Joana Stefani

I capítulo provincial – 24/5/1957

Ministra provincial – Ir. Antoninha Werlang
Assistentes provinciais – Ir. Joana Stefani

Ir. Elenara Vogel
Ir. Stela Mentges
Ir. Clélia Philippsen

Secretária provincial – Ir. Syria Mathilde Volkmer
Ecônoma provincial – Ir. Firmina Simon
Mestra de noviças – Ir. Elenara Vogel
Mestra de postulantes – Ir. Norma Kliman⁷

26|

II capítulo provincial - 23 e 24/2/1964

Ministra provincial – Ir. Joana Stefani
Assistentes provinciais – Ir. Clélia Philippsen⁸

Ir. Stela Mentges
Ir. Ondina Lenz
Ir. Maria Ludemila Heck

Secretária provincial – Ir. Syria Mathilde Volkmer
Ecônoma provincial - Ir. Firmina Simon
Mestra de noviças – Ir. Elenara Vogel
Mestra de postulantes – Ir. Lorena Krindges

III capítulo provincial – 18 e 19/7/1970

Ministra provincial – Ir. Joana Stefani
Assistentes provinciais – Ir. Ângela Vieira da Costa

Ir. Inês Dalvit
Ir. Igenes Geremia
Ir. Clara Thomas

⁷ Em 1959, Ir. Norma foi substituída por Ir. Lorena Krindges.

⁸ Em 1966, Ir. Clélia foi eleita para o conselho geral, sendo substituída por Ir. Ângela Vieira da Costa.

Secretária provincial – Ir. Syria Mathilde Volkmer
Ecônoma provincial - Ir. Aracy Cecília Goetz
Mestra de noviças – Ir. Clara Thomas
Mestra de postulantes – Ir. Clara Thomas

IV capítulo provincial – 21 e 22/7/1973

Ministra provincial – Ir. Ângela Vieira da Costa
Assistentes provinciais – Ir. Igenes Geremia
Ir. Joana Stefani
Ir. Ines Dalvit
Ir. Clara Thomas
Secretária provincial – Ir. Veronice Schimitz
Ecônoma provincial – Ir. Aracy Cecília Goetz
Mestra de noviças – Ir. Clara Thomas
Mestra de postulantes – Ir. Clara Thomas

|27

V capítulo provincial – 11 e 12/9/1976⁹

Ministra provincial - Ir. Ângela Vieira da Costa
Assistentes provinciais - Ir. Ines Geremia
Ir. Consuelo Silveira Netto
Ir. Joana Stefani
Ir. Ines Dalvit
Secretária provincial – Ir. Veronice Schmitz
Ecônoma provincial – Ir. Aracy Cecília Goetz
Mestra de noviças – Ir. Clara Thomas
Mestra de postulantes – Ir. Clara Thomas

⁹ Ao convocar o Capítulo Provincial de 1976, a ministra geral, Ir. Ângela Betzing, nomeou, para presidir o capítulo, Ir. Benícia Flesch, assistente geral, como sua delegada. Na convocação, a ministra geral assim se expressou: “Neste capítulo serão eleitas as duas assistentes provinciais cujo sexênio expira. Além disso, competem-lhe os direitos e deveres que as Constituições Gerais e o Estatuto Provincial lhe ou-torgam”. Na ata do referido capítulo lê-se: “(...) no dia 12 de setembro de 1976, por ocasião do capítulo provincial de eleições, da Província do Imaculado Coração de Maria, no Convento São Francisco de Assis, em Santa Maria, observando-se todas as prescrições legais, foram eleitas as seguintes irmãs: Ir. Consuelo Silveira Netto – segunda assistente provincial e Ir. Maria Inês Dalvit - quarta assistente provincial. (Ata do VIº capítulo provincial, dia 12 de setembro de 1976 – Fonte: Secretaria da província.)

VI capítulo provincial – 13 e 14/9/1978

Ministra provincial – Ir. Ângela Vieira da Costa

Assistentes provinciais – Ir. Joana Stefani

Ir. Zair da Rosa

Ir. Syria Mathilde Volkmer

Ir. Elma Theresinha Rockembach

Secretária provincial – Ir. Veronice Schmitz

Ecônoma provincial – Ir. Aracy Cecília Goetz

Mestra de noviças – Ir. Clara Thomas

Mestra de postulantes – Ir. Clara Thomas

VII capítulo provincial - 21 e 22/7/1984

Ministra provincial – Ir. Joana Stefani

Assistentes provinciais – Ir. Elma Theresinha Rockembach

Ir. Zair da Rosa

Ir. Noemi Lunardi

Ir. Alice Grisotti

Secretária provincial - Ir. Veronice Schmitz

Ecônoma provincial – Ir. Aracy Cecília Goetz

Mestra de noviças – Ir. Clara Thomas

Mestra de postulantes – Ir. Clara Thomas, até 1987, quando assumiu

Ir. Ida Maria Stein.

VIII capítulo provincial – 6/9/1988

Ministra provincial – Ir. Zair da Rosa

Assistentes provinciais – Ir. Elma Theresinha Rockembach

Ir. Anísia Margareta Schneider

Ir. Elvira Müller

Ir. Clara Thomas

Secretária provincial – Ir. Odila Maria Merchiori

Ecônoma provincial – Ir. Maria Boll

Mestra de noviças – Ir. Neli Lassen

Mestra de postulantes – Ir. Ida Maria Stein, até 1990, quando assumiu

Ir. Alice Teresinha Mallmann.

IX capítulo provincial – 27/9/1992

Ministra provincial – Ir. Zair da Rosa

Assistentes provinciais – Ir. Noemi Lunardi

Ir. Anísia Margareta Schneider

Ir. Ilze Kleinübing

Ir. Maria Aparecida Marques

Secretária provincial – Ir. Odila Maria Merchiori

Ecônoma provincial – Ir. Maria Boll

Mestra de noviças – Ir. Neli Lassen

Mestra de postulantes – Ir. Alice Teresinha Mallmann, até 1993.

Em 1994, assumiu

Ir. Terezinha Kunz Lauer.

X capítulo provincial – 12/9/1996

Ministra provincial – Ir. Anísia Margareta Schneider¹⁰

Assistentes provinciais – Ir. Rosane Sturm

Ir. Berta Maria Seibert

Ir. Odila Maria Merchiori

Ir. Ilze Kleinübing

Secretária provincial – Ir. Dirce Margarida Limberg

Ecônoma provincial – Ir. Maria Ladi Ely

Mestra de noviças – Ir. Nilvete Soares Gomes

Mestra de postulantes – Ir. Lúcia Paetzold

XI capítulo provincial – 23 e 24/6/2000

Ministra provincial – Ir. Rosane Sturm

Assistentes provinciais – Ir. Maria Aparecida Marques

Ir. Cláudia Plotzky

Ir. Maria Odila Merchiori

Ir. Clarícia Terezinha Thomas

¹⁰ Em 16/11/1999, Ir. Anísia Margareta Schneider foi eleita ministra geral e Ir. Rosane Sturm assumiu como vigária provincial.

Secretária provincial – Ir. Maria José Bettin
Ecônoma provincial – Ir. Maria Ladi Ely
Mestra de noviças – Ir. Nilvete Soares Gomes
Mestra de postulantes – Ir. Lúcia Paetzold

XII capítulo provincial – 21/5/2004

Ministra provincial – Ir. Clarícia Terezinha Thomas
Assistentes provinciais – Ir. Nilvete Soares Gomes
Ir. Maria Aparecida Betoni
Ir. Maria Ilsi Klassen
Ir. Maria Tereza Lenz Anschau

Secretária provincial – Ir. Maria José Bettin
Ecônoma provincial – Ir. Maria Ladi Ely
Mestra de noviças – Ir. Maria Lúcia Paetzold
Mestra de postulantes – Ir. Maria Ilsi Klassen

30 |

De 1991 a 1997, a província manteve o postulantedo em dois locais: um no Rio Grande do Sul, em Santa Maria, e outro em Minas Gerais, em Malacacheta, e, depois, em Teófilo Otoni. As postulantes do Regional de Minas Gerais, Pernambuco e Bahia foram atendidas, nesse período, por Ir. Alice Teresinha Mallmann e Ir. Maria Ilsi Klassen. Em 1998, o conselho provincial transferiu o postulantedo para Santa Maria e, em 2000, para Pelotas, e o noviciado, para Belo Horizonte.

MANTENEDORAS DA PROVÍNCIA

SOCIEDADE CARITATIVA E LITERÁRIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS - ZONA NORTE¹¹



SCALIFRA-ZN
Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte

| 31

A escolha do pensamento franciscano para a fundamentação filosófico-educativa das escolas mantidas pela congregação das Irmãs Franciscanas está vinculada à espiritualidade e ao seu caráter educativo desde a origem. Idealizado no contexto de seu início, ultrapassou fronteiras geográficas, histórico-culturais e acompanhou a evolução das teorias pedagógicas. Embora a diversidade de contextos, a ação educativa integrou, nesse processo, tradição e contemporaneidade, transformando-se em proposta educacional (RUPOLO. In: Barin, 2006, p. 39).

A fundação da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, no Brasil, deu-se em 16/5/1903. Sua primeira sede foi em Porto Alegre e, no ano seguinte, passou para São Leopoldo. Sua fundadora e primeira presidente foi Madre Ludgera Hellwig, uma das seis primeiras irmãs franciscanas a vir para o Brasil, em 2/4/1872.

¹¹ Veja-se a constituição das diretorias da SCALIFRA - ZN em MORO, Valderesa. Organização administrativa da SCALIFRA - ZN. In: BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **SCALIFRA - ZN: Conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006 (p. 59 - 67).

A Província do Imaculado Coração de Maria, como entidade civil, denominou-se Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, pelo desmembramento da sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Central, até então com sede em São Leopoldo. Administrativamente, a nova sociedade compreendia todos os setores da província, ou seja: a educação, a saúde e as obras sociais.

Os primeiros 13 anos da nova mantenedora foram de expansão, não só para o Mato Grosso, mas também para o Paraná, com a fundação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, e Brasília, com a fundação da Escola Nossa Senhora de Fátima.

Nos anos subseqüentes, o investimento maior privilegiou a promoção humana em realidades carentes. Com a expansão da província para o estado de Minas Gerais, ampliou a educação, o serviço social e a atenção básica à saúde. Desenvolveram-se, nesses locais, projetos assistenciais da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte. O mesmo aconteceu com a presença das irmãs em Pernambuco e Bahia.

Tempo significativo foi dedicado pela ministra provincial, na qualidade de presidente da mantenedora, à unificação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC) e Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira (FACEM), dando origem às Faculdades Franciscanas (FAFRA) e, posteriormente, em 1988, a transformação em Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

Até 2000, a presidência da entidade foi exercida pela ministra provincial, eleita pelas irmãs em capítulo provincial. Essa função, daí em diante, passou a ser exercida por uma irmã eleita na assembléia da SCALIFRA-ZN e confirmada pela ministra provincial.

Com as mudanças estatutárias, em setembro de 2000, a mantenedora adotou nova estrutura administrativa, criando diretorias próprias em cada área de atuação pastoral-profissional (MORO, 2006). A diretoria passou a se constituir de presidente, vice-presidente, secretária e tesoureira, eleitas em assembléia pelas associadas, com mandato de três anos. Era de sua responsabilidade a administração pedagógica e econômico-financeira das escolas e da UNIFRA. Em 2003, foi feita nova reforma estatutária, alterando a constituição da diretoria.

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO¹²

Em 1968, foi criada uma comissão específica para desenvolver a concepção educativa e dinamizar os assuntos educacionais. Seus membros eram eleitos a cada dois anos. Foi elaborado um regulamento em que constavam atribuições específicas, no intuito de projetar as ações pedagógicas, divulgar a filosofia franciscana, zelar pelo ensino religioso escolar, bem como capacitar e aperfeiçoar os professores, com reuniões e cursos de curta duração. A Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, em comum acordo com o conselho provincial, nomeava a coordenadora da comissão.

Decorridos os dois anos, o conselho provincial dissolveu a comissão pelo período de três anos, responsabilizando-se por suas funções. Após esse período, a comissão voltou a assumir as diretrizes filosófico-pedagógicas, a gestão das escolas, a concepção educativa e o ensino religioso.

| 33

SOCIEDADE CARITATIVA E LITERÁRIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS – ZONA OESTE



¹² Veja Moro (2006, p. 35 – 38) sobre a constituição das comissões de educação.

Com a expansão da província para o estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, criando-se em Dourados uma escola, o entendimento era de que se tornava inviável a inclusão da escola mato-grossense na mesma entidade, por motivos de distância, de comunicação (serviço de correio) e até de legislação. O conselho deliberativo da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, sob a presidência de Amália Werlang (Ir. Antoninha), de acordo com o estatuto civil da entidade, resolveu criar uma outra sociedade para o estado de Mato Grosso.

34 | Em 7/2/1957, reuniu-se o conselho deliberativo para criar um estatuto e instituir a nova entidade, que se denominou Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Oeste, cujo estatuto foi registrado sob o nº 28, fls. 70/71 do Livro APJ-1, do cartório de registro de sociedades civis da cidade de Dourados - Mato Grosso. No uso de suas atribuições, conferidas pelo estatuto da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, o conselho deliberativo nomeou a primeira direção da nova entidade: Cláudia Müller (Ir. Ruth), presidente; Hilda Meyer (Ir. Cornélia), vice-presidente; Maria Grings (Ir. Iracema), secretária; Maria Ludmilla Lunkes (Ir. Leonarda), tesoureira, e Guilhermina Thum (Ir. Águeda), conselheira. A segunda diretoria eleita dessa entidade compunha-se por: Ludemila Heck (Ir. Liúba), presidente; Maria Florentina Steffen (Ir. Auxiliadora), vice-presidente; Ana Maria Cechin (Ir. Lourença), secretária; Maria Acella Kreutz (Ir. Narcisa), tesoureira, e Paula Maria Hertz (Ir. Inocência), conselheira.

A vigência da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Oeste perdurou até 1970, quando foi realizada uma assembléia em que foram tratados estes assuntos: integração de entidades autônomas; dissolução da mantenedora e destino de seus bens. A ata de 31/10/1970 somente diz que, em assembléia geral extraordinária, resolveu-se extinguir seu estatuto e filiar-se à Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, por questões administrativas e número reduzido de sócias, o que dificultava sua expansão. De acordo com o estatuto, foi deliberado sobre o destino a ser dado ao patrimônio da sociedade. Considerando-se que a Sociedade Zona Oeste provinha de um desmembramento da mesma Sociedade Zona Norte e que esse desmembramento foi feito com o intuito de atender melhor à questão educacional, assistencial e administrativa em Mato Grosso, foi proposta a transferência de todo o patrimônio para a entidade de origem. Assim, a Escola Imaculada Conceição de Dourados e o Hospital Beneficente de Itaporã passaram a integrar o patrimônio da mantenedora de origem.

OBRA SOCIAL SANTA ISABEL - OSSI

Fundação: 11/2/1963



| 35

O que importa na Vida Religiosa, não é o tipo de trabalho que fazemos; um determinado trabalho não é maior ou mais valioso do que outro. Todos os trabalhos, feitos na obediência, se parecem entre si: o trabalho mais simples e modesto vale tanto diante de Deus quanto o mais belo e aperfeiçoado... Assim devemos aceitar alegremente qualquer trabalho, como fazem os operários, para que, ao anoitecer de nossa vida, o Senhor nos possa dar a recompensa, dizendo: “vem, serve fiel, entra na alegria do teu Senhor” (M. Madalena).

Com a presença das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã em Brasília - DF, a leitura da realidade da nova capital do Brasil foi sendo feita. Além da prestação de serviço educacional, para atendimento a crianças, adolescentes e jovens, foi dada uma resposta aos apelos e clamores das famílias, dos trabalhadores adultos, que formavam o quadro da mão-de-obra da construção de Brasília, os denominados “Candangos”, desprovidos de atendimento básico para si e para suas famílias, uma vez que estavam alojados em acampamentos. Nesse cenário, fundou-se a Obra Social Santa Isabel (OSSI), em 11/2/1963. As irmãs fundadoras, Isaura Fernandes da Cruz (Ir. Rosa), Ivone Edith Kern (Ir. Maria Dulce) e

Ledovina Thereza Biesdorf (Ir. Lourdes), constituíram a primeira diretoria. A finalidade da entidade foi e continua sendo a prestação de serviço de proteção social, nos espaços de vulnerabilidade e risco, pessoal e social, de Brasília. A província contou, assim, com mais uma pessoa jurídica, civilmente constituída, além da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte.

36 | Sendo a OSSI a primeira obra social situada no plano piloto, a Novacap (Companhia Organizadora da Nova Capital) fez-lhe a doação de um terreno de 15.000 m², onde construiu o seu primeiro imóvel. Como padroeira da instituição, as irmãs fundadoras escolheram Santa Isabel da Hungria, que, em sua época, abraçou a causa dos pobres e, como terceira franciscana, testemunhou o ministério da caridade, enfrentando obstáculos, principalmente porque, como rainha, pertencia à nobreza, com a qual teve que romper, para melhor servir aos irmãos empobrecidos. A rainha Isabel faleceu em 17/11/1231. Foi canonizada pelo Papa Gregório IX e, mais tarde, declarada padroeira da Ordem Franciscana Secular. Inspirada nesse testemunho de dedicação aos empobrecidos, a prestação de serviço, desenvolvida pela OSSI, é toda voltada ao atendimento do público-alvo em situação de exclusão social, tanto pela situação econômico-social quanto por doenças ou outros fatores de fragilidade.

A OSSI manteve por muitos anos (de 1963 a 1988) a Escola Santa Isabel, com atendimento para adultos, alfabetização e curso supletivo, conforme as demandas da época. Com o desenvolvimento acelerado de Brasília, a OSSI, sensível aos apelos do povo, transformou sua prestação de serviço, exclusiva para a proteção social básica, e assumiu projetos voltados para as realidades mais carentes de Brasília.

Em 1972, a direção provincial destinou uma comunidade para atender a pastoral social na cidade de Brazlândia. Favoreceu, assim, a extensão das atividades da OSSI nessa cidade, integrante do Distrito Federal, a qual se caracterizava por uma população rural e, ao mesmo tempo, urbana, que vivia em situação de privação econômica e social, sem infra-estrutura básica e, portanto, necessitada da presença da Igreja.

A OSSI tem hoje suas atividades expandidas para além do Distrito Federal, com projetos de proteção socioassistencial, solidários e de melhoria de vida nos estados de Goiás, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. Mantém, no Distrito Federal, em Brazlândia, um atendimento a pessoas

idosas em regime de convivência. No Plano Piloto, trabalha com mulheres chefes de família, capacitando-as profissionalmente para sua auto-sustentabilidade e melhoria da qualidade de vida. Desenvolve o projeto de proteção ambiental, no cultivo de horta comunitária urbana, e dinamiza o centro de convivência com pessoas idosas. Estende suas atividades à cidade de Valparaíso, Goiás, com atendimento a famílias em grupos socioeducativos e oficinas laborais. Em Teófilo Otoni, atende à população no Centro de Vida, promovendo a cultura da valorização da saúde natural, cultivo e manipulação de ervas medicinais, incentivando a educação alimentar e aproveitamento dos produtos da terra. Com o projeto “Mulher construindo a cidadania”, atinge famílias em situação de vulnerabilidade e incentiva a mulher a ocupar o seu espaço de protagonista na família. Em Novo Cruzeiro, são desenvolvidos projetos de enfrentamento à pobreza, atendimento a adolescentes, jovens e mulheres chefes de família. Os projetos se estendem às comunidades da periferia urbana e da zona rural. O atendimento é feito em centros comunitários com a formação de líderes, organizando também a associação de moradores. Em Santa Brígida, estado da Bahia, é desenvolvido o projeto socioeducativo para crianças e adolescentes. O projeto “Grupo de Convivência” tem a finalidade de criar um ambiente sadio e alegre, para o bem-estar dos idosos, oferecendo-lhes alfabetização e formação adequada à faixa etária (Informativo da OSSI / 2007). Desenha cada vez melhor seu perfil como obra social. Está enquadrada e atualizada dentro das políticas públicas de assistência social e ocupa espaço em conselhos de nível municipal, estadual e nacional, o que a torna civilmente reconhecida e legitimada. Compõe, com outras entidades, a rede de prestadoras de serviço da União Franciscana de Cultura e Caridade Cristã (UFCC). A OSSI muito tem realizado para melhorar a situação de muitos, desencadeando um processo de inclusão social, no respeito à dignidade humana e à valorização da vida.

UNIÃO FRANCISCANA DE CULTURA E CARIDADE CRISTÃ - UFCC



38 |

Desde 1835, a Congregação se desenvolvera a partir de um pequeno grupo de mulheres praticamente iletradas, sem uma área bem definida de especialização, e tornou-se uma entidade de caráter mundial, com mil e quatrocentas Irmãs. Estas administravam centenas de Instituições nos campos do ensino e da educação, na enfermagem e no cuidado de idosos. A estrutura administrativa, adotada em 1900, haveria de perdurar até o expirar da década de 1960. Numerosas devoções e usos, então comuns, ainda seriam praticados por muitos anos. As Irmãs haveriam de manter vivas as tradições, dando-se a si mesmas o título de “Filhas de Madre Madalena”. Desta forma, criou-se um laço espiritual desde a primeira geração até a virada do século (ACKERMANS, 2000, p. 26).

O processo histórico da província caracteriza-se pela dinamicidade. Se hoje se fala em UFCC e ontem se falava em Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, se em um outro momento houve referências à SEFAS, à OSSI, é porque uma força transformadora movimentou a província. Nesse sentido, o carisma das instituições, nos diversos contextos históricos, é criativo, dinâmico, missionário e comprometido. Desde

1835, quando a congregação foi fundada, Madre Madalena Daemen, simples camponesa, compreendeu que sua obra deveria ser reconhecida civilmente perante a lei, o que se concretizou sob a liderança de Madre Teresia Rooyackers, em 29/11/1842, quando a congregação foi elevada à categoria de entidade jurídica, sob a denominação de “União de senhoras para promover a felicidade do lar” (COOLS, 1966, p. 107).

Com o desenrolar da história e os muitos desmembramentos por diversos países, cada unidade da congregação - as províncias - assumiu sua personalidade jurídica. No Brasil foi criada a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, nome que, por força de três desmembramentos, recebeu o acréscimo de Zona Central, Zona Norte, em 1951, e Zona Oeste, em 1954, conforme já foi relatado. Fatos históricos e situações da política brasileira levaram a congregação no Brasil a novos desmembramentos: a OSSI, em 1963, e a SEFAS, em 1999. Diante disso, sentiu-se a necessidade de uma instituição civil que abrigasse todas as irmãs e que fosse elo de unidade para as demais entidades.

| 39

Em 1993, a então presidente da SCALIFRA - ZN e ministra provincial, Ir. Zair da Rosa, convocou uma assembléia extraordinária para propor a criação de uma associação religiosa. O conselho provincial, que respondia também pelo conselho administrativo da mantenedora, recebeu delegação da assembléia para elaborar o estatuto civil da nova associação.

Em 12/3/1994, porém, uma nova assembléia foi convocada para dar continuidade ao processo de criação da nova associação. Nessa assembléia, que analisou a minuta do novo estatuto, ficou esclarecido que a finalidade da nova entidade era “atender e melhorar a assistência às associadas em relação à saúde, formação e amparo na velhice”. Analisado, artigo por artigo, o estatuto novo foi aprovado e o nome da nova entidade passou a ser Associação Franciscana Madalena Daemen (AFMD), com autonomia administrativo-econômica e com poderes para organizar sua diretoria e reger-se por normas estatutárias próprias e direito próprio, isto é, o estatuto provincial. A SCALIFRA - ZN, por sua vez, atualizou seu estatuto e passou a reger-se por estatuto próprio.

A seguir, no dia 13 de março, a assembléia elegeu e empossou a primeira diretoria da AFMD, assim constituída: Presidente - Zair da Rosa; vice-presidente - Noemi Lunardi; conselheiras - Anísia Margareta Schneider; Ilze Kleinübing e Maria Aparecida Marques. Secretária: Odila Maria Merchiori

e tesoureira: Maria Ladi Ely. Conselho fiscal: Araci Cecília Goetz, Maria Erica Willers e Othilia Pauli. Suplentes: Carmelita Barbosa Machado e Laura Oppermann.

Uma vez constituída, a diretoria tratou da continuidade, visto que novas providências deveriam ser de assimilação da idéia da entidade e de sua organização. As primeiras decisões da AFMD foram:

1) orientar as irmãs para, mediante formulário próprio, solicitar admissão na AFMD e a demissão da SCALIFRA - ZN;

2) estabelecer quais comunidades teriam seu patrimônio passado para a AFMD em primeiro lugar. Começando pelas não escolares, foram arroladas 14 comunidades:

Residência Sagrado Coração de Jesus - Pelotas;

Residência Divina Providência - Pelotas;

Residência Nossa Senhora de Lourdes - Pelotas;

40 | Residência Santa Cecília - Pelotas;

Residência Imaculada Conceição - Jaguarão;

Residência Nossa Senhora da Glória - Jaguarão;

Residência Nossa Senhora dos Navegantes - Rio Grande;

Residência Nossa Senhora das Graças - Bagé;

Residência Santa Clara de Assis - Canguçu;

Residência São João Batista - Santa Rosa;

Residência Santa Clara - São Paulo das Missões;

Residência São Miguel - Porto Xavier;

Residência Nossa Senhora do Perpétuo Socorro - Santa Maria;

Residência Madre Madalena - Brazlândia.

Gradativamente, foram se constituindo patrimônio da AFMD todas as outras comunidades de irmãs, perfazendo um total de 48 comunidades e/ou residências. Da mesma forma, os bens imóveis foram para os seus lugares respectivos: bens das escolas, para a SCALIFRA - ZN; bens dos dois hospitais, da multiclínica e das farmácias, para a SEFAS, e os bens da Obra Social, para a OSSI. A AFMD assumiu a organização administrativa da entidade, prevendo para as irmãs: plano de vida específico, plano de saúde, gerenciamento das aposentadorias e das heranças, moradia fora das instituições, cuidado das idosas, organização de retiros, formação e aperfeiçoamento.

Na assembléia da entidade, no ano 2000, foi sugerido que a denominação mais correta não seria associação. Após debater o assunto, a conclusão foi de que o nome mais apropriado seria união. Coincidência com União de Senhoras? Ficou acordado em mudar a denominação de Associação Franciscana Madre Madalena para União Franciscana de Cultura e Caridade Cristã (UFCC). Até a presente data, a entidade congrega 48 comunidades, que atuam em escolas, hospitais, casas de formação, paróquias e pequenas comunidades inseridas nos bairros, junto ao povo e à população carente. Há duas comunidades no país da Guatemala e irmãs que servem a Deus e aos irmãos na África e em Roma. A UFCC congrega e articula as outras entidades da província: SCALIFRA - ZN, SEFAS e OSSI, para que, na diversidade, não se perca o vínculo da unidade. Todas são Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Criou-se um órgão integrador de todas as entidades prestadoras de serviço, denominado Conselho Integrador das Entidades Prestadoras de Serviço - CONIP. Fazem parte desse conselho as presidentes das entidades, que se reúnem periodicamente para partilhar o andamento da missão na província e para prestação de auxílio mútuo. |41

As diretorias da UFCC, desde a sua fundação, foram:

1994-1996 - 1ª diretoria

Presidente - Zair da Rosa

Vice-presidente - Noemi Lunardi

Conselheiras - Anísia Margareta Schneider

Ilze Kleinübing

Maria Aparecida Marques

Secretária - Odila Maria Merchiori

Ecônoma - Maria Ladi Ely

1996-2000 - 2ª diretoria

Presidente - Anísia Margareta Schneider

Vice-presidente - Guisella Hildigarth Sturm

Conselheiras - Berta Maria Seibert

Ilze Kleinübing

Odila Maria Merchiori

Secretária - Dirce Margarida Limberger

Ecônoma - Maria Ladi Ely

2000-2004 - 3ª diretoria

Diretora-presidente - Guisella Hildigarth Sturm

Diretora-vice-presidente - Maria Aparecida Marques

Diretora-secretária: Maria José Bettin

Diretora-tesoureira: Maria Ladi Ely

2004-2008 - 4ª diretoria

Diretora-presidente - Clarícia Terezinha Thomas

Diretora-vice-presidente - Nilvete Soares Gomes

Diretora-secretária - Maria José Bettin

Diretora-tesoureira - Maria Ladi Ely

42 |

ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE - SEFAS

Fundação: 27/2/1999



Já nos primeiros tempos, as Irmãs visitavam os doentes a domicílio e, quando necessário, cuidavam deles. Durante o Kulturkampf foi proibido às Irmãs o ensino na Alemanha. Então, elas começaram a dedicar-se ao cuidado de doentes e deficientes (COOLS, 1966, p. 105).

Desde a origem, a congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã vem dedicando-se à educação e à saúde. Dessa vertente carismática, iniciada por Madre Madalena Daemen, também nasce todo um trabalho com o povo, lá onde ele se encontra: nas periferias, no meio rural, na cidade ou no campo.

Pela história, podemos verificar que, em cada localidade onde era fundada uma escola, em seguida também a congregação assumia uma instituição de saúde. De 1951 a 1998, a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte era a mantenedora das escolas e dos hospitais. Havia hospitais, instituições de terceiros, onde muitas irmãs exerciam sua profissão. Na província, uma comissão era responsável pela dinamização das escolas, a comissão de educação, e uma comissão de saúde, responsável pelo serviço nos hospitais e pela pastoral da saúde. A OSSI já existia como entidade jurídica desde 1963. Para as comunidades inseridas no serviço pastoral das paróquias e dioceses, constituiu-se a comissão de inserção em meios populares.

| 43

Com a mudança da sociedade brasileira e a evolução da legislação própria para cada setor de atividade, a direção provincial intuiu que alguma coisa nova estava acontecendo e se fazia necessário clarear mais a prestação de serviços. A contabilização dos valores atribuídos à assistência social era diferente para a educação e para a saúde, conforme as exigências da legislação federal. Foi então que, em janeiro de 1999, Ir. Anísia Margareta Schneider, ministra provincial, reuniu, da comissão de saúde, Ir. Berta Maria Seibert e Ir. Ubaldina de Souza e Silva, ambas enfermeiras, Ir. Maria Lúcia Simon, tesoureira da SCALIFRA - ZN, e Ir. Maria Ladi Ely, ecônoma provincial, com a assessora jurídica, a advogada Ir. Maria Tereza Diniz, para iniciar o estudo da viabilidade de criar uma nova estrutura jurídica civil para a área da saúde, por desmembramento da SCALIFRA - ZN.

Do estudo iniciado destacaram-se pontos fortes, favoráveis ao desmembramento, tais como: caracterização da vocação do setor de saúde,

possibilidade de um melhor gerenciamento das atividades relativas aos hospitais. Da mesma forma, para a SCALIFRA - ZN, ao administrar o setor de educação.

Considerados todos esses pontos, foi convocada uma assembléia geral extraordinária das associadas da SCALIFRA - ZN. Em 27/2/1999, era criada, assim, a Sociedade Franciscana de Assistência à Saúde - SEFAS, que incorporou os estabelecimentos de saúde: o Hospital São Francisco de Assis, fundado em 4/12/1960, em São José do Inhacorá - RS, e o Hospital de Caridade São Paulo, fundado em 9/4/1961, em São Paulo das Missões - RS, cada um com sua respectiva farmácia. No Convento São Francisco de Assis, em Santa Maria, funcionava a Multiclínica São Francisco, com serviços de psicologia, psicopedagogia, fisioterapia. Essa prestação de serviços também foi incorporada à SEFAS. Na verdade a Multiclínica São Francisco não existia como pessoa jurídica, era somente uma prestação de serviços da SCALIFRA - ZN.

44 | Na ocasião, a assembléia constituiu uma diretoria provisória, por um período de 18 meses, para dar os devidos encaminhamentos legais e jurídicos à nova entidade.

Essa diretoria era composta por:

Diretora: Ubaldina Souza e Silva

Vice-diretora: Berta Maria Seibert

2ª Vice-diretora: Maria Elisabetha Bieger

Secretária: Ivone Becker

Tesoureira: Liani Maria Ten Caten Piper

Conselho fiscal: Inacir Pederiva, Maria Érica Willers e
Terezinha Maria Lenz

A nova diretoria tratou, então, dos trâmites legais necessários ao funcionamento da entidade. Na assembléia do desmembramento, foi apresentado e discutido o estatuto social, com sugestões e acréscimos de itens ou artigos. Praticamente houve uma reelaboração do texto.

Posteriormente, passou-se para a realização dos trâmites legais, a fim de efetivar o desmembramento, não só do patrimônio, mas de toda estrutura administrativa, com mudança de CNPJ dos estabelecimentos mantidos (hospitais, farmácias). Foram criadas farmácias em São Paulo das Missões e São José do Inhacorá, dado que, até então, elas atuavam com o CNPJ do res-

pectivo hospital. Enfim, foram feitos os encaminhamentos para desmembrar da SCALIFRA - ZN o respectivo patrimônio.

Em 2/8/1999, a SEFAS adquiriu um ponto comercial de uma farmácia, em Santa Maria, localizado à Rua André Marques, nº 645, denominada Farmácia Santa Clara. Em março de 2000, instalou, em prédio alugado, a Farmácia Santa Clara II, que funcionou até 31/12/2005.

A SEFAS tinha inicialmente sua sede junto à sede da SCALIFRA - ZN. Após 18 meses de gestão da diretoria provisória, em setembro de 2000, com estatuto aprovado, realizou a assembléia para prestação de contas e eleição da diretoria, já com caráter de entidade jurídica.

Foram eleitas para o período de **2000 a 2003**:

Presidente: Ubaldina Souza e Silva

1ª Vice-presidente: Clarícia Terezinha Thomas

2ª Vice-presidente: Maria Elisabetha Bieger

Secretária: Ivone Becker

Tesoureira: Liani Maria Ten Caten Piper

Conselheiras fiscais: Maria Lúcia Simon, Elvira Muller e
Acilda Ana Orth

|45

Em 2001, a UFCC doou à SEFAS um imóvel localizado à Rua Floriano Peixoto, 1913, em Santa Maria, que, depois de uma grande reforma, passou a abrigar a sede da SEFAS e a Multiclínica São Francisco, sob a denominação de Clínica SEFAS.

Ainda, em 2001, a assembléia geral decidiu encerrar as atividades no Hospital São Francisco, em São José do Inhacorá. O hospital foi negociado com a prefeitura do município.

No ano de 2003 houve necessidade de atualização do nome Sociedade Franciscana de Assistência à Saúde para Associação Franciscana de Assistência à Saúde - SEFAS.

Em 2007, em assembléia geral da SCALIFRA - ZN, o imóvel, que no passado sediou a FACEM, foi doado à SEFAS.

Sucederam à primeira diretoria as seguintes associadas eleitas:

De 2003 a 2006

Diretora-presidente: Ubaldina Souza e Silva

Diretora-vice-presidente: Cor Maria da Anunciação

Diretora-secretária: Ivone Becker

Diretora-tesoureira: Úrsula Ana Stein Ruckhaber

Conselheiras fiscais: Inacir Pederiva, Carmelita Barbosa Machado e
Zair da Rosa

Suplentes: Ivone Ana Anschau e Ede Maria Orth

De 2006 a 2009

Diretora-presidente: Ubaldina Souza e Silva

Diretora-vice-presidente: Celi Klimeck

Diretora-secretária: Ivone Becker

Diretora-tesoureira: Úrsula Ana Stein Ruckhaber

Conselheiras fiscais: Carmelita Barbosa Machado, Acilda Ana Orth e
Clara Joana Lunkes.

46 | Nesses anos todos, a SEFAS empenhou-se em manter a entidade, para prestar um serviço humanizado e de qualidade às pessoas doentes e/ou enfermas, para qualificar o trabalho evangelizador, eclesial e de responsabilidade social.

A SEFAS, com alegria, vê aprovados projetos encaminhados à Missionszentrale Der Franziskaner (Alemanha) e à Central Geral do Dízimo, que vêm aliviar as carências nesse setor.

Em 2007 a SCALIFRA - ZN doou à SEFAS a propriedade em que funcionou a FACEM, localizada à Rua José Bonifácio, 2377, próxima ao Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, em Santa Maria. Aí estão se organizando novos serviços de assistência à saúde.

BIOGRAFIAS DAS MINISTRAS PROVINCIAIS

Ir. Maria Antoninha - Amália Francisca Werlang

Nascimento: 2/4/1909 • Profissão religiosa: 3/2/1933

Falecimento: 16/11/2001



Ir. Maria Antoninha nasceu em Santa Cruz do Sul - RS. Seus pais, Guilherme Werlang e Maria Fröhlich Werlang, tiveram oito filhos, ocupando Amália o 7º lugar. Profundamente cristãos, os pais souberam dar aos filhos uma educação fundamentada nos princípios do Evangelho. Em 1923, com apenas 14 anos, Amália perdeu o pai. Sua mãe, embora de saúde frágil, chegou aos 95 anos de idade, tendo conseguido a formação dos filhos e a unidade da sua família.

Amália, sentindo-se chamada à vida religiosa, entrou para o postulado em 21/2/1931 e, em 3/2/1933, fez sua profissão religiosa na Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, em São Leopoldo.

Muito habilidosa, distinguia-se pela firmeza nas decisões e coragem para novos empreendimentos.

48 | Exerceu o apostolado em diversas localidades. Lecionou no Colégio Nossa Senhora dos Anjos, em Porto Alegre (1933-1942), foi mestra das postulantes no Colégio São José, em São Leopoldo (1942-1948), e ministra local no Colégio Espírito Santo, em Bagé (1948-1951).

Com a criação da província em 25/3/1951, Ir. Antoninha foi nomeada, pelo então conselho geral, como 1ª ministra provincial. Assumiu o cargo em 2/4/1951, dia em que completou 42 anos, 79º ano da chegada das primeiras irmãs ao Brasil. Ir. Antoninha dirigiu a província por 13 anos. Exerceu essa missão com espírito jovial e corajoso, numa dinâmica de fé e de vibração pelo novo, abrindo os horizontes da missão. Expandiu a província, transpondo as fronteiras do Rio Grande do Sul, para levar a boa nova do evangelho e do carisma da congregação a outros estados do Brasil e ao Distrito Federal. Foi um gesto de muita confiança em Deus e coragem no risco. As irmãs, que foram as pioneiras nesses lugares, sabem contar a experiência profunda da ação de Deus em todos estes inícios.

Ir. Antoninha atuou ainda à frente da comunidade do Colégio Santíssima Trindade, em Cruz Alta (1964-1967) e da comunidade do Colégio Nossa Senhora de Fátima, em Brasília (1967-1973); foi ministra local da Comunidade São José, em Itaporã, Mato Grosso do Sul (1973-1975), e responsável pelo apostolado educacional da Escola Imaculada Conceição, em Dourados (1975-1999).

Com a saúde fragilizada, foi transferida para o Convento São Francisco de Assis, Santa Maria, integrando o grupo das irmãs orantes, como

apoio para a missão global da província. Ir. Antoninha teve a graça da longevidade, chegando aos 92 anos, em plena lucidez. Após uma intervenção cirúrgica, Ir. Antoninha teve que permanecer acamada. Soube acolher os cuidados que recebia das irmãs, das funcionárias e dos médicos que a acompanharam nos últimos tempos de sua vida. Partiu para a casa do Pai em 16/11/2001, às 14h45min. (Fonte: Necrologia, sede da província)

Ir. Maria Beniceta - Joana Stefani

Nascimento: 18/8/1921 • Profissão religiosa: 3/2/1944

Falecimento: 7/12/2004

50 |



Ir. Maria Beniceta nasceu em Passo Fundo, em 18/8/1921. Seus pais, Luiz Stefani e Elisa Martini Stefani, naturais da Itália, educaram seus seis filhos na fé cristã e no amor a Deus. As duas filhas do casal estudaram no Colégio Notre Dame, em Passo Fundo, e deram o SIM ao chamado à vida religiosa. Ir. Joana, na congregação de Madre Madalena, e Ir. Anies, na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, em Canoas.

Entrou para o postulado, em São Leopoldo, em 25/2/1942. No ano seguinte, em 2 de fevereiro, ingressou no noviciado, quando recebeu o nome religioso de Ir. Maria Beniceta. Em 3/2/1944 fez a primeira profissão religiosa.

Era uma pessoa de profunda intimidade com Deus. Há, em seus documentos, cópia de uma carta a ela dirigida, em que uma ministra provincial assim se expressa: “Irmã Joana, (...) a senhora com toda sua experiência de província, experiência de vivência na vida religiosa e vivência profunda de Deus, percebe melhor as coisas e sabe com maior firmeza discernir a vontade de Deus”.

|51

De personalidade introspectiva, construíra, no silêncio, sua capacidade de escuta e sabedoria. Assim, pode-se afirmar que suas palavras, na medida necessária, eram de admirável lucidez.

Sempre ocupou cargos de responsabilidade desde o início de sua vida religiosa. Trabalhou durante 8 anos em Cruz Alta, como professora e alfabetizadora. Em 1951, quando foi criada a província, foi nomeada mestra de postulantes. De 1951 a 1957, recebeu e orientou 178 postulantes, das quais 146 foram admitidas ao noviciado. De junho de 1957 a fevereiro de 1964, foi ministra local nas comunidades do Colégio Franciscano Espírito Santo, em Bagé, e do Colégio Franciscano Sant’Anna, em Santa Maria.

De fevereiro de 1964 a agosto de 1973, teve o encargo de ministra provincial, compreendendo dois períodos. Compartilhava sempre as alegrias das irmãs e chorava com as que sofriam.

De agosto de 1973 a julho de 1984, foi ministra local nas comunidades do Colégio Franciscano Santíssima Trindade, em Cruz Alta, e por duas vezes na comunidade do Colégio Franciscano Sant’Anna.

Em julho de 1984, foi eleita ministra provincial pela terceira vez e permaneceu nesse ministério até janeiro de 1989. Terminada a missão de dirigir a província, foi designada ministra local da comunidade do Colégio Franciscano Espírito Santo, em Bagé, onde marcou presença até fevereiro de 1992.

De 1992 a 1996, pertenceu à comunidade da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima, em Brasília, e lá festejou o jubileu de ouro, escolhendo, como idéia-força, a expressão que Paulo coloca na 2ª Carta a Timóteo: “Sei em quem acreditei”.

De 1996 a fevereiro de 2004, foi presença na comunidade do Colégio Franciscano Sant´Anna e, a partir de fevereiro de 2004, deixou sua marca de bondade, serviço e dedicação na comunidade da UNIFRA. Sua solicitude por tudo e para com cada irmã era inconfundível.

No dia 21 de novembro, quando se dirigia ao convento para participar da missa e sepultamento de Ir. Ludemilla Heck, sofreu uma queda, teve fraturas no fêmur e no antebraço esquerdo. Foi hospitalizada e internada na UCOR, devido a uma embolia pulmonar. Apresentou melhora e mostrou-se interessada por tudo. Teve nova embolia pulmonar, às 6 horas do dia 7 de dezembro, seguida de duas paradas cardíacas, vindo a falecer às 10h45min. Entregou sua vida ao Senhor, deixando para a província o benefício, a memória, o profundo apreço e gratidão por todo o bem realizado, nos seus 60 anos de vida e trabalho na congregação.

Ir. Joana permaneceu lúcida até os últimos momentos. Disse à Ir. Maria Tereza Anschau, que a visitou momentos antes de falecer: “Estou mal, acho que Deus vem me buscar”. Deixou seu testemunho de fé, oração e conformidade com a vontade de Deus. Sempre foi um forte ponto de referência para todas as irmãs, pelo seu grande amor à congregação e dedicação incansável à província e às irmãs.

Para Ir. Joana vale a afirmação de Santo Antônio de Pádua, franciscano contemporâneo de São Francisco de Assis: “É viva a palavra, quando são as obras que falam”. (Fonte: Necrologia, sede da província).

Ir. Ângela Vieira da Costa - Neiva Vieira da Costa

Nascimento: 30/8/1925 • Profissão religiosa: 1954



Ir. Ângela Vieira da Costa, natural da cidade de Bagé, nasceu em 30/8/1925. Recebeu de seus pais o nome de Neiva Vieira da Costa. Seu pai, Manoel Costa, nasceu em Castanheiras – Portugal, e sua mãe, Maria Joaquina Vieira da Costa, também era de origem lusa, porém nascida no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande.

A mãe faleceu quando a caçula Neiva ainda era adolescente. Seu pai, que era comerciante, conduziu bem a família e procurou formar os filhos, oportunizando-lhes uma profissão e uma vida estável. Neiva fez seus estudos de nível fundamental e médio no Colégio Franciscano Espírito Santo, como suas irmãs e seu irmão João. Fez o curso complementar, equivalente ao curso normal, e exerceu a docência no mesmo colégio. Com a vivência da filosofia da escola e o comprometimento na missão, a professora Neiva sentiu-se chamada à vida religiosa franciscana.

54 | Ingressou no postulado em 1951, exatamente quando era criada a Província do Imaculado Coração de Maria. Na congregação, recebeu o nome de Ângela. Fez sua primeira profissão religiosa em 1954, indo em seguida para Santa Rosa, onde exerceu a docência até 1957. Nesse ano, Ir. Antoninha e o conselho provincial decidiram enviá-la para Roma a fim de cursar Teologia no Instituto Regina Mundi. Em Roma, Ir. Ângela permaneceu até 1961. Ao retornar, fixou residência no Colégio Sant' Anna, onde trabalhou com ensino religioso e, na FIC, com Introdução à Teologia e, depois, Cultura Religiosa. Enquanto isso, concluiu, na Universidade Católica de Pelotas, o curso de História. Em 1961, Ir. Antoninha a nomeou mestra das irmãs junioristas, no encargo de acompanhar e orientar as jovens irmãs.

Quando, em 1967, Ir. Clélia Phillipsen foi eleita assistente geral, Ir. Ângela a substituiu no conselho provincial, até 1973, quando foi eleita ministra provincial. Permaneceu no cargo, contando uma reeleição, até 1984. Ir. Ângela, pessoa de profunda espiritualidade, sempre se destacou pela capacidade de comunicação, entusiasmo, comprometimento com a Igreja e a congregação. Muito se empenhou para que nas comunidades se compreendesse melhor e se praticasse o cultivo da fraternidade. Diante da fraqueza e do sofrimento alheio, é extremamente misericordiosa e terna.

Ao deixar o provincialado, Ir. Ângela retornou ao Colégio Sant' Anna, na função de ministra local, de 1984 até 1990. Após esse período de in-

tensa atividade, ainda aceitou servir como ministra em comunidades menores, como a do Santuário de Adoração em Pelotas, por duas vezes, e a Comunidade Nossa Senhora das Graças, em Bagé. Desde 1996, Ir. Ângela faz parte da comunidade do Colégio Franciscano Espírito Santo, é presença significativa para todos, não só entre as irmãs, mas também na comunidade escolar.

Ir. Claudete da Rosa - Zair da Rosa

Nascimento: 10/2/1933 • Profissão religiosa: 3/2/1958



Ir. Zair da Rosa nasceu em 10/2/1933, em Vila Freire, município de Canguçu. De caráter alegre, espontâneo, de pais muito simples, José da Rosa Garcia e Tereza Leal da Rosa, Ir. Zair é a penúltima de seis irmãos, dos quais os três mais velhos são homens e as três menores, mulheres.

Nas coxilhas de Canguçu, Deus a encontrou e fez-lhe o convite para segui-lo com exclusividade. Zair, na sua espontânea generosidade, disse sim e buscou caminhos. Encontrando as irmãs franciscanas, na Santa Casa de Pelotas, procurou escutar com ouvido de discípula e ingressou na vida religiosa em 1955. Passando pelos três primeiros anos de formação intensa e exclusiva para a vida religiosa, pronunciou seus votos a Deus em 3/2/1958. Sua primeira casa, como religiosa, foi o Colégio Franciscano Espírito Santo, em Bagé. Na congregação recebeu o nome de Ir. Claudete. Sentindo-se vocacionada para a enfermagem, formou-se na FACEM, em Santa Maria, especializando-se, depois, na área da administração hospitalar.

Exerceu sua missão junto aos doentes como enfermeira e como responsável pela administração da enfermagem, no Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, em Santa Maria, na Santa Casa de Rio Grande, no Hospital de Caridade de Santa Rosa e na Santa Casa de Pelotas. O Hospital de Caridade em Santa Maria e a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas foram seus lugares de maior permanência.

De 1980 a 1988, Ir. Zair foi assistente do conselho provincial e membro do conselho deliberativo da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte. Em 1988, foi eleita ministra provincial. Com a reeleição, permaneceu no cargo até 1996. Fundou e organizou a AFMD, que, em 2000, passou a chamar-se União Franciscana de Cultura e Caridade Cristã - UFCC, e abriu a província para o país da Guatemala.

Marcou suas irmãs por seu perfil de pessoa liberta e pela expressão alegre em meio ao apostolado intenso, tão característico das filhas de Madre Madalena. Atualmente, Ir. Zair exerce a função de supervisora geral dos serviços da Santa Casa de Pelotas, diretamente ligada à provedoria, e continua como membro efetivo da Associação Protetora do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo, associação constituída de 40 membros, que vão sendo substituídos por motivo de falecimento ou pedido de demissão.

Ir. Eunice Schneider - Anísia Margareta Schneider

Nascimento: 6/9/1935 • Profissão religiosa: 3/2/1958



Ir. Anísia Margareta Schneider nasceu em São Paulo das Missões em 6/9/1935, filha de João Benno Schneider e Elfrieda Göetz. De família numerosa e profundamente cristã, Anísia, sentindo-se chamada para a vida religiosa, ingressou na congregação no ano de 1955, recebendo o nome de Ir. Eunice. Pronunciou os votos religiosos em fevereiro de 1958.

É graduada em Pedagogia, pela Universidade Católica de Pelotas – Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras de Bagé, 1965; em Matemática, pela FIC, 1969, e em Administração Escolar, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1976. Fez sua especialização em Administração Escolar pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, de Santa Rosa - RS, 1985.

Exerceu suas atividades profissionais em vários setores ligados à educação. Foi professora e diretora em escolas de educação básica da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, pelo período de 21 anos; professora do ensino fundamental e médio em escolas do estado do Rio Grande do Sul.

Na cidade de Bagé, sua contribuição pela formação dos estudantes na educação básica a manteve por 12 anos na função de coordenadora do setor diocesano de educação. Por sua experiência e habilidades na gestão educacional, desempenhou a liderança na coordenação do setor de educação da província das irmãs franciscanas. Exerceu a docência na Universidade Regional da Campanha - URCAMP, pelo período de cinco anos.

Foi membro do conselho administrativo da SCALIFRA - ZN, de 1988 a 1995. Posteriormente, no período de 1996 a 1999, como ministra provincial, exerceu simultaneamente a presidência dessa entidade mantenedora.

Na FIC foi professora, no ano de 1990, e diretora, de 1991 a 1996. Nesse período, articulou e criou bases para o fortalecimento e a expansão da FIC. Projetou e encaminhou possibilidades para a reestruturação e crescimento da instituição. Empenhou-se, providenciando condições materiais e, sobretudo, potencial humano, indispensável ao projeto de desenvolvimento da FIC como instituição de ensino superior. Em sua visão de educação, entendia a necessidade de aprimorar e de expandir a abrangência da FIC e da FACEM como instituições de educação superior, de acordo com a situação daquela época. Ao mesmo tempo, foi criando a possibilidade de esta idéia tornar-se realidade. A criação da FAFRA aconteceu quase ao final do período de sua gestão como diretora.

Como educadora ou gestora institucional, caracterizou-se pelo dinamismo, organização e planejamento do processo educativo. Pessoa de relacionamento simples e de comunicação espontânea, receptiva a novas idéias, sua capacidade de encontrar soluções é animada de esperança em sintonia com sua visão de futuro.

Quando da integração da FIC e da FACEM, sobre o projeto institucional, assim se expressou em entrevista ao jornal da Associação dos Professores da Universidade de Santa Maria (APUSM): “Se estão confiando em nós, só podemos responder sim. Faremos o que estiver ao nosso alcance para que este projeto concebido e acalentado durante muitos anos possa tornar-se uma realidade positiva. Este processo exige mudanças, desapego de idéias, de coisas e de espaços físicos. É uma oportunidade de crescimento. Professores e alunos acolhem bem a nova realidade. Estão alegres e esperançosos. Sem dúvida, estamos diante de um grande desafio”. Esse processo constituiu-se numa decisão fundamental para o crescimento e o desenvolvimento da instituição. Foi uma opção acertada, pela qual aconteceu o passo inicial da UNIFRA.

Atualmente, na função de ministra geral da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, cuja sede do conselho geral localiza-se em Roma, continuamos a reconhecer seu exemplo de educadora. Compôs, de forma segura e inovada, uma trajetória de vida alicerçada na filosofia e na espiritualidade franciscana¹³.

13Alguns dados foram extraídos de Silva, 1997, p. 121-123.

Ir. Rosane Sturm - Guisella H. Sturm

Nascimento: 15/5/1937 • Profissão religiosa: 3/2/1958



Ir. Rosane Sturm nasceu em São Luiz Gonzaga e ocupa o 10º lugar entre os 15 filhos de José Nicolau Sturm e Josefina Schmitz Sturm. Aos 12 anos, perdeu o pai. A mãe, mulher de coragem, procurou conduzir a família, zelando pela vivência dos valores cristãos e pelo crescimento na fé que caracterizavam a comunidade paroquial de Cerro Largo da qual a família fazia parte. Essa base religiosa familiar proporcionou o seguimento na vida religiosa de outras duas irmãs de Ir. Rosane: Ir. Renata e Ir. Alice.

Tendo professado em 1958, Ir. Rosane optou por aperfeiçoar-se na profissão de educadora. Dotada de facilidade para línguas, em 1961 prestou exame de suficiência em inglês, o que lhe possibilitou lecionar essa disciplina no curso ginásial. Nos primeiros anos de vida religiosa, exerceu sua missão de educadora nos colégios Santíssima Trindade, em Cruz Alta, Nossa Senhora Aparecida, em Canguçu, Santa Rosa de Lima, em Santa Rosa, e Colégio Sant'Anna, em Santa Maria.

62 |

Em 1965, licenciou-se em Letras pela FIC. Complementou esse estudo com especialização em Lingüística, no Instituto Lingüístico Latino-Americano da Universidade da República do Uruguai.

Para um trabalho mais efetivo na área pastoral e em nível de Conferência dos Religiosos do Brasil, fez, de 1971 a 1973, o Curso de Teologia da Vida Religiosa no Instituto Lumen Vitae, em Bruxelas, filiado à Universidade Católica de Louvain.

De 1974 a 1984, assumiu a cadeira de Cultura Religiosa na FACEM. Trabalhou na pastoral diocesana e na formação permanente da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). Em 1984, foi eleita para o conselho geral e, cinco anos após, foi eleita primeira assistente geral, permanecendo, dessa forma, por dez anos fora do país, a serviço da congregação.

Retornando ao Brasil, fez parte do corpo docente da FIC e, em 1996, exerceu a função de vice-provincial, assumindo, concomitantemente, a função de ministra local na comunidade Nossa Senhora Medianeira. Com a eleição de Ir. Anísia Margareta Schneider para a função de ministra geral da congregação, Ir. Rosane assumiu a direção da província na qualidade de vigária provincial. Eleita ministra provincial no ano 2000, permaneceu até 2004. A partir dessa data, integra a comunidade da UNIFRA. Na província coordena o Programa de Formação Permanente.

Ir. Rosane, dotada de boa comunicação e de liderança, por sua qualificação teológica e cultura geral, é muito solicitada para trabalhos formativos, tanto por congregações religiosas como por grupos de lideranças cristãs.

Ir. Claricia Terezinha Thomas

Nascimento: 23/11/1949 • Profissão religiosa: 13/2/1977



Ir. Claricia Terezinha Thomas nasceu em 23/11/1949, em São Paulo das Missões, pertencente, na época, ao município de São Luis Gonzaga. Seus pais, Beno Thomas e Rosália Thomas, agricultores, de ascendência germânica, tiveram sete filhos, ocupando, Claricia, o 5º lugar entre os irmãos.

Fez o curso primário em Salvador das Missões, no Grupo Escolar João de Castilhos, e o curso ginásial, no Ginásio Estadual de Salvador das Missões. Após essa etapa de formação, Claricia, desejando exercer a enfermagem, foi para Santa Maria, onde fez o curso Auxiliar de Enfermagem, da FACEM. Iniciou sua carreira profissional no Hospital de Caridade Astro-gildo de Azevedo, trabalhando como auxiliar de enfermagem, na sala de recuperação e no centro cirúrgico. Dessa forma, conheceu mais de perto as irmãs franciscanas, seu trabalho e sua missão, o que confirmou a vocação de ser enfermeira e franciscana.

64 | Seguindo o exemplo de sua irmã, Ir. Maria Eulália, ingressou na Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã e, em 13/2/1977, fez sua profissão religiosa, tendo como lema “Tudo posso naquele que me conforta”, frase da carta de São Paulo Apóstolo aos Filipenses (Fl. 4,13). Esse lema sustentou-a e fortaleceu-a em muitos momentos decisivos de sua vida.

Exerceu sua primeira missão trabalhando por cinco anos na pediatria da Santa Casa de Pelotas, período em que concluiu o ensino médio no Colégio Estadual Nossa Senhora de Lourdes.

Em 1986, graduou-se em Enfermagem pela FACEM, e, no ano de 1993, licenciou-se em Filosofia pela FIC. Conquistou, em 1987, o certificado de especialista em Pedagogia da Enfermagem Médico-Cirúrgica, pela FACEM. Mais tarde, matriculou-se no Curso de Mestrado em Enfermagem – área de concentração em Assistência de Enfermagem, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concluindo-o em 1998, com a defesa da dissertação *O Cuidado de Enfermagem ao Paciente Terminal*, o que lhe conferiu o título de Mestre em Enfermagem. Prosseguindo no estudo da temática da dissertação, em 1999 publicou o livro *O Cuidado ao término de uma caminhada*.

Ir. Claricia, como enfermeira, dedicou-se ao ensino de enfermagem, de 1986 a 2004, nos cursos de Auxiliar de Enfermagem, Técnico de Enfermagem, Graduação em Enfermagem e nos cursos de Especialização em Administração dos Serviços de Enfermagem e Enfermagem em Saúde Pública, pela FACEM, da qual foi também diretora no período de 1993 a 1995.

Com a integração da FIC e da FACEM, processo de unificação do qual participou intensamente, Ir. Clarícia continuou como docente nos cursos Técnico de Enfermagem e Enfermagem. Na FAFRA, assumiu o cargo de vice-diretora e, depois, na UNIFRA, o cargo de vice-reitora, de 1998 a 2004, quando foi eleita ministra provincial, para o período de 2004 a 2008.

Como ministra provincial, Ir. Clarícia tem-se distinguido pela alegria e tranqüilidade com que gerencia situações novas e adversas. Tem dedicação carinho e preocupação em atender às necessidades das irmãs, especialmente das idosas e doentes. É simples no falar e no agir.

DEPOIMENTOS DE ALGUMAS LIDERANÇAS

Silveira Netto (1987, p. 60) reporta belos depoimentos de Madre Antoninha sobre os primeiros tempos de ministra provincial. Seguem alguns tópicos:

|65

“(...) Senti-me honrada e ao mesmo tempo acanhada para assumir tal cargo. (...) Aceitei com satisfação e entusiasmo o cargo, desconhecendo, entretanto, em profundidade, a grande responsabilidade que eu tinha de levar avante uma obra de tão grande envergadura.”

Com relação a suas primeiras providências e impressões diz (p. 60):

“Inicialmente, no planejamento da província, procurei conhecer as 18 comunidades. Passando pelas casas, fui notando, em geral, o bom espírito e bastante compreensão de todas as co-irmãs. A grande maioria das irmãs dispunha, então, de pouco estudo, pouco espírito de iniciativa. A criatividade era pouco estimulada. A mentalidade da época, antes do Vaticano II, era usar mais a severidade do que a misericórdia. Nas instruções semanais a ministra local dava diretivas para o bom andamento da casa e fazia advertências, quando necessárias, pelas faltas cometidas. A religiosa confessava sua culpa e não procurava justificar-se. De outro lado, naqueles tempos era mais fácil dirigir a província do que hoje em dia. As transferências das irmãs de uma casa para outra eram simplesmente dadas por intermédio da ministra local. Conforme compreensão nossa, achávamos isso o mais acertado, fruto da mentalidade da época.”

Sobre as fundações, criadas durante sua gestão, comenta (p. 61):

“Das fundações criadas durante a minha gestão, qual a que me marcou mais profundamente? As três fundações fora do estado do Rio Grande do Sul foram bastante marcantes para mim. O que mais me impressionou era conhecer outros tipos de pessoas, pois achava, naquele tempo, que o Brasil era o Rio Grande do Sul. (...) Porém, a fundação que mais profundamente marcou meu coração foi a de Mato Grosso, em Dourados. Por quê? Acho que foi porque ali encontramos vastíssimo campo de missão. Um povo sofrido, simples, sincero, procedente de diversos estados da União, à procura de uma vida melhor. Em geral, as pessoas eram acolhedoras, amigas, demonstrando muita confiança nas irmãs.”

Com relação à visitação (p. 61):

66 | “A visitação das diferentes casas era um problema sério. As viagens não eram fáceis naqueles tempos. No início eram quase todas de trem, cansativas e demoradas. Quando começaram as visitas fora do Rio Grande do Sul, viajávamos de avião. Mais tarde, com a criação das rodovias - muitas ainda sem asfalto -, as viagens tornaram-se mais fáceis. Eu procurava sempre realizar as viagens de visitação com entusiasmo e otimismo. Naqueles tempos não havia condições melhores”.

A respeito do convívio com as irmãs (p. 61):

“Experimentava grande alegria ao encontrar as irmãs firmes, satisfeitas no cumprimento dos deveres que lhes eram confiados. Temia não poder satisfazer a todas como eu o desejaria. Preocupava-me quando uma ou outra religiosa, por falta de compreensão ou de adaptação, constituía um ponto negativo na fraternidade. Entendo agora que, por falta de percepção ou de competência minha, não conseguia resolver ou satisfazer os problemas que se me apresentavam. Preocupava-me, outrossim, o pouco preparo profissional da maioria das irmãs. A fundação de uma faculdade de filosofia na província e logo depois da escola superior de enfermagem vieram contribuir grandemente na formação de professoras e enfermeiras capacitadas na Província do Imaculado Coração de Maria”.

Com relação aos momentos que lhe causaram forte e profunda impressão no início da província (p. 62):

“O que me causava então íntima e confortadora impressão era a afluência de novas candidatas vocacionadas que procuravam a nova província. Posso afirmar com sinceridade que me sentia bem na provisória casa-mãe, no Colégio Sant’Anna, mas não posso negar também que foi um momento de grande alegria, quando, a 13 de abril de 1956, foi inaugurada oficialmente a nova casa-mãe, com o nome de Convento São Francisco de Assis. Dom Antônio Reis, então bispo diocesano, foi quem presidiu a todas as cerimônias. Era igualmente reanimador verificar como as comunidades todas se sacrificavam para enviar generosamente ajuda em víveres e em auxílio financeiro para sustentar a nova província. Aos poucos fomos comprando algumas casas modestas na vizinhança próximo ao convento. Essas moradias foram adaptadas para salas de aula. Assim, foi possível reunir crianças pobres que moravam nas redondezas. Foi então criada a escola gratuita Santo Antônio para dar ensino a essas crianças que perambulavam pelas ruas. A Prefeitura cedia professores que atendiam a escola. Aos poucos, foi possível ampliar a construção do convento, levantando-se outra ala para o provincialado e finalmente uma nova e ampla capela. Rendemos graças a Deus por tudo o que Ele nos fez, por tudo o que recebemos tão imerecidamente.”

|67

Seguem segmentos de alguns depoimentos sobre a aceitação da fundação de uma nova província por parte de outras lideranças, reportados por Silveira Netto (1987, p. 51 - 56).

Ir. Clélia Philippsen (p. 51) expressa:

“O amor pela Província do Sagrado Coração de Jesus, que acolheu os nossos sonhos de esperança e o nosso entusiasmo ao entrarmos na congregação, foi grande. E é muito natural que a notícia da divisão da província causou, em muitas irmãs, um forte impacto. Durante os meses em que se tratou da criação da nossa província, eu passei por três comunidades: Colégio Santíssima Trindade, em Cruz Alta; Colégio São José, em São Leopoldo, onde passei dois meses antes de assumir a difícil tarefa de ministra do Colégio Espírito Santo, em Bagé. Tive, assim, oportunidade de ouvir as mais diversas opiniões e testemunhos; atos de muita generosidade e abnegação

da parte de várias irmãs. Umás oferecendo seus préstimos para trabalhar e orar pela novel província; outras externando seu pesar pela separação. Várias irmãs souberam fazer desse sacrifício a expressão mais eloqüente do seu amor a Deus. E o Senhor não Se deixou vencer em generosidade. A Província do Imaculado Coração de Maria floresceu e cresceu rapidamente. Deus a abençoou com muitas e promissoras vocações”.

Silveira Netto (1987, p. 51) traz o depoimento de Ir. Rosa Leonilda Braun:

68 | “O meu primeiro impacto, quando soube que as duas províncias iriam separar-se, foi de NÃO desejar ficar na nova província. (...) As cidades, onde se situavam as casas da nova província, me eram desconhecidas. (...) Nos primeiros tempos tive de fazer um esforço muito grande. (...) Refletindo depois, cheguei à conclusão de que essa mudança foi muito válida. A nossa província se desenvolveu bem. Houve boa vontade e colaboração de todas as irmãs”.

Ir. Elisabetha Frölich (Ir. Laurissa) dá este depoimento (p. 62):

“Na época da criação da província, estávamos acostumadas a transferências de casas e de trabalho, sem sermos consultadas previamente. E, muito menos, em escolher e opinar sobre o que nos esperava na casa para onde éramos transferidas. (...) Tive e ainda tenho grande amor à Casa, onde realizei meu postulado e noviciado – Colégio São José, em São Leopoldo, Província do Sagrado Coração de Jesus. Ali passei meus primeiros anos de vida religiosa. Ali fiz a preparação para a vida religiosa. Quando foi da criação de nossa província, disseram-nos que sempre poderíamos visitar outras comunidades, o que na prática não aconteceu. Não deixou de ser-nos difícil uma separação de tantas irmãs queridas, da mestra de noviças e postulantes, das colegas de turma. Reconhecendo esse lado humano que foi o de ficarmos cada uma onde então nos encontrávamos, teve também seu lado positivo”.

Ir. Clarice Rodrigues Pinto dá o seguinte testemunho (p. 53):

“Não tive impacto quanto à criação da Província do Imaculado Coração de Maria. Decorreu tudo muito simplesmente para mim. A nova mi-

nistra provincial, Madre Antoninha Werlang, fora minha ministra, onde me encontrava - Bagé, e eu já era sua conhecida lá nos 'Anjos', onde ela foi professora dos garotos do externato e eu era interna... Por ocasião das mudanças, fiquei na mesma casa em que me encontrava - Bagé, Colégio Espírito Santo. Em Bagé, a comunidade sentiu muito a transferência de Madre Antoninha, que era muito estimada também pelos bageenses. Com a nomeação de Madre Clélia Philippsen para ministra, todos logo se acostumaram ao seu modo de dirigir a comunidade e, em breve, tudo se acomodou. Sobre a mestra de noviças tenho a dizer que achei excelente a escolha, uma vez que eu conhecera Madre Elenara Vogel, como ministra do internato em que eu estivera - em Porto Alegre, onde ela era muito querida e apreciada por sua sólida formação e maneira de tratar internas e pessoas com quem ela conviveu, na capital julgavam-na muito educada e de mão firme. (...) Falando sobre raízes, quero dizer que, graças a Deus, não sou muito arraigada ao que passa. Gostei de São Leopoldo - Colégio São José, é claro - mas não me considerava enraizada. Sinto-me 'em casa' quando lá estou, o que não sinto quando vou ao convento, aqui. Raízes ocultas? Quem sabe?!".

|69

Ir. Ivone Erbes, 4ª assistente do primeiro conselho provincial e secretária provincial, sobre os primeiros anos da novel província (p. 54), diz:

"Algun tempo antes da publicação oficial da uma segunda província brasileira, falou-se sobre pessoas que poderiam ocupar cargos na direção da província do Imaculado Coração de Maria. (...) Eu, pessoalmente, nada esperava, nem desejava. Grande foi, pois, minha surpresa ao ser nomeada para fazer parte do primeiro conselho provincial. (...) Como a mais jovem do conselho provincial, e inexperiente, julgava eu que, no início, teria pouco a dizer e fazer. As outras assistentes seriam exemplo e apoio no meu trabalho. Após as primeiras reuniões do conselho, senti-me engajada e formamos um grupo unido, coeso, disponível para servir em todas as atribuições que nos cabiam. Antes de iniciar outro trabalho, Ir. Antoninha Werlang fez uma rápida visita às 18 comunidades, a fim de conhecer pessoalmente todas as irmãs e seu trabalho na missão que lhes era confiada. Como companheira de viagem, pude verificar que o primeiro contato pessoal e mútuo conhecimento foi plenamente acolhido pelas irmãs, comunidades e outros colaboradores de nosso trabalho em conjunto. Assim puderam ser estudadas as prioridades e necessidades urgentes para a continuação eficiente em nosso

apostolado. Um grande empreendimento foi a expansão das nossas obras além das fronteiras do Rio Grande do Sul, no estado do Mato Grosso, com a fundação da Comunidade de Dourados. Novas construções e/ou aumento de prédio em Jaguarão, Santa Rosa e outros, como também a construção da casa provincial e do noviciado em Santa Maria, foram levadas a efeito com muita coragem e satisfação. (...)”.

MISSÕES DA PROVÍNCIA

Segue a história das instituições pertencentes à Província Imaculado Coração de Maria, ordenadas geográfica e cronologicamente a partir do ingresso das irmãs.

SANTA MARIA - RS

70|

A cidade “Coração do Rio Grande” tinha 50.000 habitantes quando foi instalada a província. Hoje são 250.000. Essa terra foi, em tempos mais antigos, habitada pelos índios tapes e minuanos. Está situada ao pé da Serra Geral, contornada por maravilhosas montanhas. Frequentemente é castigada pelas fortes rajadas do característico Vento Norte. A cidade cultura exerce importante liderança na difusão do conhecimento e de novas tecnologias, tendo em vista o número significativo de instituições de ensino superior, médio e fundamental. É um centro religioso da maior importância, especialmente com os santuários da Medianeira e de Schönstadt, para onde afluem numerosos peregrinos. Seus prédios históricos localizam-se nas proximidades da praça central, marco do acampamento dos demarcadores das fronteiras entre Portugal e Espanha (Tratado de Santo Ildefonso, 1777), e que, em outros tempos, foi o centro político, religioso, econômico, cultural e social da cidade. Lá está a bela catedral, onde se podem admirar as pinturas do bergamasco Aldo Locatelli. O restaurado Theatro Treze de Maio é um orgulho dos santa-marienses. A ferrovia fez história e representou muita vida para a cidade, servindo de ligação para todo o estado do Rio Grande do Sul¹⁴. Neste ano de 2008, Santa Maria celebrou seu sesquicentenário.

¹⁴ Fontes consultadas para os dados sobre as cidades e localidades desta obra: internet (Wikipedia, portais das cidades etc.).

HOSPITAL DE CARIDADE DR. ASTROGILDO DE AZEVEDO

Fundação: 17/7/1898 • Chegada das irmãs: 2/9/1903

Inauguração: 7/9/1903 • Instituição de terceiros



|71

A fundação do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo ocorreu em 17/7/1898. As obras da construção iniciaram em 1899. Quem liderou o processo foi o médico Astrogildo de Azevedo, com a colaboração da Sociedade de Caridade Santa-mariense. Uma das maiores preocupações dos fundadores era a quem confiar o cuidado dos enfermos. É aqui que entra a participação decisiva da Congregação das Irmãs da Penitência e Caridade Cristã. Nesse sentido a congregação foi procurada, dado que já era bem conhecido o trabalho das irmãs, especialmente por ex-alunas de colégios das irmãs fora de Santa Maria.

Aceito o pedido, foram designadas cinco irmãs para constituir a nova comunidade, tendo como ministra Ir. Justina Huber. Chegaram em 2/9/1903, acompanhadas por Madre Ludgera Hellwig.

O médico Astrogildo de Azevedo¹⁵, com sua família, e outras personalidades influentes da comunidade, mais um grupo de ex-alunas do Colégio São José, de São Leopoldo, e numeroso povo deslocaram-se até a estação ferroviária, onde aconteceu uma calorosa acolhida às irmãs. A inaugura-

¹⁵ Astrogildo nasceu em 30/1/1867, em Porto Alegre, e mudou-se para Santa Maria em 1890.

ção do novo hospital estava marcada para o dia 7 de setembro. Não havia tempo a perder e muita coisa por fazer. Mas as irmãs não se intimidaram; no dia subsequente à chegada, arregaçaram as mangas e começaram o trabalho, primeiro com a limpeza geral do prédio e, depois, com a preparação e decoração do ambiente.

Chegou o dia 7, feriado nacional em comemoração à independência do Brasil. Com a presença de autoridades, de convidados e muita gente do povo, foram realizados os atos inaugurais. Após a missa solene, houve a bênção do prédio. A visita pública às dependências do hospital durou o dia todo.

Para sentir o entusiasmo da população, vale a pena ler um texto de Madre Ludgera, extraído de carta dirigida à ministra geral, onde escreve enfaticamente a participação e o envolvimento dos visitantes:

As pessoas vieram, não às centenas, mas aos milhares. Eram brancos, pretos, morenos, amarelos, homens e mulheres, adultos e crianças a passarem em massa, pela casa. Santa Maria inteira se movimentou e acredito que, dos seus dez mil habitantes, somente poucos faltaram. Tudo foi por eles examinado e apreciado. Onde quer que houvesse uma imagem ou quadro religioso ao alcance da mão, pegavam-no e beijavam-no. Persignavam-se devotamente com abundante água benta das pias e até com a água comum da torneira onde o celebrante lava as mãos antes da santa missa. Quanto a nós, Irmãs, muitos se paravam a nossa frente para olhar-nos dos pés à cabeça, pois nunca tinham visto religiosas. O povo, em geral, é bom, mas ignorante em matéria de fé: um campo imenso de apostolado (apud FLESCHE, p. 85).

O hospital foi dedicado a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e iniciou os seus trabalhos, recebendo enfermos, em 1/10/1903. Nos primeiros tempos, a média mensal de atendimentos girava entre 30 e 35 enfermos, atendidos por sete dedicados médicos. As irmãs sempre demonstraram elevada competência profissional e uma dedicação sem limites. O exemplo frutificou, algumas senhoras da comunidade buscaram instrução religiosa e umas vinte jovens se interessaram pela vida religiosa.

Em 1951, foi construído um novo pavilhão. O andar superior foi cedido para a clausura das irmãs. Em 7/9/1963, o hospital comemorou o 60º aniversário de fundação e de presença das irmãs franciscanas. Nesse evento, fizeram-se presentes os dois únicos fundadores sobreviventes, Cel. Eustáquio Lemos e Ir. M. Agatha Gheno. Duas placas de bronze, no corredor central, perpetuam a homenagem aos sócios fundadores e às irmãs.

COLÉGIO FRANCISCANO SANT'ANNA

Fundação: 4/3/1905 • Ingresso das irmãs: 28/2/1905

Inauguração: 4/3/1905



As Escolas Franciscanas, mantidas pela SCALIFRA-ZN, têm como legado a concepção teológica de Deus trindade: Deus Pai Criador, revelado; Deus Filho salvador, encarnado; Deus Espírito Santo santificador, enviado. Deus, único na trindade, manifesta-se na criação, redenção e santificação do universo. Deus Pai, próximo e presente na história, enviou seu Filho Jesus que, pela encarnação, vida e ressurreição, reconciliou por amor os seres humanos consigo, entre si e com o cosmo, estabelecendo a nova relação, guiada pelo Espírito Santo (RUPOLO. In: Barin, 2006, p. 39).

Em 1903, as irmãs franciscanas iniciavam em Santa Maria o trabalho com os enfermos, no Hospital de Caridade, o que lhes granjeou grande admiração e prestígio. Conforme Flesch (p. 91), logo a comunidade pleiteou que as irmãs desenvolvessem atividades também com a educação. O pedido foi dirigido à Madre Ludmila, ministra geral, por ocasião de sua passagem por Santa Maria. Assim sendo, veio logo a autorização para que a ministra da missão alugasse, por três anos, uma casa nas proximidades do Hospital de Caridade. De fato, uma casa foi alugada à antiga Rua Ipiranga, em frente ao hospital. Mas, naquele momento, faltavam recursos humanos, e só dois anos mais tarde foi possível iniciar o trabalho de educação.

Em 28/2/1905, foram enviadas seis irmãs para formar a nova comunidade que iria construir uma bela história na educação. Desembarcaram na estação ferroviária de Santa Maria, acolhidas calorosamente por Madre Justina, da comunidade do hospital, e por um grupo de senhoras, ex-alunas de Santa Cruz do Sul e de São Leopoldo. Foram estas as irmãs: Madre Maria Cláudia Kiper (ministra), Ir. Cornélia Muller, Ir. Bernadete Vogel, Ir. Engelbertha Leidenfuhs, Ir. Luitburga Wömmmer e Ir. Ângela Scholl. O dia 4 de março de 1905 é considerado data de fundação do Colégio Sant' Anna.

As atividades foram iniciadas de imediato. O pequeno prédio alugado, situado à Rua Ipiranga (hoje Presidente Vargas), foi adaptado para funcionar como colégio. E assim, em 4/3/1905, foi solenemente inaugurado o novo colégio, sob a proteção de Sant' Anna, com missa de inauguração e a tomada de posse das irmãs. Foram iniciadas as atividades escolares, com apenas 30 alunas. Esse número, porém, até o final do ano subiu para 50. A idéia primeira foi de o colégio funcionar como externato, mas, diante de insistentes pedidos, foram aceitas internas.

O espaço físico não dava mais conta para o número crescente de alunas. Daí veio a decisão de construir um colégio próprio, com espaço e estruturas suficientes para atender às necessidades das numerosas matrículas. As irmãs, guiadas pelo espírito do "Deus providebit", procuraram uma área maior e mais adequada para o funcionamento de um colégio. De fato, foi comprada a área onde até hoje funciona o colégio, à Rua dos Andradas. Em 1/3/1907, foi possível fazer o lançamento da pedra fundamental, com a bênção do Pe. Caetano Pagliuca.

As obras seguiram em ritmo acelerado, possibilitando que, em 23/7/1908, fosse feita a mudança para o novo prédio. Na verdade o prédio

não estava completo, mas já dispunha de capela, cozinha, refeitórios e dormitórios, além das salas de aula indispensáveis.

As atividades da escola seguiam normalmente, sob a proteção de Deus e com a dedicação sem limites das irmãs. O currículo era enriquecido com aulas de religião, música, pintura, desenho, bordado e costura. O envolvimento das irmãs e dos alunos nas atividades paroquiais e do próprio município eram bem relevantes. Esse começo humilde, ao longo dos anos, transformou o Sant'Anna num dos mais prestigiados colégios da região.

Um fato triste, logo nos primeiros anos, levou o medo para a cidade de Santa Maria: a peste bubônica. As irmãs tiveram problemas de saúde e muitos alunos tiveram que interromper suas atividades escolares.

À medida que o tempo foi passando, inovações foram sendo introduzidas. Em 1916, foi adotado o uniforme escolar. E, em 1918, o boletim escolar, como forma de divulgar as notas dos alunos. Ainda nesse ano, diante das grandes necessidades do Bairro Itararé e graças à colaboração de um benfeitor que doou os terrenos, as irmãs do Sant'Anna criaram a Escola dos Pobres, dedicada à proteção de Santa Catarina. O sucesso da iniciativa logo se fez sentir, tanto que, no segundo ano, já contava com 200 alunos. Fato semelhante ocorreu em 1922, quando foi criada outra escola para os pobres, junto à capela das Dores. O atendimento a essas duas escolas era feito pelas irmãs do Sant'Anna, coadjuvadas por professoras leigas. Isso tudo representa o valor que a comunidade santa-mariense devotava ao trabalho das irmãs.

| 75

Os melhoramentos no prédio foram uma constante. Em 1919, foram concluídos o salão de eventos, as salas de piano e mais salas de aula. Outro fato marcante foi a aquisição, em 1920, para o Sant'Anna, de uma chácara nas proximidades do Santuário Medianeira, que serviu para o lazer, o trabalho e como fonte de alimentos para o sustento da comunidade. Essa aquisição teve desdobramentos importantes no futuro: edificação da casa-mãe, Convento São Francisco de Assis e sede da mantenedora Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte.

Cabe lembrar que, em 1/7/1923, a Escola Santa Teresinha da Cooperativa Ferroviária (hoje Manuel Ribas) foi entregue às irmãs do Sant'Anna, permanecendo sob sua administração até 1943.

E, assim, a história foi se sucedendo. Em 1927, foram fundados o Jardim de Infância e o Curso Ginásial; em 1929, o Grêmio Estudantil Rui Barbosa, e, em 1930, o Curso Complementar. Em 28/2/1931, pelo Decre-

to nº 4.834, o Sant'Anna foi elevado à categoria de Ginásio Estadual. Em 1932 foi equiparado ao Colégio D. Pedro II. Em 1933, foi fundado o Curso Primário e iniciaram os exames de admissão.

Em 1934, foi feita uma reforma no prédio. Em 1940, o Colégio adquiriu três casas e um terreno, o que possibilitou a ampliação do pátio. Um pavilhão para a educação física foi construído em 1946.

Durante a 2ª guerra mundial, algumas irmãs, pelo fato de serem alemãs, tiveram problemas de origem étnica, racial, o que as levou a uma prudência forçada e quase à reclusão, que se constituiu em muito sofrimento.

No ano de 1949, foi inaugurada a gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Em 1951, houve a aquisição de mais um prédio, à esquina da Rua dos Andradas, no qual passaram a funcionar oito salas para os dois turnos do Curso Primário.

76 |

Quando da criação da Província do Imaculado Coração de Maria, em 25/3/1951, o Sant'Anna se tornou a primeira sede da nova província. Passou por remodelações para receber postulantes, noviças e a casa-sede da província. A capela do colégio passou, então, a ser freqüente palco de importantes cerimônias, como a entrada de postulantes para o noviciado¹⁶ e a profissão religiosa de noviças.

Em 1952, 20 de setembro, dia do gaúcho, foi comemorado o jubileu de prata do Curso Ginásial. No decorrer de 1954, o Colégio Sant'Anna adquiriu nova chácara no campo, com área de 4,5 hectares.

No ano de seu cinquentenário, 1955, em 27 de abril, o Sant'Anna foi palco mais uma vez de outro evento importante: a primeira aula inaugural da FIC. Ainda nesse ano, em agosto, aconteceu a mudança da comunidade provincial para a casa-mãe, o Convento São Francisco de Assis.

Entre 1956 e 1966, realizaram-se o I FAEF e II FAEF (Federação das Agremiações Estudantis Franciscanas), encontros franciscanos entre alunos das duas províncias.

Outras datas significativas: 1968 - a fundação da APM - Associação de Pais e Mestres, ativa até os dias de hoje; 1972 - grandes festejos no colégio pelo centenário da chegada das irmãs ao Brasil; 1973 - criação do Encontro Literário das Alunas do Sant'Anna - ELAS, por iniciativa de três

¹⁶ Por ocasião dessa entrada, as postulantes recebiam o hábito religioso, cerimônia conhecida como vestição.

professores e com o apoio da direção; 1975 – comemorações do Sant’Anna por seus 70 anos de vida e publicação da II Clarinada, onde se mostra o que era e o que foi o colégio.

A construção do Ginásio Franciscão e do prédio próprio para a Educação Infantil iniciou em 1981. Em 1984, houve a criação do Curso de Magistério. Em 1985, a comunidade da FIC passou a constituir uma comunidade independente do Sant’Anna, inclusive com outra moradia, localizada no centro do terreno.

Em 1992, foi criado o jornal “O Sant’Anna”. Outro evento muito significativo do mesmo ano foi quando o Sant’Anna sediou um setor do Oitavo Encontro Nacional de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Nesse setor, participaram 700 mulheres.

Em 1993, aconteceu a I Caminhada Franciscana, cujo principal objetivo foi espalhar uma mensagem de paz e bem pelas ruas de Santa Maria.

Em 1994, foi realizado o I Encontro Franciscano de Professores e Funcionários, renomeado depois para Encontro de Utopia Franciscana. Em 18/1/1995, a comunidade do Sant’Anna mudou-se para uma residência situada à Rua Silva Jardim, que recebeu a bênção do bispo Dom José Ivo Lorscheiter em 13/2/1995.

|77



Residência das Irmãs do Colégio Franciscano Sant’Anna

Em 1997, grandes comemorações pelos 125 anos da chegada das irmãs ao Brasil. Foram comemorados também os 25 anos do Encontro Literário dos Alunos do Sant'Anna (ELAS).

Em 1999, foi iniciada a construção de um novo prédio, de seis andares, para abrigar o ensino médio, biblioteca, bar, área coberta para dias de chuva e laboratórios para os alunos. O prédio ficou pronto em 2001 e, hoje, está completamente ocupado.

Em 2000, o Colégio Sant'Anna assumiu os alunos da extinta Escola Santo Antônio que, hoje, funciona com turnos matutino e vespertino, do maternal à 6ª série do Ensino Fundamental. Foi sede dos IV Jogos Franciscanos das Escolas da SCALIFRA - ZN e, com a UNIFRA, organizou e sediou o I Congresso Nacional das Escolas da SCALIFRA - ZN. Em 2001, o Sant'Anna passou a atender, na Vila Schirmer, a um projeto chamado Projeto Vida, com 35 crianças, do maternal ao nível B. Também nesse ano foi fundado o SAES, curso pré-vestibular. Em 2003, aconteceu o II Congresso, à semelhança do I, e, em 2006, o III. Em 2004, foi criado o curso Técnico em nível pós-médio.

Segundo Ir. Valderesa Moro, diretora da escola:

2003, 2004 e 2005 foram anos de grandes investimentos em reformas, porém a tradição, que mantém seu lugar de destaque na comunidade, continua sendo a marca do Sant'Anna.

Em 2005, a celebração do jubileu centenário ficará para sempre registrada na história da escola e na memória daqueles que vivenciaram atividades, como a alvorada festiva, jantares, desfiles de época, encontro de ex-alunos, caminhada pela paz, gincana cultural e seminário por uma cultura de paz. A inauguração do monumento de Madre Madalena, em outubro de 2005, localizado na Av. Rio Branco, consolida a presença das Irmãs franciscanas na educação santa-mariense (MORO, 2006, p. 65-66).

E, dessa forma, o Colégio Franciscano Sant'Anna vem cumprindo sua missão, formando a mente e o coração das novas gerações dentro do espírito definido pela missão da província e da congregação.

**EDUCANDÁRIO SÃO VICENTE DE PAULO
(ESCOLA SÃO VICENTE DE PAULO)**

Fundação do Orfanato: 18/7/1914 • Chegada das irmãs: 18/7/1914
Instituição de terceiros • Fundação do Educandário: 1915



|79

No ano de 1910, a comunidade cristã de Santa Maria preocupava-se com o expressivo número de meninas órfãs existentes na cidade e na região. Diante dessa situação, o Pe. Caetano Pagliuca liderou o processo de criação de um orfanato, contando com a ajuda de pessoas altamente imbuídas por espírito de caridade.

A primeira iniciativa, em 1913, foi registrar a Sociedade São Vicente de Paulo, que passou a ser a mantenedora, encarregada de angariar fundos e recursos para a manutenção do futuro orfanato. De fato, oficializada a sociedade, assumiram, como primeira presidente, Madeleine Turi, e, como primeira secretária, Etelvina Lisboa. E o Pe. Caetano Pagliuca foi o primeiro diretor do Orfanato São Vicente de Paulo.

A Sociedade adquiriu um terreno da Confraria da Capela de Nossa Senhora do Rosário e, resolvido o problema do espaço físico, procurou as irmãs franciscanas do Colégio Sant'Anna, da Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis – Zona Norte, e do Colégio Santa Terezinha, da Viação Férrea, no sentido de que assumissem a direção e o atendimento

do orfanato. As franciscanas aceitaram o desafio e, em 18/7/1914, as irmãs Valéria Meurer e Anastácia Sandri, da comunidade do Colégio Sant' Anna, foram designadas para a direção da casa. Essa data é considerada como data de fundação do orfanato.

Junto ao orfanato, em 1915, foi autorizado o funcionamento de uma escola, que recebeu posteriormente o nome de Educandário São Vicente de Paulo.

O orfanato recebia meninas a partir dos quatro anos de idade e podiam permanecer até completarem os 18 anos. Sócios efetivos e outros colaboradores garantiram, com suas contribuições, o funcionamento da instituição. Um dos grandes objetivos da formação das meninas era “preparar para a vida útil, honesta e feliz”. Junto às atividades regulares do curso primário e do curso ginásial, as órfãs recebiam instrução em música, canto, datilografia, leitura, lazer, trabalhos manuais, corte e costura e atividades domésticas.

80 | Com o aumento do número de irmãs, em 1916, foi constituída uma comunidade própria do Educandário São Vicente de Paulo. As irmãs atendiam às meninas internas. Tal foi o amor à causa que abriram a escola para meninos e meninas carentes da vizinhança. Com o aumento do número de crianças internas, que chegava a mais de cem, e externas, perto de 250, foi necessária a ampliação do espaço físico, o que se deu nos três anos seguintes.

O bom desempenho da administração e direção do Educandário São Vicente de Paulo fez com que, em 1926, a comunidade de irmãs se dedicasse também ao acolhimento de indigentes adultos, de ambos os sexos. Foi fundado, assim, o Asilo Padre Caetano, anexo ao prédio das crianças, que chegou a atender até 50 adultos. Mais tarde, em 1951, os idosos foram transferidos para a Vila Itagiba, lar que até hoje continua esta missão de acolhida.

Por mais de 50 anos, o Educandário São Vicente de Paulo cumpriu sua missão, acolhendo e dando educação a centenas de meninas, com o que puderam enfrentar a vida com maior preparação e melhores possibilidades.

No ano de 1952, uma professora leiga, cedida pela Prefeitura Municipal, começou a fazer parte do corpo docente. A partir de então, foi aumentando sempre mais o número de professores cedidos, pelo município ou pelo estado, de estagiários e outros contratados pela própria instituição.

Com o tempo, as dificuldades econômicas fizeram-se sentir. Nos anos 80, era premente a reforma dos prédios. Foi preciso reduzir o número de alunos. A instituição caritativa original já não tinha condições de sustentá-los. E, assim, o internato foi extinto em 1984. Mas foi mantido o semi-internato.

A Sociedade São Vicente de Paulo, mantenedora do orfanato e da escola, foi extinta em 1998. O patrimônio, conforme os estatutos, foi transferido para a Mitra Diocesana. Esta, por sua vez, o transferiu, em outubro de 1998, para a SCALIFRA – ZN. Foi um gesto de confiança e de reconhecimento pelo trabalho das irmãs, expresso pelo bispo diocesano Dom José Ivo Lorscheiter, em nome da diocese de Santa Maria.

Em 1999, o educandário recebeu novo nome, Escola de Ensino Fundamental São Vicente de Paulo, e foi integrado à UNIFRA, dando continuidade, de forma mais efetiva, ao que já ocorria desde a década de 1960, como escola de aplicação da FIC. O Centro Universitário iniciou, já em maio de 2000, a restauração do prédio, possibilitando que alguns cursos de graduação aí funcionassem.

Atualmente, 2008, a escola vem sendo gradativamente desligada da UNIFRA e integrada ao Colégio Sant'Anna.

ESCOLA SANTA TERESINHA

Início da Instituição: 1923 • Ingresso das irmãs: 1923

Saída das irmãs: 1943

A Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, com sede na cidade de Santa Maria, criou, em 1923, duas escolas para os filhos de seus associados. A escola para meninas foi assumida pelas irmãs franciscanas. Esta cresceu rapidamente, tanto que, em 1931, atingia o número de 380 alunas. Em 1941, já eram 1018. Mas um duro golpe se abateu sobre essa florescente missão. A cooperativa já não conseguia mais manter financeiramente a escola e pensava em transferi-la para o Estado.

A diretoria da cooperativa, em 1942, mandou reduzir drasticamente a matrícula. De fato, o número de alunas baixou para apenas 532. O fato teve repercussões e obrigou a ministra provincial, Madre Selima, a trans-

ferir diversas irmãs para outras casas da província. O último ano de funcionamento da escola foi 1942, vindo a ser extinta no início de 1943. Em seu lugar, começou a funcionar um grupo escolar, o atual Manuel Ribas.

CASA DE SAÚDE

Início da obra: 1932 • Ingresso das irmãs: 1932

Saída das irmãs: 1955

82 |

A Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, após a criação de duas escolas, iniciou a construção de um hospital, em localização privilegiada, na cidade de Santa Maria. O bom trabalho desempenhado pelas irmãs na Escola Santa Teresinha fez com que a direção da cooperativa buscasse as franciscanas para assumirem a direção interna da Casa de Saúde. A ministra provincial, Madre Laeta Feuser, aceitou o convite e destacou as irmãs da nova comunidade, tendo como ministra Ir. Anunciata Schmitz. Sua chegada a Santa Maria foi em fevereiro de 1932.

Enquanto dependências do hospital eram adaptadas à vida de uma comunidade religiosa, as irmãs permaneceram hospedadas na Escola Santa Teresinha, transferindo-se no dia 1º de abril. A inauguração da Casa de Saúde aconteceu em 24/4/1932. Prestigiaram o ato de inauguração o representante do bispo diocesano, a ministra provincial Madre Laeta Feuser, autoridades, povo e irmãs. A Casa de Saúde, já nos primeiros meses de funcionamento, apresentou intenso movimento. As irmãs sentiam-se plenamente realizadas pelos efeitos, tanto em termos de saúde corporal como espiritual, que seu trabalho produzia em meio aos doentes e seus familiares. As irmãs franciscanas permaneceram na Casa de Saúde até 1955, quando, no mês de junho, a missão foi entregue às irmãs do Imaculado Coração de Maria.

ESCOLA SANTO ANTONIO
(ANEXADA AO COLÉGIO SANT'ANNA NO ANO 2000)
Fundação: 15/4/1952



Em 15/4/1952, começou a funcionar, nos terrenos da chácara, em uma das casas adquiridas pela província, a Escola Santo Antônio, totalmente gratuita. Era atendida pelas irmãs do Colégio Sant'Anna, pelas juvenistas e, posteriormente, pelas postulantes e noviças. Essa iniciativa atendia perfeitamente à missão da congregação. Madre Antoninha, a exemplo da fundadora Madre Madalena, nutria grande amor às crianças pobres. Ir. Hiltraudt assumiu como primeira diretora. Os 15 alunos estavam distribuídos entre a 1ª e a 2ª série. Até o final do ano a matrícula se elevou a 58 alunos.

Mais casas modestas foram adquiridas e adaptadas como salas de aula, reunindo crianças pobres que moravam nas redondezas e perambulavam pelas ruas. Aos poucos, a Escola Santo Antônio tornou-se independente do Colégio Sant'Anna, com direção própria. Nos anos 60, a escola passou a contar com a cedência de professores do município e do estado. A direção, o ensino religioso e outros trabalhos de infraestrutura, porém, permaneciam sob a responsabilidade das irmãs e postulantes. Essa escola, que iniciou pequena, cresceu, chegando a ter um grande número de alunos.

As irmãs responsáveis pela Escola Santo Antônio faziam parte da comunidade do Convento São Francisco de Assis. Em sua história, a Escola Santo Antônio foi dirigida, após Ir. Hiltraud, por Ir. Nilse Wilers, Ir. Cláudia Plotzky, Ir. Delory Moraes, diretora que por mais tempo dirigiu a escola (1969-1991), Ir. Vanda Fronza, Ir. Maria Ilsi Klassem e Ir. Maria do Amparo Pereira de Oliveira. Por um curto espaço de tempo, a Escola Santo Antônio foi dirigida pela professora Mariza Medianeira Vieira de Oliveira, até o encerramento de suas atividades, no final do ano de 1999. No início do ano 2000, o Colégio Franciscano Sant'Anna assumiu a clientela da escola, desde o maternal até a 6ª série do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino.

CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO¹⁷ (UNIFRA)

Criação: 19/12/1953 • Fundação: 31/3/1955

Instalação oficial: 27/4/1955

84 |



Proveniente da transformação das Faculdades Franciscanas (FAFRA), 1998, que, por sua vez, em 1995, resultaram da fusão da Faculdade Imacu-

¹⁷Esta história do Centro Universitário Franciscano faz uso parcial do texto de DALPIAN, Laurindo; MÉA, Célia Helena de Pelegrini Della; BARIN, Nilsa Teresinha Reichert. O pioneirismo do curso de Letras. In: QUADROS, Claudemir (Org.). Histórias e memórias dos 50 anos dos cursos de formação de professores do Centro Universitário Franciscano. Santa Maria: Unifra, 2005, v. 1, p. 136-159.

lada Conceição (FIC), 1955, e da Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira (FACEM), 1955.

Toda fundação é um empreendimento de enormes responsabilidades, de objetivos claros, definidos, exeqüíveis. Como o seu fundador - a pessoa humana - tem alma. Tem espírito. Tem coração. Requer muita coragem e mesmo ousadia. Em geral, nasce de um sonho que se concretiza depois de muita oração (SILVEIRA NETTO, 1987, p. 65).

Nem bem se passaram dois anos desde a fundação da província, quando surgiu a oportunidade de um projeto inédito na congregação: a educação em nível superior. Entre a idéia e sua concretização, o tempo foi rápido. Foi uma obra que trouxe valiosos benefícios para Santa Maria e para toda a região centro do Estado do Rio Grande do Sul. As opções para os jovens fazerem um curso superior em Santa Maria eram reduzidas, devendo ir a Porto Alegre, possibilidade reservada apenas às famílias mais abastadas.

|85

A província teve em Ir. Consuelo Silveira Netto a líder do processo inicial. A Associação Pró-Ensino Superior (ASPES), de Santa Maria, estava reunida, no começo de março de 1953, no velho casarão, onde funcionava a Faculdade de Farmácia, à Rua Floriano Peixoto, quando foi proposto à Ir. Consuelo Silveira Netto e ao Ir. Gelásio Mombach, presentes à reunião, que as irmãs franciscanas e os irmãos maristas criassem as faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e de Ciências Políticas e Econômicas (SILVA, 1997, p. 35).

A Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte estudou bem o assunto e concordou em fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A ata de criação relata que às 10h30min, de 19/12/1953, no salão da Associação Cultural, sob a presidência de José Mariano da Rocha Filho, diretor da Faculdade de Farmácia e Medicina, reuniram-se: Madre M. Antoninha Werlang, presidente da mantenedora; Revmo. Mons. Frederico Didonet, cura da Catedral; Revmo. Pe. Leônidas Maximiliano Didonet; Ir. Gelásio, Diretor do Colégio Santa Maria; Dr. Hélio Herbert Santos; Dr. Miguel Sevi Viero; Madre M. Elenara Vogel; Ir. M. Consuelo Silveira Netto (secretária *ad hoc*). Na pauta da reunião, estava a proposta de fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências

e Letras, sobre o que todos se manifestaram de acordo. A ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, comunicou, então, o consentimento da mantenedora. E foi declarada a criação da faculdade.

A mantenedora não perdeu tempo e delegou competências à Ir. Consuelo Silveira Netto para que agilizasse todos os trâmites necessários à autorização oficial para o funcionamento dos cursos. Ir. Consuelo Silveira Netto, durante o ano de 1954, deslocou-se diversas vezes ao Rio de Janeiro, então capital da República, para encaminhar e acompanhar o processo junto aos órgãos competentes do Governo Federal, visitando, inclusive, personagens influentes que contribuíram para agilizar os procedimentos burocráticos.

Conforme consta no primeiro relatório do reconhecimento, o Inspetor Federal, em ofício de 19/4/1954, dirigido ao diretor do ensino superior do Ministério da Educação e Cultura, observava a capacidade de a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte manter a FIC e cita os diversos cursos pleiteados. Cita também o limite máximo de 40 alunos para cada curso¹⁷.

86|

Pelo Parecer nº 40/55, de 21/3/1955, da Comissão de Ensino Superior do Ministério da Educação, foi aprovado o elenco dos professores e autorizada a primeira realização de processo seletivo.

O funcionamento dos Cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC) foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e autorizado pelo Decreto nº 37.103, de 31/3/1955, cujo texto vai abaixo transcrito:

O presidente da República, usando de atribuições que lhe confere o Art. 87, Item I, da Constituição e nos termos do Art. 23 do Decreto-Lei nº 421, de 11 de maio de 1953, decreta: Artigo Único: É concedida a autorização para funcionamento dos cursos de Pedagogia e Letras Anglogermânicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Imaculada Conceição", mantida pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte, com sede em Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, em 31 de março de 1955. 134º da Independência e 67º da República. - João Café Filho - Candido Motta Filho - Nº 9613 - 1º/04/1955.

¹⁶ Apud arquivos da Divisão Especial de Registro e Controle Acadêmico (DERCA) da UNIFRA.

A repercussão dessa conquista foi imediata. O jornal local “A Razão”, em sua edição de 1/4/1955, noticiou o funcionamento dos cursos e a euforia que tomou conta das lideranças envolvidas. Informou também as providências tomadas para a realização do primeiro vestibular e o início das aulas. A cidade passou a contar com mais uma faculdade, que veio somar-se às outras já existentes.

Com a autorização de funcionamento, as providências necessárias para iniciar as atividades docentes e discentes foram imediatamente tomadas. O jornal “A Razão”, em 12/4/1955, e o “Diário do Interior”, em 13/4/1955, publicavam o edital para a 1ª seleção, em que Ir. Consuelo Silveira Netto, primeira diretora, informava que de 14 a 16 de abril estavam abertas as inscrições para o concurso de habilitação (vestibular) de candidatos para os cursos de Letras Anglo-germânicas e de Pedagogia da novel FIC. O edital foi assinado por Ir. Felicidade Silveira Netto (Maria Augusta Silveira Netto), então secretária.

A aula inaugural foi marcada para o dia 27/4/1955, com palestra a ser proferida, no Centro Cultural, pelo então reitor da PUCRS, Prof. Ir. José Otão. A data marca, dessa forma, a instalação oficial da faculdade. A imprensa local, aliando-se à euforia geral, fez ampla divulgação do evento. A programação do dia 27 foi a seguinte: 8h - missa em ação de graças, na capela do Colégio Sant’ Anna; 16h30min - coquetel oferecido ao Ir. José Otão e autoridades, numa das dependências da Faculdade; 20h30min - aula inaugural. As personalidades que compunham a mesa oficial foram: o palestrante Ir. José Otão; o Prof. Dr. Mariano da Rocha Filho, presidente da ASPES e diretor das faculdades de Farmácia e Medicina; Cel. Max Hanke, Comandante da Guarnição da Brigada Militar; Antero Corrêa de Barros, representante do Prefeito Raul Valandro; Ir. Consuelo Silveira Netto, diretora da Faculdade; representante do general comandante da Guarnição Federal, inspetores de ensino, professores e representantes de entidades. A conferência tinha o seguinte título: “Evolução histórica das Faculdades de Filosofia e o seu valor como fontes de cultura”. E, assim, iniciaram-se as atividades didáticas, com 41 alunos, 13 do curso de Letras Anglo-germânicas e 28 do curso de Pedagogia.

As lideranças da FIC mantiveram-se muito atentas e ativas, vencendo passo a passo as diversas etapas exigidas para o funcionamento e o reconhecimento dos cursos superiores. Para isso, não faltou dedicação e trabalho. Era um contí-

nuo expedir de correspondências, organizar processos, viajar para a capital do país, cuidar, enfim, de inúmeros assuntos internos e externos.

Inicialmente, a faculdade ocupou as salas de aula do 2º e 3º andar do Colégio Sant'Anna. Mas, de imediato, fez-se sentir a necessidade de um novo prédio. Passar da idéia para a ação foi muito rápido. Em 11/9/1955, lançava-se a pedra fundamental do atual prédio nº 1, em solenidade de que participaram autoridades, professores, estudantes e funcionários. As obras terminaram em setembro de 1957. O responsável técnico da obra foi o Eng. Wilson Aita. A comunidade respondeu positivamente às muitas campanhas, doando material de construção. Foi conseguida também alguma verba pública.

88 | E, dessa forma, vieram as autorizações para o funcionamento dos cursos. O Decreto nº 41.211, de 27/3/1957, autorizou o funcionamento do Curso de Letras Neo-Latinas, de História e Geografia. No decorrer do mesmo ano, o Decreto nº 42.801, de 13 de dezembro, concedeu o reconhecimento ao curso de Letras Anglo-Germânicas. Mais tarde, esse curso foi desmembrado em Inglês-Português e Inglês.

Foram autorizados, em 1958, os cursos de Filosofia, Matemática e Didática, reconhecidos pelo Decreto nº 47.437/59. De 1958 a 1966, funcionou o Curso de Orientação Educacional, autorizado pela Portaria nº 105, de 12/3/1958.

O Decreto nº 47.437, de 16/12/1959, concedeu o reconhecimento ao curso de Letras Neo-Latinas, o qual foi encerrado na década de 60. Em 11/11/1959, o Conselho Nacional de Educação, pelo Parecer nº 551/59, aprovou o primeiro regimento da FIC. Os cursos polivalentes de Letras foram criados em 1968, bem como o curso de Estudos Sociais, o qual foi reconhecido pelo Decreto nº 58.628/71 e foi encerrado em 1993.

Em 1970, foi composto o Hino da FIC, com letra da Professora Aristilda Recchia e música da Professora Ivete Bomachar Guagliotto, ambas do Curso de Letras. Foi cantado pela primeira vez no aniversário dos 15 anos da FIC.

De 1988 em diante, houve toda uma preocupação na reformulação dos cursos de licenciatura. Junto à história da FIC, existe a história da FACEM.

Por solicitação do Dr. Astrogildo de Azevedo, passou a funcionar no Hospital de Caridade, em 1941, um curso de enfermagem, que durou até 1948. Os práticos de enfermagem puderam, assim, aprofundar os conhecimentos da profissão, recebendo, ao final do curso, um certificado de Aten-

dente do Serviço de Enfermagem, expedido pelo Departamento Estadual de Saúde. Esse curso pode ser considerado o impulso inicial para a fundação de uma faculdade de enfermagem. Essa idéia foi fortalecida ainda mais com a fundação da Faculdade de Medicina, em 19/5/1954, e com o projeto de criação da Universidade de Santa Maria.

O fato é que, diante dos bons resultados obtidos com a criação da FIC, mais um pedido foi encaminhado à mantenedora. Desta vez veio através do bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis, do diretor da Faculdade de Farmácia e Medicina, Dr. Miguel de Andrade Neves Meirelles, e do diretor do Hospital de Caridade, Dr. Astrogildo de Azevedo, no sentido de que fosse criada uma escola superior de enfermagem, para suprir a necessidade de pessoal qualificado para o serviço hospitalar.

A ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, participou de diversas reuniões com as lideranças locais e, mais uma vez, a mantenedora acolheu o pedido. E passou-se, de imediato, às vias de fato. Em 16/5/55, o Ministro da Educação Cândido Motta Filho assinava a Portaria n. 144/55, autorizando o funcionamento do curso de enfermagem da Escola Superior de Enfermagem, mantida pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte. Foi a primeira escola de enfermagem em nível superior no interior do Estado. Sua inauguração ocorreu em 31/5/1955, com missa festiva celebrada pelo Pe. Inácio Vale, S.J. O Dr. Alfredo Hoffmeister, chefe do Departamento Estadual de Saúde (DES) veio especialmente de Porto Alegre para proferir a aula inaugural. Das 20 alunas que prestaram exames, 18 foram aprovadas. Em 1º de junho iniciaram as aulas.

Para dirigir a nova faculdade, foi solicitada a cedência de Ir. Emília Clarízia da Congregação das Irmãs Vicentinas, sendo coadjuvada nessa tarefa por Ir. Dulce Kern. Ir. Clarízia esteve na direção até 1956. O Hospital de Caridade cedeu todo um pavimento para as salas de aula e residência das irmãs. Por sua vez, a FIC e a Faculdade de Medicina e Farmácia puseram à disposição instalações, laboratórios e bibliotecas.

O conselho provincial logo destacou diversas irmãs para fazerem especializações em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e até na Europa e Estados Unidos.

A direção da faculdade incentivou, desde o início, a participação de professores e estudantes em eventos da área da saúde e a realização de estágios curriculares em outros municípios. Nesse sentido, cabe destacar que

a diretora, Ir. Zulema Saldanha, em 1957, participou do Congresso Internacional de Enfermagem, em Buenos Aires, acompanhada por duas alunas, e do Congresso Nacional de Enfermagem, no Rio de Janeiro, quando se fez acompanhar por uma professora. Nesse mesmo ano, nove alunas do terceiro ano iniciaram seu estágio em obstetrícia na Santa Casa de Porto Alegre. As Crônicas (1960, p. 3) registram que, em fins de julho, Ir. Zulema seguiu para a cidade de Rio Grande, com a quarta turma de alunas, a fim de lá iniciar o estágio. Ainda em 1960, Ir. Inês Dalvit foi destacada para realizar um curso de Administração em Enfermagem nos Estados Unidos.

A Escola Superior de Enfermagem foi reconhecida pelo Decreto nº 41.570, de 27/5/1957. A Lei nº 3.834, de 14 de dezembro de 1960, autorizou sua agregação à UFSM. Em 10/11/1968, pelo Decreto Presidencial nº 63.231, possibilitou a troca do nome para Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira (FACEM).

90 | A primeira turma formou-se em 31/5/1958, com nove formandas das 18 que estavam na aula inaugural. Em 1960, a escola foi transferida para sede própria, à Av. Presidente Vargas, 2277, e aí permaneceu até 1995, por ocasião da unificação da FIC e da FACEM sob a denominação de Faculdades Franciscanas (FAFRA).

Em 1960, a Escola Superior de Enfermagem criou o Curso Supletivo de Qualificação Profissional de Auxiliar de Enfermagem, conforme autorização conferida pela Portaria n. 40, de 1/2/1960, e reconhecido pelo Decreto n. 531, de 22/1/1960. Em outubro de 1961, foi conferido o diploma de Auxiliar de Enfermagem à primeira turma de formandos, entre os quais cinco irmãs da congregação. O curso funcionou até 1998, quando a UNIFRA reabriu o Curso Técnico de Enfermagem, autorizado pelo Parecer 1206/98, de 16/12/1998, do Conselho Estadual de Educação. Essa transformação, de auxiliar para técnico, foi possível graças à nova LDB e à legislação específica para o ensino profissionalizante, que eximiu as instituições da autorização dos órgãos competentes e do registro nos órgãos de classe. Assim sendo, em 1999, iniciou a primeira turma. Recuperando a história, esse curso técnico tinha iniciado em 1974, autorizado pelo Parecer nº 176/73, de 2/8/1973, do CEE. Sofreu uma interrupção de 1980 até 1997.

A cedência provisória de dependências do Hospital de Caridade durou até 1960, quando, em 7 de março, foi inaugurado um prédio próprio para os cursos da faculdade e para a residência das irmãs e pensionistas.

As Faculdades de Farmácia e Medicina (na época integrantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), a FIC e a Escola Superior de Enfermagem (mantidas pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte), as Faculdades de Ciências Políticas e Econômicas e a Faculdade de Direito de Santa Maria (mantidas pela Sociedade Meridional de Educação) formaram o embrião da Universidade de Santa Maria (USM), hoje UFSM, criada pela Lei nº 3.834-C, de 14/12/1960. Em 18/3/1961, foi solenemente instalada a USM. A lei que a criou, pelo seu Artigo 15, determinou a agregação da FIC e da FACEM à universidade por ela instituída.

A UFSM trouxe, sim, mais opções para os estudantes, mais empregos para professores e funcionários e expectativa de desenvolvimento para Santa Maria, mas, para a FIC e a FACEM, surgiram alguns problemas: perda de professores e diminuição de alunos.

A FIC, de 1955 a 1963, deu grandes passos. Foram criados e reconhecidos dez cursos de licenciatura. E, nos anos seguintes, veio a expansão para outras cidades. Da Associação Pró-Ensino de Santa Cruz do Sul, onde a congregação mantinha o Colégio Sagrado Coração de Jesus e o Hospital Santa Cruz, veio um veemente pedido para que a FIC implantasse uma extensão naquela cidade. De fato, foi o que aconteceu, em 1967, com os cursos de Filosofia, Letras e Pedagogia e, em 1968, com o curso de Estudos Sociais. Essas extensões duraram até 1971, ocasião em que passaram para a UFSM.

Em Alegrete, funcionaram os cursos de Português/Inglês e Português/Francês, de 1969 a 1971, quando foram incorporados à Fundação Educacional de Alegrete. Em São Gabriel, Estudos Sociais, de 1968 a 1971, quando foram absorvidos pela Fundação Educacional de São Gabriel.

A FIC começou a oferecer cursos de pós-graduação *lato sensu*, em nível de especialização, no ano de 1976. As mudanças que, na época, verificavam-se na área educacional exigiam maior qualificação por parte dos professores que atuavam nas redes de ensino de Santa Maria e da região. Grande foi também a atuação da instituição com cursos de extensão, com atividades comunitárias e pastoral universitária. Todo esse trabalho reverteu em grandes benefícios para a cidade e a região.

Durante 40 anos, a FIC concentrou seu trabalho exclusivamente em cursos de licenciatura, ou seja, na formação de professores, e a FACEM, no curso superior de enfermagem e nos cursos de auxiliar e de técnico de enfermagem.

Registra-se que a FACEM manteve o curso de Auxiliar de Enfermagem em Cruz Alta, no Colégio Santíssima Trindade, de 1988 a 1991; em Rio Pardo, de 1989 a 1995, e, em Uruguaiana, de 1992 a 1997. Tendo em vista a diminuição da demanda, as extensões foram suspensas, mas a instituição deixou pessoal qualificado para o atendimento hospitalar e cuidados de enfermagem.

92 | A FIC e a FACEM funcionaram separadamente, cada uma com regimento próprio, até 1995. Mas as lideranças universitárias já vinham trabalhando no sentido da unificação. O fato é que a idéia unificadora venceu e FIC e FACEM passaram a denominar-se Faculdades Franciscanas (FAFRA), com autorização do Ministério da Educação e do Desporto, oficializada pela Portaria nº 1.402, de 14/11/1995. Na verdade, foram dois processos: o primeiro, legal, e o segundo, o mais trabalhoso, o da integração das pessoas. Concretizar a unificação requereu renovação e nova postura acadêmica, mudança que precisou ser conquistada (RUPOLO, 2006). Não resta dúvida de que a nova situação foi muito favorável para a FAFRA, com a ampliação de cursos de graduação e de pós-graduação *lato sensu*, expansão do espaço físico e capacitação do corpo docente. Tudo isso permitiu que a instituição passasse a sonhar mais alto.

De fato, o passo seguinte, sob a liderança de Ir. Iraní Rupolo, foi a transformação da FAFRA em Centro Universitário. Tal conquista iria representar maior autonomia.

O processo foi montado com relativa rapidez, tanto que, em 4/8/1997, foi protocolizado no Ministério da Educação e do Desporto, o qual designou, pela Portaria n. 167, de 20/8/1997, a comissão de credenciamento, incumbida de avaliar as condições de funcionamento e as potencialidades da instituição com vistas à transformação pretendida.

A comissão de credenciamento emitiu relatório em 3/10/1997, propondo algumas modificações. Atendidas de imediato pela mantenedora, a COTEC/SESU/MEC emitiu o Relatório n. 489/97, concluindo que o pleito fosse submetido à apreciação e deliberação do Conselho Nacional de Educação por sua Câmara de Educação Superior.

O relator e um conselheiro visitaram a instituição em 22/6/1998, reconhecendo o potencial da mantenedora e das faculdades. Dessa forma, o relator emitiu parecer favorável ao credenciamento do Centro Universitário Franciscano, por transformação da FAFRA, nos termos do Decreto nº.

2.306/97, aprovando também neste ato o estatuto e o plano de desenvolvimento institucional.

Assim, pelo decreto presidencial, de 30/9/1998, publicado no Diário Oficial da União, de 1/10/1998, tendo em vista o processo nº 23000.008390/97-40, do Ministério da Educação, o Centro Universitário Franciscano foi credenciado, por transformação da FAFRA de Santa Maria.

Ir. Iraní Rupolo foi nomeada Reitora. Sob sua direção e com o apoio de eficiente equipe, a UNIFRA deu passos de gigante, abriu numerosos cursos, ampliou o espaço físico, aumentou o número de alunos, funcionários e professores, instalou laboratórios com equipamentos atualizados e ganhou o reconhecimento da comunidade santa-mariense e regional.

No ano de 1998, a Escola Fundamental São Vicente de Paulo passou a fazer parte da rede de escolas da SCALIFRA - ZN e, por relação histórica de trabalho conjunto, particularmente dos cursos de licenciatura, foi integrada à UNIFRA, a qual completou sua abrangência de atuação educativa. Em 2008, a escola iniciou sua transferência para o Colégio Sant' Anna, o que deverá estar plenamente efetivado para março de 2009.

O credenciamento do Centro Universitário Franciscano foi oficializado pela Portaria nº 1.564, de 27/5/2004, do Ministro de Estado da Educação, publicada no Diário Oficial da União, de 31/5/2004.

Cabe aqui, com todo mérito, listar as direções que estiveram à frente da FIC, FACEM, FAFRA e UNIFRA. O excelente andamento das instituições deve-se muito à dedicação e empreendedorismo das diretoras e do corpo docente.

Dirigentes das instituições:

Diretoras da FIC:

Ir. **Consuelo Silveira Netto (Carmen Silveira Netto)** nasceu em 16/3/1914, em Cruz Alta - RS, filha de Antônio e Maria Luiza Silveira Netto, numa família de nove irmãos. Graduou-se em Letras Neolatinas, na PUC - RS, e fez curso de especialização no Instituto Santa Úrsula, no Rio de Janeiro. Foi diretora da FIC nos períodos 1955-1967 e 1977-1982, onde lecionou português, francês, espanhol, latim, literatura e didática. Atuou, inclusive, em escolas secundárias e na UFSM. Recebeu diversas dignidades acadêmicas, títulos e diplomas. Aposentou-se da UFSM em 1982, ocasião em

que lhe foram conferidos, pelo Ministro do Exército, a medalha e o diploma de Pacificador. As Faculdades Integradas de São Gabriel conferiram-lhe, em 1985, a medalha e o diploma de Mérito Acadêmico. Por ocasião dos 150 anos da congregação, publicou “Ela foi mensageira da Paz”, sobre a vida de Madre Madalena Daemen. Publicou também “Na Terra da Medianeira, na Terra da Imembuí”, em 1987.

94 | Ir. **Felicidade Silveira Netto (Maria Augusta Silveira Netto)** nasceu em 25/9/1912, em Tupanciretã – RS. Irmã de Ir. Consuelo. Desde a infância, sempre demonstrou forte vocação para o magistério. Graduou-se em Matemática pela PUC - RS (1945), na 2ª turma de Matemática do Rio Grande do Sul. Fez curso de especialização em Lisboa, na Universidade de Lisboa. Dirigiu a FIC de 1968 a 1976, onde foi professora desde a fundação até 1993. Foi professora da UFSM. Lecionou em escolas de 1º e 2º graus: São José, em São Leopoldo; Nossa Senhora dos Anjos e Bom Conselho, em Porto Alegre; Espírito Santo, em Bagé, e Sant’Anna, em Santa Maria. Recebeu diversas dignidades acadêmicas: Comenda do Mérito Universitário, pela UFSM; Diploma de Honra ao Mérito, pelo Colégio Sant’Anna; Diploma de Membro Honorário da Fundação Educacional São Gabriel.

Ir. **Maria Aparecida Marques** foi diretora da FIC de 1983 a 1990. Nasceu em Macaubal – SP, em 29/7/1945. Em 1970, iniciou seu curso de Filosofia na FIC. Com a suspensão do curso, por falta de alunos, transferiu-se para a UFSM, onde se formou. Na mesma universidade, cursou Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional. Na Universidade de Ijuí fez especialização em Filosofia Política. Publicou: “Uma visão Franciscana do Homem” (1978); “Colégio Espírito Santo – Uma Obra de Amor” (2000); “Catarina Gente Fina” (2004). Desenvolveu as seguintes atividades administrativas: diretora do Colégio Sant’Anna (Santa Maria); do Colégio Santíssima Trindade (Cruz Alta) e do Colégio Nossa Senhora do Carmo (Guáira). Foi presidente da SCALIFRA – ZN (2000-2003).

Ir. **Anísia Margareta Schneider** dirigiu a FIC de 1991 a 1996. Sua biografia encontra-se à p. 58 deste livro. Recebeu especial homenagem da UNIFRA, por ocasião do XI Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão, em 7/11/2007.

Diretoras da FACEM:

Ir. **Emília Clarizia** é da Congregação das Filhas de São Vicente de Paulo, portanto, irmã vicentina. A direção da província solicitou à ministra

provincial daquela congregação sua cedência, para dirigir os primeiros passos da Escola Superior de Enfermagem. Permaneceu no cargo de diretora de 1955 a 1956, quando foi chamada por sua superiora. Superou inúmeras dificuldades.

Sua substituta, Ir. **Maria Zulema Dias Saldanha** (Aracy Dias Saldanha), assumiu de 17/1/1957 até 1958, destacando-se pela preocupação em melhorar a formação das enfermeiras e das irmãs, várias das quais foram enviadas para cursos de pós-graduação no país e no exterior.

A terceira diretora foi Ir. **Maria Inês Dalvit** (Gema Dalvit), de 1959 a 1964, cuja preocupação maior foi a construção do prédio, inaugurado em 7/3/1960. No período em que esteve cursando pós-graduação nos Estados Unidos, foi substituída pela vice-diretora Ir. Maria Zulema, de 9/1960 a 9/1962.

A quarta diretora, Ir. **Claudia Irene Brod**, dirigiu a Instituição de 25/2/1964 a 1966. Nasceu em 28/3/1928, em Santo Cristo – RS. Seus pais, Theobaldo Brod e Hermínia Gerhard, tiveram 11 filhos. Distinguiu-se, em sua formação, como educadora-enfermeira. Exerceu a docência nas escolas: Sant'Anna, Santa Rosa de Lima, Santíssima Trindade e Escola Superior de Enfermagem. Como enfermeira, trabalhou no Hospital de Caridade de Santa Maria, Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, Hospital Santa Lúcia de Cruz Alta, Santa Casa de Caridade de Bagé e Hospital Santo Antônio de Roque Gonzalez. Na FACEM, trabalhou durante 21 anos, como professora e como diretora. Em 1961, fez curso de especialização em enfermagem, em São Paulo, e, em 1971, cursou, na UFSM, a Faculdade Interamericana de Educação – mestrado, diplomando-se em teoria e prática de currículo. Faleceu em 8/4/1996, em Santa Maria.

A quinta diretora, Ir. **Noemi Lunardi**, dirigiu a FACEM de 1967 a 1993. Em 10/1/1967, assumiu também o cargo de ministra da comunidade. Deu especial atenção à pesquisa, do que resultou a publicação do livro *Técnicas básicas de enfermagem*, escrito pelos professores, o primeiro dessa natureza editado no país.

Depois de Ir. Noemi Lunardi, Ir. **Clarícia Terezinha Thomas** assumiu a direção (1993-1995), quando a FIC e a FACEM, integradas, deram origem à FAFRA. Iniciou seu curso de Enfermagem na FACEM em 1982. Formada em 1986, passou a integrar o corpo docente da instituição até 2004. De 1996 a 1998, fez curso de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina,

cuja dissertação deu origem ao livro *O cuidado ao término de uma caminhada*. Exerceu, além da direção da FACEM, diversos outros cargos: coordenadora do Curso Auxiliar de Enfermagem, coordenadora do Curso Técnico de Enfermagem, vice-diretora da FAFRA e vice-reitora da UNIFRA, até ser eleita ministra provincial, em setembro de 2004 (ver p. 63).

Diretoras da FAFRA:

Ir. **Anísia Margareta Schneider** foi a última diretora da FIC e primeira da FAFRA, até 1996 (biografia à pág. 58).

Ir. **Iraní Rupolo**, de 1996 a 1998 (biografia a seguir).

Reitora da UNIFRA:

96 | Ir. **Iraní Rupolo** é reitora da UNIFRA desde a sua fundação, em 1998. Nasceu em Sarandi – RS, em 23/12/1950. Seus pais migraram para Marechal Cândido Rondon - PR, quando ela tinha apenas três anos de idade. Em 1973, iniciou sua vida religiosa. Coursou Pedagogia – Licenciatura Plena na FIC e Pedagogia – Administração Escolar na AEUDF, no Distrito Federal. Fez curso de especialização e curso de mestrado em educação na FAFRA. Lecionou didática, antropologia filosófica, cultura religiosa e cosmovisão franciscana. Trabalhadora incansável, personalidade que transmite paz e serenidade, exemplo que permeia o ambiente universitário, traduz-se numa liderança forte e segura. Publicou, além da dissertação de mestrado, diversos artigos, capítulos de livros, versando sobre franciscanismo e educação.

No ano do Cinquentenário da Unifra, 2005, houve diversas homenagens e visitas que merecem ser lembradas:

1) No dia 3 de junho, às 18 horas, no Salão de Atos do Conjunto I, Dom José Ivo Lorscheiter, bispo emérito da diocese de Santa Maria, recebeu o título de doutor *honoris causa* da UNIFRA. Foi uma justa homenagem de reconhecimento da comunidade acadêmica pela trajetória pastoral dedicada às causas humanitárias, bem como pelos incansáveis esforços em favor do crescimento e da consolidação da UNIFRA, uma das mais destacadas instituições católicas de ensino superior do país.

2) No dia 30 de novembro, a UNIFRA recebeu a visita de uma comissão formada por alunas da primeira turma dos cursos de Letras Anglo-Germânicas e Pedagogia da FIC. Conforme a reitora, Iraní Rupolo, a visita

sensibilizou dirigentes e funcionários da Instituição, que testemunharam depoimentos de pessoas felizes, de educadoras realizadas em sua missão. A comissão de alunas da primeira turma da FIC esteve formada pelas professoras Iara Dias Ferreira, Norma Scherer Cassel, Maria Beatriz L. Mozzaquatro, Lorena Izabel Bolli, Nancy Ângelo Pires, Diva Muller da Rocha, Abigail de Paula Chepp Duarte, Alaíde da Silva Araújo, Therezinha Gessy Schneider Piccini, Esther Ramos de Almeida e Leonida Mayer. Na oportunidade, as ex-alunas entregaram à reitora um cartão de prata com o seguinte texto: *Cincoenta anos são passados e, no entanto, lembramos com saudade, daqueles dias de lutas, mas também de muitas alegrias. Não poderíamos esquecer de nossa amada FIC iniciante e humilde, mas nem por isso menos eficiente e acolhedora. Somos imensamente gratas à direção e professores que nos permitiram pertencer à história desta grandiosa obra educacional, hoje UNIFRA. Homenagem dos formandos da 1ª turma da Faculdade Imaculada Conceição. S. Maria, 1955-2005.*

3) Homenagem especial de reconhecimento à Ir. Emília Clarízia que, vinda do Rio de Janeiro, a convite das irmãs franciscanas, foi a primeira diretora da Escola Superior de Enfermagem e, por dois anos, em 1955 e 1956, preparou professores e lideranças para o prosseguimento do Curso de Enfermagem.

4) Em 2/5/2006, Ir. Consuelo Silveira Neto, como fundadora da FIC, recebeu o título de Cidadã Benemérita de Santa Maria. A solenidade, que fez parte da programação da Semana da Câmara, aconteceu às 19 horas, no Plenário do Legislativo Municipal. Em função da avançada idade, Ir. Consuelo solicitou à reitora da UNIFRA, Ir. Iraní Rupolo, que a representasse no ato solene, recebendo, em seu nome, a homenagem.

E, assim, vai sendo construída a história da UNIFRA, preservando sua tradição e ampliando cada vez mais sua liderança na região. Aos cursos existentes foram e vão sendo acrescentados outros. As áreas de conhecimento em que hoje a UNIFRA atua são: Área de Artes, Letras e Comunicação; Área de Ciências Humanas; Área de Ciências Naturais e Tecnológicas; Área de Ciências da Saúde e Área de Ciências Sociais Aplicadas.

Dois cursos de pós-graduação *stricto sensu* estão em funcionamento: 1) Mestrado Profissionalizante em Ensino de Física e de Matemática; 2) Mestrado Acadêmico em Nanociências. No *lato sensu* são mais de vinte cursos.

A UNIFRA possui duas revistas: *Vidya* e *Disciplinarum Scientia*. Esta é para divulgar os trabalhos de alunos e a primeira, artigos de professores sobre temas educacionais.

A UNIFRA, atualmente, constitui um complexo educacional que oferece cursos a partir da educação infantil à pós-graduação *stricto sensu* para uma comunidade de aproximadamente 7.650 estudantes. Grandes são os investimentos na ampliação da estrutura física, na biblioteca, na criação e manutenção de laboratórios. A gestão vem se qualificando cada vez mais, com planejamento e discussão democrática de planos e projetos, no intuito de produzir uma alta qualidade no ensino, na pesquisa e na extensão.

A transformação em Centro Universitário criou um novo momento institucional. Uma fase de desenvolvimento foi iniciada, com nova dinâmica organizacional e administrativa, alicerçada em um plano político-pedagógico e em um plano de desenvolvimento institucional, com princípios, estratégias e metas bem definidas.



CONVENTO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Fundação: 25/3/1954 • Chegada das irmãs: 12/8/1955

Inauguração: 15/4/1956



| 99

A história do Convento São Francisco de Assis tem seus antecedentes no início do século passado. Em 1911, as irmãs da Visitação, ao saírem do Uruguai, por força de uma perseguição religiosa, estabeleceram-se em Santa Maria, onde compraram uma parte da propriedade pertencente à família dos Barões de Nonoay. A Congregação das irmãs da Penitência e Caridade Cristã adquiriu, em 1920, essa propriedade, quando as visitandinas voltaram para Montevidéu, assim que terminou a perseguição. Madre Filipina sentia a necessidade de um lugar fora da cidade para os passeios e as excursões dos estudantes do Colégio Sant'Anna, razão que definiu a compra.

Quando da fundação da Província do Imaculado Coração de Maria, o Colégio Sant'Anna funcionou como casa-mãe, abrigando a sede da província, o noviciado e o postulado, mas, em poucos anos, pelo crescente número de candidatas à vida religiosa franciscana e pela expansão da própria província, já não havia mais espaço físico suficiente. Diante disso, a ministra e o conselho decidiram construir uma nova sede provincial e a casa de formação.

Com esse propósito, ainda em 1951, a direção provincial tinha adquirido diversos terrenos contíguos à chácara do Colégio Sant'Anna. A área foi considerada muito adequada, por ser ampla e por estar fora da cidade.

A madre geral, inclusive, achou-a mais que apropriada para os objetivos propostos. Ambiente calmo, de sossego, de paz, arborizado, ideal para a meditação e o recolhimento.

Dessa forma, a construção do Convento São Francisco de Assis iniciou com o lançamento da pedra fundamental em 25/3/1954, apenas três anos após a fundação da província. Dom Antônio Reis, bispo diocesano, presidiu as cerimônias, das quais participou numeroso público.

Silveira Netto (1987, p. 41-48) traz diversas informações interessantes sobre a construção. Três irmãs (Ir. Hiltraudt Bauer, Ir. Firmina Simon e Ir. Lourdes Biesdorf) foram encarregadas de angariar fundos. Ir. Firmina dá o seguinte depoimento (p. 41):

Em 1957, comecei a exercer o cargo de ecônoma, em substituição à Irmã Hiltraudt Bauer. Foi uma tarefa difícil. Para conseguir recursos financeiros, usamos de todos os meios possíveis. Fiz viagens, várias vezes, ao Rio de Janeiro, então capital do País, a fim de solicitar, do Ministério, auxílios. Conseguimos alguma coisa. Fizemos empréstimos nos bancos de Santa Maria. Às vezes, eu passava noites sem dormir, preocupada com o problema do pagamento dos construtores e dos operários. Não havia dinheiro. Pensava comigo mesma: 'Deus proverá'. E ia à frente confiante, apesar de todos os pesares, de todas as dificuldades. Graças a Deus, as casas de toda a província ajudavam como podiam e assim conseguimos, com as bênçãos dos céus, vencer os obstáculos todos que não eram pequenos, nem fáceis.

Ir. Edith Steffen que, na época, era postulante, conta em longo e emocionante depoimento (SILVEIRA NETTO, 1987, p. 43-46) sobre a luta, a doação, os sacrifícios, a renúncia, o trabalho braçal de irmãs, noviças e postulantes para que o projeto do convento se tornasse realidade. Não raro faziam o papel de serventes de pedreiro. Carregavam tijolos, escavavam porões, carregavam carrinhos cheios de terra e faziam aterros. Junto a isso cuidavam do ajardinamento e do plantio de árvores.

Assim sendo, a construção do prédio avançou rapidamente, de tal forma que, em 12/8/1955, festa de Santa Clara, as 62 noviças e sua mestra,

Madre Elenara Vogel, transferiram-se para o local. Em 2 de setembro, passou a funcionar a capela provisória, com a presença do Santíssimo. As 33 postulantes, com sua mestra, Ir. Joana Stefani, fizeram a mudança logo em seguida, no dia 29 de setembro. A nova casa estava em fase de pré-acabamento. Esse primeiro bloco constava de três andares, reservados, em sua maior parte, para a moradia das irmãs. Além da coordenação dos trabalhos de construção, Madre Techilda Linemann foi a primeira ministra da nova comunidade São Francisco de Assis.

Integravam essa comunidade as seguintes irmãs: Madre Techilda Linemann, Ir. Gema Sehnem, Ir. Alvina Sehnem, Ir. Hiltrudis Holz, Ir. Arminda Follmann, Ir. Miralda Brixner, Ir. Elaine Kerkhof, Ir. Crisanta Hoffmann, Ir. Luzia Sehnem e as irmãs que atendiam à província, ao noviciado e ao postulado: Madre Antoninha Werlang, Ir. Lourdes Biesdorf, Ir. Hiltraud Bauer, Ir. Elenara Vogel e Ir. Joana Stefani.

De 25 de janeiro a 1/2/1956, o convento sediou o primeiro retiro anual, seguido nos dias 2 e 3 com as cerimônias de entrada para o noviciado de 30 postulantes e pela profissão religiosa de 16 noviças. Nesse ano, foram realizadas no convento, pela primeira vez, todas as cerimônias da Semana Santa. As festas da Páscoa foram coroadas com a reunião, de 11 a 15 de abril, das mães de toda a província. Na história da província, 15/4/1956 ficou marcado pela inauguração do convento. Na ocasião, foram abertas as portas para a visitação das autoridades e da comunidade em geral. O bispo Dom Antônio Reis oficiou a santa missa e deu a bênção à nova casa. Estiveram presentes às cerimônias de inauguração Madre Alba Hickmann, Ir. Guiselheid Pohl, M. Hedwiges Loch, M. Manoela Simonis e Ir. Teresa Flores, da Província do Sagrado Coração de Jesus, prefeito municipal, autoridades civis e militares, muitos religiosos e religiosas e pessoas do povo.

Silveira Netto (1987, p. 47) confirma que o convento “foi o resultado da coragem e perseverança”.

O ano de 1958 foi marcado pela melhoria do cemitério e pela construção de um alpendre para o crucifixo. Mais dois monumentos vieram juntar-se ao de São Francisco, tornando o ambiente ao redor do convento, entre flores e árvores, ainda mais propício ao recolhimento e à oração. Trata-se do monumento de Nossa Senhora de Fátima e do Sagrado Coração de Jesus, doado pelas alunas de Ir. Felicidade Silveira Netto. Nesse ano, está registrado, inclusive, o trabalho desenvolvido pelas irmãs e pelas postulantes

na catequese das crianças e instrução dos adultos, tanto na Escola Santo Antônio como nos bairros.

Em 1959, as irmãs do convento, auxiliadas pelas noviças e postulantes, organizaram quatro centros de catequese nos bairros da cidade. No dia 17 de julho, Madre Techilda, em seu 2º triênio, após ter acompanhado desde o início a construção e organização do convento, despediu-se, sendo substituída por Madre Leandra. Um detalhe das festas natalinas desse ano foi a confecção de um novo presépio, em cera, levado a termo pela arte de uma noviça.

E, assim, o tempo foi correndo, dedicado ao recolhimento, à oração e ao trabalho.

102 | O início da construção da atual capela aconteceu em 10/3/1962. Foi escolhida a festa de São José para a colocação da primeira pedra nos alicerces. A construção cresceu rapidamente, graças à Divina Providência e à generosidade de todas as casas da província que mandaram suas valiosas contribuições. Na festa de Natal, foi possível contemplar a capela já com o telhado pronto. A inauguração ocorreu em 17/9/1963, com a presença de Madre Mechtild Hellweg e Madre Ivone Erbes, do conselho geral. Numeroso público se fez presente: autoridades, padres, seminaristas, operários da construção e respectivas famílias, fornecedores e público em geral. As cerimônias iniciaram às 11h, com a bênção do sino, pelo Pe. Edu Eribany Vargas de Pádua. Às 15h30min, teve início a bênção da capela, seguindo-se a sagração dos altares, que receberam as relíquias dos santos mártires Timóteo, Beato e Perpétua. Teve, então, início a primeira missa solene de ação de graças.

Em 1963, houve a inauguração do prédio do provincialado. Nesse ano, ocorreu, na casa-mãe, o primeiro encontro de 62 irmãs de votos temporários. Em 1964, por idéia do Pe. José Pilon, foram erigidas duas vias-sacras: uma, na galeria, no dia 18 de agosto, e outra, na nova capela, no dia 3 de dezembro. Na festa do Cristo-Rei, o convento, pela primeira vez, abriu as portas do salão para o encontro da Conferência dos Religiosos do Brasil.

1976 foi o ano jubilar. Ano de graça! No dia 26 de junho, festa do Imaculado Coração de Maria, houve solene celebração. Para ampliar o espaço destinado ao cemitério, foi construída uma capela com 60 lugares. Em seu interior, foi esculpido o Cristo ressuscitado. A capela e seus arredores são um lugar propício para a oração e a reflexão.

Em 1977, a direção provincial reuniu as religiosas para o primeiro encontro de formação contínua, a que compareceram 220 irmãs, organizadas em seis grupos, por períodos de profissão religiosa.

Em 1981, o conselho provincial resolveu construir uma ala para as irmãs que necessitavam de cuidados especiais. Dessa forma, em 3 de maio iniciaram as obras da ala São José. De fato, o número de irmãs que necessitavam de uma permanência mais prolongada em Santa Maria, para tratamento médico, vinha crescendo e vinha também aumentando o número de irmãs idosas que não podiam permanecer em suas comunidades, devido às dificuldades para se locomoverem e para participar das celebrações eucarísticas na igreja das paróquias em que estavam sediadas. Diante dessa realidade, a comunidade do Convento São Francisco de Assis era muito grande e diversificada em seus serviços. Havia necessidade de uma reorganização. O ano de 1991 foi marcado pela inauguração, em 14 de março, da comunidade Nossa Senhora dos Anjos, nas dependências anexas ao Convento São Francisco de Assis. Houve uma solene celebração eucarística na capela do convento e, em seguida, as irmãs da nova comunidade, as noviças e as vocacionadas acompanharam Jesus Eucarístico, levado para a nova residência pelos capuchinhos Frei Nilmar Gato e Frei Armando Vison, culminando com a bênção solene da capela da comunidade. Foi, sem dúvida, um dia de intensa alegria, principalmente para as irmãs que integraram a nova comunidade, que recebeu a missão de cuidar das irmãs idosas e doentes da Ala São José.

| 103

Em 1993, surgiu a comunidade da Betânia, uma nova coluna de sustentação da província, especialmente pela oração. Era uma comunidade de irmãs idosas e/ou doentes, porém não acamadas, que precisavam de cuidados especiais.

No ano de 1994, aconteceu a transferência do noviciado e do postulado para uma nova casa, à Rua Floriano Peixoto, 1913. Nesse ano, foi constituída também a comunidade do provincialado.

Em 2/3/1998, foi fundada a comunidade do Convento São Francisco de Assis I, tendo como principal missão atender à administração geral do convento. Hoje, no complexo do Convento São Francisco de Assis, há uma outra comunidade que abriga jovens vocacionadas à vida religiosa, a Comunidade Nova Esperança.

RESIDÊNCIA NOSSA SENHORA DO TRABALHO

Fundação: 1988 • Instituição da mitra diocesana de Santa Maria



Respondendo aos apelos da Igreja, à solicitação do pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Santa Maria, Pe. Ézio Bertiotti, o conselho provincial aceitou estabelecer, no Bairro Salgado Filho, uma comunidade de irmãs, denominada Comunidade Nossa Senhora do Trabalho. Esse nome deriva de um antigo trabalho social lá iniciado, em 13/4/1954, por Ir. Maria Ivódia Ley. Em 22/10/1987, passaram a morar na nova residência as irmãs Ilze Kleinübing e Alice Sturm. Trataram de mobiliar a casa com a ajuda das diversas comunidades de Santa Maria e logo foram estabelecendo contatos com o povo para organizar os grupos de família para a Ação Natal. Enquanto Ir. Ilze atuava na pastoral universitária da FIC, onde era docente, Ir. Alice dedicava-se à catequese de crianças, jovens e adultos, aos grupos de famílias, às visitas aos doentes e às celebrações. Esse trabalho foi, aos poucos, unindo o povo como comunidade eclesial. No ano seguinte, incorporou-se ao grupo Ir. Cacilda Wilges, que se dedicou à pastoral da saúde, com atendimento pessoal, grupal e familiar, divulgando, dessa forma, cuidados básicos de saúde. Também integrou a comunidade Ir. Maristela Gützel, que passou a se dedicar à pastoral diocesana, prestando assessoria às paróquias, à formação de lideranças cristãs e orientando os professores de ensino religioso escolar nas escolas do estado e do município.

Em vários períodos, a comunidade recebeu jovens simpatizantes à vida religiosa, tendo sempre acompanhamento mais de perto por parte de uma irmã designada pela ministra provincial. À medida que o tempo foi passando, irmãs de outras áreas foram se integrando na missão da comunidade, desenvolvendo outras habilidades com clubes de mães, com todo tipo de trabalhos manuais e artísticos. Foram maneiras de congregar a comunidade em torno de objetivos comuns. Até os dias de hoje, quatro irmãs continuam essa presença franciscana na construção da igreja de Santa Maria, no Bairro Salgado Filho.

CASA DO NOVICIADO NAZARÉ (ANEXO DO CONVENTO SÃO FRANCISCO DE ASSIS)

Fundação: 1994

Até 1994, a casa do noviciado da Província do Imaculado Coração de Maria era o Convento São Francisco de Assis. Com a mudança de cenário provincial e social, a complexidade do Convento São Francisco de Assis não respondia bem ao que se desejava para a formação de jovens na fase inicial da vida religiosa. Com o objetivo de proporcionar uma formação mais personalizada e comunitária, como resposta aos desafios da modernidade, preparar as formandas aos cuidados gerais de uma casa, desenvolver melhor a consciência do bem comum e a formação integrada da personalidade, em vista de compromissos futuros da vida religiosa, a direção provincial adquiriu uma casa próxima ao Convento São Francisco de Assis, à Rua Floriano Peixoto, 1913.

|105

Após um período de reforma e adaptação da casa, em 3/1/1994, Ir. Neli Lassen, mestra das noviças, iniciou a mudança e organização da nova casa. Acompanharam-na as noviças Janete Carolina Deters e Dirce Maria Seibert, e as postulantes Cleonice Siqueira de Freitas e Márcia Dilmann Souza. Com tudo em ordem, houve uma celebração eucarística, presidida por Pe. Afonso Körbes, e bênção da nova moradia.

No mês de fevereiro, chegaram à nova casa Ir. Terezinha Kunz Lauer, para assumir o encargo de mestra das postulantes e Ir. Alice Grisotti, para assumir a missão de ministra local. Assim, foi composta a equipe formada do postulado e noviciado.

No dia 3 de abril, domingo de Páscoa, Ir. Zair da Rosa e as irmãs das comunidades da cidade de Santa Maria acolhiam, no Convento São Francisco de Assis, três novas postulantes: Helena Biesdorf, Nilce Terezinha Schäfer e Janine Zucolotto. Assim se sucederam, ano após ano, novas entradas de jovens, embora algumas não perseverassem na caminhada. Dessa forma, o processo de formação sempre foi caminhando com novos ajustes e estágios formativos. A comunidade do noviciado e postulante era uma comunidade apostólica. Todas, irmãs e formandas, foram assumindo catequese, animação litúrgica e atividades comunitárias, na vila Urlândia. No Banco da Esperança, uma irmã trabalhou junto ao grupo Amor Exigente, pastoral de auxílio comunitário ao toxicômano.

106 |

A partir de fevereiro de 1997, Ir. Lúcia Paetzold assumiu o encargo de mestra das noviças em Santa Maria. Nesse mesmo ano, após quatro anos de experiência na casa de formação, a direção provincial entendeu ser mais produtivo separar a formação das postulantes da formação das noviças. O nível de formação seria bem diferente, bem como as experiências. Diante disso, mudou-se o postulante para a residência Nossa Senhora do Trabalho, na Vila Salgado Filho. Ir. Terezinha Lauer transferiu-se para lá com a jovem postulante Adriana Fátima Trombeta.

No ano de 1999, considerando o número de noviças e a qualidade de formação oferecida em Belo Horizonte, o conselho provincial optou por transferir o noviciado para lá, uma vez que, desde 1997, existia lá o noviciado para atender às vocacionadas da região. Aos poucos, foi crescendo a compreensão de que a vocação é para o mundo e não só para uma região. Tendo definido o noviciado para Belo Horizonte, o conselho provincial decidiu que o postulante permaneceria no Rio Grande do Sul, com sede na cidade de Pelotas. Mais tarde, o local Casa do Noviciado Nazaré foi doado para a SEFAS.

COMUNIDADE MÃE DE DEUS

Fundação: 1996

O número de irmãs necessitadas de tratamento especial cresceu muito e a direção provincial buscou uma solução para esse atendimento. Com a integração da FIC e da FACEM, em 1995, e a criação do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), em 1998, ficou resolvido que o prédio da FACEM fosse adaptado para o atendimento supramencionado.

Aos poucos, a possibilidade foi se tornando realidade. No mesmo ano, em 1º de fevereiro, a Comunidade Mãe de Deus, constituída de sete irmãs, tendo como ministra local Ir. Clara Thomas, pôde ser instalada nas dependências desse prédio. A escolha do local foi favorecida pela proximidade com o Hospital de Caridade e a possibilidade de atendimento espiritual que Santa Maria oferece. Durante o ano, mais sete irmãs passaram a fazer parte dessa comunidade. A Comunidade Mãe de Deus ocupou o 4º piso do prédio. Sua missão consiste em acolher e dar assistência de enfermagem a irmãs idosas ou debilitadas da província, para que elas possam dedicar-se à oração, à entre-ajuda e convivência fraterna. Dessa forma, as irmãs se constituem numa comunidade orante, sendo força para aquelas que, dia a dia, lutam e trabalham para o sustento de todas.

A celebração eucarística, na capela da própria casa ou através da Rede Vida de televisão, e os momentos especiais de oração em comum constituem ponto alto do dia das irmãs. Conforme condições pessoais, ainda executam pequenos serviços e algumas até conseguem visitar doentes no Hospital de Caridade ou a domicílio. A coordenação da comunidade programa momentos de lazer e pequenos passeios, o que é muito valorizado pelas irmãs. A visita de irmãs de outras localidades e, eventualmente, das noviças e postulantes, sempre é causa de muita alegria. Parentes e pessoas amigas gostam de visitá-las, o que constitui um feliz passatempo. As irmãs participam de programas adequados à terceira idade, no campo da fisioterapia, recreação, canto pastoral, bíblia e espiritualidade. Em caso de total dependência, são transferidas para a Ala São José, anexa ao Convento São Francisco de Assis, equipada com os recursos necessários para os atendimentos requeridos.

COMUNIDADE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA

Fundação: 1960



108 |

Em Santa Maria, as irmãs enfermeiras e auxiliares de enfermagem pertenciam à comunidade do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo. Várias irmãs passaram a estudar na Escola Superior de Enfermagem. Crescendo, porém, o número de candidatas à enfermagem, a direção provincial constituiu, em 1960, a Comunidade Nossa Senhora Medianeira, tendo como primeira ministra Ir. Eulita Kreutz.

Com a criação da FAFRA em 1995, houve todo um reordenamento da comunidade. Os alunos passaram a ter grande parte de suas aulas no prédio da FAFRA e as irmãs formaram uma comunidade com as irmãs da FIC. Em conseqüência disso, o prédio ficou, em parte, ocioso, o que levou a direção provincial a formar, sob o mesmo nome, em 1996, uma comunidade para irmãs estudantes e irmãs ativas em outras instituições, sob a coordenação de Ir. Rosane Sturm. Em 1998, essa comunidade foi constituída por irmãs idosas, sob a coordenação de Ir. Lisete Damke.

Com a desocupação de espaços pela UNIFRA, dois andares do prédio da FACEM foram adaptados para as duas comunidades de irmãs: Comunidade Mãe de Deus e Comunidade Nossa Senhora Medianeira. Uma capela maior serve às duas comunidades. A Comunidade Nossa Senhora Medianeira é muito heterogênea em termos de idade e condições de saúde das irmãs. Os cuidados especiais são assumidos por um grupo de irmãs qualificadas.

PELOTAS - RS

Pelotas localiza-se na encosta sudeste, às margens do Canal de São Gonçalo, que liga a lagoa dos Patos à Mirim, as maiores do Brasil. Dista 250 quilômetros de Porto Alegre. A cidade teve seu início em 1758, quando o Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade, doou suas terras ao Coronel Thomaz Luiz Osório, as quais serviram de refúgio, em 1763, aos fugitivos da invasão espanhola e aos retirantes da Colônia do Sacramento, entregue pelos portugueses aos espanhóis em 1777. Em 1780, foi instalada, em Pelotas, uma charqueada pelo português José Pinto Martins. Outras foram sendo instaladas, o que deu origem à povoação que demarcou o início da cidade. A Freguesia de São Francisco de Paula, fundada em 7/7/1812, por iniciativa do Pe. Pedro Pereira de Mesquita, foi elevada à categoria de Vila em 1832 e à condição de cidade em 1835, com o nome de Pelotas, devido às embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas para a travessia dos rios na época das charqueadas. Pelotas é, hoje, muito conhecida por sua tradicional Fenadoce (Feira Nacional do Doce), evento ancorado pelos famosos doces de origem portuguesa. A cidade conta com cinco instituições de ensino superior, quatro grandes escolas técnicas, dois teatros, uma biblioteca pública, três museus, dois jornais de circulação diária, três emissoras de televisão, um aeroporto (Aeroporto Internacional de Pelotas) e um porto às margens do São Gonçalo.

|109

ASILO DE ÓRFÃS NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Início da instituição: 7/9/1855 • Ingresso das irmãs: 7/9/1888

Instituição de terceiros

Ela (M. Madalena) não era dotada de formação científica, mas as crianças não sentiram essa falta: aprenderam a costurar, a tricotar e recebiam instrução religiosa de acordo com o catecismo. (...) eram passarinhos de diversas plumagens que vinham à gaiola de Catarina, não só segundo a idade e sexo, mas também segundo a posição social (COOLS, 1966, p. 36-37).

O edifício, doado à diocese pela Sociedade União e Concórdia, da cidade de Pelotas, abriga, desde 1855, o Asilo de Órfãs, sob a denominação de

Nossa Senhora da Conceição. Desde o dia da fundação até o dia 6/1/1863, a direção interna do asilo foi confiada às irmãs do Imaculado Coração de Maria. Após esse período, a direção foi exercida por pessoas leigas, por um período de 25 anos.

Agosto de 1888! De Pelotas viajou para São Leopoldo o Revdo. Pe. Canabarro para falar com Madre Ludgera Hellwig, ministra da missão brasileira, a fim de solicitar irmãs para o Asilo de Órfãs. Madre Ludgera prometeu encaminhar o pedido à ministra geral, o que fez imediatamente. Antes de receber resposta de Heythuysen, Pe. Canabarro reiterou o pedido, alegando ser o momento mais apropriado para a vinda das irmãs, uma vez que o povo suspirava por ver as órfãs sob o cuidado das religiosas.

110 | Diante da premência do tempo, Madre Ludgera, acompanhada por Ir. Ângela Stülp, em 5/9/1888, viajou para Pelotas, a bordo do vapor Itapoã. Por coincidência, no mesmo vapor, encontrava-se o Pe. Anselmo Souza - S.J., seguindo o mesmo destino, para assumir o cargo de capelão do referido asilo, o que marcaria o início da missão dos jesuítas em Pelotas.

A recém-eleita diretoria do asilo, composta por 15 membros, recebeu a bordo as duas irmãs, que foram conduzidas à casa do presidente, Antônio Antunes da Porciúncula Costa, onde foram cordialmente acolhidas, permanecendo em sua casa por alguns dias. Na tarde de 7/7/1888, houve reunião das diretorias - antiga e nova - e, então, introduziram as irmãs na casa, para que a conhecessem. No corredor, 24 órfãs e algumas funcionárias acotovelavam-se para vê-las. Por parte das funcionárias, a recepção não foi nada cordial, pois suspeitavam que passariam a ser subalternas.

Nesse primeiro contato e somando experiências anteriores, as irmãs logo perceberam o estado de desordem e descuido no asilo. Havia insetos, ratos, roupas misturadas com sapatos, alimentos, trapos... Faltava roupa para as crianças, alimentação adequada, educação básica. Na primeira noite, as irmãs dormiram sentadas em cadeiras, para melhor se defenderem dos insetos e percevejos. E, assim, seguiram-se outras noites. Tratava-se de colocar mãos à obra, com coragem e confiança, com muito amor cristão e responsabilidade social para com as meninas órfãs lá recolhidas.

A diretoria enviou pedreiros e marceneiros para uma faxina geral. Senhoras da cidade e comerciantes foram convocados para o trabalho. Camas de madeira foram substituídas por camas de ferro; colchões, travesseiros, roupa de cama, tudo teve que ser substituído. Foram seis semanas de inten-

so trabalho, para a casa oferecer a organização necessária à educação, e as órfãs entenderem que uma outra vida, mais saudável, podia ser construída. As irmãs, que até então dormiam sobre bancos e mesas, podiam contar com modestos quartos e a capela pôde receber o Santíssimo Sacramento.

Durante esse tempo, reservado à ordem e à limpeza, chegou a resposta positiva da ministra geral à permanência das irmãs nessa missão. Vieram somar-se, às duas primeiras irmãs, Ir. Maria Dutra e Ir. Ludovica Stülp. E, assim, aconteceu a tomada de posse das irmãs no Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição. Era outubro de 1888. Madre Ludgera, depois de seis a sete semanas em Pelotas, regressou a São Leopoldo. Na despedida, a sociedade pelotense prestou-lhe, bem como às demais irmãs, uma grande homenagem, conduzindo-a em carreato até o porto. O presidente da diretoria surpreendeu-a com um cartão de ouro maciço, onde estavam gravados os nomes dos membros da diretoria.

Nessa época, a diretoria era composta por presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e 12 mordomos encarregados de suprir as necessidades da casa. Cada um desses mordomos era eleito por um ano e assumia essa responsabilidade durante um mês. Com a mesma função dos mordomos, havia um grupo de senhoras (12 zeladoras), eleitas por um ano.

A primeira comunidade das irmãs compunha-se por Ir. Maria Dutra - ministra, Ir. Ângela Stülp e Ir. Ludovica Stülp. No ano seguinte, 1889, chegou Ir. Rosa Fialho, professora, dando início à escola para as órfãs. Em agosto de 1889, Madre Ludgera viajou a Pelotas a fim de firmar contrato com a diretoria. Condição *sine qua non* do contrato era a liberdade das irmãs para adquirir o necessário e o indispensável à manutenção das órfãs, o que, após muito diálogo, foi concedido. Além da alimentação e do vestuário, compravam livros. E prestavam contas, no final de cada mês, à diretoria do asilo. As meninas órfãs recebiam educação formal e eram introduzidas em todos os trabalhos domésticos correspondentes à idade. Conforme interesse demonstrado, algumas aprendiam também música, bordado e datilografia. Tudo isso em vista de uma futura profissionalização.

A confiança, que os pelotenses devotavam às irmãs, crescia a cada dia e a religião, junto com a educação básica, ia-se disseminando. As crianças eram preparadas para a recepção dos sacramentos: batismo, penitência e eucaristia. O trabalho qualificado das irmãs fez com que as senhoras da diretoria manifestassem o desejo da fundação de uma escola, onde pudessem

matricular suas filhas. A diretoria se comprometia em providenciar salas de aula, remunerar as irmãs e conferir-lhes plena liberdade na elaboração dos planos de ensino. A ministra da missão aprovou o pedido e, assim, foi fundada a Escola São Francisco de Assis. O número de alunos crescia rapidamente e São Leopoldo enviava sempre mais irmãs para o ensino. Conviviam, portanto, no asilo, crianças órfãs e alunas externas da escola.

A denominação Asilo de Órfãs subsistiu até 1970, quando passou a denominar-se Instituto Nossa Senhora da Conceição. Da mesma forma que a Escola São Francisco foi evoluindo em sua prática educativa e se emancipando no aspecto físico e econômico, o Instituto Nossa Senhora da Conceição foi procurando formas novas de trabalho social e caritativo. O instituto abrigou, em seu espaço físico, a Escola São Francisco de Assis até 2004. O trabalho das irmãs no instituto foi, aos poucos, sendo entregue à diretoria, que continua sua prática de caráter assistencial e de caridade.

112 |

ESCOLA SÃO FRANCISCO DE ASSIS
(ANEXA AO ASILO DE ÓRFÃS NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO)
Início da instituição: 6/2/1889



Quando Heythuysen se tornou conhecida durante o ministério de Madre Teresa, começaram a chegar, à Ministra e ao diretor, pedidos, no sentido de obter Irmãs para

escolinhas, orfanatos, asilos e outras obras de caridade (COOLS, 1966, p. 116).

As Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã assumiram, em 1888, o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição, em Pelotas. Famílias pelotenses, percebendo o bom resultado do trabalho educativo das irmãs, manifestaram o desejo de gozar dos mesmos privilégios na educação de suas filhas. Atendendo ao pedido dessas famílias, em 6/2/1889, nascia a Escola São Francisco de Assis, com seis alunas. Após seis meses, a matrícula já registrava mais de cem alunas, da primeira à quarta série do curso primário.

Paralelamente ao curso primário, eram oferecidos cursos de piano, trabalhos manuais e de pintura, muito procurados pelas jovens pelotenses.

Em 1896, as alunas realizaram os exames públicos pela primeira vez, o que se repetia a cada final de ano. O resultado era entregue aos pais em meio a apresentações teatrais e exposição de trabalhos realizados durante o ano. Em 1903, a escola aceitou meninos, porém, em turmas separadas. As irmãs e professoras gozavam de grande prestígio e credibilidade pela sua cordialidade e competência.

Com a chegada dos jesuítas a Pelotas, em 1895, a cidade e a escola passaram a contar com um auxílio qualificado para a educação da fé. Fundaram o Colégio Gonzaga, e a parceria entre as duas escolas acontecia ao natural, tanto com relação ao espaço físico quanto à prestação de serviços. Nos anos de 1907-1910, travou-se uma luta entre a Igreja Católica e certa ala da maçonaria que tudo fez para expulsar os jesuítas da cidade. Narram as crônicas um fato digno de nota: “Um notável maçom, cuja filha estudava na Escola São Francisco, liderava o movimento. A menina aprendera a religião católica e era assídua em suas práticas religiosas. Ela pedia em suas orações pelo pai, que adoecera gravemente. Suas preces tocaram o coração do pai que, arrependido, pediu a presença de um sacerdote. Assim que este chegou, disse-lhe o enfermo: “O senhor, que é ministro de Deus, diga-me o que devo fazer...” Confessou, comungou e falava com tal convicção que a todos comovia. Faleceu na paz do Senhor, confortado pelos sacramentos. Com esse fato, voltou a tranqüilidade para a Igreja de Pelotas” (CRÔNICAS, 1909).

Nessa época, a diretora era Madre Paulina Pomp, franciscana de alma nobre, cuja vida e testemunho encantava a todos. “Com Ir. Paulina está

garantida a fama do próximo” registra a crônica de 1914. Dirigiu a escola por 12 anos e, em meio a tantos trabalhos, ainda encontrava tempo para a catequese de adultos. Há registro de que mais de quatrocentas senhoras da maçonaria tornaram-se católicas fervorosas, depois de ter passado pela catequese de Ir. Paulina. As irmãs não foram poupadas às críticas e difamações por parte de pessoas contrárias à religião e à Igreja Católica. Mais de uma vez foram atacadas em público, porém nunca tiveram necessidade de se defender, pois sempre havia quem o fizesse.

Os membros da diretoria do orfanato tomaram a iniciativa de defendê-las através dos meios de comunicação. Nesse tempo, 1910, Pelotas tornou-se diocese. Seu primeiro bispo foi Dom Francisco de Campos Barreto, jovem de 34 anos, simpático, prudente em sua linguagem. Escreveu belos artigos nos jornais sobre a Igreja e a fé. Encantava e convertia pela beleza de expressão. Isso elevou o prestígio da Igreja junto ao povo.

114 |

Em 1915, foram surgindo, em Pelotas, as primeiras escolas paroquiais, entre as quais a Escola Santa Filomena, no Bairro do Porto. Ir. Cecília Stülp foi quem a assumiu, até 1945, auxiliada por duas professoras. Outras escolas paroquiais, assumidas por irmãs, foram: Escola Cura d’Ars - 1925 a 1943, próxima à catedral, e Escola São Pedro - 1926 a 1943, no Bairro Fragata. Ao comemorar o VII centenário da morte de São Francisco de Assis, a capela da escola estava repleta de alunos da Escola São Francisco e das três outras escolas paroquiais, que eram dirigidas pelas irmãs franciscanas. Somavam-se, ao todo, 563 crianças. O celebrante da missa foi Dom Joaquim Ferreira de Melo, segundo bispo de Pelotas.

De 1927 até 1930, os exames finais eram padronizados e realizados em presença de autoridades. Após havia exposição de trabalhos de arte, que podiam ser vendidos e/ou rifados, e o valor recolhido era destinado às próprias escolas como meio de subsistência.

Escola e igreja caminhavam unidas, na liturgia, na catequese; tudo era muito bem celebrado, com vibração e entusiasmo. Da mesma forma, nas comemorações de datas cívicas e históricas, havia brio, civismo e empenho.

Em agosto de 1942, a Escola São Francisco foi registrada oficialmente, na Secretaria de Educação e Cultura do Estado, como escola particular. Pode parecer estranho, porém isso se deve à própria organização do Estado e à sua legislação.

O cenário mundial não era dos melhores. A segunda guerra mundial trazia tristeza e insegurança. Nesse clima, Pelotas recebeu seu terceiro bispo, Dom Antônio Zattera, que governaria essa igreja particular por 45 anos. Dom Antônio procurou inovar e entusiasmar a fé na Igreja e deu muita força à educação católica. Nesse tempo foi fundada a ação católica na diocese, como uma experiência de formação de lideranças cristãs. A Escola São Francisco acolheu, em seu meio, esse movimento, em parceria com a igreja particular.

Em 1967, na gestão de Ir. Carmem Sousa, foi criada a Associação de Pais e Mestres (APM), que somou esforços em benefício da escola. No ano seguinte - 1968 - Ir. Carmem criou a biblioteca, registrada com o nome de Dr. Waldemar Coufal, poeta e escritor pelotense. Com a biblioteca, aumentaram os amigos da escola, que doavam livros, e as mentes brilhantes que liam, com prazer, belas histórias.

Conforme a Portaria nº 31.053/71, a escola foi denominada Escola de 1º Grau São Francisco de Assis. Formou, em 1976, a primeira turma de concluintes da 8ª série do 1º grau. Após a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, o regimento escolar precisou ser revisto e novamente o nome da escola foi alterado para Escola de Ensino Fundamental São Francisco de Assis.

A partir de 1997, diante das exigências para a época, foi analisada a precariedade e a falta de espaço físico. A escola, com mais de cem anos, funcionava em prédio alugado do Instituto Nossa Senhora da Conceição. Eram necessárias alternativas para os problemas, a fim de responder à qualidade do serviço prestado e à pastoral da educação, na perspectiva de Madre Madalena. Foram feitas reformas significativas, mas ainda insuficientes. Na verdade, duas instituições coexistiram desde 1889: o Instituto Nossa Senhora da Conceição, trabalhando a pastoral do menor, com meninas de rua, e a Escola São Francisco de Assis. Em julho de 1997, houve o desmembramento da comunidade das irmãs. A direção provincial - UFCC - adquiriu um apartamento, à Rua Santa Cruz, 1771/601, para a moradia da nova comunidade da Escola São Francisco.

Prevendo um futuro promissor para a Escola São Francisco, a SCALIFRA-ZN adquiriu um terreno de esquina à Rua Almirante Barroso, em 2003, quando foi iniciada a construção do novo prédio que, graças à competência do engenheiro e arquiteto, Ricardo Ramos, após um ano, pôde

ser inaugurado. Assim, a Escola São Francisco, depois de 116 anos de fundação, teve sua sede própria. Nova vida, nova história, aumento do número de alunos e novo entusiasmo. A comunidade educativa celebrou com alegria e gratidão: Louvado sejas, meu Senhor! Pela existência da Escola São Francisco de Assis, junto ao povo gentil e acolhedor da cidade de Pelotas, a Princesa do Sul.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Fundação: 20/6/1847 • Inauguração: 19/3/1848
Ingresso das irmãs: 2/4/1900 • Instituição de terceiros



A Santa Casa de Misericórdia de Pelotas nasceu de um sonho em 1846, quando um grupo de cidadãos se reuniu para tratar da fundação de um hospital de caridade que atendesse especialmente a indigentes e, excepcionalmente, a particulares. Um grupo de 12 homens foi constituído para levar em frente a idéia. Sem sucesso. Dezesete meses mais tarde, formaram um segundo grupo, considerado fundador da instituição. Em março de 1848, foi adquirida uma casa e instalado o serviço de atendimento aos pobres. Como padroeiro, foi escolhido São João Batista. No primeiro ano de funcionamento, o número de doentes chegou a 145. Em 1855, o número de doentes aumentou para 174. Em poucos anos, a casa tornou-se pequena. Pessoas da comunidade ajudaram com donativos e, em 2/12/1861, foi lançada pelo Conde de Piratini a pedra fundamental da atual Santa Casa.

Com a ajuda do povo pelotense e da Igreja, na pessoa do Pe. Pieratone, que exortava os paroquianos a socorrer o hospital, a Santa Casa conseguiu, no ano seguinte, atender a 331 doentes. Em 1877, foi iniciada a construção de uma linda capela, inaugurada ainda em 1884. Com a epidemia do cólera, em 1885, a diretoria da Santa Casa viu-se na obrigação de adquirir um espaço para enterrar as vítimas da epidemia, iniciando, assim, as obras do cemitério, que até hoje beneficia, com sua renda, a Santa Casa.

Os pelotenses muito desejavam confiar às irmãs franciscanas o cuidado dos doentes, pois elas eram conhecidas desde 1888, na direção do Instituto de Órfãos Nossa Senhora da Conceição. Após contrato com o provedor, Alberto da Rosa, e Madre Ludgera Hellweg, em 2/4/1900, as primeiras irmãs iniciaram a missão no cuidado dos doentes que, nesse ano, foram 1040. Era o dia de São Francisco de Paula, padroeiro da cidade. As primeiras irmãs, Madre Caroline Hansel, Ir. Benvenuta Kuhn, Ir. Victória Kringes, Ir. Laurência Stein, Ir. Hieronyma Mentges, Ir. Casimira Wimmer, Ir. Tharcísia Reinmann e Ir. Joaquina Rech, esmeraram-se para tornar habitável o lugar destinado à moradia. Enquanto isso, moravam no Asilo de Órfãos e, diariamente, iam até o hospital para o trabalho. Cabe aqui o testemunho de uma senhora do Apostolado da Oração:

|117

Sem receio de cometer injustiça, a Santa Casa, à época do ingresso das Irmãs Franciscanas, marcou a comunidade pelotense. Nelas, os enfermos e os expostos buscavam tratamento e abrigo; nelas, os pobres e os combalidos encontravam amparo. Mas, somente a partir do dia 02 de abril de 1900, passamos a ser abençoados pela presença serena e caridosa daquelas mulheres religiosas e piedosas, que invocavam a presença de Cristo, exemplar dos peregrinos e esperança dos desventurados (...).

Uma pequena minoria de médicos não concordou que a direção fosse entregue às irmãs. Os antigos empregados, que ainda se encontravam no hospital, de início demonstraram certa resistência, mas, aos poucos, foram sendo conquistados. Numa ocasião em que o provedor e o médico-chefe viajaram para a Europa, um antigo funcionário, um escrivão, denunciou as irmãs junto à diretoria, alegando coação a doentes e empregados para frequentarem as celebrações eucarísticas e os sacramentos. A ministra recebeu

carta de advertência, proibindo as irmãs de abordarem assuntos religiosos. A alegação era de que tais comportamentos poderiam trazer conseqüências funestas, como a retirada de verbas pelo governo brasileiro. As irmãs, porém, não se intimidaram e continuaram sua missão na fidelidade a Deus, à Igreja e à sua vocação de consagradas. Aos poucos, foram introduzindo, na casa, símbolos religiosos, imagens e a gruta de Nossa Senhora de Lourdes. E com a cura do corpo, a saúde do espírito.

Ao longo do tempo, as irmãs foram assumindo outros serviços, como farmácia, serviços domésticos, entre outros. Quando Ir. Tharcísia Reinmann, em 1903, foi transferida para Rio Grande, recebeu da Santa Casa uma placa em mármore, com a inscrição SACERDOTISA DO BEM, por sua dedicação e trabalho.

118 |

Em 1914, o hospital foi atingido pela epidemia do tifo “preto”, a “influenza” e a gripe espanhola, que vitimou várias irmãs, mártires do dever. Ir. Gerina Goldschmits, ao falecer, deixou seu médico comovido, tanto que disse: “Eu nunca teria imaginado que uma irmã morresse com tamanha serenidade. Esta morte tocou-me tão profundamente que tenho sempre na imaginação o quadro daquela irmã. Uma religiosa que assim morre é a mais feliz das pessoas”.

Somente em 1914, a Santa Casa recebeu luz elétrica. Até então, eram usadas lâmpadas de querosene.

Em 1916, faleceu Madre Caroline Hansel. A Santa Casa outorgou-lhe o título de “GUARDIÃ BENFEITORA DA SANTA CASA”. Quando, em 1925, celebravam-se os 25 anos de trabalho das irmãs na Santa Casa, Dom Joaquim Ferreira de Mello, durante a bênção do Santíssimo Sacramento, reconheceu os 25 anos de dedicação das irmãs junto aos enfermos. De cada passo, cada avanço e cada mudança, seja de espaço, de pessoas ou de tipo de administração, as irmãs foram e são uma presença constante. Ao comemorar os 50 anos de atividades, as irmãs receberam uma placa de bronze, manifestando reconhecimento pela sua participação nos destinos da Santa Casa.

Quando, em 1960, a Santa Casa foi abalada pelo abandono de 11 médicos plantonistas do pronto socorro, Ir. Aloisiana Mörschbacher, ministra da comunidade, deu provas de resignação e de confiança na Divina Providência, com sua presença persistente, coragem e empenho por manter a unidade na diversidade. Em outras ocasiões, as irmãs têm intermediado crises de ordem administrativa, por vezes ideológicas, mas sempre presença franciscana de paz e bem. As contínuas crises do INSS têm perturbado,

não poucas vezes, o sono das irmãs, que assumiam a missão como se fosse obra sua, ultrapassando o mero vínculo empregatício.

Nota-se, em sua história, grande movimentação da Santa Casa, de suas diretorias e chefias, para o aperfeiçoamento dos serviços, com equipamentos modernos, provenientes de doações e promoções organizadas pelas damas da sociedade pelotense. Em 1968, a Santa Casa foi classificada em 2º lugar na avaliação do INPS, por sua prestação de serviços. Os cursos de enfermagem melhoraram a capacitação dos profissionais enfermeiros, favorecendo, assim, o atendimento com pessoal mais qualificado. De parte das irmãs, a qualificação profissional cresceu nos últimos anos.

Quando, em 2000, foram celebrados os cem anos de presença das irmãs na Santa Casa, registrava-se um total de 399 irmãs que desempenharam sua missão nessa instituição. Após cem anos, residindo dentro da Santa Casa, as irmãs, em 2001, passaram a ter casa própria fora da instituição. Hoje os tempos são outros, o número de irmãs é muito menor e a área hospitalar, até então ocupada como residência, pôde servir para a ampliação dos serviços da Santa Casa. Com oito irmãs, iniciou-se a missão na Santa Casa de Misericórdia, de Pelotas, e, com 8 irmãs, celebrou-se o centenário de sua presença nessa missão tão necessária de curar, consolar, minorar a dor e, por vezes, ajudar a morrer em paz.

|119



Residência das Irmãs
da Santa Casa de Misericórdia,
de Pelotas

ASILO DE MENDIGOS

Início da instituição: 23/9/1882 • Inauguração: 23/9/1882

Ingresso das irmãs: 1/8/1906 • Instituição de terceiros

Saída das irmãs: 2004

120 |

A cidade de Pelotas, em 1848, conquistou um espaço para abrigar doentes pobres e, em 1855, um asilo para órfãs. Faltava atender aos idosos que perambulavam pelas ruas, sem família, nem teto, sofrendo toda espécie de privações. Os primeiros 11 asilados foram recolhidos numa casa confortável. Em favor dos desvalidos, Deus sempre suscita alguém que venha em auxílio de suas fragilidades. Antônio Joaquim Dias e o Visconde da Graça são os pioneiros da idéia de um asilo para idosos. Doaram a maior soma em dinheiro para a construção do imóvel, em terreno doado pelo Barão de Santa Tecla – Quincas da Silva Tavares e a baronesa, sua esposa. Mas a construção só começou em 1889. Ainda não concluída, a casa foi ocupada por tropas do exército durante a revolução federalista de 1893. Terminada a revolução, os soldados, que muito se agradaram das salas amplas e claras do futuro asilo, não quiseram mais retornar à caserna. Foi, então, que os coronéis José Maria Machado de Abreu e Martins Garcia requereram ao governo a retirada da tropa.

Recolheram, na casa, os trinta primeiros mendigos, para os quais a casa havia sido construída. Isso aconteceu em setembro de 1894. Organizaram uma diretoria composta de 15 membros entre os senhores mais abastados e conceituados da cidade. No início, por 12 anos, a instituição vivia de esmolas e donativos, sob a administração de um mordomo e de uma senhora.

Pelo trabalho e dedicação ao Asilo de Órfãs, de 1889, e à Santa Casa de Misericórdia, de 1900, o presidente do asilo, Francisco Simões Lopes, propôs à Madre Ana Moeller, ministra provincial, que as irmãs assumissem a administração do asilo de mendigos. Após reiterados pedidos, Madre Ana aceitou a proposta e enviou as cinco primeiras irmãs: Ir. Micaela Heinen, como ministra, Ir. Ângela Stülp, Ir. Leonarda Eschberg, Ir. Basília Theobald e Ir. Scolástica Machry. Elas colocaram todas as suas aptidões a serviço de Deus, na pessoa do idoso, sob a proteção de São José. Isso aconteceu em 1/8/1906. A entrada das irmãs na casa deu-se após a missa solene, cantada pelas irmãs da Santa Casa e do Asilo de Órfãs, diante de um grande número de pessoas. Após a missa, o sacerdote percorreu todos os

ambientes, aspergindo-os com água benta. Na sala de honra, o Presidente declarou que caberia às irmãs a direção do asilo e o cuidado dos mendigos (CRÔNICAS, 1906, p. 3).

O número de asilados crescia a cada mês. Eram pessoas portadoras das mais diversas limitações: cegos, paralíticos, reumáticos, dementes... alguns chegavam até a voltar para a família, depois de um bom tratamento. Enquanto cuidavam do corpo e da mente, as irmãs não descuidavam do espiritual. Eram instruídos na religião e eram-lhes administrados os sacramentos. Sua socialização dava-se através de comemorações e promoções beneficentes. Entre os velhinhos, havia quem já tinha 112 anos, 111, 108... outros nem sabiam mais a sua idade e nem se lembravam do sobrenome. O cuidado dos idosos ultrapassava a obrigação, a remuneração e qualquer outro interesse. A sociedade pelotense, de quando em quando, era movimentada para visitar o asilo, para, junto aos velhinhos, celebrar, festejar, ajudar. Em 1919, foi instalada, no asilo, a luz elétrica, por benemerência do mordomo José Alves de Carvalho, que, por ocasião da inauguração da luz, ofereceu uma festa aos asilados. Nesse mesmo ano, o número de idosos no asilo era de 102 homens e 94 mulheres.

| 121

Em 1927, foi iniciada a construção de um pavilhão para os asilados homens, com 11 quartos e espaço para duas camas em cada quarto. Foi inaugurado em 1928. Em 1932, foi erguida e inaugurada a gruta de Nossa Senhora de Lourdes. A década de 30 foi marcada por ampliações, reformas e pela criação do pensionato para senhoras. Esse pensionato foi planejado como fonte alternativa de renda para o asilo.

A missão das irmãs, no Asilo de Mendigos, resumia-se ao cuidado dos idosos em suas necessidades físicas e espirituais, devolvendo-lhes a dignidade como seres humanos. Nas crônicas, há relatos de constante animação, através de festinhas, confraternizações e visitas programadas de grupos, especialmente jovens. Muitas celebrações religiosas e orações eram ali realizadas. As festas mais celebradas eram de São João e Natal. Aí, a alegria era geral.

Em 1994, devido à nova organização da província, a comunidade do Asilo de Mendigos passou a denominar-se Residência Divina Providência.

A partir de 2000, um novo fato aconteceu: surgiu desconforto nas relações entre a diretoria e as irmãs. Devido a isso, a direção provincial pediu uma revisão do convênio celebrado havia muitos anos. Após idas e vindas,

na busca de um acerto, o conselho provincial e as irmãs, que ainda trabalhavam no asilo, entenderam que era melhor encerrar esse trabalho, depois de 98 anos de presença em favor dos idosos. A ministra provincial transferiu as irmãs para outras comunidades e os móveis pertencentes às irmãs foram remanejados para outras casas. O povo de Pelotas, que acolheu as irmãs com alegria em 1906, despediu-se delas com pesar e indignação. As irmãs souberam confiar os velhinhos à divina providência e entregar a obra, que “não era nossa”, nas mãos de Deus.

CASA SAGRADA FAMÍLIA (LARANJAL)

Fundação: 16/1/1969 • Inauguração: 16/1/1969

Chegada das irmãs: 26/1/1969 até 2003



“A província tem agora uma aprazível casa de campo, no interior de Pelotas, à margem da Lagoa dos Patos, distante 13 quilômetros da cidade.” Assim inicia a Crônica de 1969, da Casa Sagrada Família. A propriedade foi doada por Gisa Chaves de Assunção. Trata-se de uma significativa fração de terra com 50 metros de frente por 400 metros de fundo, parte da Estância Mimosa, com acesso fácil pela Av. Alfredo Assunção.

Gisa era uma moça pobre. Casou-se com Alfredo Assunção, filho de Augusto Alfredo Assunção, estancieiro muito rico, possuidor de grande

extensão de terras, que ia do Laranjal à cidade de Pelotas. Quando ficou viúva, Dona Gisa herdou grande parte de terras. Seu sonho era transformar a propriedade numa espécie de condomínio de religiosos ou Vila de Religiosos. Doou, então, parte das terras para congregações religiosas, sediadas na diocese de Pelotas: irmãs carmelitas, irmãs de Nossa Senhora (Notre Dame), irmãs Filhas da Imaculada Conceição, padres da Companhia de Jesus e Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã.

Recebida a escritura, a direção provincial iniciou, em 1967, a construção de uma casa sob a administração do eficiente Pe. João Rui, S.J., da benemérita doadora do imóvel e da incansável Madre Stela Mentges, que trabalhava na Santa Casa de Pelotas. Trata-se de uma casa grande e bonita, solidamente construída, sem luxo, mas funcional e prática que, em princípio, era destinada às irmãs necessitadas de férias, repouso e recuperação da saúde. A casa foi inaugurada em 16/1/1969, com a entronização do Sagrado Coração de Jesus, a bênção das dependências pelo Pe. João Rui e relato da doação do terreno, feito por Ir. Ruth Muller. Também fez parte do cerimonial o descerramento de cortina que encobria um artístico retrato da grande benfeitora, Gisa Assunção, que se emocionou com o reconhecimento das irmãs. A festa de inauguração contou com a presença do provedor da Santa Casa de Pelotas, irmãs das comunidades de Pelotas, irmãos lassalistas, outras pessoas amigas e familiares da benfeitora. Em 26/1/1969, chegaram as irmãs da primeira comunidade: Ir. Servita Schmit, Ir. Dossitéia Welter e Ir. Maria Olívia Lunkes. Juntaram-se a elas: Ir. Normélia Jung, Ir. Gema Sehnem, Ir. Ascência Reckziegel e Ir. Maria Zilá Wagner, da comunidade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Somente em 1973, a comunidade recebeu sua primeira ministra, Ir. Cecília Jacobi.

|123

A direção provincial procurou dar logo um cunho social e eclesial para essa casa. Foi colocada à disposição para encontros e retiros de sacerdotes, religiosos e leigos. As irmãs da província procuram-na para férias, descanso e oração. Leigos também desfrutam desse ambiente agradável e tranqüilo. No ano santo de 1974, as irmãs da comunidade receberam, de Dom Antônio Zattera, licença para obter indulgência, na capela do Carmelo, próxima à Casa Sagrada Família.

Gisa Chaves de Assunção faleceu em 12/2/1981 e o Pe. João Rui, em 11/7/1981. Além de grande colaborador, foi capelão da comunidade por vários anos, tarefa que exerceu com zelo e dedicação.

Em 1982, foi criada a Paróquia Santo Antônio do Laranjal e a comunidade Sagrada Família passou a fazer parte dela.

O conselho provincial, em 1998, resolveu redimensionar o trabalho que vinha sendo prestado por essa comunidade ao povo de Pelotas. A casa passou por uma reforma total: foi construída uma nova residência para as irmãs (em 1984) e mais dois blocos: um para copa, cozinha e lavanderia e outro para capela e salão de reuniões. Ao lado da residência, foi construída uma linda piscina, para uso das irmãs que desejam refazer suas forças junto à irmã água.

Para todo esse trabalho, as atividades externas à casa foram suspensas durante dois anos. Nesse período foi elaborado um regulamento interno e feitas as devidas adaptações administrativas, dentro das exigências de um serviço de qualidade. A casa foi equipada com recursos tecnológicos, para poder atender a retiros e palestras. A partir de 2001, foi novamente liberada sua ocupação para grupos, cursos de espiritualidade, retiros e planejamento pastoral. Nesse lugar, a preservação da natureza e os jardins expressam o que as palavras não são capazes de dizer. Dentro da reorganização da província, a comunidade passou, em 2006, à denominação de Comunidade Franciscana.

124 |

Atualmente, a casa é procurada por pessoas que desejam encontrar-se consigo mesmas, com a natureza e com o “Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor”. Encontram aí um ambiente de tranqüilidade e de paz, do jeito franciscano.

SANTUÁRIO DE ADORAÇÃO

RESIDÊNCIA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Fundação: 20/2/1988 • Instituição da mitra diocesana



A origem do Santuário de Adoração, em Pelotas, remonta a 1958, quando Dom Antônio Zattera, bispo diocesano, recebeu de Dinorah Silveira Pereira Branco um terreno com um casarão (sede do governo estadual em 1865), sob o compromisso de construir um templo ou obra de caridade. A prática da adoração ao Santíssimo Sacramento, em Pelotas, teve início em 1948, em preparação ao Congresso Eucarístico Diocesano. A atual capela do Santuário de Adoração, a pedido de Dom Antônio Zattera, foi construída e concluída em 1973. Sua inauguração deu-se em 12/8/1973.

Inicialmente o santuário era atendido pelas irmãs carlistas do Instituto de Menores. Depois, as irmãs de São José assumiram os serviços e um sacerdote jesuíta fazia o atendimento espiritual. Em 1975, Dom Antônio Zattera solicitou às irmãs franciscanas que assumissem os cuidados do Santuário de Adoração. Ir. Joana Stefani, em discernimento com o conselho provincial, considerou tratar-se de uma atividade consoante ao carisma fundacional “cuidar bem das Igrejas” (São Francisco). A proposta foi aceita e foram designadas duas irmãs da Comunidade Nossa Senhora da Conceição para assumirem a administração do santuário, prestando contas à mitra diocesana.

| 125

Com a morte de Dom Antônio Zattera, em 15/10/1987, assumiu, como bispo da diocese de Pelotas, Dom Jaime Henrique Chemello, o qual pediu, encarecidamente, mais irmãs para o santuário e ofereceu espaço no prédio adjacente para uma comunidade de irmãs. A proposta era de que o 3º e o 4º andar fossem ocupados pelas irmãs e o 1º e 2º fossem destinados às reuniões das diversas pastorais da Igreja: grupos de estudos bíblicos, jovens, recuperação de dependentes alcoólicos, oficinas de oração e vida. O movimento no santuário havia crescido e era necessário atender melhor à adoração e ao pessoal que vinha pedir conforto, esclarecimento e orientação. Novamente Ir. Joana e suas assistentes acolheram o pedido de Dom Jaime. Constituiu-se, assim, a Comunidade Sagrado Coração de Jesus, em 20/2/1988. Da primeira comunidade fizeram parte: Ir. Alda Zago, Ir. Osmunda Konzen e Ir. Maria Inês Dalvit. No mês de abril, a comunidade recebeu Ir. Teonila Brod e, em julho, Ir. Ignez Geremia. As irmãs procuraram dar ao santuário o sentido que o bispo desejava: que se tornasse um centro de oração na diocese de Pelotas.

Hoje, as irmãs dedicam-se todos os dias, em sistema de rodízio, à adoração ao Santíssimo Sacramento e ao atendimento de pessoas que, com seus

problemas e necessidades, procuram o santuário. Têm a responsabilidade pela ornamentação e cuidado do altar, exposição do Santíssimo Sacramento, liturgia e bênção. Como comunidade, assumem afazeres domésticos. Assessoram reuniões do Movimento Familiar Cristão, do Cursilho de Cristianidade, da Renovação Carismática Católica e atendem a outras necessidades. Além do apostolado da escuta, as irmãs realizam visitas domiciliares, levando a Eucaristia aos doentes. No Santuário de Adoração, há sempre a presença de um sacerdote para os atos litúrgicos e as confissões.

Contígua ao santuário, há uma livraria, inicialmente locada pelas irmãs paulinas. Depois, pela Editora Vozes e, hoje, é administrada por um grupo de lideranças cristãs. A livraria, por sua vez, muito contribui para auxiliar na formação religiosa do povo.

RESIDÊNCIA NOSSA SENHORA DE LOURDES

Fundação: 11/2/1989

126 |



Na cidade de Pelotas, até a década de 80, a província não possuía imóvel próprio, apesar de estar presente na cidade desde 1889. Pensando na possibilidade de irmãs lá estudarem, foi adquirida uma casa para residência. No ano de 1989, precisamente cem anos após as franciscanas terem chegado ao solo pelotense, abriu-se a Residência Nossa Senhora de Lourdes. Era o dia 11 de fevereiro. A primeira comunidade compunha-se de irmãs de diversos ramos de atividade: Ir. Julieta Brocardo, do serviço pastoral;

Ir. Maria Alícia da Silva, dos serviços do lar; Ir. Cor Maria da Anunciação, estudante; Ir. Maria Elisabetha Bieger, enfermeira da Santa Casa de Pelotas, e Ir. Maria Érica Ten Caten, do trabalho pastoral diocesano.

A instalação da comunidade deu-se com a presença de Ir. Zair da Rosa, então ministra provincial; Ir. Odila Merchiori, secretária provincial, e irmãs das comunidades de Pelotas. Com uma liturgia muito bem preparada, entregaram a proteção da casa a Nossa Senhora de Lourdes, cuja festa ocorria naquele dia. Após a oração e bênção da casa, houve almoço de confraternização. A comunidade foi sempre muito variada em sua missão e estrutura. Já em 1992, a Comunidade Nossa Senhora de Lourdes recebia duas jovens vocacionadas que desejavam fazer uma experiência de convívio com as irmãs. Até 2000, a comunidade foi sede de um juvenato, onde as jovens, chamadas à vida religiosa, passariam um período de preparação prévia e de experiência comunitária.

O conselho provincial vinha questionando, havia mais tempo, o lugar do postulante em Santa Maria. Após muita reflexão, percebeu que Pelotas oferecia boas condições para sediar a casa de formação para tal período, por ser mais próxima de Porto Alegre e por contar com a assessoria dos freis capuchinhos. Além disso, proporcionaria às postulantes experiências de trabalho bem diversificadas, como escola, casa de idosos, santuário de adoração e trabalho na Santa Casa. Decidiu-se, então, transferir o postulante para Pelotas – Residência Nossa Senhora de Lourdes. Tudo foi, aos poucos, colocado no seu devido lugar e criado espaço para uma pequena capela. Em 4 de julho, após a celebração da santa missa, foi dada a bênção da casa e o Santíssimo colocado na capela. De início, as postulantes se engajaram na Comunidade Nossa Senhora do Rosário, da periferia, para fazerem sua prática pastoral. Sempre foi muito gratificante essa experiência na primeira etapa da formação. Ir. Lúcia Paetzold, mestra das postulantes, e Ir. Alice Grisotti, ministra da comunidade, souberam muito bem conduzir esse começo em novo ambiente. A casa continua, até hoje, sendo o lugar que abriga essa etapa de formação.

JAGUARÃO - RS

O território de Jaguarão foi alvo de disputas entre espanhóis e portugueses. Após vitória dos portugueses, em 1802, elevou-se à condição de vila

em 1832 e emancipou-se em 1855. A câmara de vereadores de Jaguarão foi a primeira a aderir à República de Piratini, proclamada durante a Revolução Farroupilha. Apenas o Rio Jaguarão separa o município dos vizinhos países, Uruguai e Argentina. A Ponte Internacional Mauá estabelece a conexão com o Mercosul, o que representa um grande fator de desenvolvimento. Além de ser um município estratégico, é um grande produtor de arroz. Como cidade histórica, Jaguarão possui 800 prédios antigos, famosos por suas portas artesanais, tanto que a Rua XV de Novembro é chamada Rua das Portas. Cabe destacar a igreja matriz do Divino Espírito Santo, com seus altares esculpidos à mão e suas imagens barrocas. Os moradores definem a cidade como um esplendor arquitetônico.

ESCOLA IMACULADA CONCEIÇÃO

Início da instituição: 1901 • Ingresso das irmãs: 27/2/1901

Extinção: 1920 • Reabertura: 1925 • Comunidade das irmãs: 1932

Extinção definitiva da escola: 1977

Comunidade com serviços de pastoral: 7/2/1979

Residência Imaculada Conceição • Fundação: 1988



A Escola Imaculada Conceição, fundada em 1901, na cidade de Jaguarão, tem uma história diferente. Sempre lutou com dificuldade para

alçar vôo quanto ao número de alunos e, conseqüentemente, quanto à sua auto-sustentação. A cidade, na época, apresentava pouco desenvolvimento social, cultural e religioso. Em 1912, as crônicas noticiaram a construção de uma pequena estrada de ferro. Esperava-se mais animação para a cidade, porém a efetivação da estrada tardou a vir e Jaguarão continuava isolada. Na fronteira, o desenvolvimento não chegava.

Em Jaguarão, havia uma escola para meninos, dirigida pelos padres premonstratenses. Dom Cláudio José Ponce de Leão, bispo do Rio Grande do Sul, porém, desejava uma escola para meninas, confiada às irmãs franciscanas. De fato, na manhã de 27/2/1901, chegaram a Jaguarão Madre Ludgera Hellwig e mais quatro integrantes do grupo fundante, tendo como ministra Ir. Veneranda Klüwer. Iniciaram as aulas no dia 5 de março, com 25 alunas. A escola era a casa de uma grande benfeitora, que a cedeu gratuitamente.

As irmãs moraram em casa alugada até 1915, quando a mantenedora negociou com os padres premonstratenses, que deixaram Jaguarão, o prédio para a escola e a moradia das irmãs, na expectativa de dias melhores. A resistência e a “teimosia” em permanecer em Jaguarão chegou até 1920, quando decidiu-se pelo encerramento das atividades da escola. O prédio foi vendido para o Estado. As famílias com melhores posses podiam enviar suas filhas para estudar em Pelotas, Porto Alegre ou São Leopoldo. Às outras restava somente a opção da escola pública. A ausência da educação franciscana foi logo sentida pelos moradores que iniciaram um movimento para trazer de volta a escola das irmãs.

Em 1924, sabendo que a ministra da missão brasileira visitaria as irmãs da Santa Casa, uma comissão de lideranças cristãs se preparou para receber Madre Laeta Feuser. Cem crianças, acompanhadas de seus pais, entregaram flores à Madre Laeta, expressando-se com as seguintes palavras: “Senhora Madre, dê-nos irmãs que nos guiem a Jesus”. Um dos médicos da Santa Casa fez um discurso e encerrou-o com as mesmas palavras: “Conceda, aos nossos filhos, irmãs que os conduzam a Deus”. Comprometeram-se a auxiliar a escola e colocaram à disposição uma casa para ser usada pela escola, sem aluguel, por um período de 10 anos. Diante de tanta insistência e mediante a proposta feita, a ministra não teve outra resposta a não ser um “sim”. Em 1/3/1925, iniciaram-se as aulas com 172 alunas, em regime de externato. Em seguida foi criada a escola de datilografia Remington, que, por muitos anos, formou datilógrafos e abriu a porta do emprego a muitos.

Até 1931, as irmãs da escola faziam parte da comunidade da Santa Casa. Madre Laeta Feuser, porém, concordou que, para uma vida melhor e um apostolado mais fecundo, as irmãs educadoras tivessem sua casa própria. Em fevereiro de 1932, foi constituída a nova comunidade com as seguintes irmãs: Madre Lioba Kipper, Ir. Gisela Grings, Ir. Emelina Müller, Ir. Isaura Soares, Ir. Juventina Jung, Ir. Terezinha Gomes e Ir. Orlanda Theisen.

Além do currículo oficial, a escola ainda oferecia cursos livres de música, datilografia, bordado e corte e costura. Em 1954, foi encaminhada a documentação para a criação da Escola Normal Regional, que passou a funcionar no ano de 1955. Em 1956, a Escola Imaculada Conceição obteve autorização para implantar o Curso Normal Secundário, conforme o novo regulamento para as escolas normais do Rio Grande do Sul. A escola dava novos sinais de melhoria e precisava ser ampliada. Com a ajuda da comunidade, foi comprada uma casa anexa à escola.

130 |

Por ocasião da visita de Vinícius Chagas Carvalho, inspetor seccional de Porto Alegre, foi criado, em 1957, como anexo à Escola Normal, o Ginásio Carlos Barbosa. A primeira turma do ginásio contou com uma matrícula de 38 alunos. Em 1965, a escola cedeu parte de seu prédio para o funcionamento do curso de Estudos Sociais, extensão da Faculdade de Pelotas. Esforços não faltaram para manter a Escola Imaculada Conceição. Tendo em funcionamento os cursos normal, ginásial, primário e o jardim da infância, mesmo assim não foi possível mantê-la com recursos próprios. Novamente, a escola passou pelo sofrimento de ver encerradas suas atividades. 1974 foi seu último ano de funcionamento. Gradativamente, foram sendo encerrados os cursos e, a 27/11/1976, realizou-se a formatura da última turma do curso de magistério. Houve celebração eucarística, em ação de graças, pelos 74 anos de funcionamento da Escola Imaculada Conceição, em Jaguarão. A Secretaria de Educação do Estado, através da Portaria nº 01257, aprovou, em 27/1/1977, a solicitação de encerramento das atividades. O arquivo foi recolhido à 5ª Delegacia de Educação de Pelotas, em 20/12/1977.

A pedido do bispo de Pelotas, Dom Jaime Chemello, um grupo de irmãs permaneceu na cidade para assumir o ensino religioso nas escolas públicas e a catequese paroquial, abrangendo diversas comunidades. Em 31/12/1978, foi então constituída a Comunidade Imaculada Conceição. As irmãs passaram a residir numa casa da província, à Rua Júlio de Castilhos,

nº 573. A Crônica de 1978 relata o seguinte: “O ano de 1978 foi, para a nossa pequena comunidade, um ano de muita luta e sacrifícios, mas também de muitas graças e gestos de fraternidade por parte de nossas co-irmãs vizinhas, da Santa Casa de Caridade e do Lar de Meninas Felisbina Leivas. A todas as irmãs agradecemos fraternalmente e pedimos a Deus que Ele seja o remunerador por tudo o que foram para nós”.

Em 3/2/1979, a nova comunidade, constituída por Ir. Leandra Körbes, Ir. Cecília Hames, Ir. Ascência Reckziegel, Ir. Carmelinda Galina e Ir. Maria Kunrath, passou a residir em sua nova casa.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Fundação: 6/8/1862 • Inauguração: 9/3/1883

Ingresso das irmãs: 9/1/1908

Instituição de terceiros

Integração das irmãs da Santa Casa

na Comunidade Imaculada Conceição: 1988

| 131



Em 1862, havia, na cidade de Jaguarão, uma clínica de propriedade de Carlos Barbosa Gonçalves, médico dedicado especialmente aos pobres. Nessa época, por parte de algumas lideranças de Jaguarão, juntamente com o médico Carlos, surgiu a idéia de fundar na cidade uma santa casa de

caridade, o que, com o apoio de outras irmandades e de instituições de caridade, e a colaboração da Igreja Católica, logo se tornou uma decisão. Foi assim que, em 15/5/1862, em cerimônia presidida por Dom Sebastião Dias Laranjeira, bispo do Rio Grande do Sul, foi lançada a pedra fundamental. As obras foram executadas lentamente e, até mesmo, interrompidas, por falta de recursos. Em 1882, Carlos Barbosa Gonçalves foi nomeado médico-chefe da Santa Casa, o qual deu novo impulso, tanto à construção quanto à aquisição de equipamentos. No ano seguinte -1883 - foi dada a bênção ao prédio pelo então pároco, Pe. Lopes Rodrigues.

A Santa Casa era mantida pelas contribuições dos sócios, por donativos e algum auxílio do Estado. Mesmo assim, seu crescimento era penoso e, até 1895, pouco progrediu. O médico Carlos, ouvindo a população de Jaguarão, que pedia irmãs enfermeiras para a Santa Casa, e conhecendo o trabalho das franciscanas na escola por elas dirigida, solicitou à Madre Ana Möller, ministra da missão brasileira, irmãs para o cuidado aos doentes. O pedido foi intermediado por Dom Cláudio José Ponce de Leão, bispo do Rio Grande do Sul. Diante da insistência, Madre Ana aceitou o pedido. Em 1/2/1908, chegaram a Jaguarão as primeiras irmãs para assumirem a Santa Casa: Madre Casimira Schwántzer, Ir. Germana Jungblut, Ir. Dorotéa Klafke e Ir. Floriana Ruzzarin. Nesse dia, juntamente com as irmãs do colégio, que muito se alegraram com a nova fundação, celebraram a missa, cheias de gratidão, e encomendaram ao Senhor a nova atividade. A inauguração oficial da instituição foi marcada para mais tarde.

Antes de regressar a São Leopoldo, em 7 de fevereiro, Madre Ana Möller deixou tudo bem regulamentado e o contrato assinado com a diretoria da Santa Casa. Carlos Barbosa Gonçalves permaneceu na direção da Santa Casa até o final de 1908, quando assumiu a presidência do estado do Rio Grande do Sul. A diretoria mostrava-se alegre e satisfeita, demonstrando às irmãs todo seu acatamento. As irmãs, cheias de confiança e coragem, lançaram mãos ao trabalho. Até 25/3/1908, data da bênção da casa, tudo estava pronto para a inauguração. Houve missa às 10 horas, cantada pelas irmãs e alunas do Escola Imaculada Conceição. O celebrante, Pe. Godofredo, em sua homilia, falou sobre a caridade e a misericórdia e estimulou o povo a contribuir para a sobrevivência da Santa Casa. Terminada a missa, os presentes puderam visitar as dependências da casa, inclusive a clausura das

irmãs. Impressionaram-se com a ordem, a limpeza e a simplicidade, chegando a comentar: “de choupana que era, transformou-se em palácio”.

Antes que as irmãs assumissem a Obra, o cuidado dos enfermos estava entregue a um enfermeiro leigo e a uma boa senhora de origem africana. Com nova animação, a diretoria e as irmãs muito trabalharam para melhorar a Santa Casa. Pouco a pouco, foi renovada e organizada a vida hospitalar. As irmãs introduziram o atendimento religioso, outra face na dimensão da vida. Carlos Barbosa Gonçalves foi substituído por Dr. Faustino José Corrêa, no cargo de provedor e médico da instituição. Este era o intendente da cidade. Faustino foi, para os enfermos, pai e protetor. Com donativos e auxílios melhorou as condições do prédio e das instalações. O número de internações foi aumentando gradativamente. Com o passar dos dias melhorou também a situação dos enfermos pobres. Nenhum deles, ao morrer, foi sepultado sem caixão. Faustino concedeu uma ajuda anual para o tratamento dos pobres e dos soldados doentes.

Em 1915, foi instalada a farmácia do hospital. No ano seguinte, duas enfermeiras foram contratadas, especialmente para o atendimento das vítimas da tuberculose. A Santa Casa foi conquistando espaço e reconhecimento. Em 1926, foram construídos sete quartos para a primeira classe, salas de cirurgia, espaço para a esterilização de material e copa. Com o trabalho de evangelização, a capela existente se tornara pequena e, em 1927, deu-se início à construção de uma capela maior. Confiaram a São José as obras de construção. Um grupo de senhoras e irmãs, com ânimo, empenhou-se em pedir contribuições financeiras, realizar promoções beneficentes e rifas para que a obra fosse adiante. No mês de outubro de 1929, a capela pôde ser inaugurada.

Na década de 30, as crônicas registram um significativo crescimento. O movimento era grande e os desafios também. Em 17/10/1938, um ciclone passou por Jaguarão. Deixou a cidade às escuras e levou aos ares parte do telhado da Santa Casa. A duração do ciclone foi de apenas cinco minutos, tempo suficiente, porém, para grandes estragos.

Em 1941, a Santa Casa foi ampliada com um segundo andar. As dificuldades foram muitas; porém, em 1942, todos puderam ver concluída mais essa etapa. No mês de dezembro de 1947, foi lançada a pedra fundamental de um pavilhão para tuberculosos. Essa construção, interrompida em 1951, por falta de dinheiro, foi concluída em 1953.

O ano de 1958 marcou o jubileu de ouro da presença das irmãs na Santa Casa de Jaguarão, solenemente festejado. Nessa ocasião, foi lembrado todo bem, todo avanço, não só no aspecto técnico e na qualidade dos serviços de enfermagem, mas, sobretudo, no significado religioso da presença das irmãs. Além de todo trabalho hospitalar e administrativo, elas dedicavam-se à catequese, à liturgia e não descuidavam o preparo espiritual dos enfermos. As crônicas registram várias conversões de doentes e familiares dos doentes. Jaguarão, terra que foi verdadeira missão, teve, nas irmãs, as missionárias que esse rincão rio-grandense precisava.

134 |

A expansão da Santa Casa prosseguiu e, em 1971, foi a vez da construção de um novo ambulatório. Assim, de ajuda em ajuda, foi adquirindo equipamentos, melhorando instalações e ampliando serviços especializados como UTI, ortopedia, obstetrícia, pediatria, clínica médica e cirúrgica. Em 1981, foi aberto um pronto-socorro com plantão permanente. A Misereor (órgão ligado à igreja católica da Alemanha, que financia projetos em favor dos pobres dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento), o Funrural, o grupo Mão Branca (de Jaguarão) e outros, todos foram sensibilizados para ajudar. O desenvolvimento da região passou a atrair mais profissionais na área da saúde.

Com a melhoria dos serviços prestados por esses profissionais, a comunidade das irmãs deixou, em 1989, a moradia da Santa Casa e passou para uma residência própria. A partir dessa data, mantém apenas atividades pastorais na instituição, junto aos doentes e funcionários.

ASILO DE ÓRFÃS FELISBINA LEIVAS (Lar das meninas)

Início da instituição: 1938 • Inauguração: 25/12/1938

Instituição de terceiros

Chegada das irmãs: 11/2/1939 • Saída das irmãs: 1977

Jaguarão, 1938. As irmãs franciscanas já eram conhecidas por seu trabalho na Santa Casa de Caridade e na Escola Imaculada Conceição. Em Jaguarão, a Associação Protetora dos Desvalidos mantinha o Asilo de Pobres 16 de Abril e o Asilo de Órfãs Felisbina Leivas, ambos fundados pelo Cel. Augusto César Leivas, o qual tinha doado à Associação Protetora dos Desvalidos duas cháca-

ras nos arredores da cidade: a chácara Quinta do Bom Fim e a chácara Dona Felisbina Leivas (nome em homenagem à mãe do coronel) com a finalidade de construir um asilo para órfãos.

Em 25/12/1938, o Asilo de Órfãos Felisbina Leivas pôde ser inaugurado, possibilitando a entrada de 17 órfãos, que estavam sob a tutela de Dona Honorina Pacheco.

A diretoria da Associação Protetora dos Desvalidos pediu irmãs para assumirem a direção do asilo. Madre Laeta Feuser, em princípio, entendeu que seria melhor que outra congregação assumisse a direção. Porém, após insistência por parte da diretoria, Madre Laeta, com o conselho provincial, resolveu aceitar mais esse desafio em Jaguarão. Assim registra a crônica: "Pareceu-nos ser a vontade de Deus que aceitássemos essa obra tão em sintonia com o espírito de nossa veneranda Fundadora" (CRÔNICAS, 1938).

Após os devidos acertos, entre a Associação Protetora dos Desvalidos e a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis, quatro irmãs chegaram a Jaguarão em 11/2/1939, acompanhadas por Madre Laeta Feuser e Ir. Albana Raestrup, para assumir a obra. A primeira ministra da comunidade foi Ir. Modesta Lenz.

Com grande confiança em Deus, as irmãs puseram mãos à obra na educação de meninas órfãs, sob os seguintes critérios: 1) ministrar uma formação ampla; 2) ministrar uma formação teórica e prática; 3) ministrar uma formação para a vida. As órfãs recebiam educação primária, ensino de bordado, corte e costura, datilografia e exercitavam-se nos trabalhos domésticos.

A casa destinada ao asilo necessitava de limpeza e reparos, por dentro e por fora. Sensíveis, os senhores da administração, especialmente o Cel. Gabriel Gonçalves e Olympio Alves, dispuseram de auxiliares para ajudar as irmãs e a transformação do local se tornou visível.

O ensino ministrado às órfãs foi oficializado pelo município e a escola foi denominada Escola Municipal Felisbina Leivas. Em 1941, a administração do asilo reformou uma velha casa, próxima ao asilo, e foram recolhidos nela, em 29 de julho, quatro homens e sete mulheres pobres, para os quais a comida vinha do asilo. A limpeza era feita por uma senhora viúva. Essa situação foi sustentada até 1965, quando o Lar das Idosas foi completamente separado do asilo, que passou a denominar-se Lar de Meninas Felisbina Leivas. Duas irmãs, então, atendiam o lar dos velhinhos, cuja denominação passou a ser Lar Cel. Gabriel Gonçalves da Silva.

O número de órfãos crescia a cada ano e a comunidade continuava a oferecer donativos. No terreno do asilo, grande em extensão, por várias vezes foram colocadas vacas leiteiras para ajudar no sustento das pessoas que ali residiam. A venda de flores rendia ao asilo uma forma alternativa de sobrevivência. Entre luzes e sombras, o Lar de Meninas foi experimentando novas possibilidades de conduzir o trabalho. Pelos anos 90, a conjuntura socioeducacional apresentava cada dia mais dificuldades para manter as crianças em regime de internato. Assim, a maioria das meninas voltou para sua casa. Os convênios com o poder público, aos poucos, descaracterizaram os objetivos dessa missão e foi decidida a retirada das irmãs. A partir de 1997, a província passou a ter uma única comunidade, em Jaguarão, com missão diversificada nas linhas de pastoral da saúde, pastoral da paróquia e assistência social. A responsabilidade do gerenciamento das instituições passou, então, totalmente para as respectivas diretorias.

RIO GRANDE - RS

A histórica cidade de Rio Grande está situada no extremo sul do Rio Grande do Sul, entre a Lagoa Mirim, a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico. É a cidade mais antiga do Estado, fundada em 1737 pelo Brigadeiro José da Silva Paes e elevada à condição de cidade em 1835. Por muito tempo, Rio Grande foi a capital do Estado. Ao longo de sua história, construiu sua riqueza por uma forte vocação industrial. Ainda hoje, é uma das cidades mais ricas do Rio Grande do Sul, devido, principalmente, ao seu porto, o segundo em movimentação de cargas do Brasil, e à sua refinaria (Refinaria de Petróleo Ipiranga). A proximidade da estação ecológica do Taim, os impressionantes molhes da Barra e o excelente balneário do Cassino, entre outros atrativos, fazem de Rio Grande o principal pólo turístico da metade sul do Estado.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA

Fundação: 8/3/1835 • Inauguração: 15/3/1835

Ingresso das irmãs: 4/3/1903 • Instituição de terceiros



| 137

As velas de Portugal erguiam a cruz do Salvador por sobre as águas de todos os mares e, entre as procelas e tormentas, levaram a doutrina e a fé aos povos infiéis. A carreira das Índias punha-os em contato com todo o Oriente até o Japão. A colonização do Brasil levava-os ao convívio do extremo Ocidente. Missionários e navegantes abriam o caminho para as almas, acompanhando as pregações dos Evangelhos com o exercício da caridade” (RODRIGUES, 1985, p. 15).

Rio Grande seria a sentinela avançada da fronteira meridional do Brasil, cidade de São Pedro. Como cidade portuária, muitos eram os doentes e pobres. Em 1835, surgiu a idéia de fundar uma associação com a finalidade de manter uma instituição de saúde. Rodrigues Fernandes Duarte era proprietário de uma grande casa, que doaria à associação, caso a idéia fosse levada a efeito. Esse mesmo senhor fez a proposta de confiar a instituição à Igreja Católica para que fosse próspera. Em 15/3/1835, sob o título de Irmandade do Divino Espírito Santo da Caridade, constituiu-se a associa-

ção mantenedora do hospital que, em 1841, passou a ser chamada de Santa Casa de Misericórdia, para que pudesse gozar de todos os privilégios que o país concedia a tais casas. Rodrigues Fernandes Duarte, fundador da Santa Casa, embora com 71 anos de idade, cuidava dos doentes. Em 1871, o novo hospital, ainda com espaço limitado, encontrava-se em condições de receber pacientes. Já se cogitava, na época, de confiar essa missão a religiosas, irmãs de caridade. Houve divergência de idéias e o tempo foi passando.

Em outubro de 1902, o provedor, Custódio Vieira de Castro, não podendo mais ver o abandono dos doentes e pobres, dirigiu-se à Madre Ludgera Hellwig, então ministra da missão brasileira, para que enviasse, o quanto antes, “freiras franciscanas de São Leopoldo, por ser reconhecida a habilidade dessas freiras, seu amor aos doentes, seu zelo e sua fidelidade” (Rodrigues, 1985, p. 67). Por parte das irmãs havia um desejo oculto de conseguir esse belo lugar em Rio Grande.

138 | Madre Ludgera Hellwig foi a Rio Grande e, acertados os termos, o contrato foi assinado em 11/2/1903. Com quatro irmãs, em 3/3/1903, embarcou em Porto Alegre com destino a Rio Grande, passando por Pelotas, onde outras duas juntaram-se ao grupo fundador da nova missão. A viagem exigiu delas um ato de fé quando se quebrou o eixo do navio, obrigando-as a permanecer 24 horas à espera de um rebocador de Rio Grande que levasse a viagem a bom termo. O Sr. Ferraz recebeu-as a bordo e hospedou-as em sua casa, até que a moradia na santa casa fosse arrumada, o que aconteceu já no dia seguinte. As pioneiras foram: Ir. Maria Dutra, ministra do grupo, Ir. Ildelfonsa Dautzenber, Ir. Elzeara Dreckmann e Ir. Bonifácia Dewes. As outras duas irmãs, provenientes da Santa Casa de Pelotas, eram Ir. Laurência Stein e Ir. Gregória Stülp.

No início, dizem as crônicas, tudo era muito difícil, tanto sob o aspecto de condições de trabalho quanto de inculturação e esforço para implantar uma nova cultura de higiene, de melhorias etc. No ano de 1905, o número de doentes chegou a 850/ano. Em 1912, a diretoria não quis mais o serviço das irmãs na Santa Casa e estas, então, pediram demissão. Diante do posicionamento das irmãs, foi negociado mais um prazo para a sua permanência, até que, em 1914, houve a troca de diretoria, o que fez com que tudo voltasse ao que era antes. A Santa Casa passou, então, por melhoramentos. O número de doentes chegou a 1700/ano, com um número de 206 óbitos. A questão religiosa era conflitiva entre alguns membros da diretoria

e a Igreja Católica. Em 1915, um membro da direção, que se posicionava como anticlerical, chegou a proibir o capelão de entrar no hospital.

Em 1924, foi criada a Escola dos Enfermos, com a herança que Arnaldo José Pereira deixou para uma fundação em favor dos concidadãos. Assim surgiu o Instituto Margarida, que tinha por objetivo cuidar dos doentes em suas casas, independentemente de sua confissão religiosa. A ministra era responsável em manter pessoal competente para atuar nessa instituição e tudo resultou em grande melhoramento no campo da saúde. Mesmo com dificuldades, o que era comum em instituições desse porte, a Santa Casa foi dando passos que permitiram ora pequenos ora grandes melhoramentos. Benfeitores generosos doavam importâncias, às vezes bem significativas, para aquisição de equipamentos e reformas.

Em 1928, foi celebrado, com muita alegria e festa, o 25º aniversário de serviço das irmãs na Santa Casa. Foi destacada a capacidade de entrosamento entre irmãs e diretoria, mesmo em meio a pequenos conflitos que a história poderia ter registrado. Nesse mesmo ano, iniciou-se a construção de uma moradia (clausura) para as irmãs. A ministra provincial deu uma ajuda consistente, sob forma de empréstimo, a ser amortizado em dez anos. Em 1929, a moradia ficou pronta e, no mesmo ano, foram ainda construídas a maternidade e a capela da Santa Casa.

Em 1931, foi fundada uma associação de senhoras da cidade, sob a denominação de Rouparia de Santa Terezinha da Santa Casa. Essa associação confeccionava roupas para os recém-nascidos. Ao saírem do hospital, as mães eram brindadas com um enxoval para o bebê.

Nos anos de 1930 a 1936, algumas jovens trabalhavam como auxiliares das irmãs, enquanto faziam seu discernimento vocacional tanto para a vida religiosa como para a enfermagem. A prioridade da Santa Casa sempre foi atender primeiro aos mais pobres e privados de tudo. As reformas, adequações e aumentos de salas eram em função de um atendimento necessário e de melhor qualidade diante do cenário local. Por sua parte, as irmãs não pouparam esforços no sentido cristão e evangelizador. Em 1946, foi construída, e inaugurada por Dom Antônio Zattera, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Quando, em 1950, houve a chamada “peste branca”, a Santa Casa se viu na obrigação de ampliar a área do isolamento para mais 60 leitos. Em 1952, foi inaugurado o pavilhão de raios X, o laboratório de radioterapia e de fisioterapia e, ainda, foi instalado o primeiro elevador, doação dos

rio-grandinos. Com doação da Cia. Ipiranga S.A., foi construída a sala de parto. Assim, o ano de 1952 foi considerado o ano dos melhoramentos, das bênçãos e das graças.

A cidade de Rio Grande foi muitas vezes atingida por tempestades, ciclones e vendavais. Isso causou não poucos prejuízos ao prédio e às pessoas. Em todas essas situações, as irmãs, junto com a diretoria, agiam como se a obra fosse própria. Como tudo era construído aos poucos, na própria moradia fizeram as adaptações necessárias, conservando o estilo de vida simples e pobre.

140 | Ao lado da assistência à saúde, na forma própria das Santas Casas, foram organizados alojamentos para particulares, no intuito de atender a todos e como meio de sobrevivência. Esses quartos particulares foram, no decorrer da história, adaptados e aumentados. As crônicas registram ampliações da Santa Casa, tanto na área física como em equipamentos, ao longo de toda a sua história. A instituição compreende hoje vários anexos: pavilhões, hospital psiquiátrico e ala Pedro Bertoni. Esta herdou o nome do grande benfeitor da Santa Casa, que tanto fez pelos pobres, a ponto de, ele mesmo e sua esposa, tornarem-se tão pobres que foram acolhidos e receberam um quarto do hospital para moradia. Ainda outros anexos foram construídos, como o Sanatório Madre Batista e, ultimamente, o Centrocor.

A Faculdade de Medicina de Rio Grande passou a atuar na Santa Casa, no ano de 1965, considerando-a hospital-escola. Em 1976, foi lançada a pedra fundamental do prédio destinado ao hospital materno-infantil e ao centro administrativo. Em 1988, a FURG - Fundação Universidade de Rio Grande alugou o hospital materno infantil em sua totalidade. FURG e Santa Casa mantêm relações de boa vizinhança, respeitam o auxílio mútuo, tanto no atendimento médico como no espaço físico.

No ano de 1968, o hospital psiquiátrico da Santa Casa recebeu estagiárias da FACEM, de Santa Maria, hoje incorporada à UNIFRA. Nesse mesmo ano, iniciou-se o trabalho de pastoral dos enfermos, segundo a organização da Igreja na fase pós-conciliar. Mas a oficialização da primeira equipe da pastoral de saúde só se deu em 1975, tendo como coordenador o Pe. Lírio Celestino Pezzini C.S.S.R., nomeado capelão da Santa Casa em agosto de 1970. Em 1975, Rio Grande tornou-se diocese e recebeu seu primeiro bispo na pessoa de Dom Frederico Didonet, sagrado em 12/9/1971. Com esse

fato, a vida da igreja em Rio Grande teve novo impulso. Na década de 70, o número de irmãs para o trabalho hospitalar foi diminuindo aos poucos. As mais idosas engajaram-se no trabalho da pastoral de saúde e da assistência espiritual aos enfermos e seus familiares. Em 1976, Ir. Ludmila Metzzen recebeu o título de “Mãe dos pobres” e “Mãe do ano”, destaque por seu serviço aos pobres e sua simplicidade franciscana. Ir. Ludmila trabalhou 30 anos em Rio Grande, dando catequese nas vilas Cedro-Cassino, Quinta e Santa Tereza. Auxiliava o sacerdote nas celebrações litúrgicas e fazia uma linda pastoral a domicílio e junto aos enfermos da Santa Casa. Professora por profissão, Ir. Ludmila aplicou sua prática pedagógica nesse ministério. Outro nome que foi destaque em Rio Grande é o de Madre Batista Souto Mayor. Natural de Cerro do Martins, do Rio Grande do Norte, Ir. Batista ingressou na congregação franciscana em 1906. Veio como ministra para a Santa Casa de Rio Grande, em 1940, onde já havia trabalhado anteriormente. Sua dedicação aos pobres e enfermos era tal que teve seu nome dedicado a uma ala da Santa Casa: Sanatório Madre Batista, hoje Pensionato Madre Batista. Era pessoa querida por todos. Faleceu em 22/3/1943.

| 141

Depois de tantos anos de trabalho das irmãs nessa instituição, o conselho provincial entendeu que, para uma melhor qualidade de vida, era necessário um local para descanso, fora do ambiente de trabalho. Em 1984, estando a Santa Casa em dívida com as irmãs, por salários atrasados, foi-lhes oferecida uma chácara (bolaxa), próxima ao Cassino, incorporado, no negócio, o valor da dívida. A direção provincial adquiriu a chácara em prestações, cujo valor foi amortizado pela dívida da Santa Casa.

É do conhecimento de todos a luta pela saúde em nosso país. Na década de 90, as instituições de saúde passaram talvez por sua pior crise financeira. Foi então que a Santa Casa recorreu à assessoria das escolas camilianas de São Paulo e, depois de meses de dedicado trabalho, começaram a surgir luzes no caminho da recuperação administrativo-financeira. Foi nomeado um administrador hospitalar, Rodolfo Ghelen de Brito. Mediante projetos, a Santa Casa conseguiu auxílios, inclusive dos Estados Unidos, e prêmios, o que possibilitou melhorias e aquisição de equipamentos. A instituição tem investido em pessoal e novos serviços, numa linha mais avançada, o que atraiu mais clientes. Entre alegrias, dores e esperanças, com muito trabalho e fé, a missão na Santa Casa de Rio Grande prossegue no seu percurso.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

Fundação: 1903 • Encerramento: janeiro de 1918

Juntamente com a fundação da Santa Casa de Rio de Grande, 1903, deu-se a abertura de uma escola franciscana com o nome de Colégio Nossa Senhora da Glória. Devido à violenta epidemia de tifo que assolara a cidade, o colégio teve seu início apenas em junho, precisamente no dia 16. O espaço físico, destinado à escola, era uma casa alugada nas proximidades do hospital. Foram designadas quatro irmãs para iniciar a escola, tendo na liderança Ir. Filipina Gasse. Iniciou com 19 alunas e, até o final do ano, esse número elevou-se para 70. As quatro pioneiras dedicaram-se a essa missão e, no ano seguinte, 1904, o número de alunas atingiu um patamar de 170. Além do currículo oficial da escola, as alunas mostravam muito interesse em aprender trabalhos manuais e pintura.

142 | Como essa escola permaneceu por relativamente poucos anos, não se tem muitos dados a seu respeito. No relato de Flesch, consta que “todas as alunas eram de origem lusa e se mostravam tão interessadas em aprender e tão cumpridoras dos deveres escolares que as irmãs tinham verdadeiro prazer em lhes dar aula” (p. 84). A escola, porém, não teve muito êxito, referente ao aumento do número de alunos e devido a outras dificuldades, de ordem cultural e econômica. Assim, o encerramento das atividades da escola se deu em janeiro de 1918, permanecendo em Rio Grande somente a missão na área da saúde. As irmãs da escola foram transferidas; umas, para a escola de Jaguarão; outras, para o orfanato de Pelotas.

BAGÉ - RS

Cidade emancipada em 2/2/1847, Bagé tem seu nome dado pelos primeiros habitantes, os índios charruas, guenoas e minuanos. Nos conflitos pela conquista da terra, entre portugueses e espanhóis, os índios, afeiçoando-se mais aos portugueses, a eles se aliaram e conquistaram a terra, recebendo-a como um monumento que Tupã oferecera ao índio guerreiro Ibagé, da tribo dos charruas. Bagé, pertencente à microrregião da Campanha Meridional e integrando o bioma do Pampa, está localizado próximo ao Rio Camaquã. Sua economia é baseada na agricultura, na pecuária e no comércio local. Possui uma universidade particular, Universidade Regional

da Campanha - URCAMP, uma extensão da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL e uma unidade da Universidade Estadual - UERGS. A cidade é marcada pela presença do exército, por ser uma região de fronteira, contando atualmente com quatro quartéis, um hospital militar e uma unidade da justiça militar. Em 1960, foi instalada a diocese, com o que a matriz de São Sebastião foi elevada à categoria de catedral. O primeiro bispo foi D. José Gomes.

COLÉGIO FRANCISCANO ESPÍRITO SANTO

Ingresso das irmãs: 15/2/1905 • Inauguração: 9/3/1905

Residência Espírito Santo: 1993



A educação que Catarina propõe é uma integração do saber intelectual muito vinculado com o saber concreto, ou seja, a reflexão e a ação se realizam simultaneamente, sem descuidar da formação humana. Na proposta de Catarina, cultivam-se os valores humanos, em que se distingue a simplicidade da vida e o respeito, a reverência pela pessoa, o cultivo da sensibilidade e a convivência alegre. Ela fundamenta sua ação nos princípios evangélicos e promove um processo educativo baseado na reflexão e ação (KLEIN, p. 97).

Algumas famílias de Bagé conheciam as irmãs franciscanas de São Leopoldo, onde seus filhos estudavam. Ir de Bagé para São Leopoldo era difícil e dispendioso. Poucos usufruíam desse benefício. Moradores dirigiram-se à congregação das franciscanas, em São Leopoldo, e solicitaram a fundação de uma escola para seus filhos. Em 1903, Madre Ludgera Hellwig (ministra da missão brasileira) veio a Bagé, juntamente com Ir. Prisca da Silva, para conhecer o local e iniciar o estudo das possibilidades de resposta à solicitação a ela dirigida. Foram muito bem acolhidas pelo povo e, feitos os primeiros contatos com a realidade, convenceram-se da necessidade de uma nova fundação. Bagé contava, nessa época, com uma população entre 15 e 16 mil habitantes. As famílias se dispuseram a custear a subsistência das irmãs durante um ano. Em 1904, a ministra geral, Madre Ludmila Birckmann, esteve em Bagé, acompanhada por Madre Ludgera Hellwig. Intuiu muito bem a necessidade do povo e percebeu ser Bagé o lugar exato para um florescente colégio. Após todas as tratativas, ficou decidido que, no início do ano de 1905, seria aberta uma escola - internato e externato - para meninas.

144 |

Assim, em 12/2/1905, partiram para Bagé as seis primeiras irmãs: Albina Weis, Graciana Wallbröpl, Alice Precht, Florentina Müller, Bertranda Wellweg e Columba Lenz. Acompanhavam-nas, como auxiliares, duas moças do Orfanato Nossa Senhora da Piedade, de Porto Alegre. Seguiram de São Leopoldo, por via fluvial e lacustre, até Pelotas e, de lá para Bagé, tomaram o trem, chegando a seu destino no dia 15 de fevereiro, às 17 horas.

Muitos bageenses, crianças, jovens, adultos e destacadas personalidades aguardavam, na estação ferroviária, a chegada das irmãs. A recepção foi calorosa! Abraços de boas-vindas, banda de música e carruagens recebiam as tão esperadas educadoras de São Leopoldo.

Convidadas a tomarem seus lugares nas carruagens, as irmãs foram conduzidas para casas de família, pois a moradia para elas ainda não estava em condições de ser habitada. No dia seguinte, após terem participado da missa, dirigiram-se ao local de sua nova casa. Esta não dispunha de um único móvel, porém, empolgadas com a nova missão, tudo foi sendo providenciado. A primeira atenção, na casa nova, foi escolher um lugar para a capela. No dia 24 de fevereiro, já celebraram, em casa, a primeira missa e receberam a licença do bispo para terem na capela o Santíssimo Sacramento. Nesse dia, a casa foi consagrada ao Divino Espírito Santo, sendo chamada: Colégio Espírito Santo. No dia 22 de fevereiro, chegaram mais seis irmãs para

completar o quadro docente: Ir. Tarcila Simonis, Ir. Prisca da Silva, Ir. Branca Kipper, Ir. Lídia Kroth, Ir. Cristiana Braun e Ir. Francisca Scheid.

Em 9 de março, foram iniciadas as atividades escolares, sendo esse o dia da fundação do Colégio Espírito Santo, localizado à Rua Três de Fevereiro, nas imediações da Casa de Saúde, atual Hospital Universitário. A inauguração foi muito bem preparada, provocando calorosos aplausos dos bageenses. No dia 10 de março, chegaram as primeiras 70 alunas, a maioria com idade entre sete e 14 anos, apenas algumas com 15 e 16 anos. No segundo semestre, o número de alunas aumentou para 90, e vieram 40 pensionistas.

No final do primeiro ano de atividades, a escola promoveu uma exposição de trabalhos, bordado, pintura e desenho, muito apreciada pela comunidade. Foram efetuados os exames finais na presença do prefeito municipal José Otávio Gonçalves e de outras autoridades da cidade. As alunas foram bem-sucedidas, o que permitiu uma excelente avaliação do trabalho iniciado.

Se os pais buscavam uma educação segura e aprimorada para suas filhas, de parte das irmãs, a evangelização estava em primeiro lugar. Logo de início, perceberam que o povo de Bagé era muito sensível à religião, até então bastante precária. Por isso, não deixaram passar uma oportunidade sequer para uma catequese simples, segura e amorosa. Aproveitaram todos os espaços disponíveis para um engajamento na Igreja local. No ano de 1907, houve a primeira procissão do Corpo de Deus em Bagé. O colégio não mediu esforços para participar com alunos e professores. O enfeite das ruas, os cantos, as orações, tudo foi um momento propício para a evangelização. Crianças, jovens e adultos foram preparados para os sacramentos do batismo, primeira eucaristia e matrimônio. Nesse mesmo ano, foi fundada, no colégio, a congregação mariana. Da mesma forma, foi acolhida na capela do colégio, em 1911, a Ordem Terceira Secular de São Francisco de Assis e, no ano seguinte, dia quatro de setembro, foi fundado o apostolado da oração.

Prosseguindo a história dinâmica e viva da escola, no ano de 1906, o número de alunas cresceu para 150 e o colégio tornou-se pequeno. Fez-se necessário ampliá-lo. Foi então alugada uma casa para que mais uma sala de aula pudesse funcionar. As irmãs, por sua vez, compraram um terreno destinado à futura construção do colégio, à Av. General Osório. Em meados de setembro de 1907, foi lançada a pedra fundamental e iniciadas as obras que prosseguiram com rapidez. Em 16 e 17/2/1909, foi realizada a mudança do colégio para o novo prédio, situado à Av. Gal. Osório, 1254.

Para ajudar a educação da fé, foram criados símbolos sagrados, próprios da pedagogia franciscana. Em 29/10/1914, foi colocado, na fachada da escola, sobre a porta de entrada, o símbolo do Espírito Santo, que permanece até hoje.

O Colégio Espírito Santo sempre se empenhou para cumprir sua função social. As primeiras irmãs, vindas da Alemanha para o Brasil, traziam com sua missionariedade não só a cultura como também a ajuda material. Após a primeira guerra mundial, foi a vez do Brasil oferecer ajuda à Alemanha. Nos anos de 1920, 1921 e 1923, foram feitas quermesses e outras formas de angariar auxílios em favor das crianças pobres da Ilha de Nonnenwerth - Alemanha.

146 |

Em 1924, o Colégio Espírito Santo ampliou suas atividades, criando a Escola Santa Isabel para crianças pobres, à Rua Sete de Setembro, próxima à capela São José. Ir. Leonila Rockembach assumiu a escola juntamente com uma funcionária do colégio. Para ajudar no sustento da referida escola foi criada a Associação das Damas de Santa Isabel. A primeira presidente da associação foi Ir. Bertranda Birkhäuser. Tal foi o empenho das damas que chegaram a construir sede própria para a escola. O Colégio Espírito Santo, sempre atento à realidade local, criou, em 1936, um curso de corte e costura e um de datilografia, em vista da promoção humana. Muitos foram os que se beneficiaram com esses cursos.

Percebendo o crescimento da consciência e das práticas religiosas do povo, as irmãs lançaram-se à construção de uma capela ao lado do colégio. Em 23/5/1926, foi lançada a pedra fundamental e a obra foi concluída em 1928. O bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Melo, abençoou a capela e a declarou semipública. Isso significou que poderiam ser autorizadas celebrações de missas, casamentos, batizados etc., abertos à comunidade. O Colégio Espírito Santo, em 1926, criou o curso ginásial que, segundo fontes pesquisadas, foi o primeiro ginásio feminino do Rio Grande do Sul. Em 1930, foi criado o curso complementar para a formação de professoras primárias e tornou-se inviável manter concomitantemente o curso ginásial, o que causou sua extinção. Porém, os insistentes pedidos dos pais sensibilizaram a direção da escola e o curso foi reaberto em 1934.

Ao celebrar os 25 anos - 1930 - constatou-se o progresso e o grande bem que o Colégio Espírito Santo representava para a juventude e a sociedade de Bagé. A escola crescia em número e em qualidade de ensino,

o que exigia sempre melhores condições para o trabalho. Desde seus primeiros anos, a luta pela ampliação do espaço físico constituiu um desafio para a direção da escola. Tais eram as necessidades que, ao final de 1938, tornaram-se imprescindíveis novas instalações. Foram construídas mais salas de aula, melhoradas as instalações destinadas ao internato, ampliado o pátio, instalada uma sala ampla de estudos e um laboratório de química. Nessa época, a escola adquiriu um rádio e um “linguafone” para melhorar a qualidade de ensino e fez a restauração dos pianos para que mais alunas pudessem estudar música.

Um presente do jubileu de prata, pode-se dizer, foi a equiparação do colégio às escolas complementares do Estado. No mês de abril, após a inspeção estadual foram realizados os exames de admissão ao curso complementar. A vigência desse curso foi de 1930 a 1944. A orientação do ensino da região de Bagé, na época, em quase sua totalidade, deveu-se às formadas no curso complementar e, mais tarde, no curso normal do Colégio Espírito Santo.

Antes, porém, de encerrar as atividades do curso complementar, a direção do colégio decidiu não deixar Bagé sem uma escola de formação de professores. Em 1942, encaminhou à Secretaria de Educação do Estado o pedido para a criação do curso normal. Examinada a documentação, a secretaria deu parecer favorável. A implantação do curso deu-se em março de 1943. Em decorrência, foi necessária a criação do jardim da infância no mesmo ano. Outras mudanças seguiram. A escola não recebeu mais alunas novas para o curso complementar, levando apenas à conclusão as que já o haviam iniciado. A prática docente das alunas do curso normal era feita nas turmas do curso elementar. A contínua troca de estagiárias causou certo descontentamento dos pais que tinham seus filhos nessas classes e a alternativa encontrada foi a criação de uma sala-série de aplicação, destinada a atender crianças de baixa renda. Em agosto de 1944, foi inaugurada a escola de aplicação, denominada Escola São Francisco. Essa escola, em 1945, passou a ter sede própria, ao lado da capela, à mesma Rua General Osório, nº 1288. A inauguração do prédio foi solene, integrando a comemoração dos 40 anos da vinda das irmãs para Bagé.

O curso ginásial, reativado em 1934, passou a ter a duração de quatro anos e habilitava o aluno ao ingresso no segundo ciclo ou curso de línguas. Nessa ocasião foi fundada a Associação das Ex-alunas do Colégio Espírito Santo, sendo Maria Vieira Teixeira a primeira presidente.

As crônicas, registros anuais de acontecimentos do Colégio, relatam que, em 1945, grande foi a participação da escola nas comemorações do final da II Guerra Mundial. Muito regozijo, muita festa, repicar de sinos. Nesse ano aconteceu, na escola, a I Semana Social de Bagé. Devido à situação mundial de conflitos e guerra, já em 1943, o salesiano Pe. Aquino Rocha lançou a idéia da lâmpada votiva nas janelas das casas, para agradecer a proteção de Deus e a mediação de Maria sobre a cidade e pedir a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora sobre as famílias bageenses. A idéia foi muito bem acolhida e, hoje, essa prática integra a cultura religiosa do povo de Bagé. O dia 24 de maio marca a festa de Nossa Senhora Auxiliadora e, portanto, o dia de acender as velas nas sacadas das casas.

Em 1950, o Colégio Espírito Santo abriu um novo curso para o turno da noite, o Curso Técnico em Contabilidade, que funcionou até 1958. Em 1951, o colégio implantou os cursos científico e clássico, que constituíram o curso colegial integrado.

148 |

Em 1953, o Papa Pio XII fez um apelo aos religiosos do mundo inteiro para assumirem a catequese popular. Em vista disso, as irmãs assumiram, em Bagé, dois grupos escolares para ministrar ensino religioso. Em 1955, os freis capuchinhos, através do Frei Mario Barth, fundaram a Escola Santo Antônio, gratuita. A ministra provincial cedeu Ir. Gisela Grings para assumir a direção da escola.

O ano de 1955 foi marcado pela comemoração dos 50 anos do Colégio Espírito Santo e dos 25 anos do curso de formação de professores - curso complementar e curso normal. A solenidade para tal data revestiu-se de ouro, sendo conduzida com responsabilidade, esperança e fé. O reconhecimento dos bageenses foi evidenciado tanto na palavra dos alunos como dos ex-alunos e das autoridades.

As irmãs tinham a preocupação de, além de formar professores, formar catequistas, uma vez que muitas normalistas dedicavam-se também à catequese em suas paróquias e capelas. Em 1961, foi promovida a Primeira Semana Catequética, tendo à frente o Pe. Firmino Dalcin, recém-vindo de Roma, onde havia feito o curso do “Mundo Melhor”. Logo em seguida, em 1962, foi criado, na escola, o departamento catequético, que concentrava os mais variados materiais didáticos que serviam toda a diocese. Nesse ano, a Igreja começou o Concílio Vaticano II. Nas aulas, havia estudos alusivos ao grande evento e eram apresentados a pessoas da comunidade, em forma de estudos, cursos e palestras.

No ano de 1966, a Escola Santo Antônio recebeu mais um reforço na pessoa de Ir. Sérgio Wolfarth e, assim, Ir. Gisela passou a preocupar-se mais com o artesanato. Começou a trabalhar a idéia de um centro social que desenvolvesse a indústria caseira de artefatos de lã para a população carente. Realmente a idéia cresceu e foi levada a termo em 10/4/1967, quando foi oficialmente inaugurado o Centro Social da Menina. Seu crescimento foi rápido e, já em 1968, em quatro bairros, foram ministrados cursos de artesanato em lã, corte e costura, bordado e arte culinária, atendendo a 370 alunas, inclusive 72 da Escola São Francisco, que era a escola de aplicação do curso normal. No ano seguinte, passaram a ser oito os bairros atendidos pelo Colégio Espírito Santo.

O Concílio Vaticano II terminou em 1966 e o Papa Paulo VI estabeleceu que 1967 seria o ano da fé. Era necessário atualizar o conteúdo e as práticas religiosas. A isso se chamou “aggiornamento”. A maior renovação deu-se na liturgia e na catequese e, conseqüentemente, o ensino religioso voltou a uma reflexão sobre si mesmo. Novos conteúdos, novas práticas, novos métodos.

A partir dos anos 70, notavam-se grandes mudanças culturais e de costumes na sociedade. O número de irmãs começou a diminuir na escola, para atender a outras atividades missionárias, fora do Rio Grande do Sul, e o colégio viu-se obrigado a mudar sua dinâmica de trabalho “extramuros”. A escola, porém, continuou aberta e dispôs de seu espaço físico para reuniões, palestras, encontros, grupos de reflexão e oração. Muito grande foi a movimentação da escola para atender a famílias pobres. Todos os anos a escola se engajou na campanha da fraternidade, promovida pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), continuando a defender sua qualidade pedagógica e sua função social.

Constituíram ocasiões especiais de evangelização no Colégio Espírito Santo, além das aulas sistemáticas de ensino religioso, a preparação para a Páscoa e a novena de Pentecostes, com a semana de orações pela unidade dos cristãos. Eram realizadas manhãs de formação e retiro para alunos e professores. A década foi marcada por maior participação dos leigos na missão educacional das escolas católicas. Foram chamados para coordenar, ministrar aulas de ensino religioso e assumir postos administrativos, vagas que antes eram preenchidas somente por irmãs.

Ao comemorar 70 anos de fundação, o Colégio Espírito Santo trouxe à memória seus primórdios e sua linda história. Foram promovidas olimpíadas e intercâmbio com o Colégio Sant'Anna de Santa Maria, de igual idade.

Foi nessa época que se intensificou o estudo da filosofia franciscana, aplicando-a à educação, e que se implantou o planejamento participativo. Falou-se em formação do senso crítico, melhoramento do nível cultural em todas as instâncias. Com o reavivamento da associação de pais e mestres, fundou-se, em 1976, o Clube de Mães do Colégio Espírito Santo. Entre tantas coisas a ressaltar, nos anos 70, está a inauguração do ginásio coberto, que muita alegria trouxe a todos, especialmente aos atletas que prometeram melhorar a qualidade do esporte.

150 | No ano de 1980, professoras da pré-escola prepararam-se e implantaram o sistema Montessori. Para as séries iniciais do 1º grau eram oferecidos clubes de ginástica rítmica, ginástica olímpica, judô, vôlei, basquete, handebol, educação artística e inglês. As crianças procuraram, entre essas atividades, aquelas que eram de seu interesse.

Ao raiar o ano letivo de 1985, o Colégio Espírito Santo abriu suas portas em nova e ampla entrada para recepção dos alunos. Era o ano internacional da juventude e a celebração dos 80 anos de fundação da escola. A programação incluía uma gincana, uma noite artística, palestras para pais e professores, “a batalha do amor”, com fim beneficente e, finalmente, uma celebração eucarística, centro e ápice da vida franciscana.

A escola, sempre atenta às urgências e às novas necessidades, procurou modernizar-se tecnicamente. No final da década de 80, o Colégio Espírito Santo, com mais de mil alunos matriculados, estava no auge de sua proposta pedagógica. Os setores estavam bem organizados, a adaptação do espaço físico era boa, a biblioteca e outros serviços de apoio estavam bem equipados, o corpo docente e técnico-administrativo bem preparado.

O clima político nacional desencadeou, em todo o país, greves e paralisações em todos os setores de trabalho, inclusive no magistério. No Colégio Espírito Santo foi intensa a repercussão pelo trabalho que vinha sendo feito com tanto empenho, consciência e qualidade. Houve perda de alunos, de professores e de lideranças. Com isso, ao iniciar os anos 90, muita coisa devia ser retomada, reconstruída a partir da base. Podemos considerar os anos 90, na história do Colégio Espírito Santo, como os anos da restauração.

Os ventos fortes, que sacudiram a educação brasileira e, em especial, a escola particular, fizeram com que a função social fosse redefinida. Novamente o colégio investiu na formação de lideranças cristãs, contribuindo com a AEC (Associação de Escolas Católicas) diocesana, assumindo, por vezes, sua liderança. No ano de 1993, teve início, no colégio, o festival de fim de ano, ocasião em que eram apresentados à comunidade os talentos desenvolvidos durante o ano, com a culminância da apresentação do Natal do Senhor. Isso muito agradou a todos, tanto que o festival tornou-se uma atividade anual permanente.

A partir do ano de 1999, por deliberação da SCALIFRA-ZN, mantenedora das escolas da província, foi acrescentado, ao nome de cada uma das escolas, o qualificativo FRANCISCANO, passando o colégio a denominar-se: Colégio Franciscano Espírito Santo.

O ano 2000 foi acolhido com grande júbilo e celebrado com foguetes, sinos, fogos de artifício, num clima de esperança por dias melhores. No mês de maio, houve o 1º Congresso das Escolas Franciscanas, da rede SCALIFRA-ZN, com o tema: “Pedagogia franciscana: um desafio para a paz”. Muitos professores, alguns funcionários e alunos participaram do evento em Santa Maria, nas dependências da UNIFRA. Muito significativo para a escola, nesse ano, foi a publicação da brochura: “Colégio Franciscano Espírito Santo: uma Obra de Amor”, de Ir. Maria Aparecida Marques.

Após muita reflexão em conjunto com a paróquia, o colégio resolveu, em 2001, retomar a catequese de primeira eucaristia e crisma na escola. Foi ministrada em turno inverso ao das aulas, no sentido de facilitar horários e retomar a evangelização. Nesse mesmo ano, deu-se a inauguração de uma quadra poliesportiva, aberta, como resposta à necessidade de ampliar o oferecimento de atividades esportivas.

Em março de 2004, houve a abertura dos festejos do ano centenário do colégio. Foi realizada uma caminhada luminosa com alunos, pais, professores e comunidade em geral, saindo do colégio até a Igreja Nossa Senhora da Conceição, e culminou com uma bonita celebração de ação de graças.

O amanhecer de 2005 foi diferente de todos os demais. No dia 9 de março, o Colégio Franciscano Espírito Santo chegava aos cem anos de atividades em Bagé. Houve alvorada festiva e cem badaladas do sino da capela em louvor ao Deus Altíssimo. No dia 9 de cada mês, o colégio comemorava com uma atividade especial. Foi notada e comemorada em toda a cidade a

presença da instituição educativa que formou gerações. Pessoas de todas as idades puderam visitar “seu” colégio e recordar a sua história. Encerrando o ano do centenário, dia 26 de novembro, Dom Gilio Felício, bispo de Bagé, presidiu, junto com o concelebrante Pe. José Maki, a celebração eucarística na capela do Colégio. Cem ex-alunas, com velas acesas e uma criança representando a nova geração, foram para junto do altar, com o sentido de projetar luz sobre a trajetória do centenário, cultivado com esforço, dedicação, dificuldades, alegria e tristezas, mas, sobretudo, a caminhada de fé que, no momento, o colégio testemunha. O festival de final de ano ou show de Natal, já na sua 13ª edição, mostrou que o Colégio Franciscano Espírito Santo entrou para o terceiro milênio, espalhando paz e bem para todos.

SANTA CASA DE CARIDADE

Início da instituição: 1874 • Inauguração: 25/3/1883
Ingresso das irmãs: 28/7/1906 • Instituição de terceiros

152 |



Em 1864, existia em Bagé um hospital militar, ou melhor, uma enfermaria para atendimento dos soldados. Anteriormente, porém, em novembro de 1869, adoeceu a filhinha do Ten. Cel. José Facundo da Silva Tavares. Este, diante da precariedade que era Bagé na época, mandou

chamar da cidade de Rio Grande o Dr. José Francisco de Azevedo Pena que, seis meses depois, transferiu-se para Bagé. Dr. Pena, médico civil, humanitário, trabalhador infatigável, olhava a pobreza com especial carinho. Juntamente com Dr. Albano Souza, fundou, em 1870, o primeiro hospital de caridade, situado à Rua General Osório, nº 80. Nesse hospital, trabalhou um “enfermeiro”, Maximiano Domingos do Espírito Santo - o Preto Caxias -, conhecido em toda a cidade e, até hoje, venerado com túmulo especial no cemitério local.

O hospital tornou-se pequeno e os abnegados médicos resolveram batalhar em prol da atual Santa Casa de Caridade. O Ten. Cel. José Facundo da Silva Tavares doou 15 terrenos, onde foi construído o novo edifício. O Visconde de Cerro Alegre, João Nunes da Silva Tavares, pai do Dr. José Facundo da Silva Tavares, contribuiu com elevada soma em dinheiro e conseguiu de amigos e familiares numerário suficiente para o término da obra. Em 25/3/1883, foi inaugurada a Santa Casa, tendo como primeiro provedor o Cônego Pe. João Inácio Bitencourt, conforme Sales (1955).

| 153

Conhecido o trabalho das irmãs franciscanas desde 1905, através do Colégio Espírito Santo, os bageenses desejavam que o hospital fosse cuidado por elas. Dirigiram-se, então, à Madre Ana Möeller, ministra provincial, solicitando irmãs para o serviço hospitalar. Sensibilizada, Madre Ana prometeu um retorno rápido ao pedido, pois, na época, encontrava-se em visita ao Brasil a ministra geral, Madre Ludmila Birckmann. Obtida a licença, foram indicadas quatro irmãs para assumirem a missão que, de início, era pequena. Assim, em 28/7/1906, o hospital de caridade recebia as pioneiras: Ir. Ildelfonsa Dautzember, ministra, Ir. Maria Luiza Gassen, Ir. Anacleta Hinterholz e Ir. Teodósia Schneider. Nos primeiros dias, as irmãs moraram no Colégio Espírito Santo. Apesar de muito bem instaladas, era necessário subir o monte, onde estava situada a Santa Casa. Enviadas por Deus, as irmãs entenderam que precisavam lançar mãos à obra. Entrando na Santa Casa, a primeira providência foi encontrar um lugar para a capela. A administração da Santa Casa mostrou-se receptiva e satisfeita com a chegada das irmãs e comunicou aos doentes a esperança de um melhor tratamento.

Como todas as grandes obras quase sempre começam pequenas, assim a Santa Casa foi crescendo com a construção de um pavilhão para tratar de doentes tuberculosos e, depois, uma cozinha. Em 1912, foi dado início à

construção de um asilo para idosos mendigos, concluído em fevereiro de 1913. Ainda em tempo de expansão, a Santa Casa, em 1925, inaugurou a nova capela, cuja pedra fundamental fora lançada em 1922.

No prosseguimento da história da Santa Casa de Bagé, como instituição em fase de expansão, registram-se muitos melhoramentos, acréscimos e adaptações. Sente-se pulsar bem forte o elã da comunidade religiosa por um serviço de pastoral efetivo, bem como o aperfeiçoamento técnico do pessoal a serviço dos doentes. Em 1940, deu-se início, na Santa Casa, a um curso de enfermagem. Tal era a importância e a necessidade de treinamento e aprendizado que, em sua abertura, o curso contou com honrosas presenças, como a do diretor de saúde pública de Porto Alegre, Dr. Bonifácio Paranhos, e do prefeito de Bagé, Dr. Luiz Mércio Teixeira. No decorrer de sua história, a Santa Casa registra muitas outras oportunidades de cursos e treinamentos para pessoal, não só na área de enfermagem como também em outros setores como cozinha, limpeza etc.

154 | Na Santa Casa, as irmãs estavam sempre em todas as frentes: no cuidado dos doentes, no serviço pastoral, nas diaconias da casa, no treinamento de pessoal, nas campanhas para arrecadação de dinheiro para melhorias no hospital. As crônicas registram que várias irmãs adoeceram devido ao intenso trabalho.

Nos anos 50, a Santa Casa realizou melhoramentos significativos em suas instalações: gerador elétrico, poço artesiano, máquinas para lavanderia, elevadores etc., o que permitiu melhores condições de trabalho e menos desgaste físico do pessoal.

As irmãs, nos anos 60, dedicaram-se mais aos estudos e ao autocultivo. Com a novidade do Concílio Vaticano II, seu serviço, nas diversas áreas de pastoral, tomou novos contornos. Em 1971, foi criada, na Santa Casa de Caridade, a pastoral da saúde. Em 1971, sendo presidente da República um filho de Bagé, Gal. Emílio Garrastazu Médici, foi destinada uma verba para a Santa Casa, para que fosse construído um novo bloco: pronto-socorro, berçário e obstetrícia, cuja inauguração ocorreu em 18 de outubro do mesmo ano. A partir de 1970, a Fundação Gaúcha do Trabalho ofereceu cursos técnicos nas mais diversas áreas. Os atendentes de enfermagem muito aproveitaram esses cursos. Em 1975, a Santa Casa recebeu classificação de primeira categoria do INSS e IPE, o que veio somar na melhoria dos serviços e na modernização organizacional. Diversos serviços foram centralizados e,

com a ajuda dos rotarianos, foi possível instalar a Unidade de Tratamento Coronariano (UTC).

A partir de 1987, começou a diminuir o número de irmãs para o trabalho nos hospitais. À medida que mais pessoas leigas foram sendo habilitadas para o serviço de enfermagem, as irmãs entenderam que havia outras áreas que deviam ser preferencialmente atendidas por elas. Com a diminuição de membros na comunidade, sentiram que o espaço por elas ocupado como residência na Santa Casa deveria ser destinado para necessidades da instituição. Em 1989, a direção provincial adquiriu uma casa em construção, à Rua Gomes Carneiro, nº 1772. Em 20/12/1989, as irmãs passaram a residir em casa própria, Comunidade Nossa Senhora das Graças, porém deram continuidade ao trabalho na Santa Casa.



Residência das Irmãs da Santa Casa - Bagé

Nesse mesmo ano, o Conselho Federal de Educação autorizou o funcionamento da URCAMP (Universidade da Região da Campanha), sonho de 20 anos da população de Bagé. Em seguida, Ir. Laura Oppermann foi convidada pela universidade para auxiliar na elaboração do anteprojeto do curso superior de enfermagem. Nesse mesmo ano, a Santa Casa enfrentou grande crise financeira e de gestão, devido à redução da jornada de trabalho do pessoal de enfermagem e dos plantonistas e devido à defasagem nas diárias pagas pela Previdência Social, bem como pelo atraso no pagamento e pela não-reposição

do material descartável e de consumo. Houve a renúncia do provedor, Terêncio de Lima Pereira, e, posteriormente, do vice-provedor, Ari Moreira Pinto, deixando a instituição acéfala por alguns dias. Então, uma comissão de cinco empresários elaborou planos para levantar fundos e recuperar o crédito dos fornecedores, com vistas à manutenção da Santa Casa.

Enquanto isso, as irmãs, dotadas de alto senso de responsabilidade e humanismo, competentes e organizadas, assumiram a Santa Casa, percorrendo os quartos, as enfermarias e os serviços de apoio, para evitar o colapso da Santa Casa e de seus serviços. A partir de 1990, começaram a questionar sua posição na chefia de enfermagem e, em 1992, foi nomeada uma enfermeira leiga para ocupar o cargo de chefe de enfermagem. Em 1999, deixaram os serviços na Santa Casa e a comunidade foi transformada, a título de experiência, em lugar para formação inicial de jovens vocacionadas à vida religiosa, com acompanhamento de três irmãs. Atualmente, duas irmãs atuam na Santa Casa, no serviço da pastoral da saúde junto aos enfermos: Ir. Lídia Fritzen e Ir. Maria do Carmo Almeida.

156 |

RESIDÊNCIA SANTA INÊS DE ASSIS

Fundação: 21/6/1987



Catarina não se perguntava se sua Congregação se desenvolveria ativa ou contemplativamente... Ela compreendia as necessidades do povo, que eram, para ela, os

sinais dos tempos. Quanto a outras coisas ela não pensava muito, mas deixava-se guiar pelo Espírito Santo. Tendo em vista responder às necessidades de seu tempo, sua Congregação cresceu segundo o exemplo de São Francisco, tornando-se uma forma de vida sempre mais evangélica (COOLS, 1966, p. 73).

Pe. Fredolin Braunner solicitou à ministra provincial, Ir. Joana Stefani, irmãs para trabalharem em sua paróquia. As necessidades eram ensino religioso nas escolas circunscritas à área da paróquia, catequese e ajuda na secretaria da igreja.

Em março de 1986, Ir. Janir Ramos e, em junho, Ir. Maria de Lourdes Kraemer foram enviadas para Bagé. Moravam inicialmente no Colégio Espírito Santo e já atuavam no Bairro São Judas Tadeu. A direção provincial adquiriu um terreno no próprio bairro e construiu uma casa modesta, apropriada como residência para uma pequena comunidade.

|157

Em 16/3/1987, as pioneiras assumiram a nova fundação: Ir. Hilária Körbes, Ir. Maria de Lourdes Kraemer e Ir. Maria Aidée Correa Kathamokya. A data oficial da abertura da comunidade foi 21/6/1987. Era o dia da festa do Corpo de Deus. Houve missa solene na igreja matriz de São Judas Tadeu, presidida por Dom Laurindo Guizzardi, bispo de Bagé, e Pe. Fredolin Braunner. Após a missa, o Santíssimo Sacramento foi levado em procissão para a capelinha da casa das irmãs. Acompanharam a solenidade Ir. Joana Stefani, ministra provincial, irmãs das comunidades de Bagé, Pelotas e Santa Maria, religiosos de outras congregações residentes em Bagé, Frei Avelino e os seminaristas capuchinhos, e a comunidade paroquial. Após a instalação da comunidade, houve uma confraternização.

Inicialmente, o trabalho das irmãs dava-se na pastoral da saúde, liturgia, catequese e pastoral vocacional. O ensino religioso não chegou a ser desenvolvido pelas irmãs, porque a província, naquele momento, não dispunha de irmãs para essa missão específica. A secretaria da paróquia também não foi assumida, no entendimento de que a natureza da inserção em meios populares não era para realizar trabalhos burocráticos, embora não negassem sua importância e necessidade.

Mais tarde, em 1990, o trabalho paroquial foi ampliado para atendimento aos clubes de mães, grupos de famílias, cursos de preparação para o

batismo e legionários de Nossa Senhora. O atendimento aos clubes de mães incluía cursos de corte e costura, artes manuais e confecções. Em 1991, a pastoral da criança já atendia às mães de 300 famílias, quando, então, foram promovidos, para 13 grupos de mães e filhos já maiores, cursos de iniciação profissional, em parceria com a prefeitura municipal de Bagé.

Ao mesmo tempo em que as irmãs trabalhavam com o povo, procuravam seu autocultivo em cursos sobre doutrina social da Igreja, metodologia da pastoral popular e participavam de todas as atividades da diocese. Houve tentativa de desenvolver projetos, em parceria com a Ação Social Diocesana, de uma pequena produção de tijolos ecológicos e de uma padaria, experiências que, infelizmente, por falta de pessoal capacitado para dar acompanhamento e por questões administrativas, fracassaram como atividades de promoção humana.

Muitas atividades são solicitadas às irmãs das comunidades inseridas em meios populares. A coordenação diocesana de pastoral, inclusive, na diocese de Bagé, esteve por aproximadamente 12 anos sob a responsabilidade de Ir. Sônia Sturm e, por seis anos, de Ir. Maristela Güntzel, numa assessoria direta ao bispo da diocese.

158 |

Diante de tantos desafios, a Comunidade Santa Inês de Assis uniu-se a outras comunidades da província, como a Comunidade Nossa Senhora da Paz, de Capão do Leão, e a Comunidade Nazaré, de Santa Maria, para refletir e somar esforços, para melhor atender às urgências da Igreja junto à população menos favorecida. Iniciou-se um intercâmbio com o mesmo setor de inserção em meios populares da Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede em Porto Alegre. Essa caminhada na partilha conjunta é um benefício imenso para a vida da comunidade e da missão.

CRUZ ALTA - RS

Cruz Alta é conhecida como município do guarani, dos tropeiros e de Érico Veríssimo. O acesso se dá pelas BR-158, BR-377 e RS-342. É um tronco rodo-ferroviário. Sua história remonta ao século XVII, quando uma aldeia indígena, em 1637, foi destruída e um pequeno grupo instalou-se no alto de uma coxilha, ao redor de uma capela, na frente da qual havia uma enorme cruz de madeira, erguida em 1698. A mando do padre jesuíta Anton Sepp Von Rehegg, essa cruz tornou-se ponto de internada e um grande pouso para os tropeiros oriundos das fronteiras com a Argentina e Uruguai e que

se dirigiam à Feira de Sorocaba, onde comercializavam o gado. Nesse local, foi edificada a cidade de Cruz Alta, elevada à categoria de freguesia em 1821. Uma resolução imperial de 11/3/1833 elevou-a à categoria de município. Consagrada ao Divino Espírito Santo, tem como lema que a identifica: “Mui leal cidade do Divino Espírito Santo da Cruz Alta”. O município localiza-se na região Noroeste do Rio Grande do Sul, distante 336 quilômetros de Porto Alegre. (Fonte: internet, portal da cidade).

COLÉGIO FRANCISCANO SANTÍSSIMA TRINDADE

Fundação: 1/3/1914 • Ingresso das irmãs: 10/3/1914

Inauguração: 15/4/1914



Em 1913, motivado pelo exemplar trabalho das irmãs de Santa Maria, o pároco Pe. Carlos Kolb, de Cruz Alta, solicitou que a direção provincial levasse a missão educacional franciscana para sua cidade. O pedido foi carinhosamente analisado e o projeto Cruz Alta passou a se concretizar, na esperança de uma messe abundante para a congregação. Ainda em 1913, foi adquirida uma casa com vasto terreno nas proximidades da igreja matriz.

Em 10/3/1914, chegavam as irmãs pioneiras: Ir. Claudia Kipper (ministra), Ir. Ivo Schwermer e Ir. Eucharía Royer, que foram calorosa-

mente recepcionadas pelo povo e por autoridades. Nos primeiros dias, estiveram hospedadas provisoriamente na casa de M. Mariquinhas Gomes, enquanto estava sendo preparada a casa definitiva para sua moradia e para o colégio. A casa da benfeitora era pequenina, com portas tão baixas que as irmãs de estatura mais alta amargaram alguns “galos” na cabeça. Essa data marca a fundação do Colégio Franciscano Santíssima Trindade. Em 24 de março, foi celebrada a missa e introduzido Jesus Eucarístico no sacrário da capela improvisada. Os trabalhos foram tão rápidos que, um mês após, em 15 de abril, já iniciavam as aulas. O primeiro dia de aula foi marcado por uma chuva torrencial, e apenas nove alunas compareceram. O número, porém, cresceu para 40 até o final do ano.

160 |

O currículo escolar compreendia sete anos de ensino elementar, acrescido pelo ensino de línguas estrangeiras, religião, belas artes, música, pintura, desenho e ainda artes aplicadas, como corte e costura e bordado, dando assim oportunidade para o atendimento e desenvolvimento das tendências de cada aluna, visando a uma formação integral.

Já no primeiro ano sentiu-se a falta de espaço físico. Para reduzir o problema, foi adquirida a casa da esquina. Uma festa solene ocorreu em 8 de novembro com a primeira eucaristia de 32 crianças e jovens, de 5 a 20 anos.

O ano letivo de 1915, iniciado no dia 15 de fevereiro, com 45 alunas, chegou a cem. Diante dos insistentes pedidos, as irmãs consentiram em aceitar pensionistas, para o que foi necessário alugar uma casa de família em frente ao colégio. Em pouco tempo, havia 25 pensionistas. Encerrou-se o ano escolar em 16 de dezembro com uma festa no teatro da cidade.

A necessidade de um prédio maior para a escola começou a se tornar cada vez mais premente. Respondendo a essa necessidade, foi dado início às obras em 24/1/1916, possibilitando que, no ano seguinte, fosse aos poucos ocupado. Em março de 1917, abrigava 60 alunas e, em fins de julho, já chegavam a 110.

Em 4 de outubro, dia de São Francisco, o bispo Dom Miguel de Lima Valverde visitou a escola e celebrou missa na capela nova e, a seguir, benzeu as instalações. Já em novembro, todo o espaço da casa estava ocupado. A conclusão do ano letivo contou com uma exposição de trabalhos, o que contribuiu para uma divulgação bem positiva da escola.

Em 1918, quarto ano da 1ª Guerra Mundial, houve aumento excessivo no preço dos víveres e a terrível epidemia denominada gripe espanhola

ceifou mais de duzentas pessoas na cidade. As escolas tiveram que fechar e as alunas voltaram para suas casas. Dessa forma, não houve a festa de final de ano.

A escola foi construindo sua história, com número crescente de alunas e pensionistas. Em 1922, foram contratados professores leigos para auxiliarem as 14 irmãs. Nesse ano, foram realizadas comemorações especiais pelos 50 anos de presença da congregação no Brasil (1872) e pelo centenário da independência do Brasil. Inovações sempre aconteceram: em 1923, foram introduzidos retiros de três dias para as alunas e, em 1924, meninos foram admitidos no colégio, até a 3ª série.

Com o tempo, houve nova necessidade de melhorias e ampliações, o que ocorreu em 1929 e em 1938.

Em 1930 a diretora, Madre Bertrada Berling, propôs a fundação do curso complementar, para formar professores primários. A idéia foi aprovada pelo conselho provincial e pela secretaria de educação do Estado. Em 14/3/1931, houve entre a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte e o governo a assinatura do convênio de equiparação das escolas complementares do Estado. De 1933, ano da primeira formatura, até 1946, ano em que os cursos complementares foram extintos, o número de professoras primárias diplomadas chegou a 342. Em substituição ao curso complementar, o colégio iniciou o curso normal.

| 161

O ano de 1938 foi marcado pela posse de Madre Filipina Gasse, como diretora. Foi procurada por oficiais do exército e diversas famílias para que fosse fundado um ginásio feminino. A idéia passou para os fatos. Atendendo ao pedido de oficialização do ginásio, em 4/3/1939, o colégio recebeu a visita de Alvimar Garcez Cabeleira, do Ministério da Educação e Cultura, para a inspeção e os exames de admissão.

Outro passo significativo ocorreu em 1942, com a fundação da Escola Técnica de Comércio, anexa ao Ginásio Santíssima Trindade. Em dezembro de 1944, formaram-se a 1ª turma de guarda-livros e a 1ª turma de auxiliares de comércio. Mais adiante a Escola Técnica passou para o turno da noite.

Desde a fundação, o Ginásio Santíssima Trindade criou um curso de música. Era um curso extra de música instrumental de piano, violino e cítara, e canto coral. De 1914 a 1922, esteve sob a direção de Madre Cláudia Kipper, auxiliada, no ensino, pelo professor e compositor Josino dos Santos Lima. Josino era cruz-altense, nascido em 18/8/1861. Foi um autodidata,

músico, compositor e regente, autor e compositor da letra e música do hino de Cruz Alta. Faleceu aos 77 anos de idade, em 1938. Quando o instituto de música do ginásio foi reconhecido, sob o nº 21, pela Secretaria de Educação e Cultura – Departamento de Educação Primária e Normal, do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1944, a direção da escola, em sinal de apreço e consideração, denominou-o “Instituto de Música Josino dos Santos Lima”.

Em 1929, a escola construiu um auditório e 20 salas, cada uma com seu respectivo piano e outros instrumentos, pois o curso estava em vias de ser oficializado. Em 1935, Ir. Maria Canísia Bastos, professora diplomada pelo Instituto Musical de José Corsi, de Porto Alegre, assumiu a direção, organizou os diversos cursos conforme o programa do referido instituto. Nessa época, havia 104 alunas matriculadas nos cursos de música. Em 1939, o instituto de música do Ginásio Santíssima Trindade foi equiparado ao Instituto Musical de Porto Alegre. O número de alunas subiu para 142 e se manteve assim por muito tempo. A direção provincial sempre se esforçou para que permanecesse, em Cruz Alta, uma irmã habilitada para dar continuidade ao instituto, que hoje se constitui em um diferencial para a escola.

A idéia da auto-sustentação motivou a aquisição, entre 1952 e 1954, de 68,5 ha de terra. O crescimento motivou a compra de mais três terrenos junto à escola, em 1957. Grandes festividades marcaram, em 1964 e 1989, os 50 e os 75 anos do colégio, com a participação de toda a comunidade cruz-altense.

Ao longo da história do colégio, houve várias alterações do nome, o que aconteceu para todas as escolas mantidas pela Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte. A Escola Normal Santíssima Trindade teve o nome alterado para Colégio Santíssima Trindade, conforme Diário Oficial de 18/2/1972, passando para Colégio Santíssima Trindade - Escola de 1º e 2º Graus a partir de 1979, de acordo com a Portaria de Unificação nº 23.268, de 25/10/1979. Tendo em vista a nova LDB e por uma opção da mantenedora, a partir de 2000, o colégio recebeu o atual nome de Colégio Franciscano Santíssima Trindade.

A escola atendeu a toda a legislação de ensino e com prudência efetivou as reformas necessárias. Por solicitação da comunidade e dos hospitais da cidade, implantou, em 1981, o Curso Técnico em Enfermagem que, uma vez atendida a demanda de profissionais na área, foi extinto em 1989.

Merece registro a inauguração do ginásio de esportes em 13/8/1988. A década de 90 foi marcada por fatos significativos para o colégio: Labo-

ratório de Informática Santa Clara, inaugurado em 11/8/1993; prédio da Educação Infantil Madre Madalena, em 10/5/1995; convênio com o PEIES/UFSM, em 1995; seminário estudantil, em 1995; lançamento do primeiro livro *Nossas Histórias*, dos alunos da 1ª série do ensino fundamental, em 1997. Outras iniciativas vêm até hoje recebendo grande apoio: seminários, simpósios, cursos, encontros, sempre no intuito de atingir os objetivos educacionais.

No ano de 1999, foram comemorados os 85 anos do colégio com eventos diversos: fundação da associação de ex-alunos; inauguração de novas instalações dos setores administrativos, laboratórios, brinquedoteca; modernização na área da informática, com internet 24 horas, e festividades alusivas. Em 23 de outubro desse mesmo ano, foi inaugurado o Parque Franciscano, um ambiente propício para o esporte, o lazer e a espiritualidade. Está equipado com salão de festas e eventos, quadras de esporte, horta e pomar, pracinha de brinquedos, piscina e outros atrativos. Uma trilha mística rememora o cântico das criaturas de São Francisco.



Parque Franciscano - Cruz Alta

Com a adequação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 - Resolução 06/86 do CFE, o colégio possui atualmente os seguintes cursos: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio,

Magistério e Complementação de Estudos. Continua buscando o desenvolvimento integral do educando, na proposta pedagógica da filosofia franciscana, inspirada por São Francisco e Madre Madalena Daemen.

HOSPITAL SANTA LÚCIA

Fundação: 26/12/1937 • Inauguração: 6/1/1939

Chegada das irmãs: 8/2/1943 • Instituição de terceiros

Saída das irmãs: 1975

O pequeno Hospital Santa Lúcia, em Cruz Alta, de propriedade do Dr. Hildebrando Westphalen, passava por dificuldades, em função de seu crescimento e pela falta de pessoal qualificado na administração. O Dr. Hildebrando pediu ajuda a várias congregações, inclusive às franciscanas, mas a resposta sempre foi negativa.

164 | Com o encerramento das atividades na Escola Santa Terezinha, em Santa Maria, criaram-se as condições para a direção provincial atender ao pedido. Durante a visita de Madre Selima Rodrigues da Fonseca às irmãs, em 1942, o pedido foi renovado e, desta vez, recebeu resposta afirmativa. Madre Selima prometeu ao menos duas irmãs. Em 8/2/1943, chegaram a Cruz Alta Ir. Bonônia Thul, ministra, e Ir. Alverna Kunrath, para dirigir os trabalhos da cozinha. Inicialmente, elas faziam parte da comunidade do Colégio Santíssima Trindade. O Dr. Westphalen entregou-lhes a direção da casa, garantindo toda a liberdade de ação. A influência benéfica das irmãs logo foi percebida. O silêncio passou a reinar na casa. O número de doentes aumentou e o hospital foi crescendo sempre mais.

No mês de setembro, a comunidade cresceu com a vinda de Ir. Alvina Sehnen, que assumiu a enfermagem e a sala de cirurgia. No ano seguinte, Ir. Bonônia, por motivo de doença, foi substituída por Ir. Hercília Agnes. Ainda em 1944, a comunidade recebeu Ir. Alcântara Rüdiger, que assumiu a responsabilidade sobre a farmácia, e Ir. Elisa Krein assumiu os serviços da casa.

Católico fervoroso, Dr. Hildebrando Westphalen foi solenemente admitido na Ordem Terceira Secular de São Francisco de Assis em 28/2/1944. A celebração foi realizada na capela do hospital. O sentido cristão e litúrgico era fortemente vivenciado nessa instituição e as irmãs empenhavam-se na animação de celebrações devocionais ao Sagrado Coração de Jesus, ao Divino

Espírito Santo e à Nossa Senhora. A preparação para o Natal sempre mereceu destaque especial. Aos enfermos eram proporcionados o atendimento do sacerdote e a preparação para os sacramentos. Muitas conversões foram registradas nas crônicas, bem como o desvelo dos bispos da diocese de Santa Maria, à qual pertencia Cruz Alta.

As crônicas relatam que, em 1955, o Hospital Santa Lúcia já estava modernizado tecnicamente e prestava serviços de qualidade, inclusive no que se refere à cura do câncer. Contava então com sete médicos, entre os quais o Dr. Jorge Westphalen, filho do Dr. Hildebrando. O hospital era uma referência regional. A direção provincial, em muitas ocasiões, encaminhou, para este hospital, irmãs necessitadas de tratamentos especializados.

Em 4/9/1970, o Dr. Hildebrando Westphalen faleceu em sua residência, aos 81 anos de idade. Assim testemunha a crônica de 1970: “Viveu e morreu como santo”. Em carta entregue à “Preta”, a doméstica de confiança do casal, para ser lida só depois de sua morte, o Dr. Hildebrando, entre outras coisas, escreveu: “Sou católico praticante e franciscano indigno. Meu filho, continue a cuidar sempre bem do hospital, dos doentes, das irmãs que sempre foram minhas fiéis companheiras de luta nas horas difíceis”.

|165

Com o falecimento do Dr. Hildebrando, outros médicos vieram integrar o corpo clínico, o que foi mudando os rumos do hospital. Na visitação da ministra provincial em 1975, foi decidido que as irmãs deixariam os trabalhos no hospital no dia 15 de março. Nesse dia, às 6h30min, foi celebrada a santa missa pelo bispo Dom Paulo Moretto e pelo capelão do hospital. Estiveram presentes as irmãs da comunidade do Colégio Santíssima Trindade. Dom Paulo dirigiu palavras de agradecimento pelo trabalho e zelo ao longo dos anos. Encerrou-se assim uma caminhada de aproximadamente 32 anos.

ESCOLA MADRE MADALENA

Fundação: 18/8/1952 • Encerramento da escola: 1962

Em 1952, a Escola Normal Santíssima Trindade solicitou ao Governo Estadual uma verba especial para aquisição de um terreno, com prédio, para a finalidade de fundar uma escolinha para pobres, anexa à escola. O governo atendeu ao pedido e a verba foi suficiente para a aquisição prevista. Em 18 de agosto, aniversário da fundação da cidade de Cruz Alta, foi inaugurada a escolinha, com o nome de Escola Madre Madalena.

Além do ensino gratuito, a escolinha servia como escola de aplicação para as alunas que freqüentavam o Curso de Formação de Professores Primários. Com o fechamento da escola em 1962, o local foi usado para classes de educação infantil do Colégio Franciscano Santíssima Trindade. Havendo ampliação do espaço da educação infantil no prédio do colégio, todas as turmas passaram para as novas dependências e o prédio foi alugado, por um tempo, para terceiros. Mais tarde, foi demolida a casa velha para a construção da residência das irmãs que hoje atuam em Cruz Alta.

CENTRO DE PASTORAL

Fundação: 1977 • Ingresso das irmãs: 12/1980 • Inauguração: 26/2/1981
Instituição da Mitra Diocesana • Saída das irmãs: 1990

166 |

A pedido de Dom Jacó Roberto Hilgert, a direção provincial designou irmãs para o Centro de Pastoral e Seminário de Cruz Alta. As irmãs Maria de Lourdes Kremer e Irene Thereza Wolfarth chegaram a Cruz Alta em 23/11/1977. Com o prédio ainda em construção, moraram na comunidade do Colégio Santíssima Trindade. Precedida por dois dias de assembléia diocesana, a inauguração do centro e seminário teve lugar em 26/2/1981. As irmãs, porém, já residiam no local desde o final do mês de dezembro de 1980. Em fevereiro de 1981, chegaram os primeiros 27 seminaristas, dispostos e animados. Dez deles freqüentavam o ensino médio na Escola Estadual Prof. Anes Dias e os outros 17, que ainda eram do ensino fundamental, no Colégio Polivalente, situado a um quilômetro do centro da cidade. A casa era bastante ocupada com cursos e encontros da diocese. Por três anos, as irmãs pertenceram à comunidade do Colégio Santíssima Trindade.

Após esse período, em 1981, em reunião com a ministra provincial, Ir. Ângela Vieira da Costa, Dom Jacó Hilgert, Pe. José Jungbluth, coordenador da pastoral da diocese, Pe. Luiz Kolling, reitor do seminário e as irmãs que ali trabalhavam, foi estabelecida a finalidade da presença das irmãs nessa casa. Deveriam criar um clima de comunhão e participação entre os seminaristas e estes, com os participantes dos diversos cursos que passariam pelo centro de formação. Foi então constituída a comunidade João XXIII, com as seguintes irmãs: Ir. Renata Josefina Sturm, ministra local, Ir. Maria Josefina Kunrath, Ir. Maria do Perpétuo Socorro da Anunciação e Ir. Alicia da Silva. No dia 28 de fevereiro, Pe. Luiz Kolling celebrou a Eucaristia, fazendo a acolhida da nova comunidade.

Na celebração de abertura do ano letivo, Dom Jacó Hilgert apresentou a nova comunidade aos seminaristas, bendizendo a Deus pelo novo apostolado das irmãs. Além dos cuidados da casa, as irmãs preparavam os encontros e participavam da pastoral diocesana, até 1989. Por falta de irmãs para continuar essa missão, a direção provincial encerrou o compromisso com a diocese, no início de 1990, e as irmãs se retiraram do centro de pastoral.

CANGUÇU - RS

Em 1739, Canguçu iniciou sua povoação, caracterizando-se por sua atividade predominantemente pecuária, com algum início de agricultura. Hoje, a agricultura predomina sobre a pecuária. Foi palco de lutas durante a Guerra dos Farrapos. Desmembrado, em 1857, do município de Piratini, tornou-se o 22º município a ser criado no estado do Rio Grande do Sul. Os primitivos habitantes de Canguçu foram os índios tapes e tapuias, guaranizados e subordinados aos guaranis, os quais deram o nome à região, caa-guaçu, isto é, mata grande ou mato grosso. Vestígios desses habitantes ainda são encontrados nos traços de seu povo de Posto Branco, Canguçu Velho e Herval. A sede do município de Canguçu, pequena, mas atraente, está situada entre morros e colinas sempre verdes, a 80 quilômetros da cidade de Pelotas.

|167

COLÉGIO FRANCISCANO NOSSA SENHORA APARECIDA

Início da instituição: 31/1/1934 • Ingresso das irmãs: 31/1/1934

Inauguração: 11/2/1934



Olhando para a vasta extensão da paróquia e considerando a carência religiosa local, Pe. Francisco Xavier Diebels, S.J., sabendo que se encontrava no Brasil a ministra geral das irmãs franciscanas da Penitência e Caridade Cristã de Heythuysen, dirigiu-se a ela a fim de solicitar a fundação de uma escola, pensando no valioso recurso evangelizador para a igreja local.

168 |

Impulsionada pelo amor de Deus, Madre Aloísia Hellweg não conhecia dificuldades quando se tratava de cumprir a vontade divina. Resolveu, então, atender ao pedido e encaminhou a nova fundação. Transcorreu, assim, o ano de 1929. Os anos foram passando e graças ao interesse de Dom Joaquim Ferreira de Mello, bispo de Pelotas, a fundação foi-se concretizando aos poucos. Em agosto de 1933, Madre Laeta Feuser, ministra provincial, e Madre Albana Raestrup chegaram a Canguçu para iniciar os preparativos para a fundação da escola. Encontraram uma casa, em vasto terreno (sete hectares), com água potável, propriedade que foi adquirida de Alvim Nunes. Logo foi iniciada a reforma do prédio, com os devidos aumentos. Foram designadas irmãs para a primeira comunidade de Canguçu: Ir. Firmina Simon, Ir. Carla Schech e, como ministra local, Ir. Manoela Simonis. As irmãs partiram de Pelotas em 31/1/1934, tendo recebido a bênção episcopal para a nova missão. Depois, juntaram-se a elas Ir. Deolinda Spohr, Ir. Aniceta Schneider e Ir. Alba Hickmann.

Canguçu recebeu as irmãs com grande alegria. O bispo diocesano chamava o colégio de Casa Missionária, porque Canguçu era realmente Terra de Missão. Isso foi um incentivo às irmãs no trabalho evangelizador. O novo colégio deveria receber o nome da padroeira do Brasil: Nossa Senhora Aparecida. A primeira missa na pequena capela foi celebrada já no dia 11 de fevereiro, festa de Nossa Senhora de Lourdes. Praticamente todas as casas da congregação contribuíram para a instalação da escola, que lentamente foi sendo construída.

Em 1/3/1934, dia da fundação da escola, foram iniciadas as aulas com 14 alunas. No decorrer do ano, esse número elevou-se para 93, sendo três internas. No ano seguinte, já havia cem alunos, mais oito pensionistas. Em 1936, a escola registrou matrícula de 112 alunos e 20 internas. O povo ia observando e acreditando no trabalho da escola. A igreja local

crescia em participação e qualidade. O bispo diocesano nutria um carinho especial pela escola, chamando o educandário de filho do coração. Na escola havia muita vida! As comemorações eram muito animadas. A primeira Eucaristia sempre era celebrada solenemente na paróquia e seguida de confraternização. As irmãs ofereciam passeios aos alunos, por seu bom comportamento.

Tal era a carência em Canguçu que vários alunos do Aparecida, ao concluírem o curso primário, eram nomeados professores do município. Cabe registrar uma realidade verificada somente em Canguçu: em 1945, o colégio admitiu meninos no internato, chegando, em 1946, a 39 internos. Estavam alojados no Sanatório Cristo Rei, localizado em frente ao colégio, espaço cedido gratuitamente pelo Dr. José Mendonça. A vigência do internato foi até 1954.

No ano de 1941, o número de alunos chegou a 193, havendo cursos de datilografia e corte e costura, com direito a diploma. A exposição de final de ano sempre exibia lindos trabalhos em tapeçaria e bordado, muito apreciados pelos pais e visitantes.

Concluindo o curso elementar no Aparecida, os alunos que podiam migravam para Pelotas ou outras cidades para continuar os estudos. Essa situação foi gestando a idéia de ter em Canguçu o curso ginásial. Os líderes comunitários se reuniram com a ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, expondo a idéia fortemente amadurecida de criar o ginásio. Resultado positivo. Em março de 1954, feito o exame de admissão, foi iniciado o curso, com 45 alunos. A escola, então, passou a denominar-se Ginásio Nossa Senhora Aparecida. Em 1955, foi iniciada a construção de um novo prédio e, em 1957, já foi possível equipar mais cinco salas de aula, no andar térreo. Na época, o colégio contava com 60 internas e 349 alunos. Em 1955, foi reconhecido o curso Supletivo de Alfabetização de Adultos, anexo ao ginásio, com dois períodos de aula por dia. Em março de 1962, foi iniciado o Jardim da Infância, com 48 crianças. Nesse ano, foi fundada a Associação de Pais e Mestres (APM) do ginásio Nossa Senhora Aparecida.

O número de alunos continuou crescendo e a escola, muito bem integrada na paróquia, participava dos movimentos religiosos e de outras atividades. Em 1965, o número de alunos chegou a 515. Sete turmas do

curso ginásial já eram formadas e a escola aspirava por novos ideais. Os pais expuseram suas necessidades e desejavam a criação do curso normal. Ir. Alícia Braun lançou-se à luta e conseguiu autorização para o seu funcionamento em 1966, com uma matrícula inicial de 52 alunos. Houve novamente troca de nome, passando de Ginásio Nossa Senhora Aparecida para Escola Normal Nossa Senhora Aparecida. O curso normal de Canguçu, desde o início, cumpriu uma altíssima função social. Bastante integrados à vida do povo, professores e alunos visitavam famílias carentes, lançavam-se à alfabetização de adultos, praticavam a assistência social, em parceria com a LBA, as Damas de Caridade e o Lions Club, e preparavam catequistas, colaborando para a igreja local.

170 |

Em 1971, com a reforma de ensino pela Lei 5.692, a escola passou a denominar-se Colégio Nossa Senhora Aparecida, constituído pelo curso primário de aplicação e pelo curso normal e secundário de grau colegial. A partir de 1972, o curso ginásial começou sua extinção, sendo substituído pela habilitação de redator auxiliar. Em 1980, o colégio foi reorganizado e reconhecido como Colégio Nossa Senhora Aparecida - Escola de 1º e 2º Grau, mantendo os cursos: Jardim da Infância, Primeiro Grau Completo e Segundo Grau - Habilitação Magistério. O número de alunos, na época, era de 670 e se fazia necessária uma área coberta para a educação física. Com grande alegria, a comunidade viu realizada a tão desejada obra, que recebeu o nome de Pavilhão São Francisco.

O ano de 1984 assinalou a celebração do jubileu de ouro do colégio. Houve reunião de ex-alunas, criação do laboratório de ciências, melhorias na entrada da escola, que recebeu uma imagem de São Francisco de Assis, doada pela APM (Associação de Pais e Mestres). Celebrações e atividades escolares permearam o ano do jubileu, o que permitiu uma avaliação e uma colheita da grande semente ocorrida durante os 50 anos de história. O colégio continuou intensificando seu trabalho pastoral e social, como ajuda à comunidade de Canguçu na luta pelo desenvolvimento de cada pessoa e de cada segmento da sociedade.

Ao comemorar 60 anos de fundação, grande foi o reconhecimento da sociedade canguçuense ao trabalho realizado pela escola. Completamente inserido na igreja local e na história do município, o Colégio Aparecida mereceu, em 3/3/1994, da Câmara Municipal, uma placa alusiva à data,

colocada na galeria do colégio, e um “Brasão Acanguaçu”, que é a mais alta condecoração do município a uma entidade. Na ocasião, estiveram presentes duas irmãs fundadoras da escola: Ir. Firmina Simon e Ir. Carla Schech. Nesse dia, outras irmãs, que dedicaram parte de suas vidas ao trabalho no colégio, marcaram presença. Ir. Firmina Simon não só ostenta o título de fundadora da escola como acompanhou a vida do Colégio Nossa Senhora Aparecida durante 60 anos, merecendo o título de cidadã canguçuense e foi membro da Academia Canguçuense de História - ACANDHIS, fundada em 1988. Ir. Firmina faleceu no ano de 1998. Sua cadeira na academia, de número 24, foi ocupada por Ir. Cecília Ivone Rigo, ao apresentar a história da vida de sua antecessora.

No ano de 1998, foi criado, no colégio, o laboratório de informática. Em 1999, o prédio passou por uma reforma, recebendo outro visual: novos ambientes, cores mais vivas e modernização do ambiente da educação infantil, idealizada pela arquiteta Alice Parode. No dia 3 de março do mesmo ano, as irmãs acompanharam, com alegria, a inauguração de uma escola municipal, denominada Escola Irmã Firmina Simon, cuja primeira diretora tinha sido aluna do Colégio Aparecida. Por sua vez, a comunidade prestou homenagem à Ir. Cecília Ivone Rigo pelos 25 anos de presença e trabalho em Canguçu, oferecendo-lhe uma placa com os dizeres: “Na defesa da verdade, na simplicidade do amor, 25 anos de presença franciscana. Nossa gratidão!”.

No ano de 2001, o colégio deu início à construção de um ginásio de esportes, na área ocupada para horta e criação de animais. A obra seguiu lentamente dentro das previsões financeiras da SCALIFRA - ZN, destinando para isso o fruto da venda de alguns terrenos existentes em Canguçu. Somente no mês de setembro do ano de 2003 pôde ser inaugurado. A construção do ginásio foi coordenada pela professora Élide de Ávila Canez, vice-diretora da escola e auxiliar de tesouraria. Foi um marco para a cidade de Canguçu, que, até então, não possuía nenhuma área especial para esporte. Em Canguçu, reina a certeza de que a fundação do colégio foi vital para a cidade. Quase tudo o que Canguçu tem hoje é graças à ação educativa do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida.

CRECHE SANTA ISABEL

Início da instituição: 1987 • Ingresso das irmãs: 1987

Associação paroquial

Comunidade Regional Santa Clara de Assis: 2004



172 |

O Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, de Canguçu, sempre foi uma instituição de grande engajamento na realidade local. Com seu estilo popular, sempre marcou presença nos mais diversos ambientes da sociedade canguçuense. Foi dessa maneira que as irmãs, conhecendo mães pobres com necessidade de emprego, decidiram engajar-se num trabalho de creches. Colaboraram primeiramente em caráter externo e, depois, assumiram com as Damas da Caridade a Creche Santa Isabel. Isso aconteceu no final dos anos 80. O trabalho na creche foi assumido por irmãs já de certa idade, porém com muito amor no coração e um profundo sentido de igreja e de cidadania.

A Creche Santa Isabel contava com quatro grupos de crianças: berçário, maternal, pré-escolar e recreação. O atendimento era de segunda a sexta feira, com o auxílio de professores cedidos pelo município e outras pessoas contratadas pela entidade das Damas de Caridade, entidade de serviço e de assistência social, com registro no CNAS. A manutenção foi possibilitada através de convênios com órgãos do governo, através de promoções, donati-

vos e da renda proveniente de trabalhos manuais e do cultivo da horta. Junto à creche ainda funcionava um clube de mães, que ministrava cursos de pintura em tecido, crochê e tricô. Faziam parte do trabalho o atendimento às mães e visitas a domicílio. Na área religiosa, as irmãs ministravam cursos de batismo e primeira eucaristia e faziam celebrações em família.

Atendendo inicialmente à Creche Santa Isabel, não demorou que as irmãs fossem solicitadas para a Creche Santa Clara de Assis. O que contava era, sobretudo, a presença materna e espiritual das irmãs entre as crianças e professoras leigas. Buscava-se, no entanto, uma prática humanizadora, o cuidado, a presença amiga, pacífica, enfim, a presença do eterno na necessidade de conforto e de esperança.

No ano de 1993, as irmãs da Creche Santa Isabel, Ir. Janir Ramos e Ir. Denise Plotski, e da Creche Santa Clara, Ir. Ana Maria Cechin, Ir. Imelda Maria Lunkes e Ir. Ermelinda Ross formaram uma comunidade regional, tendo como ministra Ir. Ana Maria Cechin. Até então, essas comunidades eram extensão da comunidade do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. Por comunidade regional, entende-se uma comunidade constituída por irmãs que residem em lugares diferentes, dentro de uma determinada região, sob a liderança de uma ministra (E. G., N° 18). As irmãs das três creches procuraram vivenciar o enriquecimento mútuo, expressando o carisma da congregação. Reuniam-se semanalmente, de preferência aos domingos e por ocasião de aniversários, festas litúrgicas e dia da congregação. Os encontros continuam sempre animados e revigorantes.

| 173

Em 1994, na Creche Santa Clara de Assis, foram matriculadas 160 crianças de zero a 14 anos, nas classes de berçário, maternal, jardim, pré-escolar, recreação e classe de apoio. Nessa creche, trabalhavam 13 funcionárias e as três irmãs, Ir. Ana Maria Cechin, Ir. Maria Imelda Lunkes e Ir. Ermelinda da Ross. O seu raio de atuação foi muito grande nas creches e o trabalho com as mães, muito intenso. Por ocasião do Natal, as crianças sempre faziam apresentações e cada família recebia a “sacolinha”, contendo roupas, calçados e brinquedos, arrecadados e preparados pelas irmãs.

Na Crônica de 1996, há um registro interessante sobre as 205 crianças, de zero a 14 anos, matriculadas na Creche Santa Isabel:

O número de crianças é variável, dependendo do emprego das mães. Estas, em sua maioria, são empregadas domésticas e há também as que são solteiras e/ou

separadas. Há crianças na creche, cujas mães não têm emprego, porém são ali colocadas para usufruírem dos direitos básicos de alimentação, saúde e educação, evitando, assim, a vida na rua.

174 |

Por ocasião da visita da ministra provincial, Ir. Anísia Margareta Schneider, no ano de 1997, houve uma reunião com a presidente da entidade Damas da Caridade, Gema Maria Buzzato dos Santos, e demais membros da diretoria, outros membros do conselho provincial e irmãs da comunidade regional, para avaliar o pedido da diretoria de as irmãs assumirem uma terceira creche, desta vez no bairro Vila Nova. Após considerações e reflexões, foi aceita a proposta e a terceira creche foi iniciada sob o nome de Creche Madre Madalena. Em solenidade, no dia 22 de dezembro, Pe. Irineu Zatera proferiu a bênção da casa e Ir. Cecília Ivone Rigo apresentou um breve histórico da vida de Madre Madalena e como surgiu a terceira creche, possibilitada pela doação de um terreno e casa pela senhora Sandra Joaquina Rodrigues. Após a bênção, houve uma confraternização. Finalmente, os trabalhos foram iniciados em 15/2/1998.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, estabeleceu novas exigências e determinou que, até dezembro de 1999, as creches e a educação pré-escolar deviam integrar os sistemas de ensino do país. No ano 2000, as creches elaboraram sua proposta pedagógica e integraram-se ao sistema de ensino do município. O trabalho passou a ser monitorado pela SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura). A denominação passou a ser Centro Municipal de Educação Infantil, atendendo a crianças de zero a seis anos. As crianças de 7 a 14 anos continuaram sendo atendidas pelo Serviço de Assistência Social. Na creche, recebiam reforço nos estudos, formação religiosa e eram beneficiárias da bolsa-escola.

No ano de 2002, foi agregado ao trabalho assistencial o Centro Promocional Madre Madalena, situado à Rua Dr. Luiz Lessa, nº 44, também no Bairro Vila Nova. A finalidade desse centro é atender a crianças de 7 a 14 anos, enquanto reforço nos estudos, confecção de trabalhos manuais e educação artística. O centro é atendido por Ir. Imelda Lunkes e mais três professoras contratadas pela prefeitura.

A partir de 1/10/2004, as pequenas comunidades das creches passaram a ser organizadas em comunidade regional, sob a denominação de Comunidade Regional Santa Clara de Assis.

Ressalta-se o bom relacionamento dos membros da diretoria da entidade de assistência de serviço social Damas de Santa Izabel e as irmãs que atuam nas creches. Estas são remuneradas pela entidade e a diretoria se diz gratificada com o trabalho educativo-humanizador que ali é realizado. Nesse ministério, as irmãs se vêem situadas na originalidade do carisma de Madre Madalena.

SANTA ROSA - RS

Santa Rosa é uma cidade-pólo da Mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul. Foi criada como colônia de imigrantes europeus em 1915. Atualmente, a vasta maioria dos habitantes do município, em torno de 65.000, são descendentes de colonos alemães, italianos e poloneses. Tornou-se município em 10/8/1931. Sua superfície atual é de 490 quilômetros quadrados. Dista 495 quilômetros de Porto Alegre. Possui um campus da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). É conhecida como berço nacional da soja. |175

COLÉGIO FRANCISCANO SANTA ROSA DE LIMA

Fundação: 18/1/1943 • Ingresso das irmãs: 18/1/1943

Inauguração: 15/3/1943



Os antecedentes da escola remontam a 1921, quando Pe. Thiago Luiz Kreutz fundou a Aula Paroquial ou Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, mais tarde conhecida como Escola Padre Luiz ou Catorze de Julho. Em 1932, no intuito de tornar a educação na paróquia mais consolidada, Pe. Luiz começou um movimento para abrir um colégio de irmãs. No início de 1934, criou a Sociedade Escolar da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (SE-PSCJ), com a finalidade de fundar duas escolas católicas, uma para meninos e outra para meninas. Ainda, em 1934, a sociedade construiu por primeiro o prédio escolar para as meninas.

176 |

Para assumir essa escola, Pe. Thiago Luiz Kreutz convidou as franciscanas de São Leopoldo. Como a congregação não dispunha de irmãs, naquela ocasião, apelou para as Filhas do Sagrado Coração de Jesus, congregação italiana chegada ao Brasil em 28/12/1930 e que, já em março de 1931, havia fundado o Colégio Pio XI, em Buricá, hoje Dom Hermeto, de Três de Maio. Em 7/10/34, a congregação das irmãs FSCJ abriu uma comunidade em Santa Rosa, vindo como fundadoras: Madre Inês Hafner, Ir. Rosa Valsecchi, Ir. Teresa Baú e Ir. Josefina Trois. Elas começaram com o jardim da infância, trabalhos manuais e preparo de crianças e adultos para a primeira Eucaristia. Em 1/3/1935, iniciaram o Curso Elementar e foi-lhes confiada a Escola Paroquial, vindo a atendê-la até o início de 1942, quando, por motivos diversos, fecharam a escola, saindo definitivamente de Santa Rosa. Pe. Thiago Luiz Kreutz reiterou, então, o convite às irmãs franciscanas, oferecendo-lhes a direção da escola. O convite foi aceito, mas só a partir de 1943. Nessa expectativa, reativou a Escola Paroquial Catorze de Julho, em 1942, colocando um casal como zelador e contratando professoras leigas.

Madre Selima Rodrigues da Fonseca fez uma visita à cidade para conhecer a realidade. Depois de analisar as propostas feitas pelas pessoas interessadas na vinda das irmãs e de receber a oferta, por parte do empresário Vergílio Lunardi, de um terreno e de uma casa para iniciar as atividades educacionais, aceitou o desafio e destacou as pioneiras. Em 17/12/1942, foi assinada a escritura de doação dos imóveis (terreno e prédio) às franciscanas. Madre Selima é considerada a fundadora oficial do colégio franciscano e Pe. Luiz, o fundador benemérito.

A chegada das três primeiras irmãs a Santa Rosa ocorreu em 18/1/1943 e foram calorosamente recebidas pela comunidade. Eram elas: Ir. Maria Firmina Simon, diretora e supervisora, fundadora efetiva do colégio; Ir. Clarência Flach, professora, e Ir. Célia Heineck, encarregada das ati-

vidades da casa. Em 5 de fevereiro e 10 de março chegaram, respectivamente, Ir. Amelina Gasparly e Ir. Gema Sehnen, para as tarefas domésticas. Essas cinco irmãs e seis professoras leigas inauguraram, em 15/3/1943, a Escola Santa Rosa de Lima, iniciando as atividades com 144 alunos, número que, até o fim do primeiro ano, chegou a 270. O prédio foi ampliado e reformado. As obras tiveram solene inauguração no dia 23 de outubro do mesmo ano.

O nome da escola foi atribuído em homenagem ao município e por influência do pároco, que buscava reverenciar a primeira santa da América Latina, Santa Rosa de Lima, nascida em 1586. Padroeira da América Latina, da cidade de Santa Rosa e do Colégio Liminha, Santa Rosa cultivou uma espiritualidade semelhante à de São Francisco de Assis. Junto com as irmãs, foi para Santa Rosa a professora leiga Luísa Teixeira Laufer, de Cruz Alta. Era mulher de coragem e dedicação. Viúva, residiu na escola com sua filha. Anos depois voltou para Cruz Alta, mas continuou fiel colaboradora das franciscanas.

Os primeiros anos foram de muitas dificuldades, especialmente com a falta de água e de energia elétrica, mas tudo foi enfrentado com muito trabalho e dedicação. O colégio guarda um grande devotamento à Ir. Firmina, que faleceu em Santa Maria em 14/11/1998, com 92 anos de idade. Foi uma das fundadoras dos colégios franciscanos Nossa Senhora Aparecida, de Canguçu, e Santa Rosa de Lima, do qual foi diretora de 1943 a 1948.

Durante a II Guerra Mundial, o fato de algumas irmãs serem de origem alemã ocasionou sérios problemas políticos e perseguições, sob a acusação de nazismo. A associação dos integralistas do partido de Plínio Salgado, conhecidos como “camisas pardas”, forçaram, em Santa Rosa, a retirada das irmãs do Coração de Jesus.

Quando da chegada das irmãs franciscanas, a paróquia pertencia à diocese de Uruguaiana, que estava com sede vacante, devido à morte de seu bispo Dom Hermeto José Pinheiro, em 3/11/1941. Mons. Estanislau Wolski, que ficou na função de vigário episcopal até a posse do novo bispo (7/10/44), foi quem acolheu as irmãs na diocese. Segue texto do cartão enviado à ministra provincial:

Uruguaiana, 9 de novembro de 1942
Exma. e Revma. Madre Selima
Laudetur J. Christus!

Congratulo-me com V. Excia. pela entrada de Vossa Congregação nesta abençoada Diocese.

Quanto ao Capelão, V. Excia. se entenderá com o Superior da Sagrada Família.

Deus abençoe as Filhas de S. Francisco!

Com os respeitos em J. Chr.

Ass.: Mons. Estanislau.

Dessa forma, as irmãs franciscanas receberam um colégio já em funcionamento, cuja história iniciou com a fundação da Aula Parochial em 1921. Portanto, um colégio com 22 anos de existência.

Os anos de 1943 a 1954 foram tempos para estabelecimento dos fundamentos institucionais, aquisição de prédios escolar e residencial, realização de ampliações, compra de novos lotes urbanos e de uma área rural. Em março de 1943, iniciou o juvenato, formação de aspirantes à vida religiosa. Foram iniciados, nesse ano, o Curso Elementar e o Jardim de Infância. O Curso Secundário de I Ciclo (ginasial) foi iniciado em 1947 e, em 1952, o Técnico de Contabilidade, extinto em 1962.

178 |

Até 1951, as aulas eram mistas. Com a chegada dos irmãos maristas, em 12/2/1952, eles encarregaram-se da seção masculina e foram-lhes entregues os alunos do curso ginasial, de 1953 até o final de 1955. Juridicamente, porém, nunca existiu o ginásio masculino. A direção e administração do Ginásio Santa Rosa de Lima era uma só e pertencia às irmãs, que muito se alegraram com a excelente colaboração dos maristas, que foram professores e educadores muito especiais.

O Curso Normal de 2º Ciclo, ao qual se deve a denominação Escola Normal Santa Rosa de Lima, teve seu início em 1954. De 1955 a 1964, a escola se afirmou como confessional católica, especialmente pela marca eclesial da presença franciscana e pela ação pastoral das irmãs. Na freqüente ausência do pároco, devida às visitas ao interior da extensa paróquia, eram as irmãs que davam conta das necessidades espirituais na sede paroquial.

Em 1960, as irmãs passaram aos padres salesianos a seção masculina do Ginásio Santa Rosa de Lima, que foi denominado Ginásio Dom Bosco. Os anos de 1965 a 1975 foram profundamente marcados pelo “aggiornamento” pedido pelo Concílio Vaticano II. A escola deu continuidade a sua ação pastoral e educativa. Em 1972, as irmãs engajaram-se nas comemorações dos cem anos de presença da congregação no Brasil, o que motivou uma retomada da espiritualidade. Foi um período de grande envolvimento e renovação.

Ainda em 1972, em decorrência da reforma do ensino (Lei 5.692, de 1971), a escola passou a chamar-se Colégio Santa Rosa de Lima: Escola de 1º e 2º Graus. Com a adoção do sistema de 1º e 2º graus foi necessária a atualização dos professores, impulsionando o processo educativo. Em 1973, foram criados os cursos profissionalizantes de 2º grau: Desenhista de Decoração e Oficial de Farmácia. Este último foi extinto em 1978. O entusiasmo permitiu que, em 1974, fosse aberta uma extensão do 2º grau no Colégio Santa Clara de São Paulo das Missões. Essa extensão tornou-se independente em 1978.

O colégio atingiu a sua plena maturidade nos anos de 1976 a 1984, chegando em 1977 à maior matrícula da sua história: 1.058 alunos. Em 1978, implantou o planejamento científico das atividades escolares. E, em 1982 (800 anos do nascimento de São Francisco), iniciou-se a elaboração de diretrizes norteadoras da pedagogia franciscana. A formação dos professores leigos recebeu significativos investimentos. A promoção humana de crianças carentes estava entre as maiores preocupações das irmãs e do corpo docente. Algumas turbulências, porém, se fizeram presentes no início dos anos 80, com as greves dos professores.

|179

O período que vai de 1985 (150 anos da congregação) a 1996 pode ser considerado como de avaliação da obra franciscana e de partilha do carisma congregacional. Este é profundamente vinculado à educação, à saúde, à solidariedade com os pobres e ao apoio às paróquias para o que são atraídas lideranças cristãs. O colégio passou por dificuldades, especialmente após o corte das bolsas do salário-educação e a cessação da compra de vagas pela Secretaria de Educação do Estado.

Com o apoio da associação de pais e mestres e das irmãs, foi construída nos jardins do colégio, em 1993, uma ermida, para receber a imagem de Santa Rosa, doada à comunidade santa-rosense pelo arcebispo de Lima, Peru, em 1979. A comunidade confiou-a aos cuidados das irmãs, por ocasião dos 40 anos do colégio, em 1983. Na inauguração, descerrou-se uma placa com os seguintes dizeres: "SANTA ROSA DE LIMA - Imagem doada pelo arcebispo de Lima - Peru, Dom Landazuri Ricketts, a pedido do Prefeito Antônio Soares Borges - 1979. Homenagem da Comunidade. Santa Rosa, 08-01-94".

Em 1994, foi criado o curso científico, cujo objetivo maior era a preparação para o concurso vestibular. Em 27/1/1995, foi aprovado o Curso

Técnico em Alimentos. Em 1996, o ensino de 1º e 2º grau, por força das novas diretrizes e bases da educação nacional, passou a ser respectivamente ensino fundamental e médio.

De 1997 a 2002, aconteceu a mudança de época e ressignificação do colégio. O Colégio Santa Rosa de Lima: Escola de 1º e 2º Graus, em consequência da mudança do regimento e, por opção da entidade mantenedora, em 1998, passou a se chamar Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima.

Em 15/3/2003: jubileu de diamante do colégio. O nome “Liminha”, atribuído já no ano de 1967, continua significando a estima e o carinho da comunidade de Santa Rosa. Sem dúvida, resultado de uma inovadora proposta pedagógica e da qualidade do ensino ministrado. Até 2002, o curso de magistério da escola já havia formado 2.160 professores.

180 | A presença franciscana marcou profundamente a comunidade de Santa Rosa por sua competente atuação educacional e por seu engajamento nas atividades comunitárias e pastorais. Com os cursos extracurriculares, as irmãs contribuíram para a promoção humana de muita gente. Ao longo do tempo, a instituição afirmou sua identidade.

Em 15/3/2008, a escola comemorou seus 65 anos de funcionamento. Ancorada na missão de ser reconhecida como a instituição educacional da região, na promoção da educação humana e cristã, com profissionalismo e qualidade, desenvolve a educação franciscana e promove o ser humano, para uma atuação consciente e transformadora da realidade, em uma sociedade em permanente mudança.

HOSPITAL DE CARIDADE

Fundação: 27/6/1935 • Chegada das irmãs: 22/1/1945

Inauguração: 11/3/1945 • Instituição de terceiros • Saída das irmãs: 1979

A fundação da Sociedade Hospitalar de Caridade, em Santa Rosa, ocorreu em 27/6/1935, quando um grupo de senhoras da sociedade se reuniu para debater o problema do tratamento de doenças contagiosas da classe mais pobre. Na ocasião, foi nomeada uma diretoria provisória para tomar as providências necessárias. Foi comprado o antigo Hotel Internacional, construção de madeira, que foi adaptado para funcionar como hospital. Com as contribuições mensais de sócios, foi possível equipá-lo. Sua inauguração deu-se em 4 de outubro do mesmo ano. Em 14/1/1936, foram aprovados os esta-

tutos. Em poucos anos, sentiu-se a necessidade de um novo prédio. A sociedade aprovou a idéia. Em 1942, quando Madre Selima, ministra provincial, encontrava-se em Santa Rosa, tratando sobre a fundação de uma escola, a diretoria da Sociedade Hospitalar de Caridade dirigiu-lhe o pedido de as franciscanas assumirem a direção interna do hospital. Em fins de 1943, o novo prédio estava em condições de ser ocupado. A diretoria, porém, cedeu o prédio ao exército, para que um regimento pudesse alojar os soldados e os oficiais enquanto fosse construído o quartel. Ali permaneceram durante um ano.

A direção da província aceitou o pedido e destacou para essa missão as irmãs enfermeiras Hiltraud Bauer, como ministra, e Edgara Simon. Elas chegaram a Santa Rosa em 22/1/1945. Ir. Célia Heineck, que atendia o serviço de cozinha da comunidade do colégio, passou a atender também a do hospital.

A primeira providência das irmãs foi deixar o ambiente limpo e arrumado para o atendimento. Nessa tarefa, foram ajudadas pelas irmãs da escola. O hospital oferecia 72 leitos, dos quais 50 eram destinados aos pobres e indigentes. O ato solene de inauguração do novo prédio aconteceu em 11/3/1945.

Em pouco tempo, o hospital ficou pequeno e a diretoria se viu obrigada a ampliá-lo. Assim, de 1949 a 1951, foram construídas a maternidade, o isolamento, a nova capela e a moradia das irmãs. Em 1960, foi construída a lavanderia e iniciada a construção de uma ala para pacientes particulares. A inauguração deu-se em 6/9/1964. Novo bloco com três pisos foi iniciado em 1969 e teve sua inauguração em 8/5/1971. Em todas essas etapas, o hospital sempre contou com a colaboração da comunidade e do empresário local e, em especial, com a dedicação e trabalho das irmãs. A diretoria, especialmente na pessoa do provedor Agostinho Zenni, muito se empenhou pelo progresso do hospital. A sua morte, ocorrida em 2/12/1974, foi pranteada por toda a sociedade santa-rosense. Substituiu-o no cargo Bruno Malmann, de diferente perfil.

No ano de 1979, a comunidade foi visitada pela ministra provincial, Ir. Ângela Viera da Costa; depois, pelo bispo diocesano, Dom Estanislau Amadeu Kreutz. As visitas foram de partilha das dificuldades e lutas da comunidade em relação às políticas da nova administração. A direção do hospital havia colocado uma enfermeira leiga na chefia de enfermagem,

ferindo o contrato do hospital com a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - ZN. Não sendo encontrado um denominador comum entre as partes, a direção provincial decidiu rescindir o contrato. As irmãs encerraram sua missão nessa instituição em 26/12/1979.

CENTRO ASSISTENCIAL SAGRADA FAMÍLIA

Início da instituição: 1971 • Ingresso das irmãs: 1971

Instituição de terceiros

RESIDÊNCIA SÃO JOÃO BATISTA

Ingresso das irmãs: 1990



Centro Assistencial Sagrada Família

Desde 1955, as irmãs do Colégio Franciscano Santa Rosa de Lima realizavam intenso trabalho pastoral, caritativo e social em bairros de Santa Rosa. Com o passar do tempo, esse trabalho foi-se concentrando especialmente na Vila Agrícola onde, em 1961, foi fundado um centro catequético. Os vários centros catequéticos da diocese tinham também a finalidade da promoção humana. A Vila Agrícola foi escolhida por ser muito pobre. Moravam ali, na época, com famílias paupérrimas e marginalizadas, que eram visitadas e recebiam instruções sobre higiene, puericultura, bons costumes e religião.

Ir. Gilberta Selzler chegou a Santa Rosa com 51 anos de idade, em 1969. Uniu-se a esse grupo do colégio e seguiu ensinando trabalhos manuais para meninas e mães, à sombra de árvores. Sentindo-se bem nesse trabalho, em 1971 foi totalmente liberada, dando tempo integral a esse povo, apostolado que exercia com muita dedicação e amor. Mediante esse trabalho de base, amadureceu a idéia da criação de um centro assistencial junto à capela Nossa Senhora Aparecida. Assim, em fevereiro de 1971, com o auxílio do colégio e o apoio da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, foi fundado o Centro Social Sagrada Família (CASF). Após 20 anos de dedicação ao CASF, Ir. Gilberta foi transferida para o Convento São Francisco de Assis, para tratamento de saúde, onde permaneceu até o seu falecimento, em 19/2/1992. No ano de 1990, a direção provincial resolveu constituir, na Vila Agrícola, uma pequena comunidade, a Comunidade São João Batista. As primeiras irmãs foram: Ir. Íris Grings, Ir. Eloísa Goulart e Ir. Inês Alves Lourenço.



Residência das Irmãs - Vila Agrícola

As atividades no CASF são desenvolvidas com crianças que passam o dia na instituição. O programa engloba a realização das tarefas escolares, recreação dirigida, atividades artísticas, trabalhos manuais e oficinas de capoeira, dança, teatro, música, informática, artes plásticas,

padaria, costura e esportes. O município cede professoras que atuam como monitoras. As crianças recebem três refeições diárias, assistência médica e odontológica. Para os pais, há o clube de mães e a Associação de Moradores da Vila bem organizados, com diretoria, conta bancária e caixa comunitário, onde são depositados os numerários provenientes de promoções em benefício da associação, independente do CASF. Este mantém, desde 1976, convênio com a Amencar (Amparo ao Menor Carente), que representava, no Brasil, a Kindernothilfe - RNH, da Alemanha. Em dezembro de 2005, a Amencar rompeu o convênio com a RNH, passando o CASF à RNH, sob a denominação de “aliança” com a Kindernothilfe. Esta é uma agência de desenvolvimento (ONG), com enfoque na criança e no adolescente, cujo objetivo é melhorar a vida de crianças e adolescentes que vivem nos países pobres do mundo. Todo esse benefício é auditado todos os anos, diretamente da fonte, ou seja, da RNH. O CASF faz também parcerias com a outras entidades assistenciais e com empresas locais.

Como instituição de terceiros, possui uma diretoria eleita em assembleia. Atende, regularmente, em torno de 300 crianças e adolescentes e desenvolve atividades no campo social e religioso. O Centro Social muito tem contribuído para a formação da comunidade da Vila Agrícola.

SÃO JOSÉ DO INHACORÁ - RS

Localiza-se na mesorregião noroeste do Rio Grande do Sul, microrregião de Santa Rosa, distando 496 quilômetros de Porto Alegre. Em 2006, havia uma população estimada em 2.296 habitantes, em sua maior parte agricultores descendentes de imigrantes alemães. Possui uma área de 77,8 quilômetros quadrados. Emancipou-se em 20/3/1992. A fonte de renda deriva da agropecuária, da indústria moveleira e metalúrgica. Um ponto turístico de destaque é o Santuário Parque São Francisco de Assis, onde são encenadas a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, na Semana Santa, e o nascimento de Jesus, no Natal. As encenações se dão com artistas locais.

ESCOLA MADRE MADALENA

Fundação: 10/3/1950 • Ingresso das irmãs: 10/3/1950

Inauguração: 10/3/1950 • Venda ao Estado: 1969



| 185

São José do Inhacorá pertencia ao município de Santa Rosa. Sua população era constituída, em sua maior parte, por colonos de origem alemã. O pároco, Frei Florino Verhagen, havia tempo vinha pedindo às irmãs franciscanas a fundação de uma escola em sua paróquia. A escola municipal existente funcionava em condições precárias, com professores sem o devido preparo pedagógico. Mas da ministra provincial, Madre Selima Rodrigues da Fonseca, vinha resposta negativa. Foi quando uma moradora da localidade dirigiu-se a sua irmã religiosa, Ir. Dolorita Schneider, solicitando que intercedesse junto à ministra provincial. Dessa vez, a resposta veio positiva.

A alegria da comunidade foi muito grande. O pároco, ajudado pelos colonos, liderou a construção da escola e da residência para as irmãs. Uma grande festa foi organizada com o objetivo de angariar fundos, de tal forma que foi possível iniciar as obras em janeiro de 1950.

Em 10/3/1950, acompanhadas pela ministra provincial, as primeiras irmãs chegaram de surpresa. Não havia telefone para qualquer comuni-

cação. Um businaço e o repicar dos sinos alertou o povo, que acorreu em massa, acolhendo com o maior entusiasmo as recém-chegadas. Conta-se que uma senhora, ao receber a notícia, ajoelhou-se na roça mesmo e agradeceu a Deus pela vinda das irmãs. No final do dia, as irmãs puderam instalar-se na nova casa, mesmo ainda sem portas. Como a mudança ainda não havia chegado, faltava tudo. O desconforto, porém, não abateu o ânimo das irmãs. Foi antes motivo de muita hilaridade.

Os dias seguintes foram marcados por uma verdadeira romaria: gente curiosa, querendo ver as irmãs, e todos preocupados em ajudar e oferecer alguma coisa, alimentos e utensílios. A nova comunidade ficou assim constituída: Ir. Hercília Agnes (ministra), Ir. Rainilda Maldaner, Ir. Liúba Heck, Ir. Evita Seidel. Duas juvenistas, Teresinha Hilgert e Ilga Jungblut, também vieram. Madre Selima permaneceu na comunidade até o dia 13 de março.

186 | No dia 12 de março, foi dada a bênção à casa, erigida a via-sacra na capela e celebrada a primeira missa da nova comunidade.

As aulas iniciaram no dia 15 de março. A matrícula inicial foi de 166 alunos, aumentando, em seguida, para 206. Ainda em 1950, de 9 a 13 de dezembro, a comunidade recebeu a visita da ministra geral, Madre Ignace Holtus, o que animou por demais as quatro religiosas.

A Escola Madre Madalena correspondia plenamente às expectativas. Por outro lado, a comunidade correspondeu também, visto que muitas irmãs da província são provenientes dessa localidade. A atividade das irmãs na pastoral da paróquia rendia excelentes frutos: vocações religiosas, membros da Ordem Terceira Secular, crescimento da Pia União das Filhas de Maria, participações em centros bíblicos e cursos para noivos. As irmãs promoviam cursos de corte e costura, arte culinária e outras habilidades manuais. Nos primeiros anos, tudo corria bem para a escola: professores suficientes e receitas também. Mas com o passar do tempo, surgiram as dificuldades. As receitas financeiras não davam mais condições para manter o corpo docente e a escola. Como a situação foi se agravando sempre mais, o conselho provincial, em 1966, considerou por bem propor à Secretaria de Educação o fechamento e a extinção da Escola Madre Madalena, sugerindo que a comunidade criasse um grupo escolar.

O Governador do Estado, Walter Perachi Barcelos, assinou o Decreto nº 19.658, de 16/05/1969, criando a Escola Rural de São José do Inhacorá. Assim, em 15/7/1969, a escola das irmãs deixou de existir oficialmente. Embora a escola rural pertencesse ao Estado, uma irmã esteve na direção até 1970. Posteriormente, tudo foi assumido pelo Estado. O povo, porém, guardou na lembrança tudo o que as irmãs foram para ele, seu estilo de vida, sua fé, seu amor, a cultura que implantaram em São José do Inhacorá. Mais forte, ainda, é que a comunidade experimentou a força do “Deus providebit” em suas vidas, quando ainda São José dava os primeiros passos para a emancipação. Por isso, o próprio povo pediu a volta do nome da escola para Escola Madre Madalena.

HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Fundação: 10/3/1957 • Funcionamento: 22/8/1960

Inauguração: 4/12/1960

|187

Madre Antoninha Werlang, em 10/6/1954, visitando São José do Inhacorá, foi informada pelo pároco Frei Florino sobre o plano que tinha de construir um hospital. Na verdade, o hospital existente, de madeira, funcionava precariamente, apesar da boa vontade do então médico local, Vanderlei M. Rojas.

De fato, em 3/3/1957, foi lançada a pedra fundamental da nova construção, concluída em três anos. Em 22/8/1960, o hospital foi entregue à congregação. A inauguração oficial ocorreu em 4/12/1960 e, assim, começou a missão.

Em maio de 1965, iniciou a obra de ampliação do prédio para abrigar o aparelho de raio-x, a farmácia, a residência das irmãs e a capela. Ir. Techilda Linnemann obteve auxílios da Misereor (Alemanha), o que permitiu que, em 19/3/1966, o novo prédio fosse inaugurado e pudessem ser adquiridos o aparelho de raio-x e o laboratório de análises clínicas. Em 30/3/1968, firmou-se um contrato com o Funrural.

Aos poucos, o hospital foi progredindo, com possibilidade de oferta de novos serviços. Mas sempre conviveu com a dificuldade de manter contrato com os médicos para tempo integral. Sendo uma localidade rural e pequena, o movimento e os meios de transporte eram precários,

especialmente para os enfermos. Houve épocas em que o hospital parecia firmar-se, mas eram melhoras curtas. A dificuldade permanente de manter médicos no local levou a mantenedora, a partir de 1998, a pensar numa possível venda do hospital. Muitos esforços, para não dizer todos, já tinham sido empregados e o sinal era de que, na conjuntura social de São José do Inhacorá e das políticas de saúde do país, era inviável a sobrevivência de um hospital particular.

188 | Desmembrando-se a província em entidades mantenedoras, a SEFAS, que assumiu as unidades hospitalares, começou o processo de negociação com a prefeitura de São José do Inhacorá. Em 30/7/2002, houve a assinatura da escritura de compra e venda do Hospital São Francisco. Por algum tempo, as irmãs ainda deram continuidade aos pequenos atendimentos hospitalares, até que a prefeitura assumiu definitivamente. A câmara de vereadores homenageou as irmãs franciscanas, destacando o trabalho humanizador, religioso e de qualidade desenvolvido nos 52 anos de atividade no hospital e na comunidade.

Nesse tempo todo, as irmãs, ao lado das atividades hospitalares, assumiram intensamente a pastoral paroquial. Contemplando a beleza da paisagem entre morros, pedras e área verde, em 22/7/1979, muito se alegraram com a inauguração do “Calvário”, uma representação da via-sacra, destacando-se uma grande cruz com o Cristo crucificado. Esse local destina-se à reflexão, oração e celebrações do mistério de Cristo. É considerado pelos moradores um ponto turístico-religioso da cidade.

Vendido o hospital, o bispo diocesano, Dom Estanislau Amadeu Kreutz, pediu que ao menos uma pequena comunidade permanecesse em São José para dar continuidade ao trabalho pastoral e para se constituir em presença do sagrado na cidade. A ministra provincial aceitou o pedido e constituiu, em 22/2/2002, a Comunidade Santo Antônio, formada por Ir. Renata Josefina Sturm, Ir. Maria Henkes e Ir. Maria Wilma Rambo. O trabalho pastoral das irmãs abrange catequese, cursos de preparação para os sacramentos, visita aos doentes e animação paroquial desde festas até organização de grupos de novena, pastoral da criança e da saúde.



Residência das Irmãs - São José do Inhacorá

DOURADOS - MS

A cidade de Dourados teve seu início em 1884. Era habitada pelos índios caiuás. Nessa época, uma família mineira fixou residência na região, seguida, em 1885, por famílias paulistas e, em 1893, pelos gaúchos. A maioria desses “estranhos” veio para fundar fazendas. Em 1913, a localidade passou a ser distrito de paz, com o nome de Dourados, devido ao rio de mesmo nome. Anteriormente, pertencia à Comarca de Nioac. Somente em 1935, Dourados foi levada à categoria de município. Eclesiasticamente estava circunscrita à diocese de Corumbá. Com a inauguração da Capela Imaculada Conceição, em 1925, Dom Vicente Maria Priante, então bispo de Corumbá, criou, em 1935, a Paróquia Imaculada Conceição, hoje catedral. Apenas em 1940, chegou o primeiro pároco, Frei Higidio Lateck, OFM.

ESCOLA FRANCISCANA IMACULADA CONCEIÇÃO (Instituto Educacional)

Fundação: 9/2/1955 • Chegada das irmãs: 9/2/1955

Inauguração: 30/1/1959



190 |

Em julho de 1954, Dom Orlando Chaves, bispo de Corumbá, diocese que abrangia todo o sul do Mato Grosso, dirigiu-se à Ir. Antoninha Werlang, pedindo irmãs para a paróquia de Dourados, com a finalidade de trabalhar na catequese e na escola primária. A proposta foi acolhida com entusiasmo. Num vôo rápido, Madre Antoninha e Ir. Lourdes Biesdorf visitaram Dourados, onde acertaram detalhes da missão com Frei Teodardo Leitz – OFM. As irmãs deveriam estar em Dourados no dia 8 de dezembro, por ser o dia da Imaculada Conceição e a data ainda circunscrita no ano mariano, pois a Imaculada Conceição deveria ser a padroeira da missão. Como não estava pronta a moradia no prazo previsto, foi solicitado que as missionárias retardassem sua ida.

As primeiras missionárias designadas foram: Ir. Ludemila Heck (Ir. Liúba) – ministra, Ir. Rosita Meyer, Ir. Alfredina Stülp, Ir. Iracema Grings, Ir. Miraci Adams e Ir. Leonarda Lunkes. A viagem foi feita num avião da FAB, partindo de Santa Maria, e levou menos de quatro horas.

Ir. Lourdes e Ir. Norbertina Sehnem acompanharam o grupo. A chegada foi em 9/2/1955. No aeroporto, havia poucas pessoas, visto que as irmãs não estavam sendo esperadas para aquela hora. Frei Teodardo recebeu-as e conduziu-as à casa de Celso e Neuza do Amaral, para um lanche. Depois passaram pela igreja matriz e casa canônica. Foi uma forma de o pessoal de Dourados ganhar tempo para organizar a recepção e fazer os últimos preparativos na casa, onde as irmãs iriam morar. Tudo pronto, o povo foi convocado com foguetes. Muita gente se reuniu em frente à nova residência: crianças abrindo alas e as filhas de Maria saudando as irmãs com cantos e declamações.

Em seu longo discurso de acolhida, Frei Teodardo lembrou São Francisco de Assis ao introduzir Santa Clara em São Damião, pois se sentia tão pobre, com quase nada para oferecer às recém-chegadas. Sentia, disse, que assim como Santa Clara e suas companheiras levaram a bênção de Deus sobre Assis, da mesma forma Dourados esperava as irmãs, portadoras de graças e intermediárias entre o povo e o céu. Ir. Lourdes, em nome de Madre Antoninha, agradeceu a recepção e a moradia para elas preparada.

|191

Após as cerimônias de recepção, as irmãs puderam conhecer as dependências, acompanhadas pelo povo. A casa de moradia, construída pelo pároco e pelo povo, carecia ainda de diversos acabamentos, faltando a instalação da luz elétrica. Lâmpioes a querosene e, nos quartos, cada uma com uma vela e uma caixa de fósforos. Situava-se à Rua Marcelino Pires, ao lado do atual bispado.

No dia 15 de fevereiro, iniciaram as matrículas. Até o final do mês, somavam-se 300 crianças, chegando ao número de 485, incluindo alunas para o curso de corte e costura. Assumiram, em seguida, dois centros de catequese com 200 crianças.

As aulas iniciaram no dia 1º de março, no Patronato de Menores Santo Antônio, próximo à matriz. Era uma escola paroquial de propriedade da Ordem dos Frades Menores – OFM. Passados alguns anos, os frades menores construíram um outro prédio para essa escola e as irmãs assumiram a direção, formando, ali, uma comunidade própria. No princípio, a escola era gratuita e atendida por professores cedidos. Quando o Estado retirou as cedências, a escola não conseguiu sustentar-se por muito tempo. Os freis, então, encerraram as atividades, transformando o prédio em salas para reuniões e salas de catequese. As irmãs, por sua vez, foram transferidas para outras comunidades. Isso ocorreu em 1983.

No dia 30 de março, Frei Teodardo oportunizou à Madre Liúba e Ir. Alfredina uma visita à missão indígena. Nesse dia foram feitos dez batizados e três casamentos. As crônicas registram o que impressionou as irmãs sobre os índios: “Alimentam-se de milho, mandioca e mamão. Não sabem preparar alimentos em cozinha. São mansos. Vestem-se, mas, em geral, andam esfarrapados e sujos. Um ou outro ainda se veste de penas”. Há uma missão católica na aldeia, praticamente abandonada por falta de padres. Os protestantes luteranos têm uma missão, onde já construíram orfanato, escola e desenvolvem intensa atividade.

No dia 30 de outubro, foi iniciada a construção do juvenato, pois havia várias jovens desejosas de conhecer a vocação religiosa. Em 1956, duas jovens foram a Santa Maria - RS, para ingressar no postulado. Nesse mesmo ano, a Escola Imaculada Conceição começou a ministrar aulas de música, visto que recebeu, na pessoa de Ir. Ruth Muller, uma professora competente e dedicada.

192 |

Em 1957, Dourados recebeu a notícia da criação da diocese, desmembrada de Corumbá. O primeiro bispo foi Dom José de Aquino Pereira. A igreja local cresceu vertiginosamente. Foram criados mais centros catequéticos, advindo daí a necessidade de preparar catequistas. A convite da diocese, Ir. Evódia Ley ministrou um curso para 108 catequistas, o que representou um grande auxílio para a missão em Dourados.

O internato começou a ser notícia nas crônicas da missão douradense em 1958, quando foram registrados a exigüidade de espaço e seu aumento, feito pela família Targas, com a finalidade de conseguir uma vaga para suas três filhas.

Em 1956, a prefeitura de Itaporã doou um terreno para a congregação, com o pedido de construir uma escola. Foi grande a alegria de poder contar com mais uma comunidade, a partir de abril de 1958. Itaporã dista 19 quilômetros de Dourados. A escola foi denominada Instituto Santo Antônio.

Desde a sua chegada, em 1955, as irmãs trabalharam em duas escolas da missão franciscana dos frades menores. Como recebeu alguns terrenos, por doação de pessoas da comunidade, a congregação iniciou a construção de uma escola, na Vila Progresso, em fevereiro de 1958.

A direção provincial que, em 1957, organizara Dourados numa entidade mantenedora, Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Oeste, podia, a partir disso, dar passos mais arrojados.

O ano de 1959 trouxe novos e grandes desafios para a comunidade. Com a criação da diocese, as irmãs devolveram à cúria diocesana a moradia que haviam recebido e passaram a morar numa parte já construída na Vila Progresso. Nesse ano, foi iniciada a escola normal do Instituto Educacional de Dourados, com 17 alunas do primeiro grau (normal regional) e seis do segundo grau (normal de 2º ciclo). No mês de maio, o secretário da educação, Bonifácio Nunes da Cunha, procedeu à inspeção da escola e saiu entusiasmado com a proposta. A Escola Normal Regional formou sua última turma em 1963. Sempre vislumbrando algo novo, o Instituto Educacional de Dourados encaminhou documentação para a criação do ginásio, que foi denominado Ginásio Imaculada Conceição. No início de março de 1961, realizou-se o exame de admissão ao ginásio. Dos 33 candidatos, 29 foram aprovados.

|193

A construção do Instituto Educacional de Dourados, devido ao porte do prédio e às limitações financeiras, só foi concluída em 1969. À medida que as partes eram concluídas, iam sendo ocupadas. Um fato digno de nota foi a solenidade de entrada no noviciado de cinco postulantes provenientes do juvenato de Dourados: Maria do Perpétuo Socorro da Anunciação (Ir. Zélia), Maria Luiza Bezerra (Ir. Lucinéia), Maria do Socorro Rocha Porfírio (Ir. Elizabeth), Isabel Alencar (Ir. Margarida) e Maria Aparecida Marques (Ir. Lourdete). Após um ano de preparação em Santa Maria - RS, as cinco postulantes, acompanhadas por Madre Liúba e Madre Antoninha, na presença de familiares e grande público, em 2/2/1965, receberam a veste religiosa das mãos do bispo diocesano, Dom Carlos Schmidt. Esse fato, até então nunca visto em Dourados, serviu de grande impulso para a pastoral vocacional da diocese. Com muita emoção, os familiares, as irmãs e as novas noviças passaram esse dia muito felizes. As noviças retornaram ao Rio Grande do Sul no dia 4 de fevereiro.



194 |

A partir da esquerda: Ir. Ludemila Heck (fundadora da escola), Ir. M. Aparecida Marques, Ir. Margarida Alencar, Ir. Zélia da Anunciação, Ir. M. Luiza Bezerra, Ir. Elizabeth Porfírio.

A construção do prédio da escola foi concluída em 1969. Em 1970, passaram a funcionar os cursos: Normal Colegial, Ginásio Secundário, Pré-primário e Primário. Nesse ano foram extintos o Instituto Educacional de Dourados e a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Oeste. O estabelecimento passou a chamar-se Escola Imaculada Conceição. A mantenedora passou novamente a ser a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis - Zona Norte.

O ano de 1970 foi marcante para a vida de Dourados e para a Escola Imaculada Conceição. No dia 16 de maio, houve a inauguração da energia elétrica, proveniente da usina de Urubupungá, da rede de televisão, das casas populares e da faculdade de filosofia. Realmente foi uma manifestação de que o progresso chegava a Dourados. Na Igreja, Dom Carlos Schmidt recebeu a transferência, solicitada por ele havia mais tempo, sendo designado para a cidade de Lages - SC. Frei Teodoro assumiu como vigário episcopal. Em janeiro de 1971, foi sagrado bispo na Alemanha e, no dia 27 de março, tomou posse como terceiro bispo de Dourados. A comunidade se alegrou, pois era bastante conhecido, desde o início da missão.

O colégio, de forma muito natural, desenvolveu uma variedade de projetos ecológicos, aproveitando a exuberante natureza, o solo fértil e o clima favorável. Valendo-se da heterogeneidade e da rica diversidade de povo que se formou em Dourados, a atualização tecnológica se tornou uma constante.

Com a divisão do Estado, em 11/10/1977, Mato Grosso do Sul – MS integrou 55 municípios, agrupados em sete microrregiões homogêneas, o que muito contribuiu para o desenvolvimento e o enriquecimento local. Nesse ano, houve a fundação da faculdade de agronomia, a eletrificação rural e, na escola, a construção do primeiro ginásio de esportes.

Como cidade de fronteira, foi criada, em Dourados, a seleta Sociedade Caritativa e Humanitária, para combater a máfia e a droga. A filosofia dessa sociedade era contrapor à sociedade do mal uma sociedade do bem. Nisso o colégio se engajou, especialmente com alunos do ensino médio.

Há muito tempo o colégio vem mantendo projetos sociais na Vila Cachoeirinha e na aldeia dos indígenas guaranis. As campanhas em favor de crianças e de mães gestantes visam a uma melhor qualidade de vida. Hoje, além dos índios guaranis e caiuás, nas aldeias de Dourados há a tribo dos índios terenas. Nesse empenho, o colégio desenvolve ainda projetos de alimentação alternativa e saúde preventiva. Quando possível, faz-se mutirão para a construção de casas para famílias carentes.

Com o crescimento da escola e a atualização didático-pedagógica, a evolução e o progresso social da cidade, houve necessidade de novos espaços. O internato, necessário até pelo ano de 1970, foi desativado e adaptado para a educação infantil, em 1972. Esta recebeu parque apropriado em 1979. Esses motivos levaram à construção de uma residência para as irmãs, nominada Residência São Francisco, habitada em 1987. Com a reorganização da UFCC, a Residência São Francisco é hoje Residência Imaculada Conceição. Dom Teodardo presidiu a celebração eucarística e abençoou as dependências da casa.

O espaço foi, depois, transformado em salas de aula e ambientes para as coordenações. No ano 2000, o colégio concluiu a construção de um anfiteatro para aulas do ensino médio – pré-vestibular. No ano de 2004, a escola criou o Curso Técnico em Alimentos, iniciado no mês de agosto, o qual foi muito bem acolhido pela comunidade, uma vez que, em Dourados, existem empresas voltadas ao setor alimentício.

O ano de 2005 assinalou os 50 anos da escola. O evento foi comemorado com uma carreata, no dia 26 de fevereiro, e uma solene missa, no dia 1º de março. A solenidade contou com a presença de Neuza do Amaral, a se-

nhora que acolhera as irmãs em 1955. Durante o ano todo foi lembrada a data e, no dia 3 de setembro, foi realizado um encontro de ex-alunas. Foi o ano da gratidão.



Residência das Irmãs - Dourados

O setor esportivo da escola foi enriquecido por dois ginásios cobertos, sendo um deles com quadra poliesportiva, inaugurado em 2006. Foram ainda providenciadas: uma área coberta e outras áreas abertas para responder à demanda de uma escola com quase 2000 alunos. O colégio foi e continua sendo referência na cidade, pela qualidade de ensino e pela educação humanista que desenvolve.

COMUNIDADE SANTA CLARA - DOURADOS

Ingresso das irmãs: 10/1/2002 • Inauguração: 15/1/2002

Encerramento: 30/1/2007 • Obra da mitra diocesana

A Comunidade Santa Clara foi instalada no Instituto Diocesano de Pastoral (IPAD) da diocese de Dourados. As irmãs da Congregação das Servas da Santíssima Trindade residiam ali e cuidaram das atividades do IPAD até o final de 2001.

Dom Redovino Rizzardo dirigiu-se à ministra provincial, Ir. Rosane Sturm, solicitando irmãs para esse serviço. Após muito discernimento e

pelos quase 50 anos de serviço da província na diocese, o conselho provincial aceitou o pedido, destacando para a missão Ir. Erica Ten Caten, uma vez que já atuava em pastoral diocesana, no setor de catequese. Em 10/1/2002, foi transferida para Dourados. Aí deu os primeiros passos na organização da comunidade e aprofundou o sentido da missão das irmãs no IPAD. A pedido de Dom Redovino, além de assessorar a catequese, Ir. Erica assumiu a Coordenação Diocesana da Infância Missionária e a direção do curso de teologia do instituto.

A comunidade foi oficializada no dia 15 de janeiro, com a presença das irmãs que compunham a nova comunidade, das irmãs das comunidades do Colégio Franciscano Imaculada Conceição, das irmãs de Itaporã, de Ir. Maria Aparecida Marques, vice-provincial, de Dom Redovino e de outras pessoas. Inicialmente, grande foi o apoio das irmãs do Colégio Franciscano Imaculada Conceição no que diz respeito à instalação de móveis, utensílios e bens necessários para o bom andamento da casa.

Em 18 de janeiro, a direção provincial enviou Ir. Diva Degrandi para a coordenação da casa, compreendendo serviços de infra-estrutura, acolhida das pessoas, encontros diocesanos e grupos das paróquias. Depois de vários contatos, ficou acertado, entre o bispo e as irmãs, que a missão no IPAD teria como finalidade acolher bem as pessoas, ser presença qualificada, cuidar do patrimônio e estar a serviço das pastorais e dos movimentos na promoção de cursos e encontros.

No dia 12 de março do mesmo ano, Ir. Lucila Spies passou a integrar a comunidade como secretária do bispo e como arquivista e recepcionista da cúria diocesana. Outras irmãs foram se sucedendo na missão, bastante diferente, por vezes, ao que estavam habituadas. Freqüentes eram os encontros no Instituto de Pastoral e inúmeras as solicitações para atuar fora da sede, nas diversas pastorais e movimentos. Diante das muitas transferências, logo sentiu-se a falta de irmãs vocacionadas para esse serviço.

Após muita reflexão, juntamente com as irmãs do IPAD e o bispo diocesano, entendeu-se como melhor encerrar a comunidade Santa Clara. As irmãs foram transferidas, umas para a Escola Imaculada Conceição e outras para Itaporã, cuja comunidade realiza seu ministério na paróquia São José. Ir. Erica Ten Caten e Ir. Sônia Sturm continuaram li-

beradas para o trabalho diocesano, residindo uma em Itaporã e a outra em Dourados. A data oficial do encerramento da Comunidade Santa Clara deu-se em 30/1/2007.

ITAPORÃ - MS

Município emancipado em 10/12/1953. Localiza-se na Mesorregião Sudoeste de Mato Grosso do Sul. Em sua área, de 1.322 quilômetros quadrados, distribui-se uma população de 17.865 habitantes. Os recursos econômicos mais significativos baseiam-se na agricultura, pecuária e piscicultura. A cidade Itaporã está a 230 quilômetros da capital Campo Grande. É conhecida como “Cidade do Peixe”.

INSTITUTO SANTO ANTÔNIO

Fundação: 27/2/1958 • Chegada das irmãs: 27/2/1958

Inauguração: 16/4/1958

e HOSPITAL BENEFICENTE

Fundação: 14/3/1968 • Vendido em 26/7/1972

e RESIDÊNCIA SÃO JOSÉ

Fundação: 22/2/1973

Unidos, pároco, prefeito e povo de Itaporã, cidade situada a 18 quilômetros de Dourados, fizeram um pedido à ministra provincial Madre Antoninha Werlang, solicitando irmãs para a localidade. Tendo em vista a proximidade das duas cidades, o conselho aprovou o pedido. Em 27/2/1958, Ir. Paulina Neutzling, Ir. Rosita Meyer, Ir. Sérgia Wolfart e Ir. Iracema Grings, acompanhadas pela ministra da comunidade de Dourados, Ir. Ludemila Heck, seguiram para a nova missão.

Em 16 de abril, com a celebração eucarística, foi inaugurada a casa. Era simples, de madeira, doada às irmãs. Em 10/11/1958, Ir. Tarcísia Kleinübing integrou a comunidade na função de ministra. Sendo enfermeira, socorria os pobres que buscavam o ambulatório da cidade e visitava os doentes a domicílio. No início era uma comunidade inserida no meio do povo, com trabalho paroquial e no Grupo Escolar Antônio João Ribeiro. Em 29/10/1961, Ir. Tarcísia foi substituída por Ir. Anizia Seidel, a

quem coube a responsabilidade da construção do Instituto Santo Antônio, para escola e moradia das irmãs. A obra foi iniciada em 1964 e concluída em 1967. Como escola, o Instituto Santo Antônio não foi exitoso. Itaporã não comportava uma escola particular, visto que a população era rural, com alguns comerciantes e umas poucas farmácias.

Em 1968, dois médicos que vinham atendendo a população em seus consultórios, com numerosa clientela, solicitaram às irmãs para cederem o andar térreo do instituto Santo Antônio, para receber os doentes, o que foi efetivado nesse mesmo ano. Para lá se transferiram os dois médicos. Nessa época, até 1970, as irmãs tinham assumido a direção do Grupo Escolar Antônio João Ribeiro e da Escola Reunida de Itaporã. No prédio da paróquia, uma irmã começou a atender, em maio de 1962, o jardim da infância, criado pelo pároco Frei Paulino Gelissem – OFM. Esse jardim, em 30/10/1970, foi extinto e anexado ao grupo escolar do Estado. Em 13/2/1967 assumia como ministra Ir. Rafaela da Silva, substituída, em 13/2/1970, por Ir. Regina Amanda Weschenfelder.

|199

Percebendo as irmãs que a necessidade maior para a população era a saúde, e mediante pedidos insistentes para a fundação de um hospital, em 14/3/1968 foi oficializada a criação do Hospital Beneficente de Itaporã. Houve adaptação do prédio. As irmãs assumiram a administração e os trabalhos de enfermagem.

A data de 30/9/1972 marcou a extinção do Instituto Santo Antônio. A comunidade das irmãs continuou atendendo o hospital e duas passaram a atender ao magistério nas escolas públicas. Dedicavam-se também à promoção social, com cursos profissionais como corte e costura. A pastoral paroquial e a catequese, com preparação aos sacramentos e visitas às capelas, constituíam o dia-a-dia da comunidade.

Em 1972, o hospital foi vendido para um grupo de médicos, integrantes da Associação Hospitalar de Itaporã. Conforme Crônicas (1972), o motivo da venda foi a dificuldade da província, na época, de atender às exigências da medicina moderna.

Após a venda do hospital, as irmãs foram transferidas para Douros. Mesmo assim, continuaram atendendo à pastoral paroquial em Itaporã, até que, em 1973, apareceu a oportunidade para a compra de uma casa próxima à igreja. A direção provincial adquiriu-a e constituiu

a Comunidade São José que, até os dias de hoje, exerce o apostolado na cidade, com catequese, liturgia, trabalho vocacional e promoção humana.



200 |

Residência das Irmãs em Itaporã

GUAÍRA - PR

Guáira é nome dado pelos índios guaranis e significa lugar de difícil acesso. Pertence à Mesorregião do Oeste Paranaense. Emancipou-se em 14/11/1951. Possui uma área de 560,5 quilômetros quadrados e sua população é de 27.668 habitantes. O município tem uma forte vocação turística. Há o Museu Sete Quedas, a Igreja de Pedra Nuestro Señor del Perdon, o Cruzeiro das Américas, o Teatro Guáira e outras opções de visitação. Uma de suas maiores atrações do passado, as sete quedas, está sepultada no lago de Itaipu.

COLÉGIO FRANCISCANO NOSSA SENHORA DO CARMO

Fundação: 5/2/1960 • Inauguração: 21/4/1960

Chegada das irmãs: 5/2/1960



|201

A pedido do pároco de Guaíra, Pe. Alderício Baggio, a direção provincial abriu na cidade uma missão com a finalidade de atender à educação da juventude. Após visita *in loco*, a ministra provincial considerou a cidade bem propícia para a implantação de uma escola. A prefeitura municipal demonstrou interesse e, como forma de participação, doou um terreno, no qual as irmãs construíram uma escola de madeira, à Rua Paraguai, s. n.º. A fundação oficial ocorreu em 1/3/1960. O nome Educandário Nossa Senhora do Carmo foi sugestão do pároco. As primeiras duas irmãs chegaram a Guaíra em 6/2/1960. Abrindo as matrículas, viram o registro significativo de 115 alunos na 1ª série e 47 no Jardim de Infância. As irmãs que constituíram a primeira comunidade foram: Ir. Maria Zeni Carvalho, Ir. Maria Ludmila Lunkes, Ir. Venúncia Foletto, Ir. Maria Anita Kunrath, Ir. Francisca Mello da Silveira, Ir. Lucila Grings e Ir. Maria Leônia Biesdorf.

Em 21 de abril, a comunidade fez uma solene recepção à ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, e à Ir. Maria Leônia Biesdorf, que

foi nomeada primeira ministra da comunidade e primeira diretora do educandário. À hora prevista, reuniram-se no aeroporto, hoje Praça João XXIII, irmãs, alunos, pais, amigos e vizinhos, para recepcionar as duas irmãs e dar-lhes as boas-vindas. A seguir foi celebrada uma missa festiva na capela do educandário.

O trabalho das irmãs fez o educandário crescer e o número de alunos não parou de aumentar. Em vista disso, a mantenedora negociou com a mitra diocesana uma área de 7.566 m², parte de terrenos pertencentes à Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. E aí, à Praça João XXIII, nº 168, foi construído o novo colégio, permitindo que, em 1967, embora ainda não acabado, se tornasse a sede da escola e possibilitasse o início das aulas. O terreno inicial, doado pela prefeitura, foi devolvido em troca do asfalto ao redor do novo prédio da escola.

202 |

E, assim, a escola foi cumprindo sua missão. Em 1968, iniciou a fanfarra da escola, com inúmeras apresentações ao longo do tempo, sempre bem-sucedidas. O ano de 1978 foi marcado pelo falecimento de Ir. Maria Leônia, em 25 de setembro. Foi velada na igreja matriz, onde ricos e pobres se fizeram presentes, oferecendo sua prece e a última homenagem àquela que espalhou tanto bem e que tanto amou o povo de Guaíra. Mais tarde, foi homenageada com seu nome dado a uma escola: Escola Municipal Ir. Maria Leônia.

A construção da grande usina hidrelétrica de Itaipu no rio Paraná, em Foz do Iguaçu, fez represar as águas desse rio por centenas de quilômetros no sentido sul-norte. Assim, até afluentes e subafluentes desse rio, pelo represamento das águas, produziram o extenso lago de Itaipu. Em Guaíra, a extraordinária beleza de Sete Quedas foi submersa. A extensão das conseqüências foi imensurável para toda a região oeste do estado do Paraná, limítrofe com o Paraguai. Muitas famílias foram desapropriadas de suas terras e casas. Houve profundas conseqüências ecológicas, econômicas e o empobrecimento de famílias que tinham sua subsistência no turismo, comércio, pesca e agricultura. Isso ocorreu em 1984.

Com a destruição das sete quedas do rio Paraná, além da dor ecológica, Guaíra parecia morrer. Muitas famílias, comerciantes, bancários e outros mudaram-se da cidade. A escola sofreu uma diminuição significativa de alunos. A despeito dessa situação, a população local e a direção da escola

procuraram reagir, mantendo o sentido do trabalho e construindo novos significados para a cidade.

Em 29/6/1990, em solene sessão da câmara municipal de Guaíra, Ir. Maria Zeni de Carvalho recebeu o título honorário de cidadã guairense. No ano 2001, na Unipar (Universidade Paranaense), *campus* de Guaíra, recebeu o título de “A Educadora do Ano”.

Com a mudança na legislação do ensino, em 1987, o educandário passou a denominar-se Escola Nossa Senhora do Carmo: Ensino de Pré-Escola e de 1º Grau. O 2º grau, hoje ensino médio, recebeu autorização de funcionamento em 1994. O nome Escola Nossa Senhora do Carmo passou para Colégio Nossa Senhora do Carmo - Ensino Pré-escolar e de 1º e 2º Graus. Quando, em 1999, a mantenedora decidiu introduzir o qualificativo “Franciscano” aos nomes dos colégios e, de acordo com nova legislação do ensino, a escola passou a denominar-se Colégio Franciscano Nossa Senhora do Carmo.

Em 1999, diante do crescente número de alunos e diminuição do número de irmãs na escola, foi solicitado ao conselho provincial a permissão para transferir a moradia para fora do prédio da escola. Com a resposta positiva, efetuou-se, no dia 12 de setembro, a compra de uma casa localizada à Rua Comandante Moraes Rego, 1041. A mudança para a nova moradia deu-se em 15 de novembro.

As irmãs sempre contaram com a ajuda direta de professores e funcionários leigos, para bem atender aos numerosos alunos. Além das atividades educacionais, as irmãs sempre atenderam e colaboraram nas diversas pastorais da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

Nessa realidade, a escola busca cumprir sua missão de “desenvolver qualificados serviços educacionais, segundo os ideais franciscanos, num ambiente fraterno e inovador, contribuindo para formar cidadãos capazes de promover a vida e de responder aos desafios da ciência”. Junto a essa missão, as irmãs são presença franciscana entre os guairenses, os quais sempre lhes deram boa acolhida, tanto na escola como nos serviços pastorais e educacionais prestados à comunidade local.



Residência das Irmãs - Guaíra

BRASÍLIA-DF

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã de meu país e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino (Juscelino Kubitscheck, Livro de Ouro de Brasília).

ESCOLA FRANCISCANA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Fundação: 11/2/1960 • Chegada das irmãs: 11/2/1960

Inauguração: 8/6/1960



| 205

Em 11/2/1960, data de fundação da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima, uma nova comunidade de irmãs franciscanas nascia em Brasília, constituída por Madre M. Mechtild Schuster, Ir. M. Rósula Klockner, Ir. M. Jane Pedrotti, Ir. Maria do Rosário Guidoni e Ir. Maria José Bettin (primeira diretora). A ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, junto com a assistente Madre Beniceta Stefani, acompanharam a viagem das irmãs até Brasília. O pioneirismo, como sempre, exigiu coragem e espírito de sacrifício, o que não faltou para o começo dessa comunidade. Uma casa de madeira servia de abrigo, ao lado de uma árvore, que hoje ainda existe. Era uma casa geminada da Caixa Econômica Federal. O preparo do alimento era em fogões improvisados, do lado de fora. Brasília ainda estava em plena construção.

A direção provincial já havia adquirido um terreno financiado pela Caixa Econômica Federal, na W5 Sul, Quadra 906, conjunto F, parte do conjunto paroquial, com três terrenos, já previstos na planta da Novacap, um para a paróquia, um para a escola feminina e outro para a masculina.

O jardim de infância foi a primeira obra, feita com construtor, engenheiro e operários vindos do Rio Grande do Sul. Em 70 dias foi concluída a primeira parte, que serviu provisoriamente de moradia para as irmãs. A mudança para essa residência aconteceu em 8/6/1960, ocasião em que o frei Romualdo levou o Santíssimo Sacramento, em procissão formada por irmãs e operários.

As primeiras aulas da Escola Normal, em 1960, foram ministradas no Ginásio Brasília, dos irmãos lassalistas, que cederam espaços para as irmãs franciscanas, uma vez que o prédio do Fátima estava em construção.

As irmãs participaram da missa de inauguração da nova capital, na esplanada dos ministérios, à meia-noite de 21/4/1960.

206 | A pedido de Dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia, algumas irmãs iam mensalmente às vilas de Alexânia e Nova Flórida para dar instrução religiosa. Aos domingos à tarde, de vinte a trinta moças reuniam-se na escola para a catequese e a preparação para ingresso na Pia Instituição das Filhas de Maria. Além de todas essas atividades, as irmãs proporcionavam hospedagem a sacerdotes e religiosos quando de passagem por Brasília.

No ano de 1961, as irmãs continuaram a auxiliar os irmãos lassalistas no Ginásio Brasília, porque ainda não havia meios suficientes para manter uma escola própria. Na sede própria começou a funcionar apenas o 1º normal, com poucas alunas.

Em março de 1962, além do curso normal, começou a funcionar o jardim de infância, com 45 alunos, aumentando esse número para 124 no decorrer do ano. Foi grande a procura por vagas, mas não foi possível atender a todos os pedidos, por falta de espaço físico e de irmãs em condições de assumir esse trabalho. Nesse ano, foi erguida a gruta em homenagem à Nossa Senhora e, no dia 15 de agosto, foi inaugurada a nova capela.

Em fevereiro de 1963, a província já contava, em Brasília, com jardim de infância, curso normal e curso supletivo. No curso supletivo, havia 165 alunos, do 1º ao 4º ano primário. Nesse ano, foi iniciado o trabalho de catequese na Igrejinha de Fátima e na Paróquia Nossa Senhora das Dores. Foi fundada também a OSSI, com o objetivo de atender à classe menos abastada.

Em 1964, iniciou o curso primário. A comunidade das irmãs sentiu com pesar o falecimento de Ir. Dulce Kern, ocorrido em 22 de outubro, em São Leopoldo. Ir. Dulce teve grandes méritos na vida da escola e era muito

conhecida na Câmara e no Senado, onde intercedia pela escola e por obras de outras congregações.

Uma chácara de 27 hectares, perto de Taguatinga, foi comprada em 1964. Aí eram criados animais domésticos e cultivadas frutas e hortaliças. Essa chácara foi vendida em novembro de 1967. Mais tarde, em 1984, foi comprada outra chácara no Lago Oeste, onde foi construída uma casa.

A primeira turma de professoras do curso normal formou-se em 8/12/1964. Eram 28 formandas. A solenidade iniciou com a celebração da missa pelo arcebispo Dom José Newton de Almeida Batista, que foi o parainfo religioso. A seguir, houve a colação de grau e, por fim, uma confraternização.

Em 17/12/1967, realizou-se, no recinto da escola, o casamento de Elbenes Guimarães, uma das professoras do curso primário.

Em março de 1968, foi concluído o prédio das aulas, sendo ocupado pelo curso normal, na parte da manhã, e pelo curso primário, na parte da tarde. Sete salas foram alugadas, por um ano, para a Faculdade de Filosofia Eпитácio Pessoa, para o turno da noite. | 207

Em 1970, mais uma atividade, em Brazlândia, a 46 quilômetros de Brasília: três irmãs passaram a dedicar-se ao trabalho paroquial, à catequese, à promoção dos pobres e a aulas nas escolas públicas.

Devido à grande procura de alunas para o curso normal, foi aberto, em 1971, o curso normal noturno. Acolhendo o anseio de jovens que desejavam conhecer mais de perto a vida religiosa franciscana, foi dado início a um encontro mensal, em que participavam 16 jovens. Os encontros eram realizados na escola e em Brazlândia. Esse trabalho vocacional continuou nos anos seguintes, culminando, em 1976, com algumas jovens de Brazlândia que vieram morar, como internas, na escola, para conhecer mais de perto a vida religiosa e cursar o 2º Grau.

O ano de 1974 foi marcado por acontecimentos importantes: ampliação do 1º grau, com a introdução da 5ª série e demais séries nos anos seguintes; reconhecimento oficial, pelo Parecer 91/73, sendo a primeira escola particular do Distrito Federal a ser reconhecida. Ainda, nesse ano, a escola chegou a ter 14 pensionistas. Como a procura foi aumentando, foi construído, em 1978, o prédio para o pensionato, com espaço para 40 internas.

Em 1982, iniciou-se a construção do ginásio de esportes e de uma quadra externa. Em 1985, no dia 3 de abril, aconteceu a abertura do ano jubilar

da escola e do ano internacional da juventude. O ano jubilar foi marcado por vários acontecimentos e festividades. Em 13 de maio, foi celebrada a missa de ação de graças. O destaque dessa celebração foram as 25 pessoas que representaram significativamente cada ano da história da escola. Após a missa, foi oferecido um coquetel e foram homenageados os dois primeiros alunos e a primeira pensionista da instituição. A inauguração do ginásio de esportes ocorreu nesse ano. Outro fato foi a passagem da direção da escola, de Ir. Rosa Leonilda Braun para Ir. Iraní Rupolo. Um período marcado por dificuldades e greves em diversos setores da sociedade, inclusive nas escolas.

A Escola Fátima cresceu muito. Em meados de 1980, tinha mais de 1.400 alunos e possuía uma estrutura física adequada, moderna e eficaz, para proporcionar uma educação de qualidade.

208 | A Escola Santa Isabel oferecia, no turno da noite, o ensino de 1º grau, para trabalhadores que residiam em cidades satélites. A instalação de escolas nas cidades satélites e a progressiva escolarização desses trabalhadores baixaram a demanda de estudantes. O encerramento das atividades de ensino da Obra Social na escola noturna foi motivado por esse contexto.

O ano de 1988 registra a suspensão da atividade escolar noturna na OSSI e a construção do muro que separa o terreno da escola do parque da cidade.

Por uma reviravolta do destino e por conseqüência de dificuldades derivadas da política econômica e educacional do governo, não favoráveis às escolas particulares, a Escola Nossa Senhora de Fátima encerrou suas atividades em dezembro de 1990, após 31 anos de funcionamento. Um golpe muito forte no coração de pais, alunos, professores e de quem vivia pela escola.

Após seu fechamento, as dependências da instituição foram alugadas para entidades de diferentes áreas profissionais, vindo a sofrer muitos danos com o descaso dos que por ela passaram. As irmãs, nesse meio tempo, dedicavam-se ao pensionato e trabalhavam em outras instituições.

Em 1993, passado o prazo definido pela Secretaria de Educação para o fechamento definitivo ou reabertura das atividades, muitas reuniões foram feitas pelas irmãs e lideranças cristãs com o conselho provincial. Por fim, venceu a idéia que defendia a volta das atividades da escola.

Os anseios dos que amavam a instituição, apesar dos quatro anos de fechamento, foram mais fortes e uma equipe foi criada para levar adiante

o sonho das irmãs pioneiras e reabrir a escola. A equipe era formada pelas irmãs Maria Aparecida Bettoni, Anisia Schneider, Zair da Rosa, Maria Auxiliadora Steffen, Izoldi Reckziegel, Joana Stefani, Efigênia Pitarello Torres e pelos professores Jarbas Toledo Guimarães, Maria Izabel Dionysio da Fonseca, Vaniza e Maria das Neves. Os trabalhos de reativação tiveram início em 1994. O dia 17 de outubro foi marcado para o início das matrículas, porém a primeira aluna só compareceu em 3 de novembro. Era grande a expectativa na espera de alunos.

Depois de muita luta e com grande apoio da direção provincial, especialmente das irmãs Inês Lourenço e Úrsula Ruckhaber, vindas para trabalhar na nova proposta, a Escola Fátima reabriu suas portas em 1995, com 260 alunos matriculados. A Escola Fátima se reergueu e, mais uma vez, tornou-se referência na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio. Não foi fácil recomeçar. As salas que haviam sido alugadas estavam com os móveis muito danificados e foi necessário grande empenho para colocá-las em condições adequadas.

| 209

O reinício das aulas foi de louvor e confiança no “Deus proverá”, de Madre Madalena. A alegria, a vida e a esperança voltaram à Escola Fátima. Encerrou-se o ano com a certeza de que tudo o que aconteceu foi obra de Deus, com a mediação de Madre Madalena.

Em setembro de 1998, foi iniciada a construção da nova residência das irmãs. No mês de julho do ano seguinte, com muita alegria, as irmãs se mudaram para sua nova morada.

O sonho da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima, porém, não parou aí. Em 2004, preocupada com a continuidade da formação de educadores franciscanos, nasceu o Instituto Superior de Educação Franciscano Nossa Senhora de Fátima, uma semente que germinou durante anos e brotou para o desenvolvimento da educação na capital do Brasil.

CASA MADRE MADALENA BRAZLÂNDIA
Fundação: 10/5/1970 • Inauguração: 10/5/1970
Chegada das irmãs: 10/5/1970



210 |

Em 10/5/1970, a congregação completava 135 anos de fundação. Nesse dia, a pequena cidade satélite de Brazlândia recebia as irmãs franciscanas, rebento novo da OSSI. A residência deveria levar o nome da humilde e serena fundadora, pois assim era Brazlândia. Dom José Newton de Almeida Batista, após a santa missa, apresentou à comunidade brazlandense as três irmãs (Ir. Maria Rafaela da Silva, Ir. Ivone Kappaun e Ir. Aracy Dias Saldanha), que seriam ali presença de paz e bem, de solidariedade e de amor. Após a missa, as irmãs dirigiram-se à pequena casa, juntamente com a ministra provincial e outras irmãs da comunidade de Brasília.

Na época, Brazlândia contava com uma população de 13.000 habitantes, em condição social de pobre a miserável. Havia, porém, esperança de que, a partir do mesmo ano, a situação viesse a melhorar, uma vez que o administrador da cidade passou a morar em Brazlândia. As irmãs iniciaram seu apostolado com catequese e visita às famílias. Havia grupos eclesiais organizados como a Legião de Maria, Apostolado da Oração e juventude. Momento forte da comunidade paroquial era a festa do Divino Espírito Santo. Em 1971, foi criada a paróquia de Brazlândia, até então pertencente a Taguatinga.

As irmãs realizaram também trabalhos na área educacional, especialmente de cursos supletivos, e na área da saúde, com acento em saúde públi-

ca. No campo social, havia muito a fazer. Em 1972, chegaram a Brazlândia, como missionárias, irmãs vindas da Itália. Eram irmãs da Congregação do Menino Jesus de Praga, que começaram o trabalho numa creche. Nesse ano, Brazlândia comemorou 39 anos de fundação e, como parte dos festejos, foi inaugurada uma ala já concluída do hospital local e novas instalações do centro de desenvolvimento social do Distrito Federal.

Aos poucos, a OSSI mostrou sua identidade, entrou nos núcleos do INCRA, formou grupos de senhoras e moças para o aprendizado de corte e costura, animou celebrações em preparação para o Natal e instruiu, na religião, voluntários em busca de maior conhecimento. Em 1973, o trabalho já era mais organizado, abrangendo o trabalho no hospital, a pastoral da catequese e a coordenação e administração do Centro Integrado de Atenção ao Menor.

Em convênio com a LBA, a OSSI iniciou cursos de promoção humana, e a Paróquia São Sebastião, coordenando toda a pastoral social de Brazlândia e tendo à frente as irmãs, fez com que a OSSI se tornasse mais conhecida pela ação em Brazlândia do que no plano piloto em Brasília.

Em 1980, após oito anos, o convênio com o CIAM (Centro Integrado de Atenção ao Menor) passou da Paróquia São Sebastião para a OSSI. Esta assumiu, a título de experiência, por um ano, o compromisso de atender a 250 crianças de 0 a 7 anos, garantindo alimentação, tratamento médico e pagamento de funcionários. Além desse atendimento, em convênio com a LBA, a OSSI pôde atender, em 1981, a 275 pessoas em variados cursos de orientação profissional. Cem famílias receberam sementes, adubo e orientação para organizar a horta caseira.

Ampliando sua atuação, a OSSI assinou outro convênio com a LBA para início de uma creche, que passou a funcionar em casa anexa à casa das irmãs. Em 4/4/1983, foi inaugurada a creche, com capacidade para 30 crianças. Houve celebração eucarística, presidida pelo Pe. José Pellegrini, pároco de Brazlândia, e bênção das dependências. Muitas pessoas participaram dessa inauguração, especialmente familiares das crianças e a comunidade das irmãs da Escola Nossa Senhora de Fátima, de Brasília. Nessa dinâmica, desenvolveu-se a OSSI em Brazlândia e, já no ano de 1987, a Obra era conhecida e procurada não só pela comunidade local como também por comunidades da região. Da mesma forma, tornou-se conhecida e apreciada no Distrito Federal, pois recebia visitas de vários órgãos e era homenageada por projetos ali desenvolvidos, como o projeto "Alimento é vida".

No ano de 1993, a OSSI iniciou o projeto Conviver. No dia 2 de fevereiro, foi firmado o convênio com a LBA, para o atendimento à pessoa idosa

na comunidade, sem afastá-la da família. Através do grupo de convivência, os idosos tiveram e têm atualmente atividades como terapia ocupacional, recreação, passeios, forrós. São orientados sobre previdência, aposentadoria, envelhecimento sadio, comportamento humano, prevenção contra incêndio, acidentes, primeiros socorros, alimentação alternativa etc.. Recebem aulas de ginástica própria para a faixa etária. Hoje, o número de participantes oscila entre 270 e 300, atendidos às terças e quintas-feiras, recebendo as refeições do café da manhã e do almoço. Na área da saúde, são encaminhados para os necessários tratamentos e atendidos na sua necessidade espiritual.

SÃO PAULO DAS MISSÕES - RS

212 |

Situado na região das Missões, integrando uma rede de pequenos municípios, São Paulo das Missões emancipou-se em 1966. A partir daí, o município cresceu e conquistou, dois anos depois, a rede telefônica e o posto de saúde. Em 1982, chegou o serviço bancário, com a instalação de um posto avançado do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. A população é predominantemente de origem alemã e dedica-se, sobretudo, à agricultura. Em 1978, foi inaugurada a atual Igreja Matriz São Paulo.

HOSPITAL DE CARIDADE SÃO PAULO

Fundação: 7/5/1960 • Chegada das irmãs: 7/5/1960

Inauguração: 9/4/1961



Com a direção da Sociedade Hospitalar São Paulo das Missões e o apoio da população, foi lançada, em 1955, a pedra fundamental de um prédio hospitalar. Essa sociedade buscou uma congregação religiosa para que dirigisse a obra. O dinâmico Pe. Francisco Rieger dirigiu-se reiteradas vezes à então ministra provincial, Madre Antoninha Werlang, a fim de que as franciscanas assumissem o hospital. O pedido foi aceito em 1960.

A Sociedade assinou contrato com a congregação, doando o terreno e o prédio em construção, na condição de que a obra fosse concluída e o atendimento iniciado.

As primeiras duas irmãs destacadas para essa missão, Ir. Cecília Petry e Ir. Mailde Cervo, chegaram a São Paulo das Missões em 7/5/1960, acompanhadas pela ministra provincial e pela secretária provincial. Os moradores as receberam com grande alegria. As duas irmãs residiram inicialmente numa pequena casa de família, dedicando-se aos trabalhos da construção e instalação do hospital. Ao longo do ano, foi constituída a comunidade, com a integração de mais três irmãs: Ir. Antonina Fritzen, Ir. Mira Bianchi e Ir. Coralina Rambo.

| 213

Em 18/1/1961, foi acolhido o primeiro paciente e daí em diante o hospital funcionou em caráter provisório. A inauguração solene aconteceu em 9/4/1961, presidida pelo bispo diocesano Dom Luis Felipe de Nadal, contando com presença de autoridades e da comunidade. A primeira missa foi rezada no dia seguinte, ocasião em que Madre Antoninha Werlang acendeu a lamparina da presença do Santíssimo.

O trabalho das irmãs despertou admiração geral e numerosos enfermos foram encaminhados ao hospital, tanto assim que o prédio ficou pequeno para a demanda. Uma nova construção foi iniciada em 1967, para sediar consultórios, laboratórios, raios-x e dependências para as irmãs e funcionárias.

Outras iniciativas foram tomadas à medida que necessidades o exigiam. O governo municipal providenciou um poço artesiano e um reservatório, resolvendo definitivamente o problema da água. Em 1968, foi firmado contrato com o Funrural, o qual trouxe benefícios à classe trabalhadora rural e proporcionou equipamentos ao hospital, como um aparelho de anestesia, uma mesa ortopédica, um autoclave vertical, uma incubadora e uma estufa. Nesse ano, foi criado, em São Paulo das Missões, o posto de saúde, onde irmãs enfermeiras prestavam serviços.

Em 1969, o hospital foi credenciado para atender aos doentes pelo INPS. O espaço tornou-se pequeno e havia somente um médico, o Dr. Fernando Dias de Castro Ramos. Em 1973, o pediatra e cirurgião Dr. Mathias Muchen reforçou o serviço do hospital. Em 1975, Dr. Mathias deixou São Paulo das Missões e foi substituído por Dr. Jorge Beltrame.

As crônicas desse ano registram que o Hospital São Paulo atendia a vários municípios vizinhos. O espaço mais uma vez se tornou pequeno e foi necessário aumentar a área construída. No ano de 1979, foi inaugurada nova ala de dois pisos, área construída com recursos próprios e fruto de muitos sacrifícios.

214 | Sendo o local distante de um centro maior, havia necessidade de qualificar o pessoal para o trabalho de enfermagem. Em 1992, pelo Parecer 576 do Conselho Estadual de Educação, o hospital recebeu autorização, por um período de cinco anos, para o funcionamento de um curso supletivo de qualificação profissional como auxiliar de enfermagem. No mesmo ano, com a preocupação de melhor atendimento ao funcionário do hospital, foi criado um plano de saúde Carimed – São Paulo, que, em 1995, passou para Plano Salvar. Em 2003, o Hospital optou pelo convênio com a Unimed.

Com a emancipação de municípios vizinhos, o hospital precisou buscar alternativas para sua sobrevivência. Foi realizado, em 1995, um grande investimento na área administrativa, com a redistribuição de funcionários, adequação de espaço físico, informatização do hospital, aquisição de equipamentos e reabertura da farmácia externa do hospital. Em 1997, a província formou irmãs em fisioterapia e Ir. Ivone Ana Anschau foi para São Paulo das Missões, possibilitando ao hospital mais esse serviço para a população. No mesmo ano, o município implantou o PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde). A SEFAS, mantenedora do hospital, participou desse programa pela cedência de Ir. Arcioneida Melo, que já realizava ótimo trabalho em saúde pública no município.

Durante a gestão de Ir. Ubaldina Souza e Silva na presidência da SEFAS, começou um período favorável ao hospital. Em 1999, foi firmado contrato entre o hospital e o hemocentro da cidade de Santa Rosa. Em 2001, foi assinado convênio com a prefeitura de São Paulo das Missões. A Ala São Francisco, fechada temporariamente para diminuir despesas, foi reaberta em 2003. Nesse ano, foram contratados os serviços do Dr. Sérgio Bassani, advogado e gestor do Grupo Conceição de Porto Alegre. Em 2004, foi

assinado convênio com a prefeitura local, para serviços de urgência e emergência, bem como para complementação de exames de laboratório, raios-x, atendimento ambulatorial, fisioterapia e anestesia.

Em dezembro de 2004, faleceu tragicamente, em acidente automobilístico, o Dr. Sérgio Bassani que, para o hospital, representou uma grande perda. Dr. Sérgio, por sua competência, deixou ensinamentos que permitiram à SEFAS e ao grupo gestor do hospital caminhar e crescer em seu próprio aprendizado.

Grande foi o envolvimento das irmãs na pastoral do enfermo, para a qual se prepararam participando de cursos e encontros promovidos pela diocese, pela CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) e pela província. Aprimorou-se a formação técnica, social e religiosa dos funcionários. Participaram das atividades da paróquia e de programas de educação para a saúde.

Por todos esses anos de luta, empenho, serviços e dedicação ao povo de São Paulo das Missões, a prefeitura e a câmara de vereadores acharam por bem condecorar irmãs que se destacaram na municipalidade: Ir. Clara Joana Lunkes, em 1987, recebeu o título de cidadã emérita, pelos relevantes serviços prestados ao município; Ir. Ângela Kreutz, em 1993, recebeu a comenda de personalidade emérita de São Paulo das Missões, pelos 25 anos de serviços prestados à municipalidade; Ir. Amália Petry, em 2004, recebeu o título de personalidade destaque, por trabalhos realizados em favor da comunidade paulistana; Ir. Úrsula Bockwinkel, recebeu, em 2004, o diploma de reconhecimento do mérito, pelo Coren - RS, por ser uma das profissionais mais antigas e ainda atuante no serviço de enfermagem.

| 215

ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS SANTA CLARA

Fundação: 1960 • 1992: Comodato por oito anos

Venda para a Prefeitura: 2001 • Saída das irmãs: janeiro/2002

No contrato firmado com a Sociedade Hospitalar São Paulo das Missões constava uma cláusula em que a congregação se comprometia a colaborar no setor educacional. Nos primeiros tempos, uma irmã professora, da comunidade do hospital, atuava na Escola Paroquial São Miguel. Os trabalhos pró-escola receberam grande incentivo, quando, em 1962, a mitra diocesana doou um terreno para o colégio das irmãs.

Em 1964, foi iniciada a construção do prédio, vizinho à igreja. Em 1968, já foi efetivada a unificação da Escola Paroquial São Miguel com a escola das irmãs, sob a denominação de Escola Santa Clara. Nesse mesmo ano, fundou-se o Grêmio Estudantil Castro Alves – Geca.

216 | O crescimento da escola se deu no ritmo do crescimento da população de São Paulo das Missões, município emancipado em 1966. Em 1973, foi aprovado o projeto para a criação do 2º grau, como extensão do Colégio Santa Rosa de Lima, de Santa Rosa. Em 1974, o Conselho Estadual de Educação emitiu o Parecer 193/74 e as atividades foram iniciadas, com 55 alunos. Como era um curso de extensão, houve, em 1974, a inspeção estadual para verificar as condições de funcionamento do curso. Mensalmente a supervisora das extensões da 17ª DE, de Santa Rosa, visitava a escola e sempre a encontrou em condições de bom funcionamento, responsabilidade tanto da Escola Santa Clara como do Colégio Santa Rosa de Lima. Nesse empreendimento, merece destaque a dedicação e competência de Ir. Alicia Braun e de Ir. Cláudia Plotzki. Em 10/8/1974, foi aprovada a independência do 2º grau em relação a Santa Rosa. Na escola, depois Colégio Santa Clara - Escola de 1º e 2º graus, funcionavam a habilitação de oficial de farmácia, o curso de magistério e o curso técnico em contabilidade.

A nova igreja matriz, uma construção moderna, ampla, clara e artisticamente decorada, foi inaugurada em 1978. De outubro até o Natal, atos litúrgicos tiveram lugar no salão do colégio.

Durante o ano de 1978, o município inaugurou várias escolas, dado importante para o Colégio Santa Clara. Em 1979, o colégio contava com uma matrícula de 700 alunos, número bem significativo para um município novo e pequeno. Em 1980, ao comemorar 15 anos de funcionamento, registrava uma matrícula de 855 alunos. O colégio representava uma grande força de desenvolvimento para o município e para a igreja local. Com modéstia franciscana, podemos afirmar que a vida social e eclesial passava pelo Colégio Santa Clara. Ele era o laboratório para a preparação de catequistas e de agentes comunitários e profissionais de nível médio, de que a comunidade local necessitava. O crescimento da escola absorvia de tal forma as irmãs que, em 1981, a direção provincial oficializou uma comunidade própria para a escola, constituída pelas seguintes irmãs: Ir. Elma Terezinha Rockembach

- ministra, Ir. Maria Kreutz - diretora, Ir. Elísia Scherer - secretária, Ir. Irene Tereza Wolfart, Ir. Nilse Willers e Ir. Alice Sturm - professoras. Inicialmente, as irmãs do colégio eram integrantes da comunidade do hospital.

Em 1981, foi fundada a associação de pais e mestres, tendo como primeiro presidente Pedro Alfredo Werle. A partir de 1985, o número de alunos começou a diminuir. A crise na agricultura não permitia mais aos pais uma escola paga para seus filhos. Embora, por opção filosófica, preferissem a escola das irmãs, tiveram que optar pelo ensino estadual.

Em 1988, a escola estadual realizou uma assembléia para reivindicar ensino de 2º grau gratuito para o município, o que se concretizou em 1989. O Colégio Santa Clara começou o processo de avaliação da sua caminhada, dentro da conjuntura criada. O governo federal, eximindo-se de suas responsabilidades, deixou a escola particular à deriva, cabendo à mesma negociar com os pais as mensalidades escolares. As ideologias de esquerda aproveitaram o momento de instabilidade para desestabilizar o ensino particular, o que afetou instituições menores e localidades mais do interior. A partir de 1989, a escola foi fechando aos poucos. Em março de 1991, a SCALIFRA - ZN encaminhou o pedido para cessação do funcionamento das atividades. Em julho de 1992, formava-se a última turma do curso de magistério. Em 24/10/1991, pela Portaria 01181, o CEE declarou cessadas as atividades escolares do Colégio Santa Clara - Escola de 1º e 2º graus.

Mediante a reação da comunidade, a SCALIFRA - ZN negociou com a prefeitura um comodato por um período de oito anos. Permaneceu, na Residência Santa Clara, uma comunidade de irmãs para o trabalho pastoral, paroquial e para o ensino religioso nas escolas do município. O comodato foi prorrogado por mais dois anos e, em outubro de 2001, após muita negociação, a prefeitura comprou o prédio da escola.

Em 2002, a escola passou à denominação de Escola Municipal de 1º Grau Pe. Francisco Rieger. Nos 26 anos de existência, a escola formou 386 professores (curso de magistério), 258 técnicos em contabilidade e uma centena de oficiais de farmácia.

Em janeiro de 2002, encerrou-se a Residência Santa Clara, sendo as irmãs transferidas e os móveis recolhidos à sede provincial.

TRÊS PASSOS - RS

Em 1879, o Império criou a Colônia Militar do Alto Uruguai, com a função de vigiar o território. A 35 quilômetros da sede da Colônia, seguindo a picada geral para Palmeira das Missões, foi construída uma casa de guarda avançada, com o intuito de vigiar a estrada. Esse local foi escolhido por contar com três córregos de água potável. Foi chamado de Pouso dos Três Passos. A seu redor, foi-se formando um povoado que culminou com a atual cidade de Três Passos, localizada na Mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul. A emancipação ocorreu em 28/12/1944. A área do município é de 268,4 quilômetros quadrados e sua população atinge 23.467 habitantes. Situa-se a 470 quilômetros da capital Porto Alegre. A economia está baseada na agropecuária. Possui um distrito industrial bem estruturado. Há também um campus da UNIJUÍ e um pólo da UAB, em parceria com a UFRGS e a UFSM.

218 |

SEMINÁRIO SÃO PASCOAL

Fundação: 26/2/1968 • Obra da OFM • Chegada das irmãs: 26/2/1968

Saída das irmãs: 1990



No ano de 1962, em casa alugada, os Padres Franciscanos da Custódia, de Porto Alegre, iniciaram na cidade de Três Passos um pré-seminário. Durante cinco anos, em média 30 meninos eram dirigidos por dois freis.

Para as atividades domésticas contavam com funcionárias, que eram auxiliadas pelos seminaristas.

Em fins de 1967, o então provincial da Custódia, Frei Bruno Goettems, e o reitor, Frei Otávio Schnorremberger, solicitaram à ministra provincial, Ir. Joana Stefani, algumas irmãs para os serviços do seminário. O conselho provincial, apesar da falta de irmãs, aprovou o pedido. Em 26/2/1968, Ir. Maria Hoffmann, Ir. Maria Tereza Wolfart e Ir. Maria Ludmila Lunkes assumiram esse encargo. As três irmãs continuaram pertencendo à comunidade de São José do Inhacorá, distante 50 quilômetros de Três Passos. Embora fosse um serviço novo para as irmãs, pois o foco do apostolado sempre era escola e hospital, aguardaram com alegria a chegada dos seminaristas.

Apresentaram-se 40 seminaristas, muito satisfeitos e alegres. A comunicação com a comunidade de São José do Inhacorá era constante. Além dos encontros entre as irmãs, eram feitos encontros com os freis que animavam a Paróquia de São José. A comunidade contava com missa diária, muito bem preparada pelos seminaristas e seus mestres. As festas franciscanas, particularmente o dia de São Francisco de Assis, eram festivamente celebradas por todos. Várias irmãs serviram neste seminário. A ministra provincial encontrava dificuldades para substituir as irmãs que, muitas vezes, por motivo de saúde, tinham que deixar as atividades. Durante 21 anos, a província conseguiu manter a presença e o trabalho na instituição. No final de 1989, as forças para esse tipo de trabalho haviam diminuído e não foi mais possível manter esse ministério. As três irmãs foram transferidas e, em de janeiro de 1990, encerrou-se a missão.

IPORÃ - SC

O povoamento iniciou em 1926. Inicialmente recebeu o nome de Vila Pinhal. Os primeiros colonizadores foram imigrantes italianos e alemães, atraídos pela grande quantidade de pinheiros e pela qualidade da água. Em 1953, tornou-se distrito de Mondaí e recebeu o nome de Iporã, água boa em tupi-guarani. Com a emancipação, em 4/1/1988, um plebiscito decidiu pela adoção do nome Iporã do Oeste. Possui população de 7.879 habitantes. Dista 790 quilômetros da capital Florianópolis. Tem área de 184 quilômetros quadrados. A principal atividade é a agropecuária.

HOSPITAL NOSSA SENHORA DAS MERCÊS

Fundação: 1976 • Instituição de terceiros
e RESIDÊNCIA SÃO FRANCISCO

Fundação: 1976 • Extinta em 1989

Na época, em 1976, a cronista descreveu Iporã (CRÔNICAS, 1976) assim:

Iporã é o segundo distrito do município de Mondaí, SC, vizinho do Rio Grande do Sul, separado apenas pelo Rio Uruguai. É um município extenso e montanhoso, cujos habitantes são quase todos procedentes do Rio Grande do Sul, municípios de Estrela, Montenegro, Poço das Antas... onde há predominância de imigrantes alemães. Iporã é o Distrito mais florescente do Município, com um bom comércio, fábrica de móveis, escola básica (1º grau) com mais de 700 alunos. A comunidade católica conta com 273 famílias, todas numerosas e lutam para formar paróquia. Há um pequeno hospital e não há posto de saúde. Para vacinas e outros serviços inerentes ao posto, a distância é de 25 km.

220 |

O bispo Dom José Gomes, da diocese de Chapecó, à qual pertence Iporã, solicitou irmãs para sua diocese. Além de atender às necessidades locais, Iporã parecia ser um terreno fértil de vocações sacerdotais e religiosas. Em 17/3/1976, foi oficialmente instalada a comunidade de Iporã, integrada pelas irmãs Elma Terezinha Rockembach, Lúcia Kleinübing e Maria Ilca Wilges. Na instalação da comunidade, estavam presentes a ministra provincial, Ir. Ângela Vieira da Costa, a secretária provincial, Ir. Veronice Schmitz, e Ir. Clélia Philippsen, ministra do Colégio Santíssima Trindade de Cruz Alta. Na ocasião, Ir. Ângela assim se expressou:

Queira o Senhor abençoar as três Irmãs, tornando-as um coração e uma só alma, para que, nesse ano santo franciscano e nosso ano jubilar, possam tornar-se fermento entre o bom povo de Iporã. Que sejam sinais da bondade do Pai e, por isso mesmo, sejam felizes e muito felizes.

No dia 22 de março, as irmãs começaram o trabalho no Hospital Nossa Senhora das Mercês, na escola e na catequese da comunidade. Já havia um prévio conhecimento e entrosamento com vizinhos, ministros extraordinários da Eucaristia, diretoria do hospital e direção da escola básica. Quando Dom José Gomes, bispo diocesano, visitou as irmãs, deixou as seguintes orientações:

Visitei a Comunidade Religiosa de Iporã para ver os problemas de engajamento no hospital e na pastoral da comunidade. De momento pode ser usada a casa paroquial. Futuramente se verá a possibilidade de construir outra casa, ou para as Irmãs ou para a paróquia. Para entrosamento na pastoral, Ir. Elma participará de um encontro Diocesano do dia 10 a 13 de abril. Outros detalhes serão resolvidos com a diretoria da comunidade e com o vigário da paróquia. O ordenado de Ir. Elma também será acertado com a comunidade paroquial. Concedo às Irmãs o direito de terem o Santíssimo Sacramento, bem como a faculdade de Ministros extraordinários da eucaristia para distribuição da Santa Comunhão, tanto na própria casa como no hospital e na capela. Desejo às Irmãs um ótimo entrosamento com a comunidade local e paroquial e que sejam muito felizes nesta sua nova missão.

| 221

O trabalho iniciado pelas irmãs foi o atendimento no Hospital Nossa Senhora das Mercês e, na pastoral, as irmãs visitavam enfermos, ministravam aulas de religião na escola básica, orientavam catequistas e preparavam crianças para a primeira eucaristia. Ir. Elma acompanhava o sacerdote nas capelas do interior do município e proferia palestras para pais dos catequizandos. Como assistente social, Ir. Elma muito pôde contribuir no sentido de promoção humana junto aos órgãos competentes para que 3.000 pessoas, em 1978, conseguissem seu registro civil de nascimento e um auxílio mensal para três pessoas paralíticas muito pobres.

A luta pela instalação de um posto de saúde teve seus esforços coroados de êxito em novembro de 1978. Numa peça alugada ao lado do hospital, passou a funcionar o referido posto atendido pelo pessoal do hospital.

Apesar de a missão, em Iporã, estar caminhando relativamente bem, a direção provincial sentiu dificuldades para substituir as irmãs. Em 1989, com pesar, após 13 anos de trabalho nessa missão, a ministra provincial, Ir. Zair da Rosa, com o conselho provincial, decidiu rescindir os contratos com o hospital e com a paróquia.

PORTO XAVIER - RS

Localiza-se à beira do Rio Uruguai, onde há um porto internacional habilitado para importação e exportação. Faz fronteira com a Argentina. Pertence à Mesorregião Noroeste Rio-grandense. Porto Xavier originou-se com a fundação das reduções jesuíticas. Emancipou-se em 6/1/1966. Está a 570 quilômetros de Porto Alegre. Possui uma área de 268,7 quilômetros quadrados e uma população de 11.190 habitantes.

222 |

COMUNIDADE SÃO MIGUEL

Fundação: 28/2/1980 • Encerramento: 29/8/2003

À margem esquerda do rio Uruguai, tendo do outro lado a Argentina, situa-se Porto Xavier. Para lá, as filhas de Madre Madalena foram convidadas por Dom Estanislau Amadeu Kreutz, bispo de Santo Ângelo, para assumirem o Hospital Nossa Senhora dos Navegantes, que era da comunidade local, e também a catequese paroquial.

Em 28/2/1980, lá chegaram as irmãs e, no dia 1º de março, assumiram a direção do hospital. Às 19 horas, houve missa, presidida pelo bispo diocesano Dom Estanislau Kreutz e concelebrada pelo pároco Pe. Albano Anschau. O povo deu calorosa acolhida às irmãs. A provincial, Ir. Ângela Vieira da Costa, e a secretária provincial, Ir. Veronice Schmitz, estiveram presentes. Na homilia, ao dar as boas-vindas, Dom Estanislau chamou as irmãs de “anunciadoras do evangelho para a cidade de Porto Xavier”.

Após a missa, houve um jantar de confraternização e, durante o jantar, foi feita a entrega da administração do hospital às irmãs. A comunidade era composta por: Ir. Fidelis Bieger, ministra e administradora do hospital; Ir. Edigna Neukirchen, farmacêutica; Ir. Maria do Carmo Almeida, enfermeira, e Ir. Marta Haas, responsável pela pastoral paroquial. Na época, Porto Xavier contava com uma população de 3.500 habitantes na cidade e mais de 9.000 na zona rural.

O apostolado das irmãs, em Porto Xavier, foi exercido de forma simples como era a simplicidade do lugar. Assim se expressa a cronista (CRÔNICAS, 1980):

Exercemos nossa pastoral de maneira muito simples, como o povo também é simples. Diariamente, os doentes são visitados pelas Irmãs. Recebem a Sagrada Eucaristia conforme seus desejos, da mesma forma o sacramento da penitência, quando o enfermo solicita. Todos os dias são feitas preces com os doentes ou junto a eles. Com os funcionários há muito diálogo e periodicamente recebem eles formação humana e cristã.

Na paróquia, a catequese em preparação para a crisma e a pastoral da juventude estavam a cargo das irmãs. Nas 32 comunidades da paróquia, as irmãs ministravam cursos de formação de lideranças e formação religiosa do povo. A diocese de Santo Ângelo sempre foi rica em vocações, tanto sacerdotais quanto religiosas. Com entusiasmo, a comunidade católica da diocese chegou a participar de até 14 ordenações de sacerdotes, como foi o caso do ano de 1984. Na paróquia, as maiores comemorações religiosas e populares eram a festa de Nossa Senhora dos Navegantes e a Romaria a Caaró, em homenagem aos mártires rio-grandenses.

| 223

O hospital foi crescendo aos poucos e recebeu os necessários equipamentos. A chácara, propriedade da instituição, passou por melhoramentos, contribuindo para o seu sustento. Entre a diretoria do hospital e a administração, havia bom relacionamento, o que contribuía para o bom atendimento no trabalho e no serviço de pastoral. Vale destacar a atuação de Bernardino David que, por 13 anos, foi o presidente do hospital, mantendo sempre um bom desempenho de sua função, levando o hospital a ser, pelo ano de 1992, um dos melhores da região. Sempre reconheceu e valorizou o trabalho das irmãs.

No ano de 1996, com o resultado das eleições municipais, começou a mudar o cenário político do município. Em 1997, a diretoria do hospital, junto com a administração, fez-se assessorar por Ir. Maria Tereza Diniz, advogada, que, após todos os trâmites legais, conseguiu o certificado de utilidade pública federal para a Sociedade Hospital de Caridade Nossa Se-

nhora dos Navegantes, publicado no Diário Oficial da União, de 6/5/1997. Em ato contínuo, o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) deferiu o Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos. Ao lado desse grande benefício, as crônicas registram dificuldades financeiras, o que era comum em hospitais do mesmo porte, juntando-se a diminuição de apoio da administração municipal (CRÔNICAS, 1997). No ano seguinte, em 1998, o município rompeu o convênio com o hospital, alegando dificuldades financeiras e contenção de despesas.

Nos anos subseqüentes, por vários motivos, inclusive de idade e saúde, houve diminuição do número de irmãs na instituição, chegando a ter, em determinados meses, somente duas irmãs atuando em Porto Xavier. A situação financeira do hospital tornava-se cada vez mais crítica, causando demissão de funcionários.

224 | No ano de 2003, em assembléia geral da sociedade do hospital, foi decidida a venda da chácara, da caminhonete, da farmácia e a redução do quadro de pessoal, pois o hospital já não tinha mais condições de manter seus compromissos administrativos e financeiros. A situação era clamorosa! As irmãs pouco puderam fazer para reverter esse quadro, que feria o contrato do hospital com a província. Solicitada por parte da direção provincial uma revisão do contrato, veio uma resposta negativa. Isso levou o conselho provincial, após serem ouvidas as irmãs de Porto Xavier, à decisão de rescindir o contrato, o que ocorreu em 29/8/2003. As irmãs foram transferidas para outras comunidades e os bens móveis foram locados em outras casas da província. O povo, que 23 anos antes acolhia com tanta alegria as irmãs, agora manifestava seus sentimentos de pesar, de tristeza e indignação pela perda. Como Madre Madalena, ao deixar Maaseik para ir a Heythuysen, as irmãs deixaram Porto Xavier para ir a outros lugares, onde o Espírito Santo as enviava.

PIRAPÓ - RS

Em tupi-guarani, Pirapó significa Salto do Peixe. Emancipado em 30/11/1987, com desmembramento dos municípios de São Nicolau e São Luiz Gonzaga. Sua área territorial soma 274,3 quilômetros quadrados e sua população é de 2.764 habitantes, conforme dados de 2005. A distância até Porto Alegre é de 563 quilômetros. A colonização iniciou em 1903, com a

chegada das primeiras famílias de origem alemã. Sua economia está baseada na agropecuária.

HOSPITAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Fundação: 1980 • Instituição de terceiros • Saída das irmãs: 1990

RESIDÊNCIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Fundação: 1980

O hospital Nossa Senhora do Rosário foi fundado em 11/5/1952. Em 15/2/1980, a pedido do bispo diocesano Dom Estanislau Kreutz, deu-se início à comunidade das irmãs, com o nome de Nossa Senhora do Rosário. As irmãs assumiram a administração interna do hospital e o serviço de enfermagem. Na época, a instituição dispunha de 30 leitos, raios-x, farmácia, sala de cirurgia etc. e contava com 14 funcionários, que auxiliavam nos diversos setores.

| 225

A comunidade era formada por Ir. Adelinde M. Adams, Ir. Teresa Michels e Ir. Maria Henkes. Partiram, em caravana, de São Paulo das Missões, acompanhadas pela ministra provincial, Ir. Ângela Vieira da Costa, e por Ir. Ignez Geremia, Ir. Veronice Schmitz e algumas irmãs das comunidades de São Paulo das Missões, juntamente com o pároco, Pe. Fridolino Binsfeld. Atravessaram o Rio Ijuí e chegaram a Pirapó, onde foram recebidas pelo médico, Danier Renato Avello, membros da diretoria do hospital, funcionários e numeroso povo. Pe. Fridolino celebrou a santa missa e, após, as irmãs foram empossadas pelo presidente da entidade, Ivo Sebastiany. Ir. Ignez Geremia permaneceu algum tempo, para dar apoio e auxiliar no início da missão e, no dia 18 de fevereiro, as irmãs iniciaram o trabalho. A partir do dia 22, puderam contar com a presença do Santíssimo Sacramento na pequena capela da residência, onde sempre celebraram com muita alegria.

Em 1981, o hospital, com a ajuda do governo, pôde iniciar a construção de uma nova ala para abrigar o bloco cirúrgico, o centro obstétrico, a lavanderia e a cozinha. Devido a repetidas crises internas de liderança, a construção não foi levada a termo e as irmãs deixaram o trabalho do hospital. Essa mudança ocorreu no ano de 1990. A comunidade das três irmãs passou, então, a dedicar-se à pastoral da saúde, catequese, liturgia e grupos de família. Integrou a comunidade regional com as comunidades de Roque

Gonzalez e Porto Xavier. Essa medida trouxe dificuldades em termos de deslocamento e gestão de cada grupo. As irmãs, apesar de suas limitações, muito fizeram pelo povo de Pirapó e, com muito sacrifício, levaram à frente a missão pastoral na paróquia, mesmo, por vezes, sem receber auxílio e apoio do pároco. Assim, ao encerrar o ano de 1998, após maduro discernimento, a comunidade e o conselho provincial resolveram encerrar a missão em Pirapó. Depois de efetuados todos os trâmites necessários, em fevereiro de 1999, conforme narrou a cronista, “devolvemos para Deus a missão que Dele havíamos recebido em 1980” (CRÔNICAS, 1998).

ROQUE GONZALES - RS

226 | Roque Gonzales, onde está o hospital Santo Antônio, ocupa o centro da região missioneira do estado do Rio Grande do Sul. Faz divisa com os municípios de Porto Xavier, São Paulo das Missões, Cerro Largo, São Luiz Gonzaga e São Nicolau. Sua principal riqueza é a agropecuária. Destaca-se o salto do Rio Ijuí, denominado Salto Pirapó, que auxilia no abastecimento de energia para os municípios citados. Em termos religiosos, é lugar de romarias, em vista do martírio do Beato Padre Afonso Rodrigues, um dos três mártires rio-grandenses, martirizado em 15/11/1628.

HOSPITAL DE CARIDADE SANTO ANTÔNIO

Fundação: 1980 • Instituição de terceiros

Em 1991: Encerramento da missão

RESIDÊNCIA SANTA TERESINHA

Fundação: 1993

O bispo da diocese de Santo Ângelo, Dom Estanislau Amadeu Kreutz, solicitou à ministra provincial, Ir. Ângela Vieira da Costa, irmãs para assumirem a direção interna do Hospital Santo Antônio e, mais tarde, Pe. Afonso Ulmann pediu irmãs para auxiliar na paróquia, nos serviços de liturgia e catequese. Após analisar as possibilidades, o conselho provincial aceitou o pedido e, em 5/2/1980, as irmãs chegaram para assumir essa missão. Após uma celebração eucarística, foi lido e assinado o contrato do hospital com a Província do Imaculado Coração de Maria. Era presidente, na época, Adair Vicente de

Brum. As primeiras irmãs da comunidade foram: Ir. Ana Eleonora Lunkes, Ir. Leocádia Back e Ir. Anita Reinilda Frantz. Na oportunidade, usou da palavra Ir. Ângela Vieira da Costa, ressaltando que as três irmãs estavam ali em nome de toda a província e, com elas, a direção provincial estava assumindo a missão em Roque Gonzales.

Além do trabalho no hospital, as irmãs realizaram um belo serviço na saúde preventiva. As mães gestantes receberam acompanhamento e orientação, e foram formados grupos de atuação e centros de chás caseiros. Esse trabalho que sempre mais progredia, foi mantido até 1991, quando a diretoria do hospital começou a vacilar no compromisso que o contrato exigia. Assim, em 1993, as irmãs deixaram o hospital e passaram a residir numa casa da paróquia, continuando o trabalho de pastoral, constituindo a Comunidade Santa Terezinha. Assumiram, no conjunto da pastoral paroquial, a pastoral da criança, o ensino religioso nas escolas do município, a pastoral da saúde, a liturgia e grupos de família. Dessa forma, a comunidade caminhou até 2001.

| 227

O cenário social e político do município foi mudando e os limites de idade e saúde foram interferindo na atuação pastoral e relacional. Muitas visitas do conselho provincial foram feitas e muitas reuniões de discernimento foram realizadas, até que, em janeiro de 2002, a direção provincial decidiu deixar Roque Gonzales, justificando ao bispo que “Outras frentes missionárias, no nordeste e centro-leste do país, na América Central e na África, exigem irmãs qualificadas e em boas condições de saúde e isso não nos permite manter todas as atividades que temos no sul do Brasil” (carta da ministra provincial ao bispo Dom Estanislau Kreutz).

As irmãs deixaram Roque Gonzales na forma de presença física, porém as comunidades vizinhas de São Paulo das Missões, as irmãs de Santa Rosa e de São José do Inhacorá não deixaram de ser presença nos momentos significativos da comunidade paroquial de Roque Gonzales. Assim se expressa o bispo de Santo Ângelo, em carta dirigida à ministra provincial, na época, Ir. Rosane Sturm: “Aceitando, mesmo que com pesar, a decisão, venho em nome da Diocese Angelopolitana manifestar um profundo e sincero agradecimento por todo testemunho generoso e trabalho pastoral realizado no decurso de abençoados anos em que as boas irmãs marcaram atuante presença na paróquia acima referida”.

CAPÃO DO LEÃO - RS

O município de Capão do Leão, emancipado em 1982, localiza-se na região sul do Estado, a 258 quilômetros de Porto Alegre. Em suas origens, denominava-se Serro Santa Ana, depois, Pavão e, por último, Capão do Leão. Para esta denominação existem duas hipóteses: a primeira é de que teria passado pela região um circo, do qual teria fugido um leão, que se escondeu num dos matos (capão significa mato), e a segunda é de que um senhor açoriano de nome Leão morava no Passo das Pedras, perto de um capão, que se tornou referência e deu o nome ao lugar. Capão do Leão abrange uma área de 784,716 quilômetros quadrados. Em seu território, está localizada a Pedreira do Capão do Leão, o segundo maior bloco de granito do mundo.

RESIDÊNCIA NOSSA SENHORA DA PAZ

Fundação: 9/7/1985

228 |



A Comunidade Nossa Senhora da Paz iniciou sua atividade apostólica em 9/6/1985, no Bairro Jardim América, município de Capão do Leão - RS. Participaram dos atos de inauguração da casa e da constituição

da comunidade Ir. Joana Stefani, ministra provincial, Ir. Zair da Rosa, assistente provincial, religiosas da cidade de Pelotas, o prefeito de Capão do Leão, Elberto Madruga, diversas lideranças da Paróquia Santa Tecla e as três irmãs que formavam a nova comunidade: Ir. Cecília Isoppo, Ir. Julieta Welter e Ir. Maria Bernadete Sturm.

Na celebração eucarística, presidida por Dom Jaime Henrique Chemello, bispo diocesano de Pelotas, e concelebrada pelos padres Admir Benetti e Mario Prebianca, vigário geral da diocese, foi dada ênfase à missão das irmãs no Jardim América: ser presença evangelizadora no meio do povo, pela catequese, pastoral da saúde, pastoral da juventude e outros desafios que certamente no futuro iriam descortinar-se.

O território da Paróquia Santa Tecla, que é o mesmo do município, abrange uma área rural de grandes fazendas, com muitos peões de estância, e área urbana, com predominância de pequenas propriedades, com a maior parte da população constituída por safristas, assalariados e pobres, concentrados no Jardim América.

Nos seus primeiros dez anos, a Paróquia Santa Tecla contou com a coordenação e orientação dos freis capuchinhos, que deixaram impresso nas comunidades o carisma, a devoção e o nome franciscano, como São Francisco, Santo Antônio e Santa Clara. Esse dado foi importante para as irmãs, pois ajudou e até facilitou a revitalização do carisma na paróquia.

A comunidade das irmãs sempre teve presente, em sua ação, o objetivo da evangelização e missionariedade, sinalizando o despertar de vocações, formação de agentes de pastoral no meio popular mais pobre, segundo o desejo da Igreja em sua opção preferencial pelos pobres.

De início, as irmãs foram aprendendo com o povo, em cursos de comunidades eclesiais de base, cursos de Bíblia e encontros de jovens. Participavam de cursos de canto pastoral e saúde preventiva. Em tudo, as irmãs participavam com o povo, desde a peregrinação à Nossa Senhora de Guadalupe, em Pelotas, a romarias, campanhas, organização do povo, hortas comunitárias, alfabetização etc..

A história da comunidade registra bastante rotatividade dos membros, por transferência de irmãs; porém, conforme o costume da província, sempre alguém permanece para dar continuidade aos objetivos do grupo fundante. Ainda hoje, a população do bairro continua aumentando. Muitas famílias sentem-se desamparadas, sobrevivem à base do salário mínimo,

resultando a miséria e a fome, jovens envolvidos em drogas, desafios em que a comunidade pouco pode ajudar. Novos desafios vão-se evidenciando a cada dia, na continuidade da missão.

Com pequenos auxílios, as irmãs puderam promover encontros e executar projetos na linha promocional que, para muitas famílias, tornaram-se fator de sobrevivência e melhoria de vida.

MALACACHETA - MG

O solo da região de Malacacheta é muito rico, com grandes reservas de mica (malacacheta), cristal de rocha e pedras coradas. Isso explica a origem do nome. Outra explicação seria a existência de uma tribo indígena malacaxis. A emancipação ocorreu em 14/9/1924. Em 2006, a população estimada era de 19.282 habitantes. Possui uma área de 730 quilômetros quadrados. Sua economia baseia-se na agropecuária (café, milho, arroz, feijão, mandioca, cana) e na atividade extrativista mineral (turmalinas, mica). Entre as muitas festas, destaca-se a de Nossa Senhora do Rosário, de julho a outubro, de origem portuguesa e popularizada pelos escravos negros.

230 |

RESIDÊNCIA SANTA ISABEL

Fundação: 14/5/1972 • Inauguração: 14/5/1972

Chegada das irmãs: 14/5/1972 • Extinta: 1989

RESIDÊNCIA MÃE DO REDENTOR

Fundação: 1990

Quando a Igreja, na pessoa do bondoso Papa João XXIII, decidiu convocar o Concílio Vaticano II, em outubro de 1962, mal sabíamos que estaria nascendo a idéia das filhas de Madre Madalena pisarem o solo mineiro. Na época, o bispo de Teófilo Otoni, Dom Quirino Adolfo Schmitz, hospedou-se na casa geral das irmãs franciscanas em Roma. Num desses diálogos fraternos com a ministra geral, Madre Mechtild Hellweg, e com as irmãs do generalato, Dom Quirino expôs seus anseios pastorais e, externando o desejo profundo de um bom pastor do povo, disse: “Na minha diocese, situada no nordeste de Minas Gerais do nosso imenso Brasil, lá

onde existem vários pobres, uma comunidade das vossas irmãs seria uma bênção para o povo”. Depois disso, passou-se o tempo... parecia que o pedido do bispo tinha esgotado seu eco e feito silêncio no coração da madre e das irmãs. Porém, o concílio, pedindo aos religiosos para inserir-se no meio do povo, fez recuperar o eco do Espírito. Ir. Joana Stefani, ministra provincial pós-conciliar, impulsionada pelos anseios pastorais de um novo vigor missionário, viajou a Teófilo Otoni com a secretária provincial, Ir. Syria Matilde Volkmer, para ver a realidade. Dom Quirino as acolheu e mostrou para elas paróquias diferentes, entre as quais Malacacheta e Machacalis. A escolhida, porém, foi Malacacheta, por apresentar melhores condições para a vida comunitária das irmãs.

Retornando da missão, Ir. Joana tratou logo de pesquisar entre as irmãs quais se disporiam para a nova missão. Um grupo significativo apresentou-se. Então, acompanhada mais uma vez da secretária, Ir. Joana viajou, com as três primeiras irmãs escolhidas, para Malacacheta. Eram elas: Ir. Lourdes Biesdorf, Ir. Armida Frontini e Ir. Paula Brixner. Chegaram primeiro a Teófilo Otoni, onde se hospedaram no Colégio São Francisco, com as irmãs franciscanas recoletinas.

|231

Raiou o dia 14 de maio de 1972! Era domingo, dia das mães, e ano do centenário da vinda das irmãs para o Brasil. As irmãs foram acolhidas na cidade centenária, Malacacheta. Foram apresentadas ao pároco, Monsenhor Jorge Lopes de Oliveira, e ao povo por Dom Quirino, numa celebração eucarística, onde foram ofertados donativos para a casa das irmãs. Assim relata Mendes:

O dia 14 de maio de 1972 é uma data marcante na história de Malacacheta. Neste dia, foram recebidas nesta cidade, com muitos aplausos e alegria as primeiras irmãs franciscanas: Ir. Lourdes, Ir. Paula e Ir. Cleonice (Armida), que vieram do Rio Grande do Sul para auxiliar nos trabalhos paroquiais, nas comunidades. Na Praça Getúlio Vargas, ao lado da Matriz, está a casa Santa Izabel, onde residem as irmãs franciscanas.

A catequese com crianças, jovens e adultos foi a atividade principal no começo da missão. Tudo precisava ser feito, bem fiel ao espírito de Madre Madalena, mensageira de paz e de justiça, pois, na localidade, “a vingança

pessoal era uma das marcas de muitas pessoas. Algumas, quando molestadas em sua honra e ofendidas, usavam armas para matar, desencadeando vinganças sucessivas” (relato das irmãs da região). A pobreza era geral. O povo não estava organizado. Era um povo sofrido, massacrado por muitas décadas, clamando por terra, vida, justiça e liberdade. O trabalho das irmãs, depois, foi ampliado com o clube de mães, com a oferta de cursos de datilografia, costura, bordado, crochê e arte culinária.

Com o passar do tempo, começaram a aparecer jovens interessadas no estilo de vida franciscana e houve necessidade de acolher algumas meninas junto com as irmãs. Por um período de 17 a 18 anos, as irmãs, com algumas vocacionadas, moraram na Residência Santa Isabel, ao lado da matriz. Porém, no ano de 1989, a SCALIFRA - ZN construiu uma casa para a comunidade, com a finalidade de ser uma casa para formação na região. A comunidade recebeu o nome de Residência Mãe do Redentor. A casa paroquial, que servia de moradia para as irmãs, ficou novamente à disposição da paróquia. No ano de 2002, a comunidade celebrou, agradecida, os 25 anos de missão em Malacacheta.

POTÉ - MG

O nome deriva de Poté, índio valente que lutou contra a colonização por parte de Teófilo Otoni. O município localiza-se na Mesorregião do Vale do Mucuri, rico em minerais. A emancipação deu-se em 17/12/1938. Sua área é de 632,7 quilômetros quadrados. Em 2006, sua população era estimada em 14.857 habitantes. A cidade dista 319 quilômetros de Belo Horizonte.

COMUNIDADE FRANCISCANA

Fundação: 20/2/1975 Extinção: 1988

A missão no estado de Minas Gerais não podia continuar somente em Malacacheta. Muitos eram os desafios e o clamor dos pobres e da Igreja no Brasil. Foi então que, em 1973, em visita a Malacacheta, a ministra geral Madre Ângela Betzing, passando por Poté, ouviu um grupo de pessoas que lhe fizeram um veemente apelo, pedindo a presença das irmãs franciscanas na paróquia de Poté. Esse pedido foi reiterado na ocasião pelo bispo Dom Quirino Adolfo Schmitz e pelo pároco. A ministra geral repassou o pedido para a

Província do Imaculado Coração de Maria, que enviou Ir. Ivone Kappaum e Ir. Terezinha Dores Tschiedel para atender à paróquia em fins de semana. Retornando a Roma, Ir. Angela Betzing, sabendo do desejo de uma irmã da Holanda em participar de uma missão em outro país, solicitou à provincial da Holanda que a enviasse ao Brasil. Ir. Goretti Romijn veio então integrar a missão em Minas Gerais, indo diretamente para Poté.

A reflexão continuou sobre como atender à missão em Poté. Em fevereiro de 1975, Ir. Ângela Vieira da Costa, ministra provincial, designou Ir. Terezinha Dores Tschiedel e, em março, Ir. Silvia Augusta Rodrigues, para integrarem a missão de Poté em várias frentes: no Hospital São Vicente, que era antes de tudo um abrigo para enfermos, com consultório, pronto-socorro e ambulatório. Ali eram acolhidas gestantes, que eram atendidas por uma enfermeira prática. Havia apenas dois funcionários: a “enfermeira” e uma cozinheira. Às vezes, vinha um médico, que permanecia por alguns meses, ficando o hospital, a maior parte do tempo, por conta das duas funcionárias. Um pequeno grupo de associados vicentinos coordenava o trabalho. Ir. Goretti e Ir. Sílvia, como auxiliares de enfermagem, passaram a atuar direta e indiretamente nesse hospital. O trabalho delas era mais na linha da formação da opinião pública, no sentido de criar consciência e lutar pela melhoria do hospital. De setembro de 1978 até fevereiro de 1983, Ir. Terezinha Tschiedel assumiu a direção da Escola Normal de Formação de Professores Primários.

| 233

Contemplando a realidade de tantas crianças carentes e praticamente abandonadas pelas ruas, Ir. Goretti fundou uma creche, denominada Lar da Criança. A referida creche atendia, em média, a 30 crianças, em tempo integral. Quando a prefeitura criou a creche municipal, o Lar da Criança encerrou suas atividades.

A Paróquia em Poté era atendida pelos Padres Missionários da Boa Nova, vindos de Portugal. Não havendo renovação do contrato entre o então bispo Dom Fernando Figueiredo e os missionários, em 1986, Pe. José Rezend, nomeado pelo bispo, assumiu a paróquia. Havia conflitos, resistências e divergências quanto a opções pastorais. As irmãs, em entendimento com a ministra provincial, decidiram deixar Poté, depois de 12 anos de missão. Ir. Goretti permaneceu no Brasil, em Itaúna – MG, por mais cinco anos, voltando depois à sua província de origem, na Holanda. As outras duas irmãs foram transferidas para Ouro Verde de Minas. Isso se concretizou após a Páscoa de 1988.

OURO VERDE DE MINAS - MG

Município localizado no Vale do Mucuri. Seu nome deriva do fato de ser grande produtor de café. Emancipou-se em 30/12/1962. Sua população é de 4.967, conforme estimativa de 2006. A área atinge 175 quilômetros quadrados, quase toda montanhosa. O ponto de maior altitude é de 1.090 metros na Serra da Pratinha. Fica a 505 quilômetros de Belo Horizonte.

RESIDÊNCIA FRANCISCANA

Fundação: 1986

Em 1985, a comunidade paroquial de Ouro Verde de Minas dirigiu-se às irmãs franciscanas solicitando a presença de uma comunidade em Ouro Verde. A ministra provincial, Ir. Joana Stefani, atendeu em parte ao pedido, enviando duas irmãs - Ir. Vilma Link e Ir. Denise Plotzki, da comunidade de Poté - para iniciar o trabalho. Somente em 1990, foi oficializada a comunidade junto à diocese, sob a denominação de Comunidade Franciscana de Ouro Verde. As cinco pioneiras foram: Ir. Vilma Link, Ir. Denise Plotski, Ir. Terezinha Dores Tschiedel, Ir. Armida Frontini e Ir. Maria Murini.

Ouro Verde é uma das localidades mais pobres onde atuam as irmãs, em Minas Gerais. É a cidade onde se concentra o maior número de denominações evangélicas e há muita migração de pessoas para as diferentes igrejas. Diante desse quadro, o trabalho pastoral das irmãs é focado, sobretudo, na evangelização e na defesa da vida e da dignidade humana. Nos primeiros anos, antes da implantação da pastoral da criança, o maior desafio era vencer a mortalidade infantil, que se reduziu de seis óbitos por mês para um. O atendimento chegou a mil crianças por mês, atingindo um total de 425 famílias. A desnutrição e as doenças endêmicas (hanseníase, xistose e verminoses) foram outra grande batalha enfrentada pela pastoral liderada pelas irmãs.

Quanto ao trabalho paroquial, não havia pároco residente. Em 2004, Ir. Ivoni Kappaum foi nomeada administradora da paróquia, com provisão para administrar também os sacramentos do batismo e do matrimônio. Quinzenalmente, o sacerdote atendia a comunidade. A paróquia compreendia a igreja matriz e duas capelas na área central. Na zona rural havia 20 capelas para serem atendidas. Os momentos fortes de evangelização sempre são as festas do padroeiro São João Batista, Natal e Páscoa. Essas festas contribuem para o crescimento do povo na fé, para a alegria, para o entrosamento e amizade

Era necessário avançar! As filhas de Madre Madalena, então, vislumbraram Novo Cruzeiro, cidadezinha que faz parte do Vale do Jequitinhonha e situa-se na Diocese de Araçuaí, cujo bispo era Dom Crescenzo Rinaldini (Dom Enzo). Em 10/2/1991, Ir. Armida Frontini, Ir. Maria José Lopes e Ir. Edna Mendes chegaram a Novo Cruzeiro. Essa missão teve seu início histórico com a presença de Ir. Maria Murini junto aos acampados da fazenda Aruega, em Novo Cruzeiro, atendida pelos freis capuchinhos da Paróquia de Itaipé. Estes escreveram uma carta para a ministra provincial, Ir. Zair da Rosa, solicitando uma comunidade na Paróquia de Itaipé. Ir. Zair delegou duas irmãs para estarem em contato com o bispo. Dom Enzo as recebeu em sua residência, acolheu a idéia e lembrou que havia um pedido da comunidade de Novo Cruzeiro e concluiu: “Quero primeiro uma comunidade em Novo Cruzeiro. Lá é mais urgente”.

236 |

Em Novo Cruzeiro, havia muita pobreza, em conseqüência da exclusão social da maior parte da população. Por onde começar? Primeiro foi organizada uma horta comunitária, onde as crianças aprendiam a cultivar as espécies de hortaliças conhecidas na localidade, recebiam refeição e também verduras para levar para casa.

Outra atividade das irmãs era ajudar na recuperação da mata nativa, destruída pelas queimadas na fabricação do carvão, e o combate à plantação de eucalipto. Tudo isso sem deixar de lado a catequese, o ensino do bordado, do tear, da arte culinária e outras habilidades. Ajudaram em diversas pastorais, coordenando as pastorais da saúde, da juventude, da criança, do cárcere e a animação de CEBs. Para auto-sustentação, as irmãs ainda ministravam aulas de ensino religioso nas escolas estaduais e, como a região era muito carente em pessoal preparado, ainda outras disciplinas foram assumidas, como história, matemática, sociologia e orientação pedagógica. Logo, houve o despertar de vocações, o que foi dando ânimo e confirmando o trabalho das irmãs. Hoje, em Novo Cruzeiro, as irmãs são força e arrimo para o povo que, por si, pouco progride. Há o envolvimento com a formação e sustentação da comunidade, as visitas domiciliares, a pastoral da saúde e da criança, formação religiosa e presença franciscana significativa entre o povo.

TEÓFILO OTONI - MG

É uma das principais cidades de Minas. A emancipação ocorreu em 7/9/1853. Destaca-se pelo artesanato de pedras preciosas e semipreciosas e por ser um pólo universitário, com sete instituições de ensino superior. Possui uma área de 3.242,8 quilômetros quadrados e uma população de 127.500 habitantes. Fica a 450 quilômetros de Belo Horizonte. Situa-se na Mesorregião do Vale do Mucuri.

CASA DE FORMAÇÃO SANTA ISABEL Fundação: 1993



Em Minas Gerais, já havia quatro pequenas comunidades constituídas. Em todas elas, havia jovens simpatizantes à vida religiosa. Para a movimentação das irmãs entre as comunidades e nas idas e vindas para o Sul, foi necessário encontrar um lugar que fosse ponto de encontro e onde pudessem pernoitar. Esse lugar tinha que ser a cidade de Teófilo Otoni, por ser uma cidade-pólo da região. Havia a previsão de acolher ali jovens vocacionadas, para fazerem o postulante antes de irem para o Rio Grande do Sul. O conselho provincial adquiriu uma casa no Bairro São João, em Teófilo Otoni, que, a partir de 19/4/1993, passou a ser a Casa de Formação Santa Isabel.

Ali moraram Ir. Elma Terezinha Rockembach e Ir. Alice Terezinha Malmann, com três jovens postulantes, durante o ano de 1993.

No capítulo provincial de 1992, fora aprovada, em caráter experimental, a formação de uma região, compreendendo os estados de Minas Gerais e Pernambuco, para maior autonomia e a participação das irmãs nestes lugares distantes na província. Teófilo Otoni foi o lugar escolhido para sediar a coordenação da região.

Em 1996, após o capítulo provincial, a região, antes em caráter experimental, foi confirmada, incluindo o estado da Bahia.

Como sede do regional e casa de formação, o espaço foi-se tornando exíguo, sendo necessário um acréscimo, que foi feito em 1997 e 1998. A partir de 1999, Teófilo Otoni iniciou um novo momento de sua história. Ir. Maria Eulália Thomas, transferida de Ouro Verde de Minas, como ministra local, iniciou o atendimento de saúde alternativa. O trabalho foi crescendo, integrando outras irmãs na equipe de atendimento. Ao lado dessa atividade, o trabalho na pastoral paroquial seguiu sua dinâmica própria: pastoral da criança, catequese, liturgia etc..

Até 1988, a Residência Santa Isabel foi a casa de formação, sede do regional e clínica de atendimento à saúde. A OSSI sentiu a necessidade de expandir a Obra Social e percebeu que a clínica, em Teófilo Otoni, carecia de apoio administrativo e jurídico. No ano 2000, a SCALIFRA-ZN doou o imóvel, situado em Teófilo Otoni, para a OSSI, permitindo, assim, o desejado progresso e um melhor atendimento à população carente da periferia, onde a Obra Social estava inserida. Hoje continua sendo, a cidade de Teófilo Otoni, o centro do Regional de Minas Gerais e Bahia. Há uma coordenação regional com um regulamento elaborado pelas irmãs e aprovado pelo conselho provincial. Um número significativo de irmãs (14 com votos perpétuos e seis com votos temporários) marca presença nas diversas pastorais e localidades, onde a província se faz presente. Teófilo Otoni é o local, depois de Belo Horizonte, com melhores oportunidades para as irmãs realizarem estudos acadêmicos.

BELO HORIZONTE - MG

Em 1980, milhares de pessoas foram à atual Praça do Papa, em Belo Horizonte, para receber João Paulo II. Devido à altitude e à vista panorâmica, o

Papa exclamou: “Que belo horizonte!”. É o sexto município mais populoso do Brasil, com quase dois milhões e meio de habitantes. A região metropolitana é composta por 34 municípios, com aproximadamente 5 milhões de habitantes. Devido à intensa migração, tornou-se uma cidade multirracial. A riqueza cultural é reforçada por 55 instituições de ensino superior.

RESIDÊNCIA NOSSA SENHORA DOS POVOS

Fundação: 1995



| 239

A vida religiosa, na sua dinamicidade, está sempre às voltas para vencer os desafios que a cada dia se apresentam. Na busca de novos e melhores caminhos para a formação das jovens que procuram a congregação, a direção provincial vinha refletindo sobre a possibilidade de um noviciado na região de Minas Gerais. Em cada visita da ministra provincial às comunidades do Leste Brasileiro, era abordada a questão. Na visitação, em março de 1995, a ministra provincial, Ir. Zair da Rosa, saiu de Santa Maria com o propósito de procurar um local e uma casa que atendessem a essa necessidade.

Ao desembarcar na rodoviária de Belo Horizonte, encontrou-se com Ir. Elza Ribeiro, irmã da Divina Providência de Gap e presidente da Conferência Latino-americana dos Religiosos (CLAR) e expôs-lhe seu objetivo: encontrar, em Belo Horizonte, uma casa que servisse para instalar o noviciado da Região Norte/Nordeste/Leste. Ir. Elza logo ofereceu a casa do novi-

ciado de sua congregação, que estava à venda. Ir. Zair se hospedou, então, por um dia, com as irmãs, com a finalidade de conhecer o imóvel e, se fosse o caso, iniciar o processo de negociação. Chegando depois a Teófilo Otoni, a notícia para as irmãs do regional foi alvissareira. As irmãs reconheceram nesse fato a obra do Senhor querendo se realizar. Retornando a Santa Maria, Ir. Zair expôs o assunto ao conselho provincial, que deu seu parecer favorável ao investimento. Delegou, então, Ir. Maria Inês Dalvit, sua procuradora, para, juntamente com Ir. Armida Frontini e Ir. Terezinha Dores Tschiedel, efetuarem a compra, atendendo a todos os trâmites legais. A nova residência recebeu o nome de Casa de Formação Nossa Senhora dos Povos.

240 | Em janeiro de 1996, Ir. Alice Terezinha Malmann e Ir. Nilvete Soares Gomes passaram a morar em Belo Horizonte, preparando a casa para receber as jovens que iniciariam o processo de formação, na etapa do postulado. Veio integrar-se a elas Ir. Leonice Lopes dos Santos, completando assim a comunidade formadora. Aos 16 dias do mês de fevereiro, numa celebração eucarística, presidida pelo Pe. Sebastião do Nascimento Pereira, então pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus de Betharran, deu-se a bênção da casa, com a presença de Ir. Zair da Rosa, Ir. Odila Merchiori, secretária provincial, algumas irmãs do regional, Ir. Elza Ribeiro e Pe. Ângelo Recalcante, betharramita. No final da celebração, percorreram a casa em procissão, aspergindo com água benta as suas dependências, pois a casa estava sendo destinada a ser uma bênção de Deus para toda a província, pois daí partiriam novas irmãs para a missão. À tarde do mesmo dia, foram admitidas oito jovens ao postulado, numa bela e emocionante liturgia. Após essa etapa de formação, de um ano, iniciou, em 1997, o noviciado, para cuja finalidade a casa fora adquirida. Na programação do noviciado, além da formação teológica, eclesial e litúrgica, as noviças se engajam junto aos pobres do morro, na periferia de Belo Horizonte, onde a casa está situada.

A casa do noviciado foi também lugar de acolhida para as irmãs, que se deslocavam a Belo Horizonte para cursos e tratamento de saúde. Com o aumento do movimento na casa, foi necessário encontrar outro lugar para acolher irmãs que, temporariamente, passassem por Belo Horizonte e para acolher jovens aspirantes à vida religiosa. Em 1998, foi adquirida uma casa no Bairro São Gabriel, para essa finalidade. Iniciaram a missão Ir. Alice Terezinha Malmann e Ir. Salete Conte, formando uma comunidade regional com a comunidade do noviciado.

No ano de 1999, mais uma mudança se fez necessária na formação. A questão norte-sul não estava muito pacífica. Depois de muita reflexão e consideração, em vista de uma melhor formação para o postulado e o noviçado, e o investimento para essas duas etapas de formação, o conselho provincial decidiu que a formação para o postulado seria feita no Rio Grande do Sul, enquanto que o noviçado seria em Belo Horizonte.



Com a diminuição do número de jovens para o aspirantado, a SCALIFRA-ZN resolveu vender a casa do Bairro São Gabriel, o que se efetivou em fevereiro de 2003. Persistindo a necessidade de uma casa de acolhida para irmãs que passassem por Belo Horizonte, a direção provincial - UFCC - adquiriu, no final de 2004, uma outra casa, que melhor correspondesse a essa finalidade. A casa está localizada no Bairro João Pinheiro. Passaram a residir ali duas irmãs que, juntamente com a comunidade do noviçado, constituem uma comunidade regional. Exercem apostolado na igreja local, estudam e estão à disposição para receber irmãs de outras comunidades.

CURRAL DE DENTRO - MG

Localiza-se ao norte de Minas Gerais, no polígono da seca, abrangendo uma área de 570 quilômetros quadrados. Conforme o censo de 2000, sua

população atinge 6.422 habitantes. O ponto central da cidade está a 900 metros de altitude. O nome deriva do fato de um senhor Ramiro, 40 anos antes, possuir uma grande gleba de terras para a criação de gado. Para isso, dividiu a propriedade em um grande curral e, dentro desse, um curral menor, para arrebancar os animais. Desse fato deriva o nome Curral de Dentro.

MISSÃO EM CURRAL DE DENTRO

Fundação: 2006



242 |

Da carta de Ir. Clarícia Thomas – ministra provincial:

Durante o ano, em quase todas as reuniões do Conselho Provincial, constava em pauta o assunto: Nova frente de missão, atendendo à recomendação do XII Capítulo Provincial/2004. Muita oração e tempo foram dedicados ao assunto. Considerando o número de Irmãs e as condições de muitas, entendemos ser inviável o pedido de Dom Leonardo Ulrich, da Prelazia de São Félix do Araguaia - MT. Em outubro de 2006, recebemos um pedido de Dom Severino Clasm, OFM, da Diocese de Araçuaí, MG, solicitando Irmãs para mais uma comunidade na sua Diocese.

O município ao qual se destinava o pedido era Curral de Dentro. Foi dado início a estudos para um discernimento sobre a viabilidade de atender ao pedido de Dom Severino. Curral de Dentro é um pequeno município que, embora emancipado há pouco tempo, ainda não tem paróquia, só uma comunidade que é atendida por Pe. Sérgio Stroppiana, de uma paróquia distante 50 quilômetros de Curral de Dentro. A pequena cidade, de mais ou menos 5.000 habitantes, desenvolveu-se razoavelmente nos últimos anos e vários bairros novos estão surgindo. É uma cidade toda plana, com terreno arenoso, em que uma parte já recebeu calçamento. Indo pela BR 116 até Taiobeiras e Salinas, após 50 quilômetros, chega-se a Curral de Dentro. Dista de Teófilo Otoni em torno de 320 quilômetros.

A comunidade pôde oferecer uma casa da paróquia para moradia das irmãs, com os móveis básicos para iniciar a vida de trabalho. Duas irmãs se dispuseram a trabalhar na missão em Curral de Dentro: Ir. Anita Klein e Ir. Lucila Isavela Ludwig. Em 10/2/2007, partiram oito irmãs do regional, acompanhadas de Ir. Nilvete Soares Gomes, vice-provincial, rumo à nova missão. Pelas 15 horas, avistaram a cidade. Com alegria, cantos e sorrisos, as peregrinas chegavam a Curral de Dentro, onde Pe. Sérgio e lideranças da comunidade estavam reunidos para estudar o tema da campanha da fraternidade. A recepção foi calorosa! Emoção para ambos os lados. Em seguida, Pe. Sérgio entregou a chave da moradia para as irmãs, onde foi servido um bom lanche, preparado com muito carinho pela comunidade. Às 18h30min, foi oferecido um jantar de confraternização no salão da Igreja, onde foram servidos variados pratos típicos mineiros.

O ponto forte da acolhida foi a presença maciça do povo na celebração eucarística, presidida por Pe. Sérgio, com a presença de líderes de pastorais, movimentos e grande número de crianças e jovens. Ir. Nilvete falou algo sobre a congregação, a fundação, o carisma e o estilo de vida das irmãs. Por fim, solicitou às irmãs presentes que se apresentassem ao povo. Após a comunhão, tomou a vela do altar e passou às mãos de Ir. Anita e Ir. Lucila para a bênção do envio. Convidou, em seguida, as irmãs para cantarem “Muito obrigado nossa Madre Madalena”, o que foi aplaudido e acompanhado pelo povo. Seis irmãs retornaram no mesmo dia para Teófilo Otoni, permanecendo somente Ir. Nilvete e Ir. Terezinha Dores Tschiedel para apoiar a novel missão. Assim, iniciou-se a missão em Curral de Dentro, com as irmãs atendendo a uma igreja sem padre. A elas é pedida a animação dos

grupos de pastoral, a catequese, a formação e a organização da comunidade, visita às famílias e celebrações nas comunidades rurais.

FLORESTA - PE

Município emancipado em 30/4/1864. Possui área de 3.664,9 quilômetros quadrados e população de 26.500 habitantes. Localiza-se na Mesorregião do Submédio São Francisco. A cidade está a 433 quilômetros de Recife. Em 1867 foi construída a igreja matriz, onde hoje está a Catedral do Bom Jesus. Floresta foi sede da primeira diocese do sertão nordestino, criada em 1910. Em termos de economia possui um dos maiores rebanhos de caprinos e ovinos do Brasil. No município localiza-se a Reserva Biológica de Serra Negra, a primeira do Brasil.

RESIDÊNCIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO

Fundação: 1991 • Encerramento da missão: 26/9/2004

244 |

Na Diocese de Floresta - PE, no ano de 1985, Pe. Aloísio Raimundo Lunkes, sentindo-se com a saúde bastante precária, dirigiu-se à ministra provincial, Ir. Joana Stefani, solicitando a companhia de sua irmã, Ir. Noemi Lunkes, atuando na área da saúde - técnica em farmácia, para auxiliá-lo, por um período de dois meses, na recuperação de sua saúde, o que lhe foi concedido. Em 1986, o pedido foi renovado para mais um ano, acrescido da companhia de Ir. Maria Ludmila Lunkes, para que ambas pudessem formar uma comunidade. Essa renovação estendeu-se até 1990, quando Dom Ceslau Stanula, CSSR, bispo de Floresta, não encontrou nos arquivos o registro de oficialização da presença de irmãs na diocese. Dirigiu-se à ministra provincial, Ir. Zair da Rosa, pedindo-lhe mais uma irmã para que se pudesse estabelecer, canonicamente, a primeira comunidade religiosa na diocese.

Em 18/4/1991, Ir. Cecília Both passou a integrar a nova comunidade que recebeu o nome de Comunidade São José Operário. Foi estabelecida na "Casa de Formação São Francisco", em 1/5/1991, após a missa presidida por Dom Ceslau e concelebrada pelo pároco de Floresta, Pe. Aloísio Raimundo Lunkes. Na homilia, Dom Ceslau assim definiu a presença das irmãs: "Uma comunidade religiosa de irmãs significa um sinal sagrado de testemunho de

fé, de oração e de vivência fraterna evangélica. A presença das irmãs será de muitas bênçãos e graças para a diocese e paróquia” (CRÔNICAS, 1991).

No ano seguinte, 1992, começaram a chegar as primeiras jovens vocacionadas. As irmãs, com maior firmeza, pois já conheciam o povo, além do trabalho de formação dessas jovens, destacaram-se na formação de catequistas e na coordenação diocesana da pastoral da criança. A missão foi se ampliando mais tarde, para cursos bíblicos, atuação nos bairros de Floresta e nos hospitais, cursos sobre alimentação alternativa e remédios caseiros. À medida que a comunidade paroquial e diocesana crescia, maior participação foi exigida das irmãs nas diversas pastorais.

Na cidade de Floresta, uma onda de violência espalhou o medo entre os moradores. Duas famílias se digladiavam entre si e muitas mortes ocorreram, ora de um lado ora de outro. Em 1996, houve uma Caminhada pela Paz, implorando paz para Floresta e municípios vizinhos. Uma novena perpétua, a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, foi iniciada na cidade, por ocasião do encerramento das missões. Atividades em favor da paz continuaram pelos anos subseqüentes, intermediadas pelas irmãs, filhas de Madre Madalena Daemen.

Em 1999, tomou posse como novo bispo de Floresta Dom Adriano Ciocca Vasino. Sensível ao problema de desnutrição de famílias no meio rural, criou um projeto que foi coordenado por Ir. Cecília Both. O projeto consistia na aquisição de cabras, que eram doadas a famílias carentes que, por sua vez, se comprometiam a passar para outra família necessitada, da própria comunidade, a primeira cria da cabra que havia recebido. Isso contribuiu grandemente para minimizar a desnutrição de numerosas crianças.

A dinâmica da comunidade e da Igreja Particular de Floresta vinha mostrando grande crescimento e forte organização, especialmente na formação de lideranças. Considerando outras urgências missionárias, as irmãs, já em anos anteriores, vinham refletindo sobre a continuidade da missão em Floresta. Durante a visita da ministra provincial, Ir. Clarícia Terezinha Thomas, acompanhada de Ir. Terezinha Dores Tschiedel, em 2004, a questão foi novamente discutida e levada a Dom Adriano e ao pároco Pe. Roberto Luciano Tenório do Amaral, que compreenderam o posicionamento da direção provincial. Foi dessa forma que, em 26/9/2004, as atividades das irmãs em Floresta foram encerradas. Na celebração eucarística de despedida, as irmãs agradeceram a acolhida e o apoio recebidos durante os 14 anos de permanência em Floresta.

PEDRO ALEXANDRE - BA

Emancipou-se em 28/7/1962. Sua superfície é de 1.146 quilômetros quadrados e a população, 18.500 habitantes. Situa-se na Mesorregião do Nordeste Baiano. Foi perto dali que Antônio Conselheiro construiu seu arraial.

RESIDÊNCIA MARIA PEREGRINA

Fundação: 1996



246 |

Adentrando o país, as filhas de Madre Madalena chegaram à Bahia. Desta vez foi na Diocese de Paulo Afonso, na pequena cidade de Pedro Alexandre. O pedido de Dom Mário Zanetta para a Paróquia Imaculada Conceição recebeu o aval de Ir. Zair da Rosa, ministra provincial. Em 7/6/1996, Ir. Zair enviou Ir. Renata Josefina Sturm e Ir. Maria Murini para serem presença junto ao povo dessa localidade, mesmo sem constituírem ainda uma comunidade. O povo havia preparado uma recepção bem calorosa para o horário das 15 horas. Toda a comunidade se reuniu e conduziu as irmãs até a igreja onde lhes deram as boas-vindas, apresentando números de arte com poesias, cantos e encenações, seguindo uma alegre confraternização. No dia seguinte, 8 de junho, Dom Mário, Pe. Ricardo

Brusatti e Pe. Francisco Teles celebraram com a comunidade e entregaram às irmãs a responsabilidade da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Em sua homilia, Dom Mário pediu que as irmãs se colocassem próximas ao povo e, aos domingos, quando não houvesse presença do sacerdote, abrissem a igreja e rezassem com o povo.

Estiveram presentes Ir. Zair da Rosa, ministra provincial, e Ir. Ilze Kleinübing, assistente provincial, Ir. Amida Frontini que, na época, era coordenadora do Regional, irmãs de Floresta e de Belo Horizonte. Foi um gesto de apoio e solidariedade para a missão. Ir. Zair da Rosa invocou as bênçãos e luzes de Deus e a proteção da Imaculada Conceição para o povo da localidade e para as irmãs. Observando a vida e os costumes do povo, as irmãs procuraram inculturar-se. Assumiram, depois, a dinamização de pastorais, como a formação de lideranças, de agentes comunitários, da pastoral da criança, da saúde etc.. Sentindo o caráter devocional do povo, Ir. Renata incentivou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, acompanhando o apostolado da oração e desenvolvendo a pastoral familiar. Um ano depois, Ir. Adiles Käfer integrou a missão, assumindo a pastoral bíblico-catequética e a pastoral rural. Como forma de sustentação da comunidade, assumiu aulas na escola municipal de ensino médio. Com a chegada de Ir. Adiles, ficou constituída canonicamente a Comunidade Maria Peregrina.

| 247

Em Pedro Alexandre, funcionava, de forma precária, uma rádio comunitária. A província muito colaborou para melhorá-la, porque era através dela que se fazia a comunicação com a comunidade e era um meio de evangelização do povo. Hoje, essa rádio comunitária não existe, pois, por questões de sobrevivência e políticas, foi fechada.

O município de Pedro Alexandre é marcado fortemente pela escassez de água tratada, o que se agrava no período da estiagem, comprometendo a vida e a saúde do povo. Na região chove bastante, quatro meses ao ano. Assim, a igreja, através de suas pastorais, incentivou a construção de cisternas para a captação de água no período em que a chuva é torrencial. A direção provincial, através da SCALIFRA-ZN, doou 23 cisternas, num gesto solidário. O projeto “Água para todos”, atualmente, não só constrói cisternas, mas inclui também a bomba. Há cursos de formação para quem recebe uma cisterna, no sentido de saber utilizá-la e preservá-la. Apenas pedreiros formados para isso constroem as cisternas. As irmãs, por sua vez, entram com a conscientização sobre a preservação do planeta e, como

franciscanas, a água, elemento da criação de Deus, pura e casta, precisa ser reverenciada. O povo pobre, quando se vê auxiliado por alguém que os ama, é criativo na busca de alternativas para suas carências. Foi assim que, diante da desnutrição de muitas crianças, surgiu a idéia do projeto de uma cabra para as famílias, a começar pelas mais carentes. As cabras eram sorteadas entre as famílias que se comprometiam a doar a cria fêmea para outra família poder usufruir do benefício. Isso muito contribuiu. O projeto era itinerante, de forma que ninguém podia reter o animal para si, enquanto outro precisasse dele.



Residência das Irmãs em Santa Brígida

O bispo da Diocese Paulo Afonso, Dom Mário Zanetta, tinha uma meta, que era a presença e o testemunho de religiosas em todas as paróquias da diocese. Quando Ir. Anísia Margareta Schneider, ministra provincial, que sucedeu Ir. Zair da Rosa, visitou a comunidade Maria Peregrina, recebeu do Pe. Francisco Teles o pedido de irmãs para o município de Santa Brígida, distante 50 quilômetros de Pedro Alexandre. Ir. Anísia informou ao sacerdote que aguardava o pedido formal do bispo. Muito rapidamente chegou a Santa Maria a carta de Dom Mário, solicitando o trabalho das irmãs: juventude, catequese, comunicação, liturgia e presença nas comunidades. Com o sim da ministra provincial, o povo se

mobilizou para arrumar a casa das irmãs. Não faltou nada. Cada família contribuiu na doação do que fosse necessário. Foi uma acolhida muito calorosa e esperada. Em 14/3/1999, Ir. Noemi Lunkes e Ir. Maria Alves de Jesus iniciaram a missão na confiança em Deus. Os municípios de Pedro Alexandre e de Santa Brígida formam uma única paróquia, atendida por um sacerdote, além de todas as comunidades rurais e dos bairros. Nessa realidade, as irmãs também atendem, com o sacerdote, às diversas pastorais, à catequese no meio rural, à visita às famílias e ao trabalho com mulheres nas mais diferentes situações. À medida que a cidade progride, são criadas secretarias, onde as irmãs efetivamente participam como membros com direito a voz e voto. Assim são as secretarias da educação, da saúde, da criança e do adolescente. Da mesma forma que a paróquia é uma só para os dois municípios, a comunidade das irmãs é uma comunidade regional, sendo que Ir. Maria Alves de Jesus e Ir. Terezinha Haas residem em Pedro Alexandre, e Ir. Carolina de Jesus Martins Barbosa e Ir. Ilse Terezinha Thomas residem em Santa Brígida. Com alegria e espírito fraterno e solidário, as irmãs sentem crescer o trabalho e o progresso das comunidades.

AMÉRICA CENTRAL GUATEMALA

É o 3º maior país da América Central, com área de 108,8 quilômetros quadrados. Tornou-se independente da Espanha em 15/9/1821. A capital é a cidade de Guatemala. A língua oficial é o espanhol; mas há também dialetos maias bastante difundidos. Sua população é de aproximadamente 12 milhões de habitantes, constituída por 60% de latinos (mestiços e ameríndios ocidentalizados) e 40% de ameríndios não assimilados, descendentes dos maias. Como país eminentemente agrícola, seus principais produtos são café, açúcar, bananas. Durante quase quatro décadas, a Guatemala foi assolada por uma guerra civil que resultou em mais de cem mil mortos e cerca de um milhão de refugiados. O conflito só foi formalmente terminado em 1996, quando o governo assinou um acordo de paz.

RESIDÊNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Fundação: 1996



250 |

A história da província mostra que o carisma de Madre Madalena é dinâmico. A expansão para os estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia apontava para outra direção. Além fronteiras! A inquietação evangélica levou a direção provincial a olhar para além do território brasileiro, para a América Latina, pensando que Madre Madalena iria para lá. Após longo processo de reflexão conjunta com a Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede em Porto Alegre, foi escolhida a Guatemala, país da América Central, para esta missão interprovincial. Guatemala tem a cultura milenar do povo maia. Pela dispersão sofrida, hoje é um país multicultural. 67% dos habitantes são indígenas, falando 26 línguas diferentes. Em consequência de 36 anos de guerras, é um país de muita pobreza. A história da igreja e da vida religiosa na Guatemala traz a marca de muitos mártires. Há um esforço conjunto da igreja, de outras organizações e de missionários vindos de outros países, para socorrer as vítimas da violência e da pobreza.

O convite para ir à Guatemala veio do bispo da Diocese de Santa Cruz Del Quiché. Após diversas pesquisas, optou-se primeiro pela diocese de São Marcos. As duas primeiras irmãs que iniciaram a missão, Ir. Elma

Terezinha Rockembach e Ir. Marlene Ruppenthal, foram recebidas por Dom Álvaro Leonel Ramazini, bispo da Diocese de São Marcos, em 22/1/1995. O encargo da paróquia San Lorenzo foi confiado às irmãs em 10 de abril. Não havia sacerdote nessa paróquia. As irmãs assumiram a administração e dinamizaram a vida da comunidade. De tempos em tempos, vinha um sacerdote de lugares vizinhos para atender às pessoas e celebrar a Eucaristia. Não faltaram dificuldades no processo de inculturação, mas a presença forte do carisma e a confiança na Divina Providência, herdada de Madre Madalena, falaram mais forte no momento da necessidade e da crise.

Em novembro de 1995, Ir. Zair da Rosa e Ir. Odila Merchiori visitaram a missão e levaram consigo Ir. Catarina Buron, da Província do Sagrado Coração de Jesus. A missão teve, assim, presença interprovincial, como havia sido pensada desde o início.

As direções provinciais continuaram a reflexão no sentido de fortalecer a missão com mais uma comunidade. Em agosto de 1997, outras quatro irmãs, duas de cada província, foram para a Guatemala: Ir. Imelda Hames e Ir. Miriam Bersch, da Província do Sagrado Coração de Jesus, e Ir. Anita Frantz e Ir. Maria Bernadete Sturm, da Província do Imaculado Coração de Maria. Assim, a missão se expandiu para a Arquidiocese Quetzaltenango ou Xela (nome mais comum).

Para minimizar conflitos de relacionamento surgidos e considerando as dificuldades da própria missão, chegou-se ao acordo de ordenar o grupo por província. As irmãs da Província do Sagrado Coração de Jesus permaneceram na Arquidiocese de Xela e as da Província do Imaculado Coração de Maria, na Diocese de San Marcos. Houve separação geográfica, mas união na proposta, no carisma, no amor maior.

As irmãs são presença franciscana nas paróquias, em colégios, em clínicas de saúde alternativa e em projetos promocionais e sociais das duas dioceses. Hoje, a integração dos dois grupos é uma realidade bem mais amadurecida, na compreensão de que a unidade fraterna é condição essencial para a missão. Há um plano comum para as comunidades que se reúnem uma vez por mês para oração, reflexão, partilha e confraternização.

Em cada comunidade, há jovens guatemaltecas interessadas em conhecer mais de perto o carisma de Madre Madalena e se sentem chamadas para a vida religiosa franciscana. Esse fato anima o grupo a prosseguir, vencer as dificuldades, a saudade e os sofrimentos próprios do dia-a-dia.

Em 13/1/2007, duas jovens guatemaltecas, Ir. Glória Eulalia Alvarado Fuentes e Ir. Leônidas Cardona López, fizeram a profissão religiosa temporária, na Igreja San Isidro Labrador, em Chamac, diocese de San Marcos.

Cada província conta com duas comunidades na Guatemala: San Lorenzo e Chamac, Província do Imaculado Coração de Maria; San Martin e Cabrican, Província do Sagrado Coração de Jesus. A missão é acompanhada com carinho e oração de todas as irmãs brasileiras.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMANS, Gian; OSTERMANN, Úrsula; SERBACKI, Mary. **Chamadas pela Bondade de Deus**. Traduzido por Ir. Benícia Flesch. Porto Alegre: 2000.

COOLS, Angelita; WINPERSEE, Hildegard van. **Madre Madalena Daemen e sua congregação**. Heythuysen: 1966.

CRÔNICAS das instituições da província. Santa Maria: Sede da Província.

DERCA/ UNIFRA. Santa Maria: UNIFRA.

FLESCHE, Benícia. **Seguindo passo a passo, uma caminhada**. 2. ed. Porto Alegre: Metrópole, s. d., 1º vol.

KLEIN, Maria Ana. **Relação pedagógica e autoridade docente**. Dissertação (mestrado em Educação). Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

MENDES, Amélia Rieverts. **A História de Malacacheta**. Teófilo Otoni: Artes Gráficas Modelo, s. d.

MORO, Valderesa. Organização administrativa da SCALIFRA - ZN. In: BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **SCALIFRA - ZN: Conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006 (p. 59 - 67).

_____. Colégio Franciscano Sant'Anna. In: BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **SCALIFRA - ZN: conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006 (p. 135 - 147).

RODRIGUES, Sued de Oliveira. **Santa Casa do Rio Grande - a Saga da Misericórdia**. Rio Grande: FURG, 1985.

RUPOLO, Iraní. Centro Universitário Franciscano: história e memória. In: BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **SCALIFRA - ZN : conquistas e perspectivas na educação**. Santa Maria: UNIFRA, 2006 (p. 135 - 147).

_____. Missão Educacional Franciscana. In: BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **SCALIFRA - ZN** : conquistas e perspectivas na educação. Santa Maria: UNIFRA, 2006 (p. 8 - 16).

SALES, Eurico Jacinto. **História de Bagé**. Porto Alegre: Globo, 1955.

SEMEANDO. Revista sobre as atividades das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Organizada por Ir. Maria José Fontoura e Ir. Agostinha Simonis. São Leopoldo: 1951.

SILVA, Maria Virgínia dos Santos. **FIC, 40 anos de história**. Santa Maria: Pallotti, 1997.

SILVEIRA NETO, Consuelo. **Na terra da Medianeira**, na terra de Imembuy. Santa Maria: Pallotti, 1987.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **UNIFRA, 50 Anos na Educação Brasileira**: 1955 - 2005. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

CERON, Ida Tereza. **Consciência Viva** - 40 anos de caminhada. Santa Maria: Pallotti, 1966.

EQUIPE da Escola Franciscana São Vicente de Paulo. In: BARIN, Nilsa Teresinha Reichert (org.). **SCALIFRA - ZN**: conquistas e perspectivas na educação. Santa Maria: UNIFRA, 2006 (p. 79-87).

FAGUNDES, Elizabeth Macedo de. **Inventário Cultural de Bagé**. Bagé: Praça da Matriz Editora, 2005.

HOSTER, Lina Blütengärtlein. **O Jardimzinho de Flores de São Francisco**. Trad. de Ir. Andrea Austrup e Ir. Úrsula Ostermann - Lüdinghausen: 1999, e de Benícia Flesch - Porto Alegre: 2001.

MARQUES, Maria Aparecida. **Catarina Gente Fina** - escolhida por Deus. Santa Maria: Multipress, 2003.



_____. **Colégio Franciscano Espírito Santo** - uma obra de Amor. Brochura publicada por ocasião do 95º aniversário de fundação do Colégio Franciscano Espírito Santo. Bagé: 1999.

POLIANTÉIA. Revista comemorativa do 75º aniversário da chegada das Irmãs Franciscanas ao Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 1947.

QUADROS, Claudemir (Org.). **Histórias e Memórias dos 50 anos dos cursos de formação de professores do Centro Universitário Franciscano**. Santa Maria: UNIFRA, 2005.

RECCHIA, Aristilda Antonieta. **Santa Maria - Cidade Sol - Coração Gaúcho**. Santa Maria: UFSM, 1985.

RUPOLO, Iraní. Irmãs franciscanas no Rio Grande do Sul e compromisso educacional. **Revista Vydia**. Edição especial. Santa Maria: Pallotti, 2001.

_____. **Uma proposta educativa na cosmovisão franciscana para o mundo atual**. Dissertação (mestrado em educação). Santa Maria: UNIFRA, 1998. | 255

